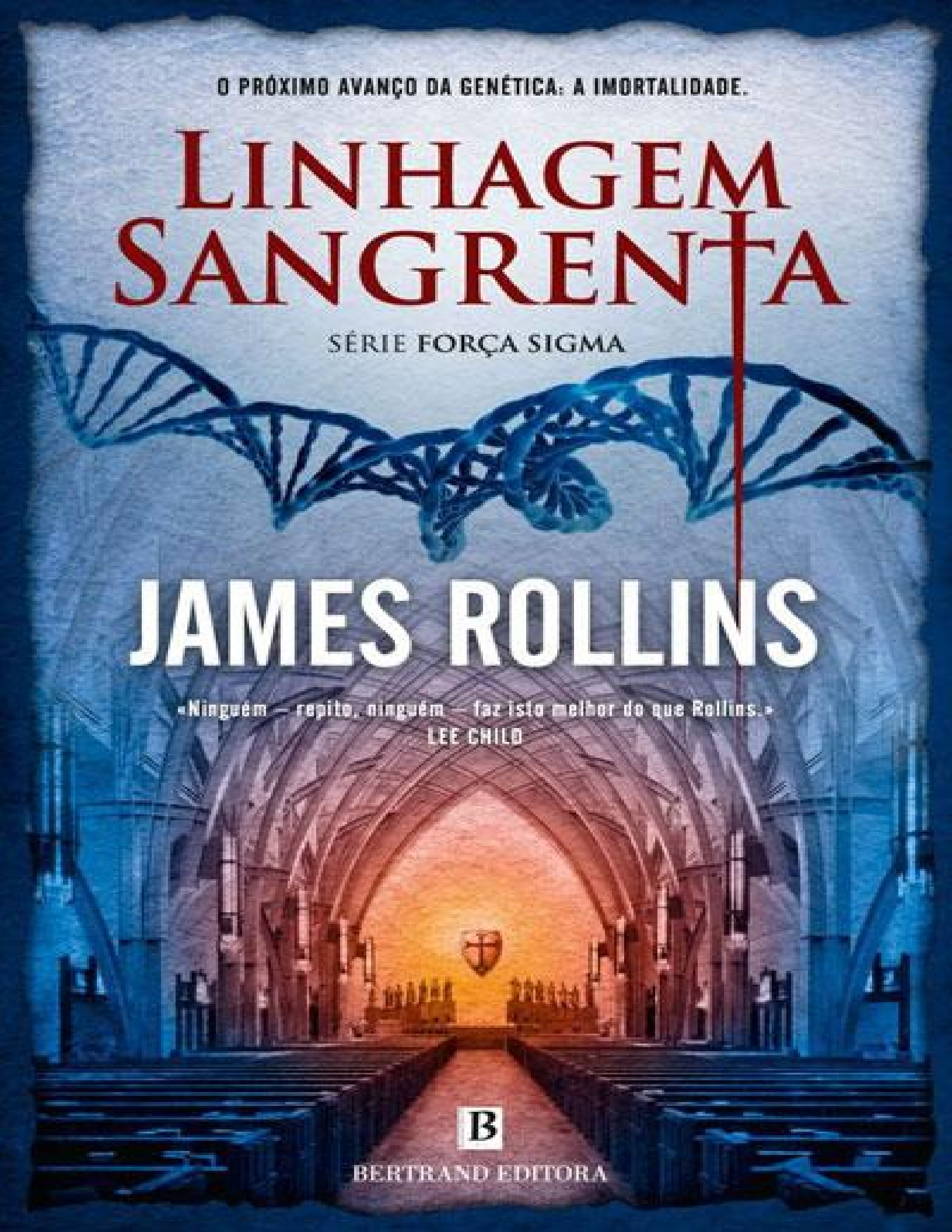
O PRÓXIMO AVANÇO DA GENÉTICA: A IMORTALIDADE.

LINHAGEM SANGRENTA

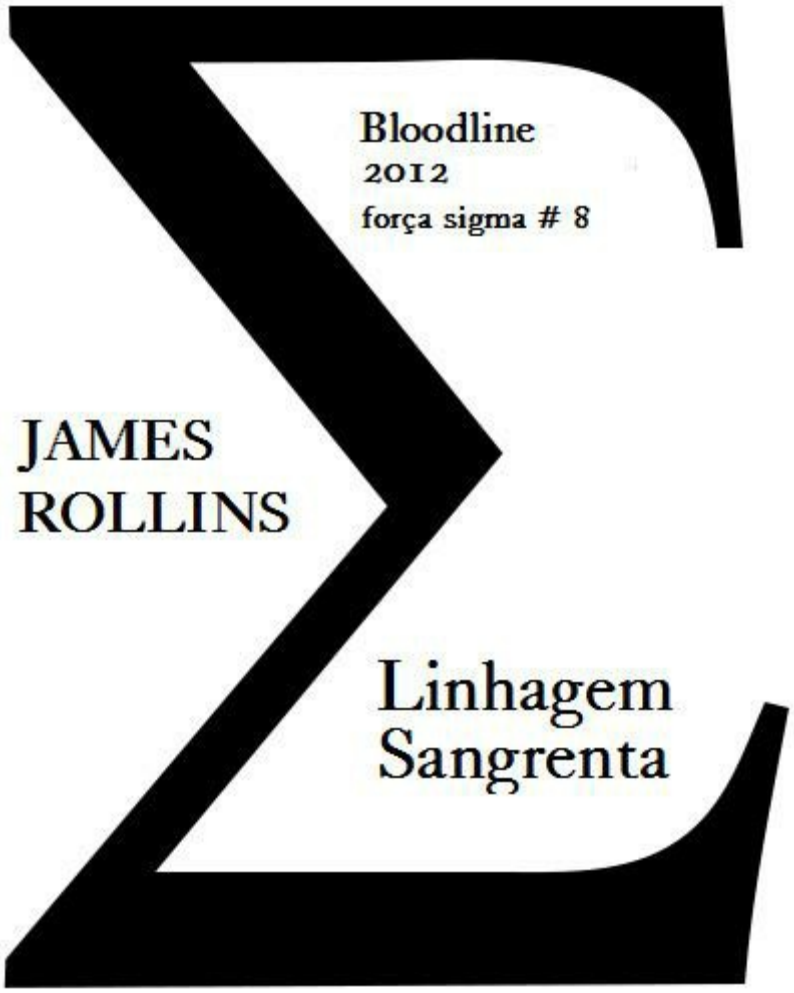
SÉRIE FORÇA SIGMA



JAMES ROLLINS

«Ninguém — repito, ninguém — faz isto melhor do que Rollins.»
LEE CHILD

BERTRAND EDITORA

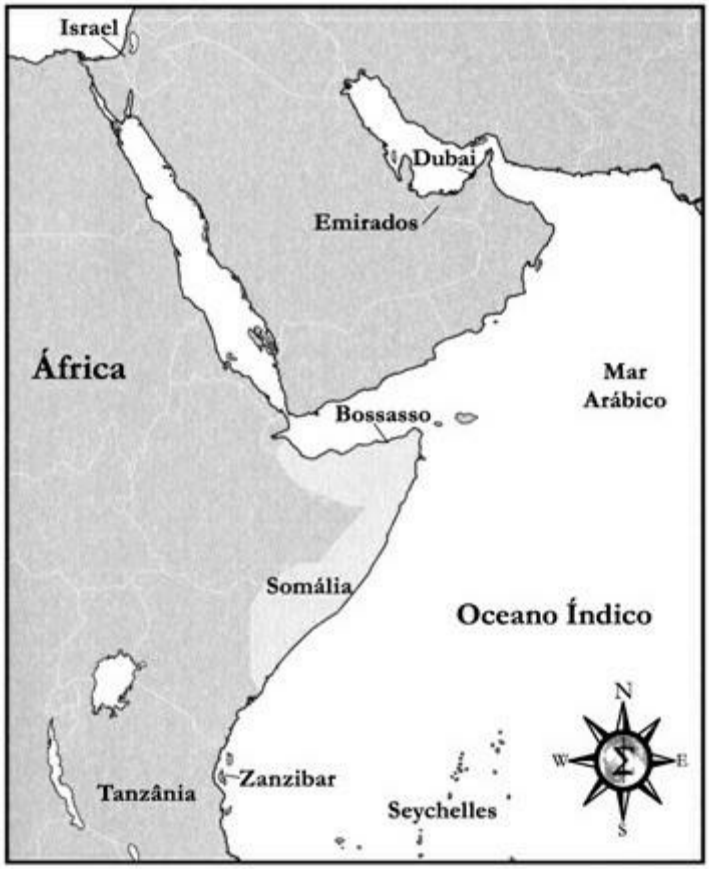

Bloodline
2012
força sigma # 8
JAMES
ROLLINS
Linhagem
Sangrenta

SINOPSE

Galileia, 1025. Um cavaleiro templário infiltra-se numa cidadela antiga e descobre um tesouro sagrado há muito escondido no labirinto do forte: o Bachal Isu, ícone de valor incalculável que contém poder misterioso e aterrador que promete mudar a humanidade para sempre. Um milênio mais tarde, piratas somalis atacam um iate no Chifre da África e sequestram uma jovem americana grávida. O comandante Gray Pierce é designado para a missão de salvamento na selva africana. A mulher em questão não é uma turista abastada: é Amanda Gant-Bennett, filha do presidente americano. Com a suspeita de que o sequestro seja máscara para uma intriga bem mais nefasta, Gray vê-se obrigado a confrontar uma sinistra cabala que tem manipulado os acontecimentos ao logo da história… e agora desafia o atual presidente. Para esta missão única, a SIGMA é auxiliada por agentes especiais com talentos peculiares: o capitão Tucker Wayne, antigo Ranger do Exército, e seu cão de guerra, Kane. Mas o que deveria ser um simples resgate transforma-se em feroz emboscada, quando Gray e a sua equipe descobrem que a refém não passa de um peão num devastador ato de terrorismo com repercussões terríveis. E é apenas o início do perigo… Em outro ponto do globo, a explosão de uma bomba em clínica de fertilização na Carolina do Sul expõe uma conspiração secular… com nosso código genético. Contra o tempo, a força SIGMA corre para salvar um bebê cuja própria existência levanta questões sobre a natureza humana: é possível viver para sempre? E, se for, você viveria?

JAMES ROLLINS é autor de thrillers sempre presentes na lista de best-sellers do *New York Times* e publicados em mais de quarenta países. A série **Força Sigma**, na qual se insere *Linhagem Sangrenta*, foi considerada "top das boas leituras" (*New York Times*) e uma das "melhores leituras de verão" (revista *People*). Em cada romance são revelados mundos invisíveis, descobertas científicas e segredos históricos em que a ação tem ritmo alucinante e a narrativa é inteiramente original.

Chifre da África



PALAVRAS DE PRESIDENTES ASSASSINADOS

Sobre a existência e a ameaça das atuais sociedades secretas

Somos mundialmente hostilizados por uma monolítica e brutal conspiração que conta, sobretudo, com meios indiretos para expandir sua esfera de influência... construindo uma elaborada máquina altamente eficaz que combina operações militares, diplomáticas, econômicas, científicas, políticas e de espionagem.

JOHN F. KENNEDY

Em discurso no Waldorf-Astoria (27/4/1961)

Sobre a vida e a morte

Deus não teria certamente criado um ser como o homem, capaz de entender o infinito para existir apenas durante um dia! Não, não, o homem foi feito para ser imortal.

ABRAHAM LINCOLN

NOTAS DO ARQUIVO HISTÓRICO

As teorias de conspiração abundam em toda a história. Fazem parte da natureza humana. Andamos sempre à procura de padrões no meio do caos, indícios de quem manipula o grande esquema da vida, governos e o rumo da humanidade.

Alguns desses sombrios conspiradores desempenham o papel de maus; outros, o de benfeitores. Certas cabalas secretas baseiam-se em fatos históricos; outras, em mera ficção; e algumas são o nó górdio de ambas, entrelaçado de forma tão inexplicável que a linha entre a realidade e a ficção se torna uma emaranhada tapeçaria de história falsificada.

E em nenhuma outra organização na história isto é mais verdadeiro do que no caso dos cavaleiros Templários.

Em princípios do século XII, esta ordem começou como um grupo de nove cavaleiros que juraram proteger a viagem dos peregrinos à Terra Santa. Uma poderosa e próspera ordem acabaria por nascer deste humilde início e, temida por papas e reis, propagar-se pela Europa. Em 13 de outubro de 1307, o rei de França e o papa decidiram pôr fim aos Templários, declarando que os cavaleiros tinham cometido grandes atrocidades e heresias. Após essa purga, lendas e mitos toldaram o verdadeiro destino da ordem: histórias de tesouros escondidos e da fuga de cavaleiros para o Novo Mundo; alguns relatos chegam a pretender que a ordem ainda existe em segredo e que protege um poder capaz de refazer o mundo.

Mas ponham-se de parte tais especulações e mitos para voltar a esses primeiros *nove* cavaleiros. O que muitos desconhecem é que esses nove membros fundadores eram parentes consanguíneos ou por casamento, provenientes da mesma família. Os nomes de oito desses cavaleiros encontram-se registados em documentos históricos. Mas o do nono continua a ser um enigma, o que dá azo a muita especulação por parte dos historiadores. Quem era esse misterioso membro fundador de uma ordem que alcançaria tal proeminência histórica e lendária? Porque nunca foi nomeado como os outros?

A resposta a esse mistério é o começo de uma empolgante aventura.

NOTAS DO ARQUIVO CIENTÍFICO

Em 21 de fevereiro de 2011, lia-se na capa da revista *Time: 2045, o ano em que o homem se torna imortal.* Aparentemente, pode parecer uma declaração extravagante, mas outros cientistas fizeram reivindicações semelhantes. No seu livro *Advances in Anti-Age Medicine,* o doutor Ronald Klatz escreveu o seguinte: "Dentro de mais ou menos cinquenta anos, supondo que um indivíduo possa evitar ser vítima de um acidente grave ou de homicídio, será totalmente possível viver virtualmente para sempre."

Estamos a viver um período excitante em que o progresso em medicina, genética e uma miríade de outras disciplinas estão a abrir a mais recente fronteira para a humanidade: *eternidade.*

Como se manifestará, que forma tomará? A resposta será revelada nestas páginas. Os conceitos que surgem neste romance baseiam-se em fatos e pesquisa exaustiva provenientes de estudos feitos por cientistas soviéticos durante a Guerra Fria. Mas antes de passar à primeira página, devo fazer uma correção quanto às declarações feitas acima. Para dizer a verdade, são demasiado *prudentes* quanto às suas estimativas.

A eternidade não está apenas ao nosso alcance — *já se encontra entre nós.*

PRÓLOGO

VERÃO DE 1134

TERRA SANTA

Eles a chamavam outrora de bruxa e puta.

Mas não mais.

Encavalitou-se no alazão pardo quando o cavalo de guerra com armadura preta avançou cautelosamente por entre a carnificina da batalha. Corpos de mouros e cristãos cobriam os campos. A passagem dela assustou as gralhas e os corvos que se banqueteavam, afugentando-os em grandes nuvens pretas. Outros animais necrófagos — de duas pernas — vasculhavam os mortos, tirando-lhes as botas e arrancando as flechas para aproveitar as pontas e as penas. Alguns rostos fitaram-na, mas, depois, voltaram a desviar rapidamente o olhar.

Ela sabia o que eles viam. Mais um cavaleiro entre muitos dos que aqui tinham combatido. Os seus seios estavam escondidos pela cota de malha almofadada e um elmo cônico cobria-lhe o cabelo preto cortado pelos ombros, mais curto do que o da maioria dos homens; as suas feições finas eram obscurecidas por uma trave metálica diante do nariz. Pendendo ao lado da sela, uma larga espada de dois gumes batia contra o seu joelho esquerdo fazendo retinir as proteções metálicas das suas pernas compridas.

Poucos sabiam que não era um homem — e *ninguém* sabia que guardava segredos bem mais sombrios do que o seu sexo.

O escudeiro esperava-a à beira de um caminho íngreme que serpenteava até um torreão de pedra isolado. Esta pesada estrutura, escondida no fundo das montanhas Naftali da Galileia, não tinha nome e parecia ter sido talhada na própria colina. Para lá das suas muralhas, o Sol vermelho descia no horizonte toldado pelo fumo das fogueiras dos acampamentos e dos campos queimados.

O jovem escudeiro dobrou um joelho quando ela deteve o cavalo a seu lado.

— Ele ainda cá está? — perguntou ela.

Um aceno de cabeça. Assustado.

— Lorde Godefroy aguarda-vos mais adiante.

O escudeiro recusou olhar na direção do torreão de pedra. Mas ela não manifestou relutância e ergueu o elmo para melhor ver.

Finalmente...

Tinha passado dezasseis anos — desde o tempo em que o tio fundou a Ordem

dos Cavaleiros Pobres do Templo de Jerusalém — em busca do impossível. Nem mesmo o tio compreendia o pedido para se juntar aos Templários, mas nada podia recusar ao lado da família dela. E, assim, fora-lhe dado o manto branco da ordem e ela tinha-se juntado aos nove membros originais, escondida tão anonimamente como o elmo que usava, enquanto a ordem crescia em número e prestígio.

Outros da sua família, da sua linhagem, continuaram a manipular a ordem de cavaleiros do interior e do exterior: acumulando riquezas e conhecimentos, procurando relíquias de criptas perdidas por todo o Egito e pela Terra Santa. Apesar dos seus excelentes planos, tiveram desaires. Há somente um ano, não tinham conseguido adquirir os ossos dos magos — as relíquias dos três reis bíblicos que, segundo se dizia, continham segredos de alquimia.

Ela não permitiria que hoje ocorresse outro erro.

Fazendo estalar as rédeas, incitou a montada a subir o trilho rochoso. A cada passo, o número de mortos ia aumentando à medida que os guardas do torreão opunham uma final e fútil resistência ao assalto. Ao chegar ao alto da colina, deparou com os portões arrombados por um maciço aríete de ferro.

Dois cavaleiros guardavam a entrada. Ambos acenaram com a cabeça.

O mais jovem, novato na ordem, tinha uma cruz vermelha pregada ao peito.

Outros Templários tinham adotado o mesmo costume, símbolo do desejo de verter o seu próprio sangue pela causa. O mais velho, grisalho e de rosto marcado pelas bexigas, usava simplesmente como ela a túnica tradicional por cima da armadura. A única condecoração nos seus mantos era o sangue do inimigo.

— Godefroy espera-nos na cripta — disse o mais velho apontando para o interior da cidadela.

Ela conduziu o cavalo através das ruínas e desmontou agilmente.

Deixou a espada pendurada na sela, sabendo que não tinha de temer o ataque de algum sobrevivente isolado. Apesar dos seus defeitos, lorde Godefroy era conscienciosо e, como prova da sua diligência, o pátio estava juncado com as cabeças dos últimos defensores espetadas em estacas de madeira. Os corpos decapitados empilhavam-se como lenha junto de uma parede.

A batalha estava terminada.

Apenas restavam os despojos.

Ela chegou a uma porta que se abria para um interior sombrio. Uma escada estreita toscamente talhada na pedra da montanha descia por baixo do torreão. O distante cintilar de um archote marcava o fim dos degraus. Desceu, só apressando o passo no último degrau.

Seria verdade? Após tantos anos...

Entrou de rompante numa câmara comprida, ladeada por sarcófagos de pedra. Havia mais de vinte. Ao passar, mal reparou na escrita egípcia, símbolos que

sugeriam mistérios anteriores a Cristo. À sua frente, ao fundo da câmara, encontravam-se dois homens iluminados pela luz do archote: um estava de pé e o outro ajoelhado e encostado a um bastão para se manter direito.

Aproximou-se, notando que o último sarcófago fora aberto; a tampa de pedra, rachada, estava pousada ao lado. Tudo indicava que alguém já tinha começado à procura do tesouro ali escondido. Mas a cripta violada só continha cinzas e o que pareciam ser folhas e hastes secas.

O desapontamento transparecia no rosto de lorde Godefroy quando se aproximou.

— Chegaste, finalmente — disse com falsa alegria.

A jovem ignorou o cavaleiro. Em altura, ela dava-lhe pelo queixo, mas ambos partilhavam o mesmo cabelo preto e o nariz aquilino que denotava a ascendência comum vinda do sul de França. Eram parentes distantes.

A rapariga ajoelhou-se e fitou o rosto do prisioneiro. Tinha as feições tisnadas pelo sol e a pele macia. Por baixo de uma madeixa de cabelo escuro, os olhos dele também a fitaram, refletindo a luz do archote. Apesar de estar ajoelhado, não mostrava medo, apenas uma profunda tristeza que lhe deu vontade de o esbofetear.

Godefroy baixou-se ao lado dela, com a intenção de interferir, para tentar insinuar-se no que devia ter sentido ser de grande importância. E

embora ele fosse uma das raras pessoas a conhecerem a verdadeira identidade dela, nada sabia acerca dos seus segredos mais profundos.

— Minha senhora... — começou.

Os olhos do prisioneiro semicerraram-se perante aquela revelação, fitando-a ainda mais fixamente. Todos os vestígios de tristeza desapareceram, deixando uma centelha de receio — que também se desvaneceu.

Curioso... conhece ele a nossa linhagem, os nossos segredos?

Godefroy interrompeu os seus devaneios e continuou.

— A seu mando, perdemos muitas vidas e derramamos muito sangue para descobrir este lugar oculto por rumores e guardado por tantas maldições como por in fiéis... tudo para encontrar este homem e o segredo que guarda. Quem é ele? Ganhei a honra de ficar a par desse conhecimento à custa da minha espada.

Ela recusou-se a desperdiçar palavras com imbecis e dirigiu-se diretamente ao prisioneiro num antigo dialeto árabe.

— Onde nasceste?

Os olhos dele trespassaram-na, rechaçando-a com a pura força da sua vontade, uma rajada de vento interior. Ele pareceu avaliar se devia mentir-lhe, mas apercebeu-se de tal futilidade pelo que distinguiu no rosto dela.

Quando respondeu, as palavras eram doces, mas vindas de um lugar muito importante.

— Nasci no Muharram no ano 95 depois da Hégira.

Godefroy compreendia bem árabe para troçar.

— Noventa e cinco? Teria de ter mais de mil anos.

— Não — retorquiu ela, dirigindo-se mais a si mesma do que ao cavaleiro e fazendo cálculos de cabeça. — O seu povo usa um calendário diferente do nosso, que começa quando o profeta Maomé fugiu de Meca.

— Quer dizer que este homem não tem mil anos?

— De modo algum — disse ela, pondo mentalmente fim à conversa. — Apenas vive há *quinhentos e vinte anos*.

Pelo canto do olho, viu Godefroy virar-se, espantado, para ela.

— É impossível — murmurou com uma voz trémula que traía a superficialidade da sua incredulidade.

Ela fez frente ao olhar do prisioneiro. Sentia, no fundo desses olhos, a existência de um insondável segredo assustador. Tentou imaginar tudo o que ele testemunhara ao longo dos séculos: a ascensão e a queda de poderosos impérios, cidades a crescerem das areias do deserto para voltarem a ser desgastadas pelo tempo. Quanto poderia ele revelar sobre antigos enigmas e histórias perdidas?

Mas ela não estava ali para o interrogar.

E duvidava, de qualquer modo, que ele respondesse.

Este homem, não — caso ainda pudesse ser chamado *homem*.

Quando o prisioneiro voltou a falar, os seus dedos fincaram-se no bastão.

— O mundo não está preparado para o que procuras. É proibido.

Ela recusou esquivar-se.

— Não te cabe decidir. Se um homem é suficientemente combativo para se apoderar dele, tem o direito a reivindicá-lo e possuí-lo.

Ele voltou a itá-la, baixando o olhar para o peito dela, para o que estava escondido debaixo da armadura.

— A própria Eva acreditou no jardim do Paraíso quando deu ouvidos à serpente e roubou o fruto da árvore do conhecimento.

— Ah! — suspirou ela, chegando-se mais perto. — Enganas-te a meu respeito. Não sou Eva e não procuro a árvore do conhecimento. Mas a árvore da *vida*.

Tirando uma adaga do cinto, ergueu-a agilmente e enfiou a lâmina até o punho por baixo do queixo do prisioneiro, levantando-o com a força do seu ímpeto. Com aquela única estocada, a interminável marcha de séculos — assim como o perigo que reclamava — chegou a uma paragem sangrenta.

Godefroy arquejou, recuando.

— Mas não é este o homem que vieste de tão longe ver?

Ela puxou a adaga, fazendo jorrar sangue e afastando o corpo com o pé.

Apanhou o bastão antes que caísse da mão inerte do prisioneiro.

— Não era o homem que eu procurava — respondeu. — Mas o que ele trazia.

Godefroy examinou a vara de oliveira que ela empunhava. Sangue fresco escorria ao longo do bastão, revelando um tênue motivo esculpido: serpentes e trepadeiras entrelaçadas ao longo de todo o comprimento.

— O que é isto? — perguntou de olhos arregalados.

A jovem olhou-o de frente pela primeira vez e enfiou-lhe a lâmina da adaga no olho esquerdo. Tinha visto demasiado para continuar a viver.

Quando o cavaleiro tombou de joelhos com o corpo a contorcer-se em estertor, ela respondeu à sua última pergunta, com os dedos firmemente agarrados à madeira velha do bastão.

— Eis o Bachal Isu — sussurrou aos séculos vindouros. — Brandido por Moisés, transportado por David e usado pelo Rei dos Reis... O bastão de Jesus Cristo.

QUATRO DE JULHO

CINCO DIAS A PARTIR DE AGORA

O assassino espreitou pela mira telescópica e apontou-a ao presidente James T. Gant. Voltou a verificar a distância — setecentos metros — e ajustou a pontaria da M40A3 do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos ao osso occipital da orelha esquerda da vítima, sabendo que um tiro certeiro causaria estrago. O ruído da música festiva e dos risos do piquenique foi filtrado pelos auscultadores. Deixou que tudo à sua volta se desvanecesse enquanto se concentrava no alvo, na sua missão.

Na história dos EUA, três presidentes tinham morrido exatamente no mesmo dia, em 4 de julho, o aniversário do país. Parecia não se tratar de coincidência.

Thomas Jefferson, John Adams e James Monroe.

Hoje, seria a vez do quarto.

Sustendo a respiração, o comandante Gray Pierce premiu o gatilho.

PRIMEIRA PARTE

HOJE

1

30 DE JUNHO, 11H44 EST

TAKOMA PARK, MARYLAND

Gray Pierce entrou no caminho privado com um rugido forçado do motor V-8 do *Thunderbird* de 1960.

Teve vontade de também rugir.

— Julguei que a ideia era vender esta casa — disse Kenny.

O irmão mais novo de Gray estava sentado no banco do passageiro com a cabeça meio de fora da janela a olhar para o bangaló de alta carpintaria com varanda de madeira e empena inclinada. Era a casa da família.

— Já não é — respondeu Gray. — E não fales disso ao paizinho. O seu estado senil torna-o suficientemente paranoico.

Porque há de ser diferente dos outros dias? — resmungou Kenny em surdina.

Gray lançou-lhe um olhar irritado. Tinha ido ao Aeroporto de Dulles buscar Kenny que chegara do norte da Califórnia. Os olhos do irmão estavam congestionados por causa da diferença horária — ou, se calhar, pelas demasiadas pequenas garrafas de gim servidas em primeira classe.

Neste momento, Kenny lembrou-lhe o pai, sobretudo, por causa do hálito a álcool.

Viu o seu próprio reflexo no espelho retrovisor ao meter o *Thunderbird* de coleção na garagem. Embora os dois irmãos partilhassem a tez avermelhada galesa e o cabelo escuro do pai, Gray mantinha o cabelo cortado curto e Kenny prendia o seu num curto rabo de cavalo, o que, para alguém com quase 30 anos, lhe dava um ar juvenil. E para piorar as coisas, usava bermudas e uma *t-shirt* larga com o logótipo de uma marca de *surf*.

Kenny era técnico de informática numa irma em Palo Alto e, aparentemente, esta indumentária era a sua versão de homem de negócios.

Gray saiu do carro, fazendo o possível para disfarçar a sua irritação com o irmão. No caminho, Kenny passara todo o tempo a falar ao celular e a tratar de negócios na outra costa. Mal proferira uma palavra, relegando Gray para o papel de motorista.

Como se eu também não tivesse de tratar dos meus negócios.

No mês anterior, Gray interrompera temporariamente a sua vida para lidar com

as consequências da morte da mãe e o declínio mental do pai.

Kenny viera ao funeral, prometendo passar uma semana para ajudar a pôr os assuntos familiares em ordem, mas, decorridos dois dias, uma urgência profissional obrigou-o a atravessar novamente o país e tudo voltou a cair em cima de Gray. De certo modo, seria mais fácil se Kenny não se desse ao incômodo de voltar. Atrás de si, deixara a Gray uma confusão de papelada sobre seguros e de documentos testamentários.

Hoje, isso iria mudar.

Após uma longa e acalorada discussão, Kenny concordara vir neste momento crítico. Com o pai a sofrer de Alzheimer em estado avançado, a morte súbita da mulher fizera-o entrar numa espiral descendente. Passara as últimas três semanas numa unidade de cuidados intensivos, mas voltara para casa na noite anterior e, durante este período de transição, Gray precisava de mais um par de mãos. Kenny acumulara suficientes dias de férias para passar duas semanas em casa e, desta vez, Gray tencionava mantê-lo por ali.

Gray fora dispensado do trabalho durante um mês e deveria voltar ao quartel-general da Sigma dentro de uma semana. Antes disso, contudo, necessitava de uns dias para pôr a casa em ordem. E era aí que Kenny entrava.

O irmão tirou a mala do porta-bagagem, voltou a fechá-lo com estrondo, mas assentou a palma da mão no para-choques cromado.

— E o carro do pai? Mais vale vendê-lo. Ele já não o pode conduzir.

Gray meteu as chaves no bolso. O *Thunderbird* clássico — preto como um corvo e com estofos de cabedal vermelho — era o orgulho e a alegria do pai. O homem tivera um trabalhão a restaurá-lo: apetrechando-o com um novo carburador *Holly,* velas de alta *performance* e ignição eletrônica.

— Guardamos — respondeu. — Na opinião do neurologista do pai, é importante manter o ambiente em volta e a rotina familiar tão estáveis e consistentes quanto possível. E, além do mais, mesmo que ele não possa guiar, será algo com que se entreter.

Antes de Kenny poder pensar noutra coisa do pai para vender, Gray encaminhou-se para a porta sem se oferecer para ajudar o irmão com a bagagem. Nos últimos dias, já tivera de tratar suficientemente de bagagem.

Mas Kenny ainda não tinha terminado.

— Se é para manter tudo na mesma e fingirmos que nada mudou, o que estou a fazer aqui?

Gray virou-se para ele de punhos cerrados e tentado a usá-los.

— Porque continuas a ser ilho dele e chegou a hora de te portares como tal.

O olhar fixo de Kenny fê-lo baixar o rosto. Os olhos do irmão ardiam de raiva, lembrando ainda mais a Gray o pai. Presenciara aquela raiva no pai demasiadas

vezes, em particular, ultimamente. Uma beligerância motivada pela senilidade e pelo medo. Não que aquela raiva fosse uma novidade. O

pai sempre fora um homem duro, um texano que trabalhara nos poços de petróleo até um acidente lhe levar quase toda a perna esquerda e todo o seu orgulho, transformando-o em dona de casa. Criar dois rapazes enquanto a mulher trabalhava fora difícil. Para compensar, supervisionara a lida da casa como se fosse um campo de recrutamento. E Gray, tão teimoso como o pai e um rebelde nato, estava sempre a esticar a corda até, por fim, aos 18 anos, fazer a mala e alistar-se no exército.

Foi a mãe, a proverbial cola da família, quem juntou todos de novo.

E, agora, morrera.

O que iam fazer sem ela?

Kenny acabou por pegar na mala e passou por Gray resmungando palavras que sabia ferirem o irmão como arame farpado enferrujado.

— Pelo menos, não sou culpado pela morte da mãe.

Há um mês, aquele murro no estômago teria posto Gray KO, mas depois das sessões psiquiátricas obrigatórias — embora tivesse faltado a algumas — a acusação do irmão apenas o deixou hirto, momentaneamente especado no mesmo lugar. Uma armadilha destinada a Gray matara a mãe.

Acidente colateral fora a frase que o psiquiatra usara para amenizar o sentimento de culpa.

Mas o funeral fora um caixão selado.

Ainda hoje não conseguia encarar a dor de frente. A única coisa que o fazia pôr um pé diante do outro era a determinação de expor e eliminar a sinistra organização por detrás daquele assassínio a sangue-frio.

E foi o que ele fez; virou-se, deu um passo e, depois, outro.

Era tudo o que, por enquanto, podia fazer.

22h58, Hora das Seychelles

Ao largo do arquipélago das Seychelles Algo a acordou de noite a bordo do iate ancorado.

Amanda passou instintivamente uma mão por cima do ventre inchado para fazer um instantâneo inventário pessoal. Tinha sido uma cãibra? No nono mês, era a sua primeira preocupação, um reflexo maternal para proteger a criança que estava para nascer. Mas não sentiu nenhuma dor no abdômen, apenas a pressão do costume na bexiga.

No entanto, depois de dois partos prematuros, o coração em pânico recusava-se a acalmar. Tentou tranquilizar-se. Perdera os seus dois primeiros bebês — um menino e uma menina — nos *primeiros* três meses.

Estou na trigésima sexta semana. Está tudo bem.

Levantou um cotovelo. O marido ressonava docemente ao seu lado na cama de casal do quarto principal do iate e a sua pele escura contrastava com a almofada de cetim branco. A presença musculosa de Mack e os másculos pelos pretos da barba e do peito reconfortavam-na. Era o seu *David* esculpido por Miguel Ângelo em granito negro. Não conseguiu, contudo, escapar a uma certa sensação de desconforto ao hesitar acordá-

lo, mas desejava ser abraçada por aqueles braços fortes.

Os pais dela — cuja aristocrática família vivia há gerações no velho Sul — só tinham aprovado o casamento por causa da benevolência forçada da sensibilidade moderna. Mas, no final, a união foi útil à família. Ela era loura de olhos azuis e criada num mundo de bailes e privilégios; endurecido por uma infância difícil nas ruas de Atlanta, ele tinha pele e olhos escuros e cabelo preto. Este casal invulgar tornou-se um símbolo de tolerância e, quando necessário, o seu nome era citado. Mas faltava um elemento essencial àquele retrato de família feliz: um filho.

Após um ano sem conceber — devido a um problema do marido — recorreram à fertilização *in vitro* com esperma doado. À terceira tentativa e depois de dois partos prematuros, tiveram finalmente sucesso.

A palma da mão dela pousou de novo protetoramente no ventre.

Um rapaz.

E foi quando os problemas começaram. Há uma semana, recebera um bilhete aconselhando-a a fugir sem avisar a nenhum parente.

Sugeria *por que,* mas dava poucos pormenores, que foram suficientes para convencê-la a fugir.

Um estrondo ecoou no convés. Ela sentou-se à escuta.

O marido rolou na cama, esfregando os olhos, ensonado.

— O que foi, minha querida?

Ela abanou a cabeça e levantou uma mão para o tranquilizar. Tinham tomado inúmeras precauções, encobrindo todas as pistas. Alugaram uma série de aviões particulares usando documentos falsos e diferentes itinerários. Tinham aterrado há uma semana no outro lado do mundo, no aeroporto da minúscula ilha de Assunção que fazia parte do arquipélago das Seychelles. Horas depois da aterragem, fretaram imediatamente um iate e navegaram por entre a cadeia de ilhas espalhadas num arco esmeralda no azul dos mares. Ela queria isolar-se, ficar longe dos olhares curiosos, mas suficientemente perto da capital das Seychelles, Vitória, para o caso de haver complicações com a gravidez.

Desde a sua chegada que apenas o capitão e os dois marinheiros da tripulação tinham visto os seus rostos e nenhum deles conhecia a sua verdadeira identidade.

Parecia um plano perfeito.

Vozes abafadas chegaram-lhe aos ouvidos. Não reconheceu nenhuma, mas ouviu uma ameaça rouca e, a seguir, um tiro, tão nítido e ruidoso como o som de címbalos.

O seu coração pôs-se a bater desenfreadamente.

Agora não. Não, quando estamos tão perto.

Mack saltou, em cuecas, dos lençóis.

— Fica aqui, Amanda!

Abriu a gaveta de cima da mesinha de cabeceira e tirou uma grande pistola automática, a sua arma de serviço dos tempos em que era agente da polícia em Charleston. Apontou para o fundo do quarto.

— Esconde-te na casa de banho.

Pálida e aterrorizada, Amanda pôs-se em pé, a cambalear por causa do peso da barriga.

Mack precipitou-se para a porta e espreitou pelo ralo. Satisfeito, entreabriu suficientemente a porta para sair e voltou a fechá-la atrás de si, dando uma última ordem à mulher.

— Tranca-a por dentro.

Amanda obedeceu e, depois, procurou uma arma qualquer. Encontrou uma pequena faca para cortar a fruta trazida para a cabina todas as manhãs. O cabo ainda estava peganhento de sumo de papaia. Recuou para a casa de banho de arma na mão, mas deteve-se à entrada. Não podia entrar. Recusava ficar encurralada num espaço tão reduzido. Aquela minúscula área não conseguia conter a dimensão do seu medo.

Ouviu mais detonações no meio de gritos e pragas.

Ajoelhou-se com a faca numa mão e sustendo a barriga com a outra. A sua ansiedade transmitia-se à criança. Sentiu um ligeiro pontapé.

— Não deixarei que te magoem — sussurrou ao rapazinho.

Por cima da sua cabeça, passos pesados andavam de um lado para o outro.

Ergueu o rosto, tentando trespassar o teto com o olhar e ver o que se passava no convés iluminado pelas estrelas. O que estava a acontecer?

Quantas pessoas lá estavam?

Ouviu um arranhar furtivo na porta, seguido por um bater ligeiro.

Avançou precipitadamente e espreitou. Mack acenou-lhe com a cabeça e, depois, lançou um rápido olhar para trás. Teria descoberto uma maneira de fugirem do iate ou, desesperado, voltara simplesmente para a defender?

Manipulou a fechadura com os dedos entorpecidos e preparava-se para abrir completamente a porta quando foi aberta de par em par a pontapé. Recuou, chocada. Um negro alto em tronco nu entrou no quarto, mas não era Mack.

Tinha a cabeça do marido na mão direita e segurava-a pelo pescoço. O

sangue escorria ao longo do seu antebraço. Com a outra mão agarrava uma catana igualmente ensanguentada. Fez um largo sorriso, revelando dentes brancos como um tubarão, manifestamente divertido.

Ela cambaleou, horrorizada, esquecendo-se da pequena faca.

Outra figura surgiu por detrás do monstro. Um homem pálido, impecavelmente vestido com um fato branco. A única cor nele era o cabelo preto e um pequeno bigode ainda mais ino do que os seus lábios. Era tão alto que teve de se curvar para entrar no quarto. Também sorria, mas com ar de quem pedia desculpa pelo entusiasmo do companheiro.

Dirigiu umas palavras severas ao negro num dialeto africano, repreendendo-o, e o brutamontes, com um encolher de ombros, atirou a cabeça de Mack para cima da cama.

— Está na hora de partir — informou-a o homem de fato, com amável sotaque britânico, como se estivesse a convidá-la para uma festa.

Ela permaneceu imóvel. Não se conseguia mexer.

O britânico suspirou e fez sinal ao companheiro.

Este avançou, agarrou-a brutalmente pelo cotovelo e arrastou-a para fora do quarto. O britânico seguiu-os ao longo da estreita passagem. A seguir, subiram a escada para o convés da popa onde reinava o caos e mais horror.

O capitão e os dois marinheiros, juntamente com dois dos assaltantes mortos a tiro, jaziam em poças de sangue. A tripulação fora brutalmente desmembrada.

Os assaltantes que tinham sobrevivido estavam reunidos no convés ou dentro de um velho barco preso à amurada de estibordo. Um punhado deles saqueava o iate, levando caixas de vinhos, mantimentos e tudo o que tivesse valor. Eram todos negros e alguns ostentavam cicatrizes tribais.

Muitos eram apenas rapazes. Andavam todos armados: catanas ferrugentas,

espingardas automáticas de modelo antigo e inúmeras pistolas.

Piratas.

À luz do luar e revigorada pelos ventos alísios da noite que sopravam de sudeste, a sua mente clareou o suficiente para permitir que o desespero e a culpa amarga a invadissem. Julgara que nas Seychelles se encontravam suficientemente longe do Chifre da África para se verem livres dos piratas modernos que infestavam aquelas águas.

Cometera um erro horrível.

Acompanhada pelo britânico, foi empurrada na direção do barco atracado. Tinha lido algures que alguns expatriados europeus ajudavam e financiavam a lucrativa nova indústria da pirataria.

Olhou para o britânico, perguntando-se como é que, no meio desta carnificina, ele tinha conseguido não sujar de sangue o impecável fato branco.

Ele devia ter notado que Amanda o examinava pois, ao chegarem à amurada de estibordo, virou-se para ela.

— O que quer de mim? — perguntou-lhe ela, fitando-o com dureza, satisfeita por todos os papéis a bordo ocultarem a sua identidade. — Não sou ninguém.

O britânico baixou os olhos perante o seu ar resoluto, mas não por vergonha nem remorsos.

— Não é a si que queremos — disse, mirando o ventre dela. — É o seu bebê.

19h00 EST

Takoma Park, Maryland Equilibrando um saco de compras na anca, Gray abriu a porta das traseiras da casa da sua família. O cheiro a bolo com canela acabado de fazer foi a primeira coisa que sentiu. No regresso do ginásio, recebera uma mensagem de Kenny a pedir que comprasse gelado de baunilha e outros produtos para o primeiro jantar de família desde a trágica perda da mãe.

Ao olhar para o fogão viu um grande tacho com molho à bolonhesa a borbulhar e esparguete a escorrer num coador junto do lava-loiça. Um silvo fê-lo virar-se novamente para o tacho. Reparou numa enorme bolha a formar-se. Abandonado e esquecido, o molho vermelho vertia e pingava no bico de gás.

Algo estava errado.

Isto foi confirmado quando ecoou um berro no quarto ao lado.

— ONDE ESTÃO AS MINHAS CHAVES?

Gray pousou o saco de compras na bancada, apagou o lume e dirigiu-se para a sala de estar.

— ESTÃO ROUBANDO MEU CARRO!

Atravessando a sala de jantar, Gray foi ver que barulheira era aquela.

Mobília demasiado pesada rodeava uma lareira de pedra negra, apagada naquele momento. O pai tinha um aspeto esquelético, reclinado na poltrona junto à janela. Outrora fora uma presença imponente, ali sentado, mas, agora, era uma frágil sombra do que fora.

Mas ainda tinha força. Tentava levantar-se, mas Kenny segurava-o pelos ombros, assistido por uma mulher pequenina de cabelo curto cinzento-acastanhado, vestida de enfermeira. De joelhos e agarrada à mão do pai, suplicava-lhe que se acalmasse.

Mary Benning trabalhava na unidade de tratamento da memória do hospital e, durante a sua hospitalização, o pai afeiçoara-se a ela. Gray conseguia contratá-la para tratar do pai à noite e estar disponível quando passasse pior. O plano era que Kenny mantivesse o pai debaixo de olho durante o dia até Gray arranjar alguém profissionalmente competente para o vigiar vinte e quatro horas por dia. Seria dispendioso, mas o diretor Crowe conseguira um seguro para ajudar a pagar as despesas e manter o pai na sua própria casa.

— Harriet! Larga-me!

O pai soltou a mão e quase dava uma cotovelada no nariz de Kenny.

A enfermeira apertou-lhe ligeiramente o joelho para o sossegar.

— Jack, sou eu, a Mary.

Os olhos do velhote encontraram os dela e uma expressão confusa passou-lhe

pelo rosto. A memória voltou-lhe e o seu corpo relaxou.

Mary lançou um olhar a Gray.

— O seu pai viu-o chegar com as compras ao volante do *Thunderbird* e isso assustou-o e confundi-o um pouco. Vai ficar bem.

Kenny endireitou-se com uma expressão inquieta. Nunca tinha visto o pai assim. Afastou-se com ar abatido.

Isto chamou a atenção do pai. Os seus olhos esbugalharam-se.

— O que estás aqui a fazer, Kenny?

Ainda preocupado com o estado do pai, Kenny não soube o que dizer.

Mary deu uma palmadinha no joelho de Jack e respondeu sem esconder a verdade.

— O seu filho tem cá estado todo o dia.

O pai examinou o rosto dele e, depois, reclinou-se na poltrona.

— Ah, pois... é verdade. Já me lembro.

Mas lembrar-se-ia? Ou concordava apenas para fingir estar normal?

Kenny trocou um olhar com Gray, paralisado pelo choque.

Bem-vindo ao meu mundo.

— É melhor ir acabar de fazer o jantar — disse Mary, levantando-se e sacudindo o pó dos joelhos.

— E é melhor que eu acabe de tirar a roupa da mala — acrescentou Kenny, procurando uma saída airosa.

— Boa ideia. E arruma as tuas coisas — ordenou o pai num rompante dos seus antigos modos. — O teu quarto fica...

— Não me esqueci onde ica — interrompeu-o bruscamente Kenny sem dar conta da sua falta de consideração para com uma pessoa que sofria de Alzheimer.

Mas o pai limitou-se a acenar a cabeça com ar satisfeito.

Quando Kenny saiu, o pai pareceu finalmente reparar em Gray. A confusão estampada no rosto desapareceu e foi substituída pela ira. O pai levara quase duas semanas para reconhecer que a mulher tinha morrido e, por isso, a dor ainda era viva. E também sabia o que causara essa perda.

Nunca haveria de se esquecer. Tinham-se seguido dias bastante maus, mas o que é que um ou outro podiam fazer? Nenhuma palavra a traria de volta.

O som da campainha da porta da frente sobressaltou-os e Gray, esperando o pior, sentiu os músculos crisparem-se.

Kenny, que já se encaminhava para as escadas, foi abrir.

Uma figura esguia, com um blusão de cabedal preto por cima de uma blusa castanha, surgiu à entrada. Trazia um capacete de motociclista debaixo do braço.

Ao vê-la, a tristeza do dia desvaneceu-se.

— O que estás a fazer aqui, Seichan? — perguntou-lhe Gray aproximando-se

dela.

O pai interrompeu.

— Não deixes essa senhora ficar à porta, Kenny — disse, fazendo sinal à visita para entrar.

Podia estar a perder a memória, mas reconhecia uma mulher bonita quando aparecia uma em sua casa.

— Obrigada, senhor Pierce.

Seichan entrou movendo-se com graciosidade felina, toda ela tendões, músculos e longas curvas. Lançou um olhar apreciativo a Kenny ao passar por ele, achando que faltava qualquer coisa no que tinha visto.

A seguir, os seus olhos encontraram o rosto de Gray e endureceram visivelmente — não de raiva, mas de modo protetor. Mal tinham falado desde que há três semanas trocaram um beijo e fizeram uma promessa. O

pacto não era romântico, apenas a garantia de que ela trabalharia juntamente com Gray para descobrirem quem estava envolvido no assassínio da mãe dele.

No entanto, Gray lembrava-se da suavidade daqueles lábios.

Haveria algo mais naquela promessa, algo que ainda não fora dito?

Antes de poder pensar mais nisso, o pai apontou para a mesa.

— Íamos agora mesmo jantar. Quer juntar-se a nós?

— É muito amável da sua parte — agradeceu Seichan. — Mas não vou demorar muito tempo. Queria só dar uma palavra ao seu filho.

Aqueles olhos em forma de amêndoa — a sua herança euroasiática — fitaram intencionalmente Gray.

Acontecera alguma coisa.

Seichan era uma antiga assassina do grupo responsável pela morte da mãe dele, uma organização criminosa internacional chamada Confraria. A sua identidade e objetivo verdadeiros permaneciam desconhecidos até mesmo dos seus próprios acólitos. A organização operava através de células individuais em todo o mundo, cada uma delas independente e sem conhecimento do plano geral. Seichan acabara por se rebelar contra a Confraria e fora recrutada pelo diretor Crowe como agente dupla até o seu ardil ser descoberto. Agora, perseguida pelos antigos patrões e por agências de espionagem estrangeiras pelos crimes cometidos no passado, era parceira de Gray e trabalhava sob a sua responsabilidade.

E talvez algo mais.

Gray aproximou-se dela.

— O que sucedeu?

Ela baixou a voz.

— Recebi uma chamada do diretor Crowe e vim diretamente para aqui.

Piratas da Somália raptaram um alvo americano muito valioso. Painter quer

saber se estás preparado para aceitar uma missão.

Gray franziu o sobrolho. Porque é que a Sigma se envolvia com um simples caso de rapto? Havia uma data de agências de polícia marítima que podiam tratar desse crime. A Sigma — constituída por membros das forças especiais treinados em várias disciplinas científicas — era uma secção secreta da Agência de Defesa para Projetos de Investigação Avançada (DARPA). As equipas da Sigma eram enviadas para combater ameaças globais e não para resolver raptos de americanos.

Seichan deve ter-se apercebido da sua expressão desconfiada. Os seus olhos perscrutaram os dele. Era óbvio que ela estava a par de mais pormenores, mas que não podia falar livremente diante dos outros. Estava a acontecer algo importante. Ao dar-se conta disso, o coração de Gray começou a bater com mais força.

— O assunto é urgente — acrescentou ela. — Um jato já está a abastecer-se de combustível e o Kowalski vem a caminho para nos apanhar. Podemos passar pelo teu apartamento quando sairmos daqui.

Caso contrário, seremos informados pelo caminho.

Gray olhou para a poltrona junto da lareira apagada. O pai ouvira a conversa e fitava fixamente o rosto do filho.

— Vai — disse o velho. — Faz o que tens de fazer. Tenho gente suficiente aqui para me ajudar.

Gray sentiu-se reconfortado por aquela abrupta autorização — em certa medida, significava um pouco de perdão por parte do pai. Mas as palavras que ouviu a seguir, ditas com amargura, aniquilaram a esperança.

— Além disso, quanto menos te vir nesta altura... melhor.

Gray vacilou. Seichan segurou-o pelo cotovelo, pronta a agarrá-lo. Mas foi o calor da sua mão, o conforto do contacto humano — como o beijo que tinham trocado há semanas —, que, mais do que tudo, o estabilizou.

Mary entrou na sala de jantar a limpar as mãos a uma toalha. Também ouvira aquelas duras palavras e lançou um olhar de simpatia a Gray.

— Tenho tudo sob controlo. Tire algum tempo para si.

Gray agradeceu-lhe silenciosamente e deixou que Seichan o conduzisse até a porta. O desejo de se despedir do pai queimava-lhe dolorosamente o peito, mas não tinha voz para o exprimir.

Deu por si no alpendre da frente sem saber como. Parou no degrau de cima e respirou fundo.

— Estás bem? — perguntou Seichan.

Ele passou-lhe a mão pelo cabelo.

— Tenho de estar.

Ela continuou a observar-lhe o rosto, como se procurasse uma resposta mais autêntica.

Antes de a conseguir encontrar, um chiar de pneus anunciou a chegada do transporte. Ambos se viraram quando um monovolume preto travou ao pé deles. A janela abriu-se permitindo que uma baforada de fumo saísse do interior. Seguiu-se a cabeça rapada de um gorila a mastigar o toco de um charuto.

— Vens ou não? — perguntou Kowalski com voz roufenha.

Embora o homem o exasperasse, Gray nunca se sentira tão feliz por ver o seu abrutalhado colega. Desceu os degraus, mas Kenny correu atrás dele bloqueando-lhe o caminho.

— Não podes partir agora. O que é suposto que eu faça?

Gray apontou para a casa.

— É a tua vez. O que achas que andei a fazer todo este tempo?

Empurrou o irmão e dirigiu-se para onde estava o monovolume e a motocicleta de Seichan.

Ela ou o capacete na cabeça enquanto caminhava ao seu lado.

— Quem mais vai trabalhar conosco? — perguntou Gray.

— Temos de contactar dois colegas. Agentes locais que já se encontram na região e têm talento especial para nos ajudar nesta missão.

— Quem são eles?

Ela sorriu-lhe vagamente ao baixar o visor do capacete. E as suas palavras vindas do interior ecoaram estranhamente divertidas.

— Espero que te tenhas vacinado contra a raiva.

2

1º DE JULHO, 18H32, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

REPÚBLICA DA TANZÂNIA

O ronco abafado preveniu-o. Já com os nervos em franja, Tucker Wayne espalmou-se contra a parede de tijolo da rua estreita e insinuou-se no meio das sombras mais densas do vão da porta. Há uma hora, reparara que alguém o seguia de longe. Conseguira escapar-lhe rapidamente no labirinto de vielas e ruas tortuosas desta zona dilapidada de Zanzibar.

Quem tinha descoberto onde estava?

Pressionou as costas contra uma porta de madeira embutida.

Tencionava não se deixar encontrar. Tinha vagueado pelo mundo nos últimos três anos e, agora, estava perto de cumprir o seu trigésimo aniversário. Chegara há duas semanas ao arquipélago de Zanzibar, um rosário de ilhas banhadas pelo sol ao largo da costa leste de África. Só o nome, *Zanzibar,* evocava outra época, uma terra de mistério e mitos. Era o local ideal para desaparecer, viver sem ser visto, e onde poucas perguntas eram feitas.

As pessoas sabiam que mais valia não serem curiosas.

No entanto, ele atraía com frequência segundos olhares e não por ser branco. O antigo porto de Zanzibar continuava a ser ponto de encontro de gente de todas as raças e cores. Após ter viajado por África durante um ano inteiro, a sua pele era tão escura quanto a dos comerciantes locais que vendiam os seus produtos no mercado de especiarias da Cidade de Pedra.

Alto e musculoso, tinha uma figura imponente, mas o seu olhar duro fazia rapidamente desviar os rostos curiosos.

Contudo, o que chamava mais a atenção era outra coisa. *Kane* roçou-se contra a sua perna — em silêncio, com os pelos do pescoço ainda eriçados.

Tucker pousou uma mão no flanco do cão, não para o acalmar, mas para lhe dar uma ordem caso fosse necessário. *Kane* era o seu parceiro, uma extensão de si mesmo — um membro separado.

Embora o animal se parecesse com um pastor-alemão compacto, era, na realidade, um pastor-belga, um *malinois*. O seu pelo era preto e ruivo, o que combinava com os olhos escuros. Tucker sentiu os músculos de *Kane* crisparem-se por baixo da palma da sua mão.

A meio do quarteirão, um vulto saiu a correr, em pânico, da esquina. Foi contra uma parede e desceu esbaforidamente a rua, lançando olhares frequentes por cima do ombro. Tucker observou-o e avaliou rapidamente a situação.

Vinte e poucos anos ou talvez ainda adolescente, sangue asiático, olhos esbugalhados de terror, rosto e membros doentiamente emagrecidos — de drogas, má alimentação?

Agarrado ao lado direito, o rapaz não conseguia estancar a mancha vermelha que surgia através da túnica branca. O cheiro a sangue fresco juntamente com os passos vacilantes de pés descalços deviam ter alertado *Kane*.

Tucker preparou-se para sair da sombra a fim de ajudar o rapaz, mas a pressão contra a sua perna aumentou, não o deixando mexer-se.

Uma fração de segundo depois, percebeu porquê. Três africanos corpulentos com tatuagens tribais no rosto viraram a mesma esquina.

Vinham armados com catanas e espalharam-se pela rua como caçadores experientes.

A vítima deles também reparou no seu aparecimento e, assustada, tentou escapar-lhes, mas o cansaço e a perda de sangue tinham sabotado as suas forças. O rapaz acabou por tropeçar e estatelar-se ao comprido no chão. A sua cabeça bateu com força contra as pedras da calçada, mas, completamente vencido, não soltou um som, nem sequer um gemido.

Foi isso, sobretudo, que fez Tucker sair do esconderijo.

Isso e um preceito que aprendera com o avô: *Confrontado com um ato desumano, um homem bom* reage, *mas um grande homem* age.

Tucker deu uma palmada com três dedos no flanco do cão.

Proteger.

Kane saltou por cima do corpo caído do rapaz e agachou-se com a cauda no ar, a rosnar, de dentes arreganhados. A intervenção do pastor-belga surpreendeu os três atacantes e deteve-os, como se um demônio se tivesse materializado à sua frente.

Tucker aproveitou a sua distração para sair da sombra e aproximar-se do que estava mais perto. Apoderou-se da catana e torceu-lhe o pulso, dando-lhe, a seguir, uma cotovelada no queixo. Atirou-o ao chão com um golpe de mão quando o segundo homem avançou para ele de faca em punho. Em vez de se afastar, Tucker atirou-se a ele, imobilizando-lhe o braço armado por baixo do seu e batendo-lhe com o cabo da catana no nariz.

O osso estalou e jorrou sangue.

O homem desfaleceu, mas Tucker manteve-o de pé preso pelo braço.

Viu pelo canto do olho o terceiro e mais forte adversário recuar dois passos e sacar de uma pistola. Tucker virou-se, usando o corpo do indivíduo que segurava como escudo quando o outro desatou aos tiros. A uma distância tão curta era uma

defesa pobre. Uma das balas atravessou o pescoço do seu cativo, esfolando o ombro de Tucker.

Ouviu-se um grito de dor.

Tucker espreitou por detrás do corpo e viu os dentes de *Kane* enterrados no pulso do atirador. A pistola tombou no chão. O homem, com os olhos arregalados de medo, tentava soltar-se do cão. O sangue espirrava por todos os lados.

Só então o enorme africano se lembrou da catana que tinha na outra mão. Levantou-a, preparando-se para desferir um golpe mortal ao cão.

— Solta! — ordenou Tucker a *Kane*.

O pastor-belga obedeceu imediatamente, mas, brandindo a catana e soltando gritos selvagens, o homem continuava a tentar acertar-lhe no pescoço. *Kane* não podia escapar.

Tucker interveio.

Com o coração a bater, mergulhou e apanhou a arma. Rolou sobre um ombro e apontou a pistola, mas foi lento de mais.

A lâmina da catana cintilou ao sol.

Uma detonação ecoou ruidosamente na rua.

O homem tropeçou para trás com metade do crânio em pedaços. E a catana voou inofensivamente pelos ares. Tucker examinou a pistola. O tiro *não* tinha saído daquela arma.

Um novo tiro surgiu ao cimo da rua. Dois homens e uma mulher.

Embora estivessem vestidos à civil, todos tinham pinta de militares. O

chefe, ao meio, empunhava uma *SIG Sauer* fumegante.

— Vejam como ele está — disse com ligeiro sotaque texano e apontando para o rapaz estendido no chão. — Levem-no para um hospital local. Voltamos a encontrar-nos no ponto de evacuação.

Apesar da preocupação com o ferido, o olhar do chefe nunca se desviou dos olhos de Tucker. Pelas feições duras do seu rosto, o cabelo preto cortado curto um pouco ralo e os olhos cinzentos impetuosos, era definitivamente um militar.

Muito provavelmente um *antigo* militar.

Não era lá muito bom.

Ignorando o rosnar de aviso de *Kane,* aproximou-se de Tucker e estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se.

— É um homem difícil de encontrar, capitão Wayne.

Tucker não manifestou qualquer surpresa e ignorou a mão estendida.

Levantou-se.

— Eram vocês que andavam esta manhã atrás de mim.

— E você despistou-nos — atalhou o homem com uma expressão divertida nos olhos. — Não é coisa fácil de fazer. E só prova que é o homem de que precisamos.

— Não estou interessado.

Virou-se para partir, mas o homem barrou-lhe a passagem apontando um dedo ao seu peito, o que o irritou ainda mais.

— Escute um minuto — prosseguiu o tipo. — E, depois, poderá ir-se embora.

Tucker fitou desaprovadoramente o dedo espetado. O único motivo por que não o partiu foi porque aquele homem acabara de salvar a vida de *Kane*. Devia-lhe pelo menos isso — e talvez até um minuto do seu tempo.

— Quem é você? — perguntou.

O ofensivo dedo transformou-se num convite a um aperto de mão.

— Comandante Gray Pierce. Trabalho para uma organização chamada Sigma.

Tucker franziu a testa.

— Nunca ouvi falar. Isso faz de vocês o quê? Gente a trabalhar para a Defesa, mercenários?

Proferiu desdenhosamente a última palavra de propósito.

O outro baixou o braço e o cintilar dos seus olhos tornou-se mais brilhante.

— Não. Trabalhamos para a DARPA.

Tucker nada disse, mas a curiosidade fê-lo continuar a ouvir. A DARPA ocupava-se da investigação e desenvolvimento do Departamento de Defesa. Que raio se passava ali?

— Talvez possamos discutir isto num lugar mais tranquilo — propôs o comandante.

Por esta altura, os colegas do comandante transportavam o rapaz ferido pela rua abaixo. Começara a aparecer gente à janela ou a espreitar por detrás de portas entreabertas. Outros vultos surgiram às esquinas.

Zanzibar mostrava-se tolerante em relação à maior parte dos delitos, mas tiros e derramamento de sangue não podiam ser ignorados durante muito tempo. Assim que partissem, os cadáveres seriam pilhados de tudo o que tivesse valor e qualquer investigação policial depararia com expressões atônitas.

— Eu conheço um sítio — disse Tucker, avançando à frente.

18h44

Gray bebericava um chá quente com cardamomo, sentado ao lado de Tucker num terraço sobre o oceano Índico. Velhos *dhows* de madeira com velas triangulares navegavam ao lado de cargueiros e elegantes iates que transportavam turistas. Por enquanto, encontravam-se sozinhos no pequeno restaurante do hotel.

Do pequeno mercado cheio de gente, por baixo do edifício, elevava-se o perfume a noz-moscada, canela, baunilha, cravo-da-índia e inúmeras outras especiarias, que outrora tinham atraído sultões para a ilha e alimentado um próspero negócio de escravos. A ilha trocara de mãos muitas vezes, como bem provavam as suas tradições árabes, levantinas, índias e africanas. Ao virar de cada esquina, a cidade mudava de rosto e continuava a ser impossível classificá-la.

O mesmo podia dizer-se da estranha personagem sentada diante dele.

Gray pousou a chávena de chá no pires rachado. Uma mosca varejeira, atraída pela doçura do chá, aterrou sobre a mesa e avançou na direção da chávena.

Gray levantou o braço para a esmagar, mas antes que a palma da mão atingisse a mesa agarraram-lhe o pulso.

— Não faça isso — disse Tucker, enxotando gentilmente a mosca antes de afastar novamente o olhar perdido para o mar.

Gray esfregou o pulso e observou o voo preguiçoso da mosca que nem notara ter sido salva.

— O que deseja de mim? — pigarreou finalmente Tucker.

Gray voltara a concentrar-se no assunto entre mãos. Tinha lido a ficha daquele antigo comando do exército no decorrer da viagem até o Chifre da África. Tucker era um excelente treinador de cães e criava uma empatia emocional com estes animais, que, por vezes, era demasiado profunda.

Uma avaliação psíquica atribuía essa reação a um trauma de infância. Os pais tinham sido mortos por um motorista bêbado quando ele era criança e fora criado até aos 13 anos, no Dakota do Norte, por um avô que morreu de ataque cardíaco. A partir daí, foi entregue a instituições de adoção, mas, aos 17 anos, solicitou a emancipação e alistou-se no exército. A sua educação era caótica e instável, e parecia ter desenvolvido maior afinidade com os animais do que com os humanos.

No entanto, Gray pressentia que havia mais naquele homem do que avaliações psiquiátricas e resultados de testes. Psiquicamente, continuava a ser um mistério. Porque, por exemplo, tinha abandonado bruscamente o serviço e desaparecido logo após ser demitido, deixando uma farda cheia de medalhas, incluindo uma Purple Heart ganha num dos piores combates no Afeganistão — a Operação Anaconda, em Takur Ghar.

Gray foi direto ao assunto pois o tempo estava a passar.

— Capitão Wayne, a sua especialidade no exército era operações de salvação. O seu comandante dizia que não havia ninguém melhor.

Tucker encolheu os ombros.

— Você e o seu cão...

— *Kane* — interrompeu Tucker. — O nome dele é *Kane*.

Ao ouvir a voz do dono, o pastor-belga arrebitou uma orelha peluda.

Estava esparramado no chão com ar zonzo e desatento, mas Gray não se deixava enganar. Tinha o focinho pousado sobre a biqueira da bota de Tucker pronto a obedecer a qualquer ordem. Também lera a ficha de *Kane*.

O cão de combate reconhecia um vocabulário de mil palavras e uma centena de sinais manuais. O capitão e ele estavam ligados mais intimamente do que marido e mulher, e ambos eram assustadoramente eficazes quando entravam em ação.

— Tenho uma missão para si, em que seria muito bem pago — prosseguiu Gray.

— Lamento, mas não há ouro suficiente em Fort Knox para me pagar.

Gray estava preparado para esta reação.

— Talvez não. Mas a verdade é que você roubou propriedade do governo quando se demitiu do exército.

Tucker encarou-o, com os olhos duros como diamantes. Gray apercebeu-se de que tinha de falar com circunspeção e de jogar a única carta que possuía com extrema cautela.

— Custa centenas de milhares de dólares e inúmeras horas treinar um cão militar.

Nem sequer ousou olhar para *Kane* e manteve os olhos fitos em Tucker.

— Essas horas foram gastas por mim — ripostou Tucker com ar carrancudo. — Treinei o *Kane* e o *Abel*. E veja o que aconteceu ao *Abel*.

Desta vez não foi *Kane* quem matou o *Abel*.

Gray tinha lido os brutais pormenores do sucedido nos arquivos e evitou falar do assunto. Estava coberto de minas.

— *Kane* é, contudo, propriedade do governo, material militar treinado para seguir pistas em combate. Se cumprir esta missão, poderá ficar com ele de graça.

Um trejeito desdenhoso repuxou um canto dos lábios de Tucker.

— Ninguém é dono de *Kane,* comandante. Nem o governo dos Estados Unidos, nem as Forças Especiais e nem sequer eu.

— Percebo, mas a nossa oferta é essa.

Tucker olhou-o demoradamente com irritação e, a seguir, recostou-se na cadeira, de repente, de braços cruzados. Não aceitava imediatamente a proposta, mas estava disposto a ouvir.

— Mais uma vez, para que precisam de mim?

— Uma operação de salvamento.

— Onde?

— Na Somália.

— Quem?

Gray mirou o seu interlocutor. O que ia revelar era apenas do conhecimento de um punhado de funcionários superiores do governo.

Ficara chocado quando fora posto ao corrente. Se os sequestradores dela viessem a saber...

— Quem? — insistiu Tucker.

Kane devia ter sentido o nervosismo do seu parceiro pois grunhiu baixinho para manifestar a sua própria agitação.

Gray respondeu a ambos.

— Precisamos da sua ajuda para salvar a filha do presidente.

3

1º DE JULHO, 11H55, EST

WASHINGTON, DC

Agora, já podiam começar a trabalhar a sério.

No nível mais baixo da ala ocidental, o diretor Painter Crowe aguardava que a sala de situação ficasse livre. Todo o processo era uma dança de poder cuidadosamente orquestrada: quem saía primeiro, quem reconhecia quem, quem saía sozinho ou acompanhado.

Dava-lhe voltas à cabeça.

Painter Crowe passara as três horas da sessão de estratégia afastado do círculo fechado da Casa Branca. Os funcionários da bancada superior sentavam-se em cadeiras de cabedal estofadas, à volta da mesa de conferências principal; isso incluía o chefe de gabinete da Casa Branca, o conselheiro de Segurança Nacional, o chefe de Segurança Interna, o secretário de Defesa e um punhado de outras individualidades. Era uma reunião à porta fechada, sem assistentes, adjuntos ou secretárias, apenas com altas patentes militares. Nem sequer a equipe de vigilância permanente era admitida.

Os segredos discutidos eram limitados ao mínimo de ouvidos.

No início da reunião, Painter fora introduzido como representante da DARPA, o que fez franzir várias sobrancelhas, sobretudo, as sobrancelhas grisalhas do secretário de Defesa. Vestido convencionalmente, Painter era dez anos mais novo do que qualquer um dos presentes e o seu cabelo escuro tinha apenas um caracol branco, metido como uma pena por detrás de uma orelha, o que realçava a sua herança nativa americana.

Ninguém questionava porque o presidente convocara Painter para esta reunião à porta fechada. Poucos tinham conhecimento da existência da Sigma, quanto mais do seu envolvimento neste caso.

Era o que o presidente desejava.

E, assim, Painter sentara-se silenciosamente numa cadeira da bancada mais baixa, longe da mesa principal, a observar e a tomar notas, tanto mentalmente como no seu computador portátil.

O presidente James T. Gant chamara-os a todos para obter informações atualizadas sobre o rapto da sua ilha de 25 anos, Amanda Gant-Bennett.

Tinham passado vinte e quatro horas desde o ataque ao iate. O capitão do barco conseguira enviar um SOS pelo rádio e até mesmo avariar os motores, antes de os assaltantes entrarem a bordo e matarem toda a gente, incluindo o marido de Amanda. Horríveis fotografias do que acontecera foram mostradas nos vários vídeos da sala.

Painter estudara a expressão do presidente perante tais imagens: a dor refletida nos olhos, os músculos tensos do queixo e a palidez do seu rosto.

O horror de um pai pela perda da filha parecia genuíno.

Mas certos pormenores não faziam sentido.

Como, por exemplo, porque viajara a rapariga com passaporte falso.

Só isso tinha custado horas valiosas às operações de busca.

Respondendo ao SOS, a guarda costeira das Seychelles tinha imediatamente assinalado o ataque dos piratas, informando que estavam envolvidos cidadãos americanos, mas apenas depois de ser descoberta uma impressão digital no quarto do iate é que uma bandeira vermelha fora içada nos Estados Unidos, identificando as vítimas como sendo a ilha do presidente e o seu marido.

Tinham perdido horas preciosas por causa dessa confusão.

O que podia custar a vida da rapariga.

James Gant colocou-se à porta da sala de diagnóstico de situação e apertou a mão da última pessoa a partir. Foi um cumprimento dado com as duas mãos, tão íntimo como um abraço.

— Obrigado, Bobby, por torceres o braço do Departamento Nacional de Reconhecimento (NRO) para deslocarem esse satélite tão depressa.

Bobby era secretário de Estado, Robert Lee Gant, o irmão mais velho do presidente. Era um distinto estadista com 66 anos, de rosto glabro, cabelo branco e olhos esverdeados cor de avelã. Ninguém duvidava de que ele merecia este cargo — nem mesmo a gente importante do outro partido acusaria o presidente de nepotismo por causa desta nomeação. Robert Gant servira três administrações em ambos os lados da divisão política.

Fora embaixador no Laos, em fins da década de 1980, e tinha contribuído para a reabertura de relações diplomáticas com o Camboja e o Vietname na década de 1990.

E servia atualmente o irmão com igual firmeza.

— Não se preocupe, Jimmy. O NRO terá um satélite em órbita geossincronizada na costa da Somália dentro de uma hora. Farão uma procura extensiva. Vamos encontrá-la.

O presidente acenou a cabeça, mas a promessa do irmão não pareceu convencê-lo.

Quando o secretário de Estado saiu, Painter deu por si, sozinho, com o líder do

mundo livre. O presidente passou uma mão pelo cabelo grisalho e, a seguir, esfregou o queixo. Desde que recebera a notícia do rapto da ilha que não dormia. Ainda estava com a mesma roupa e tinha apenas tirado o casaco e arregaçado as mangas da camisa. Manteve-se uns instantes de pé, com as costas direitas, perdido nos seus pensamentos até que o seu corpo vergou finalmente e apontou na direção de outra porta.

— Vamos sair do raio desta casota — disse, usando a alcunha para aquelas instalações. Na ausência da sua equipe executiva, notava-se mais o seu sotaque da Carolina. — O meu gabinete é já ali.

Painter segui-o até uma sala mais íntima. Havia outra mesa de conferências, mas mais pequena, encostada a uma parede com telas de vídeo.

O presidente deixou-se cair numa das cadeiras com um grande suspiro, como se o peso do mundo estivesse sobre os seus ombros. E Painter pensou que, por vezes, era o que acontecia. Só que este dia ainda era pior.

— Sente-se, diretor.

— Obrigado, senhor presidente.

— Trate-me por Jimmy. Todos os meus amigos o fazem. E, a partir deste momento, você é o meu *melhor* amigo pois tem a *maior* possibilidade de encontrar a minha filha e o meu neto.

Painter sentou-se lenta e cautelosamente, sentindo parte do peso do mundo instalar-se sobre os seus próprios ombros. A outra preocupação é que Amanda estava grávida de nove meses.

Por isso, o que andava a fazer, viajando pelas Seychelles com documentos falsos?

Os olhos azuis e frios do presidente trespassaram-no. A força do seu carisma foi como uma rajada de vento em cheio no rosto.

— No passado, a Sigma salvou-me a vida.

Era, aliás, por isso que Painter fora chamado pelo presidente para participar na busca.

— Preciso de outro milagre, diretor.

Pelo menos, o homem entendia a gravidade da situação. Por enquanto, os piratas somalis não faziam ideia de quem tinham raptado. Para eles, Amanda não passava de outro refém americano. Mas, se viessem a descobrir a sua verdadeira identidade, poderiam assustar-se e acabar por matá-la, atirando o seu corpo para o rio infestado de crocodilos mais próximo, e não se preocuparem mais com o assunto. Ou escondê-la tão bem, enterrá-la em algum buraco perdido, que seria impossível salvá-la até as exigências dos piratas serem aceites — e, mesmo assim, ela poderia ser entretanto assassinada. O responsável pela Segurança Interna sugerira uma terceira possibilidade arrepiante: que ela seria vendida a algum governo hostil e

utilizada de modo que os Estados Unidos fossem obrigados a fazer algumas concessões.

O objetivo tornava-se claro: *Encontrar Amanda antes que os raptores descobrissem a verdade.*

— O que pensa da reunião desta manhã? — perguntou o presidente.

— Os seus executivos têm a maior parte da situação sob controlo. Eu não faria nada diferente. Envie uma equipe para a região pronta a entrar em ação e coordene os seus movimentos com os dos agentes da CIA colocados no Chifre da África. Mas, até termos um satélite a sobrevoar a costa da Somália, estaremos a agir às cegas.

Ao cruzar a hora do ataque com as imagens dos satélites que passavam por cima do oceano Índico, tinham conseguido obter uma visão fugaz da abordagem ao barco. A imagem era indistinta, mas conseguiam distinguir o iate e a embarcação pirata, que fugira, a seguir, para leste, rumo à costa africana, mas infelizmente, uma hora depois, tinha saído fora do alcance do satélite e não se sabia onde atracara. Podia ser em qualquer sítio ao longo da costa leste africana, mas o mais provável era que a sua base de operações fosse na Somália, país conhecido pela pirataria. Um novo satélite do NRO fora requisitado para procurar o barco desaparecido junto do litoral rochoso.

Mas a sua maior esperança não era essa.

— Precisamos de soldados no terreno, senhor presidente — prosseguiu Painter. — A melhor probabilidade de sucesso é uma extração cirúrgica. Devíamos largar lá uma pequena equipe de salvamento sob o radar.

— Estou a perceber. Se os atacarmos à força, eles irão topar que a prisioneira é importante.

— E, aí, irão enterrá-la.

Painter lamentou a sua escolha de palavras logo que saíram dos seus lábios.

O rosto de James Gant empalideceu, mas pondo à prova a sua força de caráter fez-lhe sinal para continuar.

— A equipe de que lhe falei já se encontra nessa área. Vou continuar a coordenar a Agência de Segurança Nacional (NSA), o NRO e a contactar os meus superiores da DARPA. Se a localização dos piratas for descoberta, a minha equipe tem rigorosas instruções para tentar uma operação de salvamento caso o seu sucesso esteja garantido. De outro modo, passaremos as coordenadas aos SEAL para uma extração rápida.

Um aceno inquieto de cabeça acusou a recepção do plano de Painter.

— Os sequestradores vão certamente levar a sua ilha para um lugar seguro e interrogá-la. Terão de obter um número de telefone nos Estados Unidos para saberem quem contactar para pedir um resgate. Se sua filha for esperta...

— É esperta sim.

— Manterá a sua identidade secreta. E esperemos que lhes dê um número de telefone de alguém que não faça parte do círculo presidencial.

O melhor seria o de um parente ou de um amigo íntimo. Temos de estar prontos para essa eventualidade. Certifique-se de que o destinatário é discreto e não fala com a polícia nem com a imprensa.

— Vou avisar toda a gente.

— Acha que pode confiar nos seus parentes? — perguntou sensatamente Painter.

— Não dirão palavra. O clã Gant sabe guardar um segredo.

Era certamente verdade.

No decorrer do mês anterior, Painter tinha conduzido uma investigação discreta sobre os Gant. Uma recente missão da Sigma obtivera uma informação que lançava suspeitas sobre a família. Não que já não corressem boatos à volta deles. Eram conhecidos pelos Kennedy do Sul e a sua origem datava dos tempos da fundação do país. Tinham crescido com a América, enraizando-se e entrelaçando-se em múltiplas indústrias e corporações, e, agora, alcançado a Presidência.

Mas, no mês anterior, uma perturbadora informação acerca desta dinastia sulista viera a lume. Segundo documentos antigos, este clã parecia estar relacionado com uma sombria cabala de velhas famílias aristocratas.

Davam-lhe vários nomes: Confraria, Escalão, *les familles de l'étoile*. Tudo o que se sabia ao certo sobre tais personagens era que, ao longo da história, tinham manipulado eventos e acumulado poder, riqueza e conhecimentos, alcançando-os com frequência através de organizações e irmandades secretas.

Dizia-se que era a mais secreta de *todas* as sociedades secretas.

Mas os séculos não tinham sido amáveis para com eles e reduziram-nos a uma única linhagem: o clã Gant.

Isso não significava, contudo, que o presidente — ou os seus parentes mais chegados — tinha conhecimento de tal organização. A árvore genealógica dos Gant tinha raízes e ramos que se espalhavam até muito longe — aqui e em outros países. Era impossível dizer quais os membros da família que estavam envolvidos com a moderna reencarnação desta organização criminosa — quer dizer, caso *algum* deles estivesse envolvido.

Tudo isto podia vir a tornar-se uma perseguição inútil pois os verdadeiros chefes da Confraria — por falta de um nome melhor — permaneciam tão evasivos como sempre. Mas o que se sabia era que o grupo constituía um perigo letal, tinha imensos recursos e era responsável por inúmeros atos de terrorismo, atrocidades e crimes internacionais.

Pensar que o presidente — este homem sentado à sua frente de coração

despedaçado e aterrorizado pelo que pudesse acontecer à ilha — fizesse parte dessa organização parecia impossível.

A falta de provas sólidas era um dos motivos por que Painter mantinha as suas suspeitas acerca da família Gant para consigo próprio e não confiava a informação a ninguém, nem mesmo aos seus colegas da Sigma.

Sobretudo, ao comandante Gray Pierce, cuja mãe fora recentemente assassinada por um membro da Confraria. Se Pierce desconfiasse de que o presidente tinha algo que ver com esse homicídio a sangue-frio, não se podia prever o que ele faria. Com a sua índole irascível, era homem para disparar primeiro e fazer perguntas depois.

Assim, cabia a Painter fazer as perguntas.

— Desculpe insistir, senhor presidente — começou, fitando James Gant.

— Mas ainda não compreendi o que a sua ilha estava a fazer, grávida, nas ilhas Seychelles. Porque viajava com documentos falsos?

Havia algo *errado* em tudo isto.

Painter insistiu, sabendo que este assunto podia proporcionar-lhe a possibilidade de obter mais informação sobre a *família Gant.*

— Há alguma coisa que o senhor presidente não me queira dizer? Algo que esteja a esconder-me? Qualquer pormenor pode fazer a diferença entre o sucesso e o revés...

Desta vez, evitou de propósito dizer *vida ou morte.*

James Gant fitou as mãos, como se tentasse encontrar significado nas suas linhas.

— Amanda sempre foi uma criança irrequieta — disse, sorrindo tristemente para Painter. — Muito parecida com o pai. Ela tinha dezanove anos quando vim para a Casa Branca e era ainda mais jovem quando me candidatei pela primeira vez. Detestava as luzes da ribalta e contrariava-a ser filha do presidente.

— Lembro-me de que, uma vez, deu um murro num agente do serviço secreto.

Gant soltou uma gargalhada, encostando-se para trás e procurando tapar a boca, surpreendido por ainda conseguir rir.

— Amanda era assim. Durante a minha segunda candidatura, ela tinha vinte e três anos, terminara a universidade e instalou-se por sua conta.

Desenvolveu-se longe da minha sombra, devo dizer. A seguir, conheceu Mack Bennett, um agente da polícia de Charleston. Depois de se casarem, pensei que ela acalmasse.

Painter dirigiu-o delicadamente de volta ao assunto em questão.

— E essa viagem às Seychelles.

Gant levantou as mãos vazias e abanou a cabeça.

— Nem sequer os serviços secretos sabiam dessa viagem. Ela escapou-nos debaixo do nariz. A minha opinião é que ela desejava passar algum tempo sozinha

com o marido, longe dos *paparazzi* e jornais de mexericos, antes do nascimento do meu neto. Ser-lhes-ia difícil, depois, terem um momento de privacidade.

Painter observou minuciosamente o rosto do presidente à procura de uma expressão que indicasse fingimento, mas tudo o que encontrou foi pesar e medo.

— Se é tudo o que queria perguntar-me... — murmurou Gant.

Painter levantou-se.

— Tenho o que é preciso. A esta hora, a minha equipe já deve ir a caminho da Somália. E eu tenho de voltar ao quartel-general da Sigma.

— Muito bem — disse Gant, levantando-se igualmente com as boas maneiras dignas de um cavalheiro sulista. — Deixe-me acompanhá-lo até lá fora.

Ambos deixaram o gabinete do presidente, parando apenas para Painter tirar o seu *BlackBerry* de uma caixa de chumbo à porta da sala de diagnósticos de situação. Quando metia o celular no bolso, uma figura familiar surgiu ao fundo do corredor, ladeada por dois agentes dos serviços secretos.

Tinha um casaco de malha com um cinto por cima de um vestido azul-safira. Painter reparou nos seus punhos cerrados e no olhar assustado quando deparou com o marido.

A primeira-dama, Teresa Gant, avançou apressadamente na direção do presidente, tentando manter o equilíbrio entre um certo decoro e o pânico.

— Jimmy... A tua secretária avisou-me que a reunião já tinha terminado.

Esperei...

— Desculpa, Terry — desculpou-se o presidente, abraçando-a e afastando uma madeixa de cabelo louro da sua face. — Tive de tratar de mais uns assuntos, mas ia agora ter contigo.

Ela perscrutou o rosto dele à procura de quaisquer notícias temendo fazer-lhe perguntas diante dos guarda-costas. Ninguém podia estar ao corrente do perigo que Amanda corria.

— Vem, vamos para casa — propôs-lhe o marido, pronto a levá-la para um lugar seguro. — Contar-te-ei tudo.

Gant lançou um olhar a Painter.

E este compreendeu. Teresa precisava do marido. Neste momento, não eram a primeira-dama e o presidente, mas simplesmente pais aterrorizados por causa da ilha, que procuravam conforto nos braços um do outro.

Painter afastou-se discretamente, mais determinado do que nunca em encontrar a ilha deles. Mas, enquanto percorria o corredor, não conseguia deixar de ter a sensação de que os eventos no Chifre da África dissimulavam algo muito mais importante e perigoso.

Consultou o relógio. Dentro de uma hora, Gray e os seus colegas deviam aterrar na Somália. Se havia alguém que podia descobrir a verdadeira intenção por

detrás do rapto de uma jovem grávida, era o comandante Pierce. No entanto, Painter sentia-se apreensivo por ter enviado Gray, às escuras, sem lhe ter falado das suas suspeitas acerca da família do presidente.

Rezou para que não se perdessem vidas por causa do seu silêncio.

Em particular, a da filha do presidente e a da criança por nascer.

4

1º DE JULHO, 20H02, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

MONTANHAS CAL MADOW, SOMÁLIA

O jipe continuava a arrastar-se lentamente através da floresta envolta em neblina.

Amanda Gant-Bennett ia sentada no banco de trás do *Land Rover* de modelo antigo. De capota aberta, devia ter servido como veículo de safaris para turistas. Uma pesada grelha protegia a parte da frente e quatro possantes faróis estavam montados no tejadilho. Ela reparou igualmente nos dois cabrestantes — um à frente e outro atrás — bem como na pá e no machado fixados no para-choques para libertar o veículo caso ficasse atolado.

O terreno que percorriam justificava o uso de tais apetrechos. O

caminho pouco mais era do que uma picada enlameada que atravessava a floresta sombria. A Somália tinha um clima árido, mas a época das chuvas — a que os habitantes chamavam *gu* — acabara há pouco. Esta região montanhosa, à beira do golfo de Adem, recebia a maior parte da chuva. E a que não caía em forma de aguaceiros formava um nevoeiro espesso.

Um solavanco levantou-a no ar. Só o cinto de segurança a impedia de ser lançada para fora do jipe. Ao princípio, pensara fazer exatamente isso, saltar do carro e arriscar refugiar-se na floresta. Mas um corpulento guarda armado estava sentado ao lado dela a mascar *khat,* um estimulante local usado por quase toda a população. Um segundo veículo maior seguia-os, o que tornava qualquer fuga impossível.

E, em última análise, ela sabia que qualquer tentativa poria mais do que a sua própria vida em perigo.

Ajustou o cinto de segurança por baixo da barriga e à volta das ancas.

Tinha de proteger o ilho. A criança que trazia no ventre era mais importante do que o seu bem-estar. Tinha sido a razão pela qual ela e o marido deram meia volta ao mundo de avião.

Para te manter em segurança...

E, agora, o seu bebê caíra em outras mãos, tornando-se um meio de os piratas ganharem um maior resgate. Lembrou-se dos olhos esfomeados do britânico itos no seu ventre. Aqui, a vida era uma mercadoria que se podia comprar ou vender. Até

mesmo a nova vida que se desenvolvia nas suas entranhas.

Oh, Mack, fazes-me tanta falta.

Fechou os olhos, a última recordação do marido, o amor e o receio a brilharem nos olhos de Mack, contraindo-lhe o coração. Estremeceu ao pensar no horror que se seguira, a sua cabeça decepada atirada para cima da cama, onde, horas antes, tinham feito amor. Mas ela não tinha tempo para chorar o marido.

Respirou fundo, inalando o odor úmido e perfumado de zimbro e alfazema selvagem. Embora entorpecida pelo pesar e terror, tinha de se manter forte. No Sul, era indecoroso ser apanhado a suar em público. No decorrer da campanha eleitoral do pai, aprendera a manter um ar plácido e amigável, mesmo quando por dentro estava aos berros. Toda ela era sorrisos, apertos de mão e calorosas palmadinhas nas costas. Até mesmo com os inimigos... *especialmente* com os inimigos.

Por isso, continuou a cooperar com os raptores, saltando quando eles diziam para saltar e mostrando-se sempre dócil e obediente. Era outra lição que aprendera com o pai e as suas palavras a explicar-lhe como levar a melhor ainda ecoavam na sua cabeça.

Mantém os olhos abertos e a boca fechada.

Era exatamente o que tencionava fazer. Até agora, os piratas pareciam ainda desconhecer que ela era ilha do presidente dos EUA. Ainda nem sequer a tinham interrogado. Na realidade, mal tinham dito uma palavra.

Um grunhido aqui e ali, uma indicação através de gestos e algumas ordens bruscas. Sobretudo, para que bebesse água.

Não queremos que aconteça nada ao seu bebê.

O aviso fora dado pelo homem sentado à frente, no lugar do passageiro, o britânico com um ino bigode e indumentária impecável. Debruçado sobre um computador portátil ligado a um telefone via satélite e a um GPS, ele era a única presença consistente à volta dela, embora a ignorasse a maior parte do tempo.

Amanda examinou-lhe a nuca, tentando perceber quem era, à procura de um ponto fraco. Bateu nas teclas do computador e um mapa topográfico apareceu na tela. Ela fingiu procurar uma posição mais cômoda e esticou-se para a frente, tentando ver qualquer coisa para fazer uma ideia de onde se encontrava e saber para onde iam. Mas o guarda puxou-a para trás, roçando os dedos no seu seio esquerdo, que estava dorido e inchado. Deu-lhe uma palmada na mão, o que o fez sorrir lascivamente.

Derrotada e enfadada, olhou para a floresta sombria.

O cansaço e o medo prolongaram a jornada numa mancha confusa.

Chegara de madrugada a uma pequena cidade costeira cheia de bares, hotéis, restaurantes e bordéis, que servia o comércio pirata. Pelo número de carros de luxo e casas meio construídas ao longo da costa, via-se que o negócio prosperava e dava

lucro. Uma milícia armada até aos dentes percorria as ruas de *Mercedes* para manter a ordem e defender-se de qualquer ataque exterior.

Devia haver outros reféns como ela.

Quando o barco entrou no porto, avistou várias embarcações capturadas: traineiras de pesca, barcos à vela, um elegante iate e, ancorado ao largo, um petroleiro. Permaneceram menos de uma hora na cidade e, aí, ela fora entregue a outro bando de piratas que a meteu numa van *Volkswagen* sem ventilação, que seguiu para fora da cidade.

Sob um sol impiedoso, atravessaram uma paisagem anônima interrompida de vez em quando por aldeias com cabanas de lama seca.

Paravam apenas para ela urinar, o que era frequente e humilhante. Viam-se montanhas ao longe que pareciam mais altas a cada quilômetro.

Rapidamente, tornou-se evidente que era para aqueles cumes rochosos que se dirigiam. Ao chegarem a uma aldeia aninhada no sopé, coberto de arbustos, de uma dessas montanhas, entregaram-na a outro bando. Mas, antes, houve uma violenta discussão, acompanhada por uma algazarra ameaçadora e armas em riste. Por fim, o britânico interveio e maços de notas trocaram de mãos. Amanda foi transferida para o jipe e partiram.

Um estalido metálico atraiu a sua atenção quando o britânico fechou com um gesto decidido o computador portátil. O motivo tornou-se claro um pouco mais adiante. Avistaram um clarão incandescente que transformava as espirais de neblina em trilhos vermelhos tecidos através da vegetação sombria da floresta. Sentiu o cheiro a lenha e a porco assado.

Ao fim de mais cinquenta metros, o *Land Rover* entrou numa clareira.

Por cima, uma rede de camuflagem ocultava o acampamento e dava ao espaço o aspeto de uma caverna. Havia três fogueiras e algumas lâmpadas elétricas penduradas em postes.

O *Land Rover* foi estacionar ao lado de meia dúzia de outros veículos.

Um trio de camelos, já instalados para passar a noite, ergueu a cabeça para observar os recém-chegados.

De olhos arregalados, Amanda tentou perceber o que se passava.

Tendas militares montadas em círculo rodeavam uma construção maior que, suspensa sobre pilares a um metro do chão, parecia uma pitoresca casa com empenas. Uma elegante varanda de madeira com um par de espreguiçadeiras cobertas por mosquiteiros ocupava a fachada da frente.

Parecia a casa de um missionário e tal impressão era confirmada pela grande cruz vermelho-sangue que decorava um dos lados.

Mas, quando o *Land Rover* finalmente parou, a encantadora ilusão desvaneceu-se. A casa não passava de uma cabina improvisada com oleado branco esticado por

cima de postes de madeira. E a cruz carmesim nada tinha que ver com religião, mas com medicina, algo inspirado pela Cruz Vermelha americana. Só que esta cruz tinha estranhas marcas ao longo do seu comprimento, um motivo em espiral enrolado, que era vagamente familiar.

Antes de ela perceber o que era, o britânico abriu a porta do seu lado e estendeu-lhe a mão para a ajudar a sair.

— Lar, doce lar — disse ele sem ironia.

Ela saiu a cambalear, suportando o peso da barriga, e olhou à sua volta.

O ruído monótono de um gerador a diesel pareceu troçar das fortes palpitações do seu coração.

Homens e mulheres saíram das tendas para ver os recém-chegados. A maior parte dos rostos eram negros, africanos, mas não tinham a expressão desesperada e esfomeada dos piratas. Até mesmo as armas que se viam eram modernas e bem cuidadas.

O que se passava aqui?

Outros rostos assemelhavam-se ao do britânico: brancos, europeus e profissionais. Vestiam trajes azuis esterilizados como se acabassem de sair de uma sala de operações moderna para um curto intervalo e fumar um cigarro.

O britânico conduziu-a através do círculo de tendas em direção à cabina improvisada, seguido pelo guarda. Ela subiu para o alpendre.

Uma porta de mola abriu-se e uma mulher alta de cabelo louro, cortado curto, juntou-se-lhes. Era jovem, com um rosto fresco, como se tivesse acabado de despir um fato de banho e vestido uma farda de bloco operatório. A severidade da sua expressão, principalmente os olhos azuis de um frieza de aço, contrariava essa imagem. Encarava toda agente com um olhar indiferente e mal reparou em Amanda. Fitou o britânico.

— Está tudo pronto, doutor Blake.

Surpreendida, Amanda virou-se para ele.

Doutor?...

O médico notou a sua consternação.

— Desculpe. Não tive oportunidade de me apresentar como devia — disse, estendendo-lhe a mão. — Edward Blake. Obstetra e ginecologista.

Ela não lhe apertou a mão. Em vez disso, olhou por cima do ombro da loura para a cabina. Viu uma cama de hospital encostada à parede do fundo. Ao seu lado, havia um suporte de perfusão venosa e equipamento de monitorização. E, do outro, um técnico lubrificava a sonda endovaginal de uma unidade de ecografia.

O doutor Blake pareceu não ter ficado ofendido por Amanda recusar apertar-lhe a mão.

— Muito bem, senhora Gant-Bennett, porque não entramos?

Amanda refreou o choque ao ouvir o seu nome.

Ele sabe quem eu sou...

O doutor Blake convidou-a a entrar com um movimento do braço.

— Temos de verificar como está o seu rapaz após uma viagem tão longa. Não podemos deixar que lhe aconteça nenhum mal, pois não? Ele é demasiado importante.

Horrorizada, Amanda recuou. O seu pior pesadelo estava a acontecer.

Não só sabiam *quem* ela era como também sabiam o que tinha no ventre.

— Não...

Agarraram-na pelos ombros e empurraram-na porta adentro.

Por favor, suplicou. *Por favor, ajudem-me.*

5

1º DE JULHO, 20H34, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

BOSSASSO, SOMÁLIA

— Vão tratá-la bem — prometeu Amur Mahdi. — Pelo menos por agora.

— Por que diz isso? — perguntou Gray.

Seichan parecia também duvidar. Estava elegantemente vestida com jeans e *guntiino* local, um pano vermelho preso num ombro que lhe chegava até a cintura. A sua aparência devia estar boa, porque Amur não parava de olhar de esguelha.

Junto dela, Kowalski, vestido normalmente, mexia o chá com ar distraído.

Os quatro partilhavam uma mesa num restaurante à beira-mar com vista para o porto somali de Bossasso. O pátio ao ar livre dava para o golfo de Adem, que, iluminado pela Lua, estava apinhado de navios com a bandeira de vários Estados árabes e as velas triangulares de centenas de *dhows*.

A equipe de Gray tinha chegado ao Aeroporto Internacional de Bender Qassim há quarenta minutos, viajando sob a cobertura do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, ACNUR, que mantinha a sua presença na Puntland, estado do nordeste da Somália, onde a maior parte dos piratas do país operava. Bossasso era a principal cidade desta região e o melhor sítio para obter informações.

Este encontro introdutório era com Amur Mahdi — antigo pirata, atualmente a soldo da CIA. Era um homem mais velho, vestido à moda regional, calças largas e uma espécie de sarongue conhecido por *macawiis*.

Um tradicional chapéu bordado cobria-lhe o cabelo grisalho. Tinha perdido uma perna há vários anos, o que o impediu de continuar a profissão de pirata.

O membro artificial de Mahdi fez Gray pensar no pai, que ficara igualmente inválido. Sentiu-se culpado por estar longe dele, mas dominou-se e concentrou-se na conversa.

O encontro fora arranjado pelo diretor Crowe e canalizado através de várias agências de espionagem. O objetivo deste encontro era avaliar a situação corrente na Somália. Enquanto a licença para procurar a embarcação pirata via satélite ainda estava pendente, Crowe queria agentes no terreno.

Entretanto, dois helicópteros *Black Hawk* aguardavam numa base americana, a norte, no minúsculo estado vizinho de Djibuti. Logo que a localização de Amanda fosse determinada, a Equipa Seis dos SEAL, sob as ordens do Comando Operacional

Especial, entraria em ação.

Mas onde se encontrava a filha do presidente?

Amur não se mostrava preocupado com a segurança da refém. Sabia apenas que se tratava de uma americana e não que era a ilha do presidente.

— Na maior parte dos casos, os piratas somalis cuidam bem dos reféns.

Os espancamentos são raros, mas, por vezes, acontecem. De outro modo, protegem-nos e alimentam-nos bem. Não é bom que um refém morra pois, para dizer a verdade, são as tripulações capturadas que ajudam a manter a economia de Puntland.

Gray sabia que o comércio pirata era bastante lucrativo. No ano anterior, os piratas somalis tinham ganho 160 milhões de dólares com resgates. E era apenas uma amostra. As companhias de navegação e os governos tinham gasto sete mil milhões de dólares nesse mesmo período, além das despesas adicionais com prêmios de seguros, segurança e até mesmo missões de salvamento, como a que recentemente obtivera a liberdade de um americano e de um dinamarquês.

— E o que é que o governo somali faz acerca de tamanha pirataria? — perguntou Seichan.

Amur recostou-se na cadeira e levantou desesperadamente os braços.

— Que governo somali? O governo central caiu em 1991, deixando o país num caos. Sem ninguém a patrulhar as nossas águas territoriais, todo o atum que havia no mar à volta foi pilhado por frotas de pesca estrangeiras. Tiraram a comida e os meios de subsistência ao nosso povo. É de admirar que os pescadores locais se tenham armado para combater os barcos e as tripulações ilegais?

No voo, Gray tinha lido informação a esse respeito.

— Esses confrontos acabaram por levar os pescadores a confiscarem barcos e tripulações e a pedir resgates...

— Foi mais o pagamento de um tributo — corrigiu Amur, obtendo como resposta um grunhido desdenhoso por parte de Kowalski.

O homem corou, inchando o peito de orgulho. Apesar de se ter tornado informador, Gray lembrou-se de um velho ditado: *Uma vez pirata, pirata para sempre.* Ou, então, as justificativas de Amur talvez fossem apenas um reflexo do orgulho nacional.

— Merecemos ser recompensados pela pilhagem dos nossos mares — continuou. — Quem mais cuida de nós? Olhem para o porto... — acrescentou, acenando a cabeça. — Isto costumava ser um buraco infernal sem estruturas nem esperança, com tudo a cair por toda a parte.

Kowalski levantou uma sobrancelha cética na direção da cidade poeirenta, parecendo achar que o nome de *buraco infernal* ainda era aplicável.

— Após a queda do governo — prosseguiu Amur — ajudamos uns aos outros.

Um homem de negócios local montou uma rede telefônica, os professores começaram a trabalhar de graça e os polícias também são voluntários. Agora, temos um dos portos com mais movimento da região.

Somos uma cidade próspera. Exportamos dezenas de milhares de bodes, carneiros e camelos para o mundo árabe.

A sobrancelha de Kowalski continuou levantada, mas Gray, ao olhar para todas as novas construções e luxuosas mansões, compreendeu o que o informador queria dizer. Suspeitava, contudo, de que nem toda aquela riqueza provinha do negócio de importação e exportação de Bossasso.

Tinha lido que esta cidade era um dos lugares onde havia maior probabilidade de uma pessoa ser raptada. O que não era exatamente uma grande honra. O governo local tentava resolver esse problema e as prisões estavam cheias de piratas, mas a pirataria continuava a ser a indústria mais importante da economia de Puntland.

Contra tais desvantagens econômicas, como arranjariam maneira de encontrar a ilha do presidente? O dinheiro soltava a língua de muita gente — como acontecia com Amur Mahdi — mas também comprava o silêncio.

— E, agora, o peixe está a voltar às nossas águas — disse Amur em tom de vindicação e finalidade. — Como as frotas estrangeiras têm medo de se aproximar, o mar fervilha de atum e o nosso povo já não passa fome.

Gray tinha de admitir que era verdade. A pirataria tivera um efeito positivo e pusera cobro ao excesso de pesca naquelas águas territoriais.

Amur pôs-se em pé.

— Está a fazer-se tarde. Vou ver se consigo descobrir o paradeiro dessa americana desaparecida. Nos últimos tempos, como sabem, as tentativas de salvamento têm resultado na morte de piratas e, portanto, não vai ser fácil obter informações.

Gray também se levantou e apertou a mão do homem com força.

Percebeu a mensagem. Para quebrar o silêncio iriam ser necessários fundos adicionais. Receava, contudo, que demasiado dinheiro gasto na procura de Amanda levantasse suspeitas aos seus captores. Era preciso estabelecer um equilíbrio delicado neste caso, mas, por agora, não tinham alternativa.

— Entendo. Faça o que puder — disse Gray, desejando boa noite ao homem, na língua nativa, o que valeu um sorriso de apreço por parte de Amur. — *Haben wanaagsan.*

Gray esperou que Amur saísse do restaurante antes de fazer sinal aos outros para que se levantassem.

— Temos de voltar ao hotel.

Saíram em grupo. Até mesmo a esta hora, as ruas estavam apinhadas de camiões, pessoas e carroças. Bancadas com comida a grelhar, minúsculos locais

onde tomar chá e lojas improvisadas ocupavam ambos os lados da rua. À volta deles, Bossasso, atarefada, agitava-se, esbracejava e gritava.

Agruparam-se ao atravessar as ruas cheias de gente.

— Tinhas razão — disse Seichan ao ouvido de Gray a dado momento, bafejando-lhe a face com o hálito quente. — Estão a seguir-nos.

Gray deteve-se numa venda de fruta, fingindo examinar os frutos exóticos, para vigiar a rua, e avistou duas figuras que, ao vê-lo parar, se esconderam.

— São dois?

— Três — corrigiu-o Seichan. — Contando com a mulher de sarongue verde à porta do café Internet.

Gray não notou nada de invulgar na aparência dela, mas confiava na capacidade de observação de Seichan.

Kowalski continuava distraído. Pegou numa banana e cheirou-a.

— Vamos comprar alguma coisa ou não? — perguntou.

Gray afastou-se a caminho do hotel com os perseguidores no seu encalço.

— Pelos vistos, Amur não é tão leal à CIA como diz — sussurrou Seichan.

Encostou-se a ele como uma amante. O contacto físico entre homens e mulheres não era bem-visto neste país, mas havia uma estranha e intensa intimidade por estarem tão perto um do outro sem se tocar.

— Painter também desconfia disso — resmungou Gray.

O diretor passara em revista os diversos contatos que tinham ali e escolhera especificamente Amur por causa do seu comportamento discordante no passado. Parecia que era dado a manipular um lado contra o outro, sobretudo, se grossas maquias estavam envolvidas.

Uma vez pirata, pirata para sempre.

Gray continuou a andar com os companheiros sem se preocupar com quem os seguia. Queria que seguissem a equipa. Amur estava a jogar um jogo perigoso, mas que convinha aos objetivos deles.

Porque *duas* pessoas podiam jogar esse mesmo jogo.

21h01

Tucker Wayne manteve-se a uma distância prudente, um quarteirão, atrás de Amur.

O rádio metido no ouvido retiniu.

— Estás a segui-lo?

Era o comandante Pierce.

— Afirmativo — sussurrou Tucker pelo laringofone que trazia ao pescoço.

Para se confundir com os locais, vestira uma túnica *macawiis* sobre um colete à prova de bala e enrolara um pano à volta da cabeça, à maneira muçulmana, para esconder o cabelo e obscurecer as feições. Não que não se vissem rostos brancos por estas bandas. A cidade parecia atrair oportunistas vindos de todo o mundo. Ouvia falar alemão, espanhol e francês bem como línguas africanas.

No entanto, mantinha-se a uma distância considerável do seu alvo, confiando mais nos olhos dos outros do que nos seus.

Kane, vários metros à frente, mantinha-se na sombra, avançando colado às paredes a desmoronarem-se e saltando por cima de vários obstáculos.

Poucos olhos reparavam nele. Havia muitos cães escanzelados a vaguear pelas ruas.

Amur dobrou uma esquina a um quarteirão de distância e afastou-se da zona mais movimentada de hotéis recentes e enormes moradias.

Atravessou resolutamente uma área em construção, com guindastes, montes de entulho e estruturas metálicas, tudo pronto para a expansão de um novo bairro comercial.

Tucker comunicou pelo rádio a mudança de direção.

— Dirige-se para a zona nova de Bossasso. Não vai certamente regressar a casa.

O capitão memorizara tudo o que podia acerca do seu alvo e tinha tudo o que sabia da vida do homem na cabeça: onde morava, onde se encontrava com os amigos para tomar uma bebida e onde a amante vivia.

Mas Amur não se dirigia para nenhum dos sítios do costume.

— Continua a segui-lo, mas mantém a distância — avisou Gray. — Não queremos assustá-lo.

Sei muito bem como fazer o meu trabalho, pensou Tucker, irritado, ao chegar à esquina. *Foi por isso que me contrataram, quer dizer, nos contrataram.*

Kane já tinha parado à esquina e olhava para trás. Tucker levantou a mão aberta.

Fica aí.

Inspecionou o terreno. Cercas altas estavam alinhadas ao longo da rua para manter os peões fora da área de construção. A esta hora não se via vivalma. Não havia outro remédio senão esperar.

Se o seguir, serei imediatamente visto.

Por agora, tinham uma pequena vantagem . Gray tivera um trabalhão para manter em segredo o envolvimento de Tucker nesta missão. Tinham viajado da Tanzânia para a Somália em aviões diferentes pois Gray não queria que se soubesse da existência de Tucker para que este pudesse agir à vontade e de forma autónoma.

Amur deteve-se ao fundo da rua diante de uma porta trancada. Um guarda armado com uma *AK-47* saudou-o e, depois, abriu-lhe a porta.

Amur desapareceu no interior juntamente com o guarda.

O que andará a preparar?

Tucker aproximou-se uns metros e descobriu uma abertura entre a cerca e o chão arenoso por detrás de um grande contentor metálico de lixo.

Chamou *Kane* e indicou-lhe a abertura, traçando um círculo no ar com o dedo e tocando no nariz.

Rasteja por baixo e segue a pista do alvo.

Sabia que o cão cumpriria a tarefa. Os seres humanos possuem seis milhões de receptores olfativos no nariz, mas os cães de caça têm trezentos milhões, o que melhora mil vezes o seu faro e lhes permite captar a pista de um alvo a dois campos de futebol de distância.

Ao fim de cada ordem a *Kane,* Tucker baixava o braço com a palma da mão virada para baixo para lhe indicar que se mantivesse escondido depois de encontrar o alvo.

A seguir, Tucker passou a mão pelo flanco do animal, tocando no colete blindado à prova de água que se confundia perfeitamente com o pelo do animal. Verificou o receptor de *Kane* que lhes permitia comunicar no terreno e, pegando na minúscula lente de uma câmara de vídeo com visão noturna montada junto da coleira, posicionou-a entre as orelhas arrebitadas do cão.

Precisavam de olhos e ouvidos nesta situação.

Pegou num telefone portátil, marcou um código e a imagem de si mesmo vista por olhos caninos apareceu num pequena tela. Abanou ainda o colete para se certificar de que nada chocalhava — o que poderia denunciar a localização de *Kane* — e fez-lhe uma festa rápida.

Satisfeito, pôs-se de joelhos e agarrou na cabeçorra do cão. Um tremor muscular traía a sua excitação. A língua pendia enquanto arfava em silêncio. Uns olhos escuros cruzaram-se com os de Tucker. Era uma das excecionais características dos cães domesticados. *Estudam-nos tanto como nós a eles.*

— Quem é um lindo menino, quem é? — sussurrou ao amigo, retomando um

ritual entre eles.

Kane avançou o focinho e o seu nariz tocou no de Tucker em reconhecimento do elo que os ligava.

Finalmente, Tucker levantou-se e fez sinal na direção da abertura na cerca.

Vai.

Kane deu um pulo e passou facilmente pelo buraco. Tucker verificou a tela do celular e viu a imagem tremida e aos saltos, como um filme de terror mal realizado, de uns *bulldozers* e pilhas de placas de cimento quebradas.

— O vídeo está a funcionar, comandante — disse para o laringofone. — Caso queira ver o espetáculo.

Enquanto esperava pela resposta, enfiou um minúsculo auscultador Bluetooth no ouvido livre e ouviu *Kane* a arquejar.

— Já está — respondeu Gray. — Vamos ver o que o nosso amigo Amur anda a tramar.

Tucker manteve-se escondido atrás do contentor de lixo a observar o avanço do seu parceiro. O receio pelo que podia acontecer a *Kane* arrepiava-o.

Tem cuidado, companheiro.

Com os sentidos apurados, Kane *corre rente ao chão atrás da presa. À sua volta, a noite clareia em sombras cinzentas, ponteadas por tons suaves. Montes de pedra elevam-se de ambos os lados, oferecendo caminhos abrigados em frente. A agitação da brisa desloca um copo de papel amarfanhado, movimento que prende a atenção mas que acaba por ser ignorado.*

Quando a vista falha, o faro substitui-a, camada sobre camada, marcando o tempo para trás e para a frente, construindo uma estrutura de antigos trilhos à sua volta.

Almíscar amargo das pistas...

Fedor acre a urina...

Óleo queimado de máquinas silenciosas...

Move-se através do labirinto, captando mais odores, atraindo-os com a língua úmida para o fundo da garganta e cavidades nos ossos do crânio. As suas orelhas giram a cada sussurro abafado de areia: das brisas, das suas patas almofadadas.

Em frente... sempre em frente...

Levanta o focinho numa encruzilhada, bem alto, para seguir a pista.

Então... um suor familiar, picante e pungente, chega à deriva até ele, no rasto da presa.

Abranda a marcha.

Agacha-se, mantendo-se nos trilhos sombrios.

E obriga-se a arquejar menos ruidosamente.

À sua frente, o alvo aproxima-se de outras pessoas. Não os vê, mas o seu

cheiro denuncia-os.

Estão escondidos por detrás de um monte de metal que cheira a ferrugem. O odor a homem é impossível de ignorar, forte e malcheiroso.

O alvo avança, seguido por outro armado.

Kane *conhece armas — pelo cheiro, pela vista, pelo som, pelos tiros.*

Os que não via aparecem finalmente.

A presa deixa-se ficar para trás, o odor a medo torna-se mais forte, mas diminui rapidamente, acabando por desaparecer.

Os quatro arreganham os beiços, mostrando os dentes, mas não em ameaça. Falam, fazendo ruído.

Kane *aproxima-se a rastejar e descobre um sítio para os vigiar sem ser visto. Deita-se de barriga para baixo sem se mexer, mas as patas traseiras permanecem tensas, prontas para fugir ou atacar.*

Por agora, fica ali.

A olhar, obediente.

Porque ele *pediu.*

Kane *continua a mover-se na noite, sempre vigilante, pintando o mundo à volta de odores e sons.*

Cheira o seu próprio rasto enterrado entre tantos outros. Mas através de todos eles, o rasto brilha como o sol na noite à sua volta, unindo-o a outro, ambos ligados para sempre pelo sangue e pela confiança.

Também conhece esse nome.

Através do odor, do som e da vista.

Conhece esse nome.

21h12

Tucker seguiu o encontro entre Amur e os seus três compatriotas, colegas piratas a julgar pelas cicatrizes tribais e modos rudes. Reuniram-se junto de uma pilha de ferro enferrujado e tijolos partidos. Ouviu o seu riso e as palavras em dialeto somali. Um programa de tradução converteu a conversa numa versão computorizada.

— *Durante quanto tempo os podes aguentar?* — perguntou um deles.

— *Quanto dinheiro consegues sacar-lhes?* — acrescentou outro.

— *Hassam, Habib... confiem em mim* — sorriu Amur, levantando os braços. — *Não estão a contar-me tudo. E, por causa disso, vou fazê-los dançar na corda bamba até me apetecer.*

— *Isso dizes tu* — disse um terceiro em tom duvidoso.

Como prova da sua palavra, Amur tirou um maço de notas e distribuiu algumas por cada um deles.

— *Mas, primeiro* — disse — *tenho de dar qualquer coisa a estes americanos para continuarem a dar-me ouvidos, não é verdade?*

Os outros ignoraram-no, contando as notas e guardando-as.

— *O que ouviram dizer acerca dessa americana?* — perguntou-lhes Amur.

— *Apenas boatos, Amur.*

E os três homens puseram-se a acenar a cabeça.

— Nesta altura do campeonato até boatos aceito — ecoou a voz do comandante Pierce no outro ouvido de Tucker.

Pelos vistos, o chefe da equipe estava a seguir a conversa com tanto interesse quanto ele.

— *Então o que ouviste?* — insistiu Amur.

— *Um amigo do tio do meu irmão, que mora perto de Eil, contou que uma mulher branca passou pela aldeia. E disse que a levaram para as montanhas.*

— *As montanhas Cal Madow?*

A resposta foi um encolher de ombros.

— *Isso é um território muito grande* — comentou Amur sem, contudo, parecer desapontado.

— *Se estiver nessas montanhas, nunca mais será encontrada* — acrescentou, esfregando pensativamente o queixo. — *Posso transmitir essa informação aos americanos sem, na verdade, lhes dizer nada. E com a ajuda de Alá, poderia manter uma tal relação durante vários e lucrativos dias.*

— *E depois?*

— *Depois deixarei de me interessar pelos três americanos. Seria uma*

desgraça se alguma coisa lhes acontecesse... uma desgraça, mas de modo algum invulgar nesta terra traiçoeira, não é?

Todos sorriram.

— Tudo leva a crer que Amur não seja tão hospitaleiro como pretende — disse Gray. — Parece-me que temos de...

A voz do comandante foi interrompida por um rosnar surdo.

A imagem dos três somalis na tela mudou quando *Kane,* sentindo certamente qualquer coisa, recuou.

— O que é que o teu cão está a fazer? — perguntou Gray, notando igualmente o movimento repentino.

— Espera. Algo o assustou.

A imagem granulada estremeceu quando o pastor-belga deu um pulo e contornou um monte de entulho. Parecia estar a tentar afastar-se de Amur e dos seus cúmplices.

A seguir, a imagem voltou a estabilizar.

Um grupo de seis homens avançou na direção dos três indivíduos.

Vestiam coletes pretos à prova de bala e capacetes equipados com óculos de visão noturna. Traziam, ao ombro, espingardas de assalto. Os recém-chegados não eram uns piratas quaisquer e via-se que tinham recebido treino militar. As suas intenções não pareciam muito amigáveis.

As perguntas que Amur andava a fazer deviam ter chegado aos ouvidos errados.

Isto ia dar para o torto. E logo agora.

Tucker viu o chefe do grupo fazer sinal para os seus homens se separarem e apanharem Amur num movimento de pinça.

Infelizmente, o antigo pirata não seria o único a ficar encurralado. O coração de Tucker começou a bater desenfreadamente.

6

1º DE JULHO, 21H15, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

BOSSASSO, SOMÁLIA

— Não se mexam! — ordenou Gray.

Seichan e Kowalski ladeavam-no. Tinham parado à entrada de uma viela a uns quarteirões do hotel para ver a imagem da câmara transportada pelo pastor-belga. Os comandos cercavam o grupo de Amur, tencionando não deixar escapar ninguém.

— Não podes fazer isso enquanto *Kane* estiver em perigo — disse pelo rádio o capitão Wayne.

Gray sabia que não havia nada que pudesse fazer para deter Tucker.

Tinha autoridade sobre ele e se o homem fosse visto — ou, pior ainda, apanhado — arruinaria toda a missão.

— Pelo menos espera até eu chegar — insistiu. — Faremos isto juntos.

Seguiu-se uma longa pausa, suficientemente longa para ele se inquietar. Tucker podia já ter partido.

Finalmente, chegou uma resposta.

— Eu espero — disse Tucker. — Por agora. Mas não prometo nada.

Era a única concessão que Gray conseguiria obter dele.

— Já estou a caminho — informou Gray, dirigindo-se, depois, aos seus companheiros. — Vocês dois vão para o hotel e deixem que os sigam. Convençam-nos de que fomos dormir.

Seichan aproximou-se dele.

— Não devia ir sozinho. Mal conhece a cidade.

— Eu me arranjo — disse, premindo uma tecla no seu celular. Um mapa das ruas de Bossasso surgiu na tela. — Além do mais, não temos outro remédio. Amur tem certamente mais amigos na cidade e iremos precisar de um álibi se ele acabar mal no sítio de construção. Não queremos que nos acusem da sua morte.

— O que vai fazer? — perguntou Seichan.

Avistou os três homens que os seguiam pelo canto do olho. O trio tinha-se agrupado diante de uma bancada de roupa e fingia estar interessado numa pilha de tecidos.

— Quando chegarmos à próxima esquina e estivermos momentaneamente fora do seu alcance, meterei por uma rua lateral enquanto vocês se encaminham para o

hotel. Provoquem um tumulto e deixem que eles vos vejam no interior. Esperemos que julguem que eu também entrei.

A ruga entre as sobrancelhas de Seichan indicava que não tinha muita confiança naquele plano.

Ele pegou-lhe na mão e apertou-a. Foi um gesto impulsivo, mais íntimo do que tencionava.

— Vou ficar bem — murmurou.

Aquele contato breve e de surpresa deixou-a sem fala.

— Vamos — acrescentou Gray, antes de começarem novamente a discutir.

Desceram a rua juntos a passo ocioso, mas, logo que dobraram a esquina, Gray precipitou-se para outra viela. Se o mapa estivesse correto, conseguiria dar a volta e juntar-se ao capitão Wayne.

Ao afastar-se, o último olhar que Seichan lhe lançou foi imperscrutável.

Kowalski mostrou-se mais brusco. — Tenha cuidado com esse traseiro.

Era exatamente o que ele tencionava fazer. E esperava que Tucker Wayne fizesse o mesmo. Mas, sabendo que era pouco provável, apressou o passo. Tucker era uma criatura tão instintiva como o seu parceiro peludo.

Reagia antes de pensar.

Sobretudo, se o cão corresse perigo.

No meio das sombras, Kane *agacha-se debaixo de uma placa saliente de cimento. Para lá do seu esconderijo, a noite à sua volta é uma complexa trama de odores, sons e movimento. Fita sem pestanejar tudo aquilo, permitindo que a paisagem se desdobre diante dele como um mapa do presente e do passado.*

O ruído abafado de uma pedra esmigalhada por uma bota...

O bater da correia de cabedal de uma espingarda na roupa...

A respiração pesada da excitação de um predador a aproximar-se da presa...

O seu alvo original permanece junto do seu bando, surdo ao perigo que se aproxima. Kane *segue a pista dos recém-chegados quando atravessam os antigos odores, até mesmo o seu, criando um novo fedor a homem e cercando, agora, completamente os outros.*

O cerco aperta-se à volta da presa.

Kane *permanece escondido, imóvel, confiando nas trevas.*

21h22

Tucker agacha-se do lado de fora da cerca, escondido por detrás de um contentor de lixo, concentrando a sua atenção na imagem da câmara de *Kane*. Continuando a seguir as suas instruções, o cão permanece atento ao grupo de Amur, que continuava a discutir como gastar o dinheiro que tinham na mão, onde comer um jantar tardio e como extorquir mais fundos a Gray Pierce.

Entretanto, um laço mortal apertava-se à volta deles.

Até mesmo de *Kane*.

Tucker não se arriscava a chamar o parceiro. O movimento chamaria a atenção dos comandos.

Como se o cão tivesse ouvido a sua muda inquietação, a cabeça de *Kane* a olhar para trás surgiu na tela e, naquele ângulo, a câmara também mostrava os homens armados a aproximarem-se da posição onde ele se encontrava. O pastor-belga permanecia no seu posto, como Tucker lhe ordenara.

Kane *julga que está suficientemente escondido.*

Mas o cão enganava-se.

O abrigo sombrio não protegia *Kane* dos óculos de visão noturna que os comandos usavam. Dentro de instantes, repariam na sua presença e rebentaria uma confusão dos diabos.

Tucker lançou um olhar para a rua. Não se via o comandante Pierce em nenhum lado e tinha de fazer qualquer coisa.

Agora.

Virou-se e mergulhou na abertura da cerca por onde *Kane* passara. Era demasiado estreita para ele e arame farpado bloqueava a entrada até o alto. Colocou o celular no chão e começou a escavar com as mãos a areia dura enquanto via os comandos cada vez mais perto do cão na tela ao seu lado.

Pôs-se a cavar mais depressa, até os dedos fazerem sangue.

Por fim, incapaz de esperar mais tempo, passou pela abertura contorcendo-se, rasgando a túnica e expondo o colete *Kevlar* à prova de bala.

Estendeu depois a mão e apanhou o celular que deixara do outro lado.

Ao olhar para a imagem de vídeo quase teve um ataque cardíaco.

Os comandos estavam parados e um deles apontava a espingarda diretamente para a câmara.

Diretamente para *Kane*.

21h23

Raios o partam...

Furiosa, Seichan entrou irritada na sala de recepção ladrilhada do Hotel Jubba.

Kowalski seguia-a. Ela detestava ter deixado Gray sozinho e ainda mais que isso a incomodasse tanto, mas sabia que era necessário. Tinham conseguido que quem os seguisse viesse atrás deles até aos degraus do edifício sem darem conta do desaparecimento de Gray.

No entanto, continuava a pensar que Gray não devia correr tais riscos sozinho e não conseguia livrar-se da tensão instalada nas suas omoplatas.

Se tivessem perdido um pouco mais de tempo a maquinar um plano, teriam arranjado outra maneira de os despistar. A atitude de Gray fora invulgarmente imprudente e até temerária. E não era a primeira vez. Já em Zanzibar, quase tinham perdido Tucker Wayne e o cão devido a um erro que Gray normalmente não cometia.

Seichan conhecia a razão. Ele andava furioso e frustrado, e ela reconhecia isso nos seus olhos cinzentos impetuosos, nos maxilares cerrados e no modo tenso como falava. Havia nele uma obsessão maníaca, que Seichan nunca notara e a enervava. Não por causa dela, mas dele.

Talvez fosse demasiado cedo para ele voltar a operar no terreno.

Mas, agora, já se tinham comprometido e não podiam recuar.

Kowalski puxou de um charuto e preparou-se para o acender. Uma fumarada espessa enchia a sala e congestionava os olhos de Seichan. Um jogo de futebol estava a ser transmitido num enorme ecrã de televisão no restaurante do hotel, atraindo uma ruidosa multidão que obstruía a passagem para as escadas.

Kowalski acenou com a cabeça para a entrada do hotel.

— Parece que os nossos amigos decidiram acampar lá fora para terem a certeza de que não saímos daqui.

Seichan lançou um olhar ao trio que os seguira. Estavam sentados num café de onde se via a escadaria do hotel. Pelos vistos, Amur tencionava proteger o seu investimento e não deixava que nenhum outro informador invadisse o seu território.

Uma grande gritaria vinda do restaurante chamou a atenção de Seichan. O jogo entre a Alemanha e o Brasil estava a aquecer e um grupo de clientes alemães pôs-se a cantar o seu hino.

— Vamos sair daqui — propôs ela com a intenção de voltar para o quarto.

Kowalski ficou fumando o charuto e aumentando ainda mais a poluição que reinava na sala. Os seus olhos centraram-se na tela e as pernas conduziram-no à camaradagem machista dos espectadores.

Pelo menos isso não o meteria em sarilhos.

Mas ela estava muito enganada.

Kowalski foi de encontro a um empregado apressado que transportava um enorme tabuleiro cheio de chávenas de chá e bules com água a ferver.

O tabuleiro voou pelos ares e caiu no meio das pessoas apinhadas à entrada do restaurante. Ouviram-se gritos e maldições.

E seguiram-se empurrões e um punho acabou por esmurrar um nariz.

Em poucos segundos, toda a gente desatou à pancada.

Kowalski recuou, levando Seichan para um canto quando uma garrafa lhe passou a rasar o nariz e foi estilhaçar-se contra a parede.

— O que fizeste — barafustou Seichan.

Kowalski sorriu-lhe, mantendo o resto do charuto entre os dedos enquanto falava.

— Há uma saída na cozinha que dá para as traseiras. Deixa-me animar a festa e, depois, recua até a rua sem seres vista.

Os olhos de ambos cruzaram-se. E ela viu que os dele brilhavam. Queria dizer que ela não era a única a inquietar-se com a sorte do seu colega.

— Estás pronta? — perguntou-lhe ele.

Ela acenou a cabeça e o sorriso de Kowalski abriu-se de orelha a orelha, uma visão aterradora.

Soltando um bramido, atirou-se para o meio da zaragata como um touro à solta. Em poucos instantes, a multidão rolou como uma vaga em direção à porta da frente do hotel e foi parar à rua, provocando alarido e caos.

Seichan partiu em sentido oposto, tapando a cabeça e a maior parte do rosto com um xaile. Kowalski exultava de contentamento.

Agora, ela tinha de ir à procura de Gray.

Tinha o número de Tucker Wayne e a sua última posição anotada no GPS do celular. Era para lá que Gray se dirigia.

Saiu pela porta das traseiras e percorreu a viela silenciosa e sombria.

Antes de ter tempo para avançar, uma luz brilhante encandeou-a.

— Se der outro passo, enfio uma bala no seu lindo crânio — disse uma voz dura com forte sotaque britânico, pontuado pelo estalido de uma pistola a ser engatilhada.

7

1º DE JULHO, 21H24, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

BOSSASSO, SOMÁLIA

De pé junto à cerca, Tucker viu a espingarda apontada a *Kane*. A imagem granulada na tela do celular punha-lhe o coração aos saltos.

Não conseguiria chegar junto do cão a tempo.

Puxou instintivamente da pistola, uma *SIG Sauer* preta, e disparou dois tiros para o ar. As detonações feriram-lhe os ouvidos e ecoaram através do sítio de construção.

Na tela, o atirador, surpreendido, baixou a espingarda.

Tucker já ia a caminho do esconderijo de *Kane*. No celular, premiu um ícone verde com a forma de uma pequena orelha e levou-o aos lábios.

Transmitiu duas ordens para o receptor colocado atrás da orelha esquerda do pastor-belga.

— ABATER! DESARMAR!

A imagem na tela tornou-se confusa, caótica.

Agachando-se, Tucker continuou a correr.

Já estou a caminho, camarada.

Kane *sente o gosto a sangue, sente o osso estilhaçado por baixo dos seus poderosos maxilares.*

Não se mexe quando um grito de dor trespassa a noite. A seguir, um pontapé nas costelas derruba-o.

A noite rodopia, mas torna a endireitar-se quando encolhe as pernas por baixo dele.

A sua presa está ajoelhada a apertar o braço contra o peito, com o pulso esfacelado, e a espingarda caída no chão. Ambos os caçadores se encaram, mas somente por uma fração de segundo.

Kane *mergulha, rasgando o tecido à volta do tornozelo e atirando o seu corpo para o lado, puxando o membro da presa debaixo dele. O outro tomba, batendo com a cabeça numa pedra. Os óculos caem, revelando olhos estreitos*. Kane *sente o cheiro do medo dele e continua a sentir o gosto a sangue na língua.*

Mas o outro também é um caçador.

Uma faca cintila na outra mão. Tenta esfaqueá-lo, mas Kane *afasta-se,*

correndo agachado na noite.

Mas com um prêmio ganho a muito custo entre os dentes.

21h25

Gray começou a correr ao longo da cerca ao ouvir as detonações vindas da área de construção: o som entrecortado de armas automáticas combinado com explosões mais nítidas de armas mais pequenas.

Ao chegar à rua, há instantes, ouvira os primeiros tiros de pistola.

Dois.

Provinham de um local diferente, bastante longe do corrente tiroteio.

Tinha de ser o capitão Wayne.

Isto foi confirmado quando Gray ouviu a ordem de Tucker enviada pelo rádio a *Kane*. Como não viu ninguém na rua, Gray precipitou-se para um portão na esquina seguinte que não estava guardado. Entrou de arma na mão.

Um caminho aberto por um *bulldozer* conduzia diretamente ao local do tiroteio.

Viu corpos estendidos no chão.

Os companheiros de Amur.

Ouvindo passos, Gray procurou refúgio por detrás de um monte de entulho. Surgiu um homem armado que, ao passar, deu um pontapé num dos corpos. Uns braços levantaram-se num gesto de súplica. Mas o homem puxou de uma pistola e abateu o ferido a sangue-frio.

Estavam a matar toda a gente.

No entanto, o crepitar das armas automáticas foi-se tornando menos frequente e, por fim, o tiroteio terminou tão rapidamente como começara.

— Responde, Tucker — disse Gray ao microfone.

A resposta não veio do rádio.

Ouviu-se uma nova rajada de tiros à esquerda, distante do monte de entulho. Mas aproximava-se, como se Tucker brincasse ao jogo do gato e do rato com os comandos.

Olhando à sua volta, Gray tentava perceber de onde vinha o tiroteio.

Avistou finalmente Tucker a correr, de pistola em punho, ao longo de uma fileira de camiões estacionados.

Gray aproximou-se dele, tentando não ser visto. A uns metros, viu um vulto de costas para ele. Era o mesmo homem que acabara com o último companheiro de Amur. Topara a manobra do capitão e disparava à toa contra ele.

As balas ricocheteavam na carroçaria dos camiões.

Exposto, Tucker tentou escapar. Mas uma bala acertou-lhe em cheio no peito, atirando-o ao chão e largando a pistola.

Gray levantou a sua arma e abateu o comando com um tiro no pescoço, que caiu de joelhos e, depois, de borco, gorgolejando sangue.

Ao passar para ir socorrer o capitão, Gray afastou com um pontapé a espingarda que o outro ainda segurava entre os dedos.

Tucker tentava pôr-se de pé com uma mão agarrada ao peito.

Tinha a sorte de estar vestido com um colete à prova de balas.

Mas a sorte apenas durava um certo tempo.

A detonação de uma pistola soou à direita, fora do campo de visão de Gray. Tucker baixou-se e uma bala roçou-lhe a orelha e foi alojar-se no enorme pneu de um dos camiões. Os disparos continuaram, levantando areia à volta de Tucker e fazendo que, finalmente, fugisse de gatas.

Gray avançou, mas o atirador permanecia sem ser visto.

Onde...?

O homem apareceu a descoberto, correndo agachado para onde Tucker desaparecera, de pistola na mão. O seu outro braço estava encostado ao peito, mantendo o pulso num ângulo impossível e a escorrer sangue.

Parecia furioso.

Gray tentou fazer pontaria, mas o alvo movia-se demasiado depressa.

Disparou, descarregando a arma. Mas o homem estava tão concentrado que nem se desviava das balas que ricocheteavam à sua volta e acabou por desaparecer em perseguição de Tucker.

O comandante correu atrás dele, substituindo o carregador vazio por outro. Tornou a avistar o atirador debruçado sobre Tucker, que estava caído de costas junto da cabina de um camião com um ombro ensanguentado. O outro preparava-se para o matar à queima-roupa.

Era impossível Gray detê-lo, mas aconteceu um milagre.

21h26

Tucker viu o cano fumegante da pistola baixar e ficar apontado entre os seus olhos. O ombro ardia, mas não tanto como o seu sangue. Olhou de frente para o assassino e reconheceu a fúria que o invadia.

Equiparava-se à sua.

Ao avistá-lo, Tucker notara que o pulso dele estava partido e em carne viva. Obra de *Kane.* Fora este tipo que ameaçara o seu parceiro.

Reconheceu nos olhos do outro o prazer que ele sentia por ir matar.

Equiparava-se ao seu.

Um rosnado feroz saiu do fundo das sombras, atraindo a atenção do homem que apontou nervosamente a pistola naquela direção.

Aproveitando-se da distração, Tucker puxou a espingarda escondida debaixo do camião — a arma do próprio comando — e disparou-a no rosto do atacante, arremessando-o para trás.

Nesse instante, chegou Gray a correr.

— Como... onde arranjaste essa...?

Ainda estendido de costas, Tucker virou-se na direção das sombras.

Kane, agachado, arfava de língua pendente e os olhos brilhantes. Conforme lhe tinham ordenado, não só batera o adversário como também o desarmara. Tucker imaginou-o a puxar a espingarda pela correia de cabedal.

— Quem é um bom rapaz, quem é? — disse Tucker, fitando aqueles olhos inteligentes.

21h35

Gray desceu a rua a caminho do Hotel Jubba. Depois de encontrar Tucker, ambos tinham saído rapidamente da área de construção. Não depararam com mais nenhuma resistência. Os comandos, provavelmente mercenários, tinham desaparecido.

Quem contratara aqueles assassinos queria silenciar Amur. As perguntas que andara a fazer tinham certamente alertado os piratas envolvidos no rapto de Amanda e desencadeado a sua reação.

Agora, Gray e Tucker estavam de novo no meio da multidão que passeava na nova secção da cidade. Pararam apenas para tratar do ombro de Tucker. Felizmente, a bala passara ao de leve pela parte de cima do braço.

Tucker explicou o que sucedera.

— Vi pela imagem do vídeo que *Kane* se refugiara no meio dos camiões e fui à procura dele.

— E armaram-te uma emboscada.

Tucker fez um ar amuado e lançou um olhar ao pastor-belga que seguia ao seu lado. Tinha tirado o colete ao cão e transportava-o debaixo do braço são.

— Não ia permitir que lhe fizessem mal, comandante. É coisa que nunca permitirei. *Kane* também cuida de mim. Se não fosse ele, não estaria vivo.

E também não terias corrido perigo se tivesses obedecido às ordens que recebeste.

Mas Gray calou-se.

— No meio dos camiões — prosseguiu Tucker — *Kane* deve ter farejado o meu cheiro e seguido a minha pista às escondidas.

— E trouxe-te a espingarda — disse Gray em tom respeitoso, de admiração.

— Ordenei-lhe que desarmasse o adversário. Foi bem treinado.

Gray sabia que tal coordenação entre o cão e Tucker excedia o treino e que tinha que ver com o profundo elo emocional que os ligava.

Fosse qual fosse a razão, tinham ambos escapado apenas com algumas arranhaduras. O grupo de Amur fora liquidado pelos assassinos contratados, mas, devido à intervenção de *Kane,* não sabiam que a ilha do presidente se encontrava sequestrada algures nas montanhas Cal Madow.

Antes de Gray poder formular um plano a partir daqui, reparou no tumulto à porta do Hotel Jubba. Mesas de pernas para o ar, cadeiras partidas e janelas estilhaçadas. E gente ferida no meio da rua. Parecia que tinha havido um motim.

— O que aconteceu? — perguntou Tucker.

— Não sei.

Gray subiu apressadamente as escadas do hotel e deparou com a recepção igualmente destruída. Na tela de televisão do restaurante estava a passar um jogo de futebol. Viam-se homens a bebericar chá no meio de toda aquela confusão como se nada tivesse acontecido.

Gray chamou Kowalski e Seichan pelo rádio.

Não obteve resposta.

Ele e Tucker olharam-se preocupados.

Subiram as escadas. O quarto deles — uma suíte com duas camas — ficava no segundo andar. Gray seguiu à frente caminhando ao longo de um corredor ladrilhado coberto por um tapete persa desfiado. Aproximou-se silenciosamente do quarto. No interior, ouvia-se o som de uma multidão aos gritos vindos de um televisor que, segundo parecia, transmitia o mesmo jogo de futebol.

Gray tirou a pistola e agarrou na maçaneta da porta.

Tucker fez sinal a *Kane*.

Gray entrou de rompante no quarto e deu com Kowalski, em cuecas e com um pano cheio de gelo encostado ao olho direito, esparramado no sofá da sala comum da suíte.

Concentrado no jogo, Kowalski mal os cumprimentou.

Gray revistou a sala. Parecia estar tudo no seu devido lugar.

— Porque não respondeste à minha chamada? — perguntou a Kowalski, que olhou com ar envergonhado para a mesa. O aparelho e o auscultador estavam lá pousados. Passou a mão pelo cabelo molhado.

— Tomei um banho e esqueci de...

— Esquece — interrompeu-o Gray. — O que aconteceu lá em baixo?

Kowalski deixou cair as pernas no chão com um grunhido de dor.

— Disse para provocar um incidente quando chegássemos.

— Queria dizer uma manobra de diversão. Não a terceira guerra mundial.

Kowalski encolheu os ombros.

— As coisas se descontrolaram um pouco. Tenho que dizer que estes muçulmanos, sem sexo nem álcool, *precisam* descomprimir um pouco.

Gray relaxou e voltou a guardar a arma.

— Onde está Seichan?

Kowalski afastou o pano do rosto, revelando um olho inchado.

— Julguei que estava com vocês.

— Conosco? Por quê? — inquiriu Gray, sentindo uma dor no peito.

O que Kowalski disse a seguir tornou tudo ainda pior.

— Foi à sua procura.

8

1º DE JULHO, 22H22, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

BOSSASSO, SOMÁLIA

Seichan estava sentada numa cave com paredes de cimento e sem janelas. Uma única lâmpada pendia do teto. O espaço cheirava a lixívia e tinha um buraco de escoamento no meio do chão.

O que nunca era um bom sinal.

A mão esquerda latejava por ter ferido o polegar num estilhaço de vidro quando fora obrigada a deitar-se de barriga para baixo na viela das traseiras do hotel. Tinham-lhe imediatamente tirado todo o equipamento de comunicações e ado um capuz na cabeça. Fizeram-na percorrer a pé alguns quarteirões sob a ameaça de uma arma e, depois, a julgar pelo vento, num veículo aberto. Teve de se agarrar a tudo o que podia para não ser atirada para fora do carro e, a cada solavanco, a mão magoada doía-lhe.

E a pistola encostada às costelas desencorajava qualquer tentativa de fuga.

Não tinham passado mais de dez minutos quando pararam e, portanto, não deviam estar muito longe do hotel, mas a cidade era um labirinto tão confuso, que era como se a tivessem levado para outro planeta.

Quando chegaram, tiraram-lhe o capuz e obrigaram-na a despir-se, ficando apenas com as cuecas e o sutiã, e fora de novo minuciosamente revistada. Depois, trataram da sua mão, mas o sangue ainda escorria pelos dedos e pingava no chão. Permitiram-lhe voltar a vestir-se, mas Seichan ainda se sentia meio nua.

Debateu-se para se desenvencilhar dos escorregadios nós de plástico que a prendiam à cadeira. Tentou balançar a cadeira, mas estava presa ao chão de cimento.

Resignada, censurou-se pela sua falta de cuidado, mas culpava Gray em igual medida.

Se o filho da mãe não tivesse partido sozinho de modo tão imprudente...

Mas, no fundo, sabia que tinha tanta culpa quanto ele. Não agira de forma menos irrefletida do que Gray. E isso inquietava-a, sobretudo, por saber porquê. Lembrava-se daquele beijo no hospital e do facto de ambos necessitarem um do outro, mas por motivos diferentes. A sua falta de cuidado nesta noite devia-se a esse beijo. O medo que sentia pela segurança dele e o receio de vir a perdê-lo cegavam-na e tornavam-na desleixada.

Deveria ter-se mostrado prudente e não se lançar de cabeça por aquela viela

fora. Não tinham sido previamente avisados acerca dos frequentes raptos ocorridos na cidade? A única coisa que acalmava o seu ego era os seus raptores não serem piratas.

A única porta da cave abriu-se finalmente. Entraram duas pessoas.

Uma delas trazia um espesso dossiê e a outra transportava uma cadeira igual à de Seichan. A cadeira foi colocada diante dela e o indivíduo que a assaltara na viela sentou-se, pousando o dossiê sobre os joelhos. Tinha cabelo louro curto, ralo no alto da cabeça, era rude, mas bem-parecido.

A outra figura — uma esbelta mulher indiana com pele cor de café e olhos negros — posicionou-se, de costas direitas e uma mão pousada no coldre de uma arma, por detrás da cadeira. Como o homem, vestia calças caqui e camisa azul, o que dava à roupa casual a aparência de uniforme.

Os olhos de Seichan cruzaram-se com os dela.

— Era uma das três pessoas que nos seguiram esta noite. Estava vestida com um sarongue verde.

A mulher não reagiu.

Seichan lançou um olhar ao dossiê e viu uma antiga fotografia sua presa com um clipe.

— Deixem-me ver se adivinho, nenhum de vocês tem qualquer ligação com Amur Mahdi.

O homem respondeu com um sotaque britânico delicado, mas firme.

— Quem faz perguntas sou eu — disse, folheando o dossiê e revendo as primeiras páginas. — Usa tantos pseudônimos que nem sei como hei de chamá-la.

— Que tal o seu pior inimigo? — sugeriu ela em tom mordaz.

Os lábios da mulher esboçaram um ligeiro sorriso, não de divertimento, mas desdenhoso.

O homem ignorou o comentário.

— Há uns anos foi cometido um ato de terrorismo no nosso solo, no museu britânico, orquestrado por uma terrorista — consultou uns papéis —, Cassandra Sanchez. Foi uma coisa muito desagradável.

Seichan ficou gelada. Cassandra fora uma operacional da Confraria, como ela, in filtrada na Sigma antes de Painter Crowe ser nomeado diretor.

Seichan não sabia grande coisa sobra essa operação, exceto que a mulher estava morta.

Desde o momento em que fora capturada, Seichan tentava perceber *quem* lhe teria preparado tal armadilha e passavam-lhe pela cabeça várias possibilidades. Figurava na lista de inúmeros serviços de espionagem estrangeiros por causa das suas atividades de outrora a soldo da Confraria. Pelo sotaque do seu interlocutor, reduziu o número de possibilidades. Podia ser o SIS — o serviço de inteligência

britânico por vezes denominado MI6 — mas detetou o cheiro militar neles.

— Trabalham para o SRR, concluiu.

O homem endireitou-se, fitando-a.

— Impressionante.

O Special Reconnaissance Regiment era a mais recente divisão das forças especiais britânicas, criada para fazer operações de vigilância clandestinas e conduzir ações antiterroristas. Eram as unidades mais seletivas e secretas e as únicas que recrutavam mulheres.

Olhou para a mulher indiana.

Havia pouca gente a par das atividades do SRR. Fazia sentido que tivessem operacionais na Somália. Os piratas tinham raptado vários cidadãos britânicos na última década e as anárquicas áreas rurais constituíam o terreno de treino de um punhado de fações terroristas islâmicas.

Infelizmente, ela devia ter sido apanhada pela rede de vigilância do SRR por acidente.

O homem confirmou o que ela pensava.

— Temos programas informáticos de reconhecimento facial nas nossas câmaras de segurança instaladas no aeroporto daqui. Teve sorte por termos sido nós a encontrá-la. Sei que o Mossad tem ordem para a matar assim que a vir.

Seichan continuou a juntar as peças do *puzzle* na sua cabeça.

— Seguiram-nos de forma propositadamente desleixada. Queriam que soubéssemos que estavam a seguir-nos.

— E nós esperávamos que tentasse livrar-se de nós, fugindo pelas traseiras, e caindo diretamente nas nossas mãos — disse o homem, inclinando-se para a frente. — Mas com quem anda a viajar? Quem são os dois homens? Identificamos apenas como antigos militares americanos. E é tudo. Nada mais temos a respeito de ambos, o que não deixa de ser suspeito. São operacionais da Confraria, simplesmente mercenários, ou estão a ser usados de outra maneira?

Seichan hesitou, sem saber o que responder. Ninguém sabia que ela traíra a Confraria e que trabalhava para a Sigma. Somente uns quantos funcionários do governo americano estavam ao corrente do seu envolvimento, pois os crimes que cometera no passado impediam que fosse oficialmente aceite. Assim, se alguma vez fosse apanhada — como era o caso — a sua afiliação seria negada. Estava por sua conta, certa de que iria desaparecer para sempre em algum buraco escuro.

— Se continuar a recusar cooperar... — começou o homem.

A porta rebentou atrás dele, arrancada das dobradiças.

Um objeto prateado foi lançado para dentro da cave.

Seichan fechou os olhos e desejou poder tapar os ouvidos.

Uma explosão abalou o espaço confinado, trespassando-lhe as pálpebras e

ensurdecendo-a ao ponto de sentir uma náusea. Arquejou e abriu os olhos. Viu vagamente uma sombra agachada entrar de rompante na cave. Sentiu pelo a roçar nas suas pernas nuas e um focinho frio a farejar os seus dedos em sangue.

— Já não era sem tempo — gaguejou em voz rouca sem ouvir as suas próprias palavras.

Gray e Tucker invadiram a cave de arma em punho. Os dois operacionais do SRR contorciam-se no chão. Apesar de momentaneamente não conseguir ver, a mulher ainda teve, contudo, presença de espírito para apontar a arma na direção da cadeira onde Seichan estava sentada e disparar às cegas.

O tiro fez ricochete no chão de cimento e lascas de pedra atingiram-lhe os dedos dos pés. Assustado, o cão deu um pulo.

Gray apontou a arma à mulher.

— Para! — gritou-lhe Seichan. — Não dispares!

Tucker, que se encontrava mais perto, deu uma coronhada com a pistola na cabeça da indiana e tirou-lhe a arma.

— Pertencem às forças especiais britânicas — explicou Seichan, começando finalmente a ouvir o que dizia.

Gray apontou para o casal.

— Mantém-nos estendidos no chão, ordenou a Tucker. — Até resolvermos o assunto.

Virou-se para Seichan com um pequeno punhal militar na mão para a libertar. Ao baixar-se, pousou a mão no joelho dela, com os dedos elétricos aflorando a parte interior da sua coxa.

— Estás bem?

Com os ouvidos a zumbir, ela acenou que sim com a cabeça.

— Estou. Cortei-me de propósito. E deixei marcas de sangue na viatura que me trouxe até aqui para que o cão seguisse o meu rasto.

— Não foi mal pensado, não senhor — comentou Tucker. — Que esperteza.

Não se tratava de *esperteza,* mas sim de *estratégia.*

No voo com destino a África, estudara o potencial do novo colega, verificando os pontos fortes e fracos do pastor-belga, como teria feito com qualquer outro parceiro no terreno. Um relatório que lera dizia que um cão treinado podia distinguir uma única gota de sangue numa piscina olímpica. Não planeara testar tal capacidade, mas estava mais do que satisfeita por ter sido provado que era verdade.

Levantou-se, ainda um pouco cambaleante, mas pelo menos já conseguia ouvir.

— E o resto do pessoal do SRR?

— Apanhamos um à porta do hotel — respondeu Gray com ar preocupado. — Ainda deve estar amarrado na viela das traseiras. Kowalski tem outro no andar de cima. Entrou por ali dentro como um aríete e é bem capaz de lhe ter partido uma

perna.

— Está definitivamente quebrada — confirmou uma voz grossa no umbral da porta.

Kowalski entrou apontando com o polegar para as escadas que subiam ao andar de cima.

— Amarrei-o e amordacei-o lá em cima. Quanto vai custar-nos este sarilho, por darmos um enxerto de porrada nuns soldados britânicos?

A resposta veio do chão. O britânico estendido ao comprido tinha recuperado os sentidos e olhava-os, furioso.

— Julgo que o termo americano aplicável é "um monte de merda".

Fitou todo o grupo, um a um.

— Mas, afinal, quem são vocês?

Gray guardou a pistola no coldre e estendeu a mão ao homem para o ajudar a levantar-se.

— Alguém que precisa da sua ajuda.

O homem aceitou a mão com ar desconfiado.

— É uma boa maneira de pedir ajuda.

Kowalski deu a única explicação possível.

— Somos americanos. E é assim que fazemos as coisas.

23h34

Uma hora mais tarde, Gray tinha reunido toda a gente na suíte do Hotel Jubba. Um telefonema ao diretor Crowe, seguido de uma série de comunicados entre as agências de inteligência dos dois países, facilitou uma conversa franca.

— A mulher raptada nas Seychelles — disse o capitão Trevor Alden, segurando uma fumegante chávena de chá. — É filha do presidente?

— É, sim — afirmou Gray. — Chama-se Amanda Gant-Bennett.

Os dois grupos estavam sentados em sofás opostos, americanos de um lado e britânicos do outro. Um tabuleiro com um serviço de chá estava colocado numa mesinha entre eles. *Kane* mantinha-se ao lado de Tucker, mas o seu focinho virava-se constantemente para um prato com biscoitos.

O capitão Alden olhou para Seichan sentada ao pé de Gray.

— Ela trabalha para vocês?

Gray acenou simplesmente com a cabeça sem fornecer pormenores complicados acerca da sua relação profissional.

Alden recostou-se no sofá.

— Alguém devia ter-nos informado de tudo antes de virem para aqui.

Teríamos evitado muitas das chatices ao major Patel.

Kowalski andava de um lado para o outro junto à varanda, onde o fumo do seu charuto era menos ofensivo.

— Lamento ter-lhe dado com tanta força, mas ele meteu-se no caminho — disse, encolhendo os ombros e manifestando poucos remorsos. — Mas vocês não têm de usar boinas especiais ou coisas do gênero?

— Não quando estamos em missão. Somos um grupo secreto — explicou Alden. — Apenas quatro pessoas, agora três, creio eu.

Tinham dado uma injeção de morfina a Patel que dormia no quarto ao lado, à espera de ser retirado por causa da perna partida. No sofá, o capitão estava ladeado pela indiana — major Bela Jain — e um negro forte, o major Stuart Butler.

Gray voltou a conduzir a conversa para o assunto em questão, dirigindo-se ao capitão Alden.

— Toda a informação que nos possam dar para descobrir o paradeiro da filha do presidente será bem-vinda.

— Não precisam de nos agradecer. Temos ordem para colocar os nossos serviços à sua disposição — atalhou Alden, fazendo uma careta e pousando delicadamente a chávena no tabuleiro. — Peço desculpa. O que disse soou menos sincero do que tencionava. Também tenho uma ilha. E se alguma vez fosse raptada...

Alden inclinou-se para a frente e estendeu a mão.

Gray apertou-a com firmeza.

— Podem contar com a nossa *inteira* cooperação — prometeu Alden.

Gray deu por si a simpatizar com o homem. Uma vez ultrapassada a reserva britânica, parecia bastante amável. E tinha capturado Seichan, o que não era fácil.

No entanto, pelo modo como Seichan estava sentada com os braços cruzados no peito e a tocar com a mão ligada no dragão de prata que pendia do seu pescoço, via-se que ela não partilhava a opinião de Gray sobre o capitão do SRR.

Sentada numa atitude rígida e com uma expressão dura e impassível no rosto, a major Jain mal dizia palavra. Na opinião de Gray, a cabeça dela ainda devia doer por causa da explosão, sem falar da coronhada que Tucker lhe dera.

Não era o momento ideal para aliados se encontrarem.

Tinham, contudo, de arranjar maneira de trabalhar juntos.

— Têm alguns indícios quanto ao lugar onde essa rapariga possa estar?

— perguntou Alden, indo direto à questão. — Onde desembarcou? Quem a levou?

— Não sabemos grande coisa.

Gray já tinha relatado em poucas palavras o encontro com Amur Mahdi e o ataque de um bando de mercenários num local de construção. E, agora, desdobrou um mapa topográfico do país em cima da mesinha. Alden aproximou-se quando ele passou um dedo pela cadeia de montanhas a oeste da cidade, que atravessava o norte da Somália.

— Tudo o que sabemos — continuou — é que, provavelmente, foi levada para esta zona.

— É um território muito acidentado — comentou Alden. — Selva, precipícios e grutas. Podemos passar anos à procura e apenas cobrir um décimo desses cumes. Tem mais alguma informação?

— Ainda estamos à espera que seja posicionado um satélite do NRO

para procurar o barco dos assaltantes na costa.

— Vai ser como procurar uma agulha num palheiro — declarou sombriamente Alden, abanando a cabeça. — Mudam regularmente esses barcos. E, mesmo que o encontrem, não quererá dizer que foi aí que a rapariga desembarcou.

Gray concordava. Fechou os olhos e tentou lembrar-se da conversa entre Amur e os companheiros. O grupo fora liquidado por algum motivo.

Tinha de haver um indício, qualquer indicação útil.

Lembrou-se de uma coisa e empertigou-se. Um excerto da conversa veio-lhe aos ouvidos.

Um amigo do tio do meu irmão, que mora perto de Eil, contou que uma mulher branca passou pela aldeia. E disse que a levaram para as montanhas.

Gray arregalou os olhos e olhou para o mapa.

— Conhece alguma cidade chamada Eil?

Alden acenou a cabeça, examinando o litoral.

— É uma aldeia pequena, um local perigoso dirigido por piratas — disse, batendo finalmente com um dedo no mapa. — Cá está, junto a esta enseada.

— Um dos homens de Amur disse que tinha ouvido falar de uma mulher branca, uma refém, que passara por essa aldeia. Se fôssemos lá...

— Seriam imediatamente mortos — interrompeu-o Alden. — E, mesmo que conseguissem sobreviver, não lhes diriam nada. Quem dá com a língua nos dentes morre.

No entanto, Alden não parecia desencorajado.

— Se foram diretamente de Eil para as montanhas, a sua busca seria facilitada — disse, movendo um dedo na direção do interior. — Sugiro que telefone ao seu diretor e lhe peça para apontar o satélite do NRO para esta secção das montanhas.

Traçou um quadrado com a ponta do dedo.

— São centenas de quilômetros quadrados — observou Gray.

— Pois são.

— E que tal usar infravermelhos? — propôs Tucker. — Se o satélite conseguir captar ondas de calor e reduzir os parâmetros de busca...?

— Talvez. Como no verão ica muito quente, estes cumes rochosos retêm muito calor à noite — interveio Alden, aproximando-se do mapa. — Mas talvez tenha uma ideia melhor.

— Qual?

Alden sorriu e lançou um olhar à porta fechada do quarto.

— Penso que encontrei uma boa maneira de usarmos o nosso pobre major Patel.

9

1º DE JULHO, 16H55, EST

WASHINGTON, DC

Sentado no seu gabinete, Painter debatia-se com um enigma que lhe fazia ranger os dentes de raiva. Desde a sessão com o presidente nessa manhã que estava metido naquele gabinete sem janelas do quartel-general da Sigma, enterrado por baixo do Castelo Smithsonian, mas apenas a uns passos do centro do poder e de muitas das melhores instituições científicas do país.

Pouco antes, revira o vídeo da Somália e ouvira as gravações. Amur Mahdi fora, sem sombra de dúvida, eliminado para não falar. A CIA já vociferava por causa do assassínio de um dos seus colaboradores locais, muito embora Amur estivesse a fazer jogo duplo. Mas, neste caso, quem ficara a perder fora o vira-casaca.

A morte de Amur suportava ainda mais a ideia de que o rapto de Amanda Gant-Bennett não se reduzia a um mero ato de pirataria.

Painter tinha a certeza disso.

E depois?

Até à data, nenhum pedido de resgate fora solicitado. Nenhum grupo terrorista os contactara e ninguém clamava responsabilidade. Se tivessem a filha do presidente em seu poder, estariam a cantar de galo anunciando a proeza de todos os telhados.

A que jogo estavam a brincar?

Painter não conseguia livrar-se da impressão de que o rapto de Amanda estava a ser usado por uma competitiva organização criminosa para pressionar os Gant — quer dizer, caso fossem os Gant quem manipulava os fantoches por detrás da sinistra Confraria.

Era-lhe difícil harmonizar isso com o medo que vira nos olhos do presidente e com a angústia e o pesar do abraço que a primeira-dama dera ao marido. Até mesmo o irmão mais velho de James Gant, o secretário de Estado, parecera sincero quanto ao seu desejo de encontrar a sobrinha.

Mas isso não significava que *outros* membros da família não estivessem envolvidos.

Voltou a prestar atenção ao grande monitor de cristais líquidos na secretária. Utilizando o rato, passou em revista a longa lista de nomes, cada um deles ligado por linhas entrecruzadas que marcavam elos familiares: casamentos e nascimentos, até

mesmo relações extraconjugais e filhos bastardos. Traçava a genealogia do clã Gant ao longo de dois séculos. Era menos uma árvore genealógica do que uma matriz entrelaçada, tão complicada que requeria ser representada em diagramas tridimensionais.

Fez girar lentamente a matriz, uma galáxia em espiral de poder e influência anterior à fundação do país. E ainda estava incompleta.

Historiadores e genealogistas de todo o mundo tinham trabalhado aos poucos nisto para manter o projeto secreto, reconstruindo uma imagem da verdadeira extensão desta antiga família. Duvidava de que alguém tivesse alguma vez uma análise tão compreensiva do clã Gant.

Também notou nas linhas que entravam e saíam da matriz, primos distantes que casavam com parentes — coisa de modo algum invulgar no caso de uma família aristocrática tão poderosa. Parecia que, geração após geração, ninguém desejava manter-se muito longe da fonte do poder e da riqueza.

E que fonte era esta...

Painter perdera a conta do número de inventores, eruditos, estadistas e líderes industriais que brilhavam como estrelas no meio desta linhagem. E

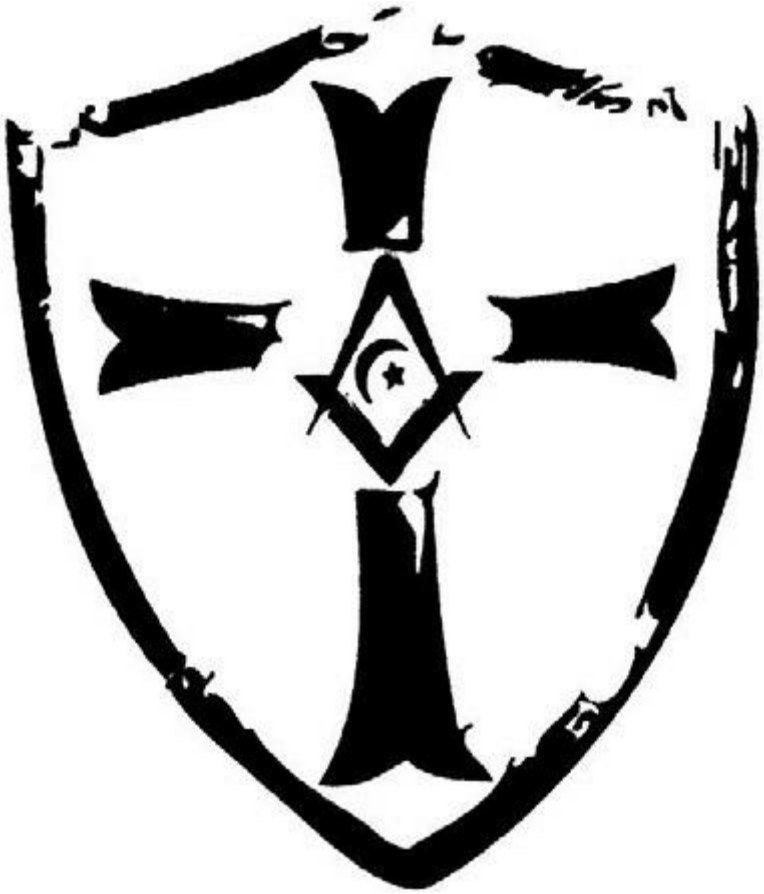
isto sem mencionar os velhacos e gente de má reputação.

Mas todas as famílias tinham as suas ovelhas negras.

Franziu a testa ao ver o seu tênue reflexo sobreposto na matriz.

Encontrava-se o segredo da Confraria aqui escondido ou tudo não passava de caça aos gambozinos?

Para se lembrar da verdadeira natureza dos seus adversários, Painter fez aparecer a imagem de um símbolo na tela, ou, antes, uma série de símbolos *encaixados* uns nos outros.



Representava a Confraria.

No centro, havia uma lua em quarto crescente e uma estrela minúscula.

Era um dos símbolos mais antigos do mundo e provinha de uma ordem esotérica do antigo Egito. À sua volta, os mais familiares compasso e esquadro, representando outra fraternidade secreta: os pedreiros-livres.

E, por último, o escudo dos Templários, ordem medieval conhecida pelos seus mistérios ocultos.

— *A mais secreta de todas as sociedades secretas* — murmurou, repetindo as palavras de um membro da Confraria ao morrer.

Era esse o significado dos símbolos aninhados. Dizia-se que representava o caminho da Confraria e seguia os seus passos traiçoeiros até o fundo do passado.

O mesmo moribundo também suspeitava de que havia mais níveis, outras sociedades secretas, para lá das reveladas no antigo símbolo, segredos que subsistiam nos tempos modernos e conduziam finalmente ao que ele chamava a *Verdadeira Estirpe,* os supremos mestres da sombria Confraria.

— Uma família — resmungou Painter, fitando a vasta linhagem do clã Gant.

Para sobreviver ao escrutínio do tempo, a Confraria tinha-se escondido no interior de uma sociedade secreta após outra. Estaria ele a testemunhar o mesmo subterfúgio aqui? Encontrava-se o verdadeiro coração dessa sinistra organização alojado no interior desta majestosa dinastia?

Se assim era, quantas pessoas estavam envolvidas?

Estudou o mapa tridimensional, sentindo que lhe escapava qualquer coisa, algo que estava mesmo diante do seu nariz. Mas o que o atormentava recusava revelar-se.

Alguém bateu à porta, interrompendo-o. Uma mulher alta de cabelo ruivo, vestida de azul, surgiu no umbral da porta. Painter apagou a genealogia dos Gant da tela.

Só ele a podia ver.

— Kat — disse, acenando-lhe com a mão para entrar.

A capitã Kathryn Bryant era sua adjunta e especialista em recolher informações.

Painter concentrou-se no presente e nos assuntos da Somália.

— Os britânicos acalmaram depois do incidente em Bossasso?

— À justa. Mas o SRR concordou em não participar o caso e prestar-nos assistência.

— Muito bem.

— Mas não passei por cá só por causa disso — prosseguiu Kat. — Trouxe uma pessoa que deseja ver-te.

Afastou-se e um rosto familiar de cabelo louro espreitou da porta, com ar coquete.

— Lisa! — exclamou ele, contente.

Levantou-se e contornou a secretária.

— Julguei que só regressavas esta noite.

A doutora Lisa Cummings vestia *jeans* e uma blusa larga azul-clara. Deu uma palmadinha no pulso.

— Que horas pensas que são?

Como de costume, tinha deixado escapar o dia, mas não iria fazer a mesma coisa com a sua namorada. Deu-lhe um caloroso abraço e um beijo na face, apreciando como isto o fazia sentir bem.

Ela caiu-lhe nos braços, exprimindo uma sensação idêntica.

— É bom chegar a casa.

Deixaram-se ficar nos braços um do outro e, depois, afastaram-se de mãos dadas. Lisa estivera ausente uma semana num simpósio médico. Até este momento, Painter não se apercebera de como sentira a falta dela.

Conduziu-a até uma cadeira e só depois de a sentar largou a sua mão.

— Ouvi o que aconteceu à ilha do presidente — disse Lisa. — Vi-a há meses numa dessas recepções na Casa Branca. Tinha acabado de descobrir que estava grávida.

— A propósito, diretor — atalhou Kat. — Pediu-me para recolher informações sobre a gravidez de Amanda.

Painter encostou-se à secretária. Tinha um volumoso dossiê sobre a ilha do presidente, mas praticamente nada acerca do bebê. Queria cobrir todos os pormenores do caso. Havia algo estranho, desde a documentação falsa até a viagem às Seychelles e, agora, o rapto.

Tencionava não deixar nada por verificar.

— Primeiro que tudo, o bebê que está para nascer não é do marido — começou Kat.

Surpreendido, Painter ergueu as sobrancelhas. Era uma novidade para ele.

— Aparentemente, Mack Bennett tinha problemas de fertilidade — passou a explicar Kat. — Foi necessário usar esperma de um doador para uma fertilização *in vitro*.

— Interessante — murmurou Painter, assimilando esta nova informação e testando várias permutações e possibilidades.

Poderia existir algum motivo? Um problema de custódia?

— Onde foi feita? — perguntou finalmente.

— Numa clínica do sul da Carolina, nos arredores de Charleston. Muito moderna. Com tecnologia de ponta e uma clientela cosmopolita.

— E quem é o doador?

— Confidencial — disse Kat, abanando a cabeça.

Painter detestava informações incompletas, tinham a tendência de provocar grandes confusões.

— Posso fazer uns telefonemas, mas ilegalmente.

— Um processo produziria demasiadas objeções e chamaria a atenção sobre Amanda. Não podemos correr esse risco.

— Sem mencionar que seria uma terrível invasão da sua privacidade — lembrou-lhe Lisa.

— E, no final, a criança pode nada ter que ver com isto — acrescentou Kat.

Painter cruzou os braços, pouco convencido.

— Amanda partiu para as Seychelles duas semanas antes da data em que deveria dar à luz. E viajou sob falsa identidade como se estivesse a fugir de alguém, ou a proteger alguém.

— Estás a pensar que está relacionado com o bebê — disse Kat. — Mas porquê?

— Não sei. Talvez algumas das respostas possam ser encontradas nessa clínica.

— Posso enviar uma equipe para investigar.

— Ou poderei ir eu — ofereceu-se Lisa. — Sou médica. A cortesia profissional pode abrir mais facilmente portas do que uma incursão de comandos.

Painter cerrou os lábios. No passado, Lisa ajudara inúmeras vezes a Sigma. Os

seus conhecimentos médicos, especialmente no que respeitava à gravidez de Amanda, eram úteis e, muito provavelmente, fora por isso que Kat a envolvera na conversa. E Painter também tinha de admitir que a sugestão de Lisa fazia sentido e era mais discreta, mas detestava pô-la em perigo.

— Eu acompanho-a — propôs Kat. — Talvez me faça passar por uma potencial cliente.

— Mas tens duas crianças à tua espera em casa.

— E também tenho um marido sem nada para fazer — protestou ela.

— Monk pode tomar conta de Harriet e de Penelope durante dois dias.

Monk Kokkalis, o marido dela, era um antigo agente da Sigma que se tinha demitido para passar mais tempo com a família. Escapara demasiadas vezes à tangente em missões perigosas e, a dado momento, decidiu desistir.

— Não creio que o teu marido queira que voltes a trabalhar no terreno — avisou-a Painter.

— Não vou dar a volta ao mundo. A viagem mal demora um dia.

A expressão de Kat traía-a. Os seus olhos dançavam de alegria perante a ideia de voltar a sujar as mãos. Após duas gravidezes, necessitava de ar fresco e de desentorpecer as pernas. Apesar da competência com que exercia o cargo que ocupava na sede da Sigma, continuava, no fundo, a ser um soldado. Não se formara na Academia Naval dos EUA e ganhara a patente de capitão para passar todo o dia encafuada num gabinete.

Por vezes, ele esquecia-se dela.

Painter aquiesceu com um aceno de cabeça.

— Vou arranjar-te um voo para partires amanhã — prometeu-lhe.

Ela sorriu, lançando um olhar a Lisa que também sorria.

Nesse momento, Painter deu-se conta de que, desde o princípio, fora manipulado pelas duas mulheres. Mas, em vez de as repreender, rendeu-se ao inevitável.

— Devíamos voltar ao escritório para pôr tudo em ordem antes de partirmos amanhã de manhã — disse Kat a Lisa.

Lisa levantou-se, beijou Painter ao de leve no rosto e seguiu Kat, mas deteve-se à porta para lhe enviar um sorriso cheio de promessas.

— Vejo-te logo à noite.

Ele ficou a vê-las percorrer o corredor. Não era um espetáculo desagradável. Ao desaparecerem, as preocupações voltaram a sobrecarregar-lhe os ombros.

Estendeu a mão para um dossiê pousado na secretária e tirou de lá uma foto. Era a última fotografia tirada a Amanda. Com ar orgulhoso e protetor, ela sorria ao lado do marido com uma mão a segurar a barriga.

Examinou a fotografia, notando pela primeira vez medo refletido nos seus olhos

e na forma como se encostava ao marido, quase procurando um abrigo. Até mesmo o braço à volta da cintura do marido parecia agarrar-se com demasiada força.

De que tinha tanto medo, Amanda?

23H59, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

MONTANHAS CAL MADOW, SOMÁLIA

A agulha espetou a barriga de Amanda, injetando um anestésico. Os dedos dela fincaram-se nos lençóis da cama de hospital. Recusou desviar o olhar e viu tudo o que estava a acontecer.

A camisa de dormir fora puxada acima do estômago, expondo o ventre inchado e o umbigo saliente. Um lençol tapava-a abaixo da cintura, mas isso não queria dizer que a tivessem poupado a algumas afrontas.

— Isto deverá anestesiá-la suficientemente, doutor Blake — disse a mulher alta e loura, atirando a seringa usada para um recipiente vermelho.

Falava com um ligeiro sotaque alemão, ou talvez suíço.

— Obrigado, Petra.

O médico britânico deu umas palmadinhas no braço de Amanda. Estava vestido, assim como a enfermeira, com uma farda de bloco operatório, mas, em vez de ser azul, era branca, à moda antiga.

— Terminaremos dentro de uns minutos e poderá repousar de noite.

Sei que foi um dia muito longo.

Os dois saíram para tratar dos preparativos finais.

Amanda não teve outro remédio senão aguardar na cama. Massajou a barriga para veri ficar se a criança ainda lá estava e se tranquilizar.

Reparou nas correias de cabedal penduradas. Assustava-a que não se tivessem dado ao trabalho de a amarrar. Provava que confiavam no serviço de segurança à volta da cabina.

Olhou para o monitor de ultrassons momentaneamente desligado, mas que, em breve, seria usado. Tinham-lhe feito um exame imagiológico à chegada para verificar a posição do bebê, medindo-lhe as dimensões do crânio e o comprimento aproximado do corpo. Ela não resistira ao primeiro ultrassom. Na altura, quisera tanto saber como estava a criança como o médico.

No fim, sentira-se aliviada por ver as palpitações do seu coração, os minúsculos punhos fechados e os seus movimentos. Após o minucioso exame do sonograma, o médico declarou que o ilho era maravilhosamente saudável.

Mas parecia que a equipe médica ainda queria examiná-la.

O doutor Blake voltou juntamente com Petra, que segurava uma enorme seringa com uma agulha de uns dez centímetros. Amanda já fizera uma amniocentese quando estava grávida de 18 semanas e sabia o que a esperava.

Petra passou-lhe antisséptico na barriga, ligou o aparelho de ultrassons e entregou a sonda lubrificante ao doutor Blake. Com um olho a vigiar o monitor, o médico enfiou-lhe profundamente a agulha na barriga. Não doeu quase nada, como uma pequena cãibra menstrual.

Ela desviou os olhos do monitor quando a ponta da agulha se aproximou do bebê. Era demasiado horrível ver. Um pequeno desvio e podia imaginar o dano que causaria.

Mas tudo correu bem.

Retiraram fluido do saco amniótico à volta do ilho e, depois, puxaram a agulha. Ela respirou fundo e lágrimas toldaram-lhe a vista.

— Veja se tem febre e tenha atenção a qualquer perda de sangue pela vagina — ordenou à enfermeira.

Petra acenou a cabeça.

— Não há motivos para chorar — disse ele, virando-se para Amanda.

— Pelo menos, por agora. Só teremos os resultados do teste genético amanhã.

A primeira amniocentese fora de rotina para excluir quaisquer anomalias cromossômicas, como a síndrome de Down, ou desordens genéticas, como a fibrose cística. Mas ela sabia que isso não era tudo o que os médicos andavam à procura, nem antes nem agora.

O aviso que a obrigara a fugir dos Estados Unidos prevenia-a de algo geneticamente *diferente* acerca da criança, algo que outros queriam possuir. Ela não compreendera muito mais, apenas o suficiente para fugir antes que viessem buscar o filho.

— Se os resultados forem estáveis — prosseguiu o doutor Blake —, o seu filho viverá. O primeiro da sua casta. Caso contrário... bem, veremos isso noutra altura, está bem?

E deu-lhe novamente uma palmadinha paternal no braço.

Mesmo que os resultados fossem *estáveis*, estava a par das horríveis consequências que aguardavam o ilho. E, caso não fossem, a equipe médica encarregar-se-ia provavelmente de lhe fazer um aborto.

Virou a cabeça para o lado sem saber que resultado esperar no dia seguinte. Os olhos voltaram a marejar-se de lágrimas quando as suas mãos encontraram a barriga, mas tinha a certeza de uma coisa. Morreria a defender o filho.

Não deixarei que te façam mal.

As labaredas de uma fogueira no acampamento iluminaram a parede de lona,

realçando a cruz carmesim que lhe chamara a atenção. Reparou novamente nas estranhas e caprichosas decorações que a envolviam. Só agora, após a amniocentese e as inquietações com anomalias cromossômicas, reconheceu a estrutura.

Eram as hélices do DNA.

O código genético.

Olhou para aquilo sem poder acreditar. O frio atravessou-lhe o corpo.

Embora nunca tivesse visto esta cruz antes, ouvira falar do que ela simbolizava, um antigo mistério que datava da fundação da sua família e de um segredo enterrado no seu âmago.

Julgara que a sua existência era um mito, uma história para assustar crianças.

Mas, agora, já não podia negar a terrível verdade. Aquele crítico aviso que a fizera fugir aterrorizada para as Seychelles a prevenira.

A Linhagem.

Eles me encontraram.

10

2 DE JULHO, 10H12, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

VOO SOBRE A SOMÁLIA

Gray ajustou os incômodos auscultadores para abafar o roncar dos motores do helicóptero. Olhou pela janela da cabina para onde o capitão Alden apontava.

— É ali! — gritou o oficial britânico.

O helicóptero passou a baixa altitude por uma paisagem ondulante queimada pelo sol, de campos áridos, rochedos vermelhos e, ocasionalmente, árvores esqueléticas. Rebanhos fugiam assustados pelo matraquear das pás das hélices. Ao longe, uma cadeia de montanhas elevava-se no céu matinal, recortando o horizonte em linhas irregulares.

Mas o helicóptero de transporte médico não iria até lá.

Alden indicou um grande acampamento de tendas e cabanas na interseção de duas estradas de cascalho. No alto de muitas tendas havia cruzes vermelhas. Veículos estacionados — civis e das Nações Unidas — e camelos pontilhavam os arredores.

Era um campo de refugiados da UNICEF dirigido pela organização francesa Médicos Sem Fronteiras. Estava situado no sopé das colinas entre as montanhas e o mar, e funcionava como local de passagem tanto para as pessoas do interior como para as do litoral.

Um gemido chamou a atenção de Gray para a parte de trás da cabina. O major Patel permanecia amarrado a uma maca estendida no chão. Após uma hora de voo do Aeroporto de Bossasso até este enclave médico, o efeito da morfina estava a passar. Os médicos franceses tratariam a tíbia partida para que Patel pudesse viajar de volta à Europa.

Mas não era por isso que tinham vindo.

O estado de Patel era um subterfúgio para justificar aquela incursão.

Alden inclinou-se para Gray, mas usou o rádio incorporado nos auscultadores para comunicar.

— Tenho um contacto à nossa espera. Anda a tentar obter informações sobre a mulher raptada.

Gray acenou a cabeça e virou-se para Tucker e Seichan. Kowalski ia sentado ao lado do major Butler, o piloto do helicóptero.

Não era um mau plano. O campo encontrava-se à sombra das montanhas Cal

Madow. Era o único centro de refugiados numa área de centenas de quilômetros quadrados, e somalis de todos os extratos sociais, viajantes e nômadas passavam constantemente por esta encruzilhada. E, como também era um local estrategicamente importante para trocar informações, não admirava que o SRR ali tivesse um contacto.

Agindo com prudência, a equipe de Gray poderia vir a saber algo vital sobre o paradeiro de Amanda, ou, pelo menos, limitar os parâmetros da busca.

Em Washington, Painter coordenava o posicionamento de um satélite para vigiar as montanhas. Com botas no terreno e olhos no céu, esperava localizar Amanda antes do anoitecer.

De repente, a areia rodopiou à volta das janelas, levantada pela descida gradual do aparelho. E, por fim, com um solavanco de revirar o estômago, acabou por aterrar.

Alden abriu as portas da cabina, deixando entrar a areia e o calor. O roncar dos motores calou-se e saíram. Uma equipe médica de quatro pessoas precipitou-se ao seu encontro para os ajudar a transportar Patel para um jipe. O major Butler acompanhou o colega para se certificar de que seria convenientemente tratado e espalhar a notícia de que faziam parte de um grupo de assistência humanitária.

Tucker fez festas ao pastor-belga para o acalmar após uma viagem tão ruidosa.

Kowalski começou a resmungar ao deparar com aquela lúgubre paisagem.

— Porque, só por uma vez, não aterramos numa praia com mulheres em biquíni e bebidas servidas em cocos?

Seichan ignorou-o e foi colocar-se ao lado de Gray.

— E agora?

— Vamos por aqui — respondeu Alden, avançando acompanhado pelo último elemento da equipe do SRR, a major Bela Jain. O capitão apontou para um grupo de cabanas com telhado de colmo.

Atravessaram um parque de estacionamento onde se encontravam camiões

enferrujados, *sand-rails* e motocicletas amolgadas. Estavam protegidos por um *Daimler Ferret Scout* pintado de branco, a cor das Nações Unidas, com o seu símbolo azul, e que com uma cabina blindada e equipada com uma metralhadora belga *L7* mais parecia um minitanque.

Um militar das Nações Unidas encostado ao veículo olhou desconfiadamente para eles.

Alden reparou na atenção de Gray.

— Campos como este necessitam de ser protegidos. Os assaltos são comuns para roubar medicamentos e até mesmo água. A seca devastou a maior parte desta região, causando fome e mortes, e obrigando as pessoas a fugirem para o litoral ou para as montanhas.

Chegaram ao círculo de cabanas e viram um médico francês a tratar de uma longa ila de crianças somalis. Uma enfermeira preparou uma seringa e passou-a ao médico que a injetou no braço magro do rapaz que estava à frente.

Gray lera que a guerra civil no sul do país deslocara centenas de milhares de civis e provocara uma epidemia de cólera, disenteria e hepatite. Contudo, um programa de vacinas contra o sarampo e a poliomielite, juntamente com a administração de comprimidos antiparasitários e vitaminas, estava a salvar inúmeras vidas jovens.

— Aqui está o contacto de que lhe falei — disse Alden, indicando o médico. — Está a par de tudo o que se passa no campo. É perfeito.

Gray examinou o médico francês, homem de meia-idade com óculos grossos, nariz e orelhas queimados pelo sol.

— Baashi! — saudou-o Alden, acenando com um braço e avançando.

O rapaz de pele escura, o espião do campo, fez uma careta ao ser injetado no braço.

— *Merci* — agradeceu ao médico em francês.

Puxou depois a manga para baixo e aproximou-se.

— Ah, senhor Trevor. Veio visitar-nos!

— É este o seu contacto? — resmungou Kowalski em tom pouco satisfeito. — Que idade tem, catorze anos?

— Treze, para dizer a verdade — corrigiu a major Jain em voz baixa, olhando para o seu superior com admiração. — O capitão Alden salvou-o de um grupo de rebeldes muçulmanos nos arredores de Mogadíscio. Era uma criança-soldado e, na altura, contava apenas onze anos. Fora drogado com anfetaminas e brutalizado. Tinha o corpo coberto de queimaduras de cigarros.

Gray sentiu-se comovido ao ver o rapaz precipitar-se com um largo sorriso para Alden e abraçá-lo. Esta pura alegria contrastava com os horrores descritos pela major.

O capitão passou um braço por cima dos estreitos ombros do rapaz e conduziu-o até o grupo.

— Estão aqui umas pessoas que quero que conheças, Baashi.

O rapaz sorriu, olhando à sua volta, mas Gray notou uma ponta de medo nos seus olhos e que manifestava uma certa reserva em relação a estranhos. Chegou-se mais a Alden. Eram as fendas que expunham o trauma passado.

O cão de Tucker aproximou-se de focinho no ar para farejar o recém-chegado.

Baashi arregalou os olhos, soltando um pequeno guincho de terror.

— Aiii...

— *Kane*, vem cá — ordenou Tucker ao perceber que o rapaz estava assustado.

O pastor-belga obedeceu imediatamente.

— Para baixo — reforçou ele a ordem com a mão aberta.

A seguir, ajoelhou-se ao lado do cão, mas as suas palavras eram dirigidas ao rapaz.

— Ele não te faz mal. Prometo. É um cão meigo.

E Tucker estendeu a mão, convidando Baashi a aproximar-se.

Mas Baashi permaneceu hirto ao lado do capitão Alden.

— Deixa o rapaz em paz — interveio Seichan. — É óbvio que tem medo de cães.

Kowalski concordou com um grunhido e até mesmo os olhos de Jain se semicerraram de inquietação.

Tucker ignorou-os e manteve o braço erguido.

Seichan olhou para Gray a solicitar a sua ajuda, mas este, lembrando-se do poder de empatia de Tucker, limitou-se a abanar a cabeça. Estavam a ser precipitados. Tucker tinha uma capacidade sobrenatural para interpretar o estado emocional de *Kane*. E talvez não fosse só com animais.

Ligado profundamente ao rapaz e conhecendo-o bem, Alden também parecia partilhar a compreensão de Tucker.

— Está tudo OK, Baashi. Não tenhas medo.

De cabeça inclinada, o rapaz fitou longamente *Kane*, possivelmente procurando no interior de si mesmo o elo que as crianças têm com os bichos, e, por fim, afastou-se de Alden um pouco a tremer.

O seu olhar manteve-se sempre em *Kane*.

— É um cão bom? — perguntou.

Tucker acenou a cabeça.

Baashi avançou como se estivesse à beira de um precipício.

O cão permanecia alerta e apenas sacudia ligeiramente a ponta da cauda de excitação. Baashi estendeu a mão na direção do pastor-belga.

Kane esticou o focinho, com as narinas dilatadas a farejar.

Baashi aproximou-se uns centímetros mais, o suficiente.

Uma comprida língua cor-de-rosa lambeu-lhe as pontas dos dedos e a cauda do animal começou a abanar.

— Ele gosta de ti — disse docemente Tucker.

O sorriso de Baashi voltou-lhe ao rosto, ao princípio timidamente e, depois, de orelha a orelha. Aproximou-se suficientemente para tocar no alto da cabeça de *Kane* e o focinho do cão cheirou-lhe todo o braço.

Baashi riu-se e disse algo em somali.

— Faz comichão — traduziu Alden.

Pouco depois, o rapaz estava sentado no chão a fazer festas a *Kane* e a tentar defender-se de um assalto de lambidelas. Gray contemplava-os, pensando no modo

selvagem como *Kane* atacara o comando no dia anterior. Tentou igualmente imaginar o rapaz com uma espingarda ao ombro. Ambos — tanto o rapaz como o cão — eram guerreiros e, provavelmente, Tucker descobrira que esse estado de espírito precisava de uma válvula de escape para voltarem à inocência, para voltarem a brincar e a confiar.

Alden veio juntar-se a Gray.

— O Baashi está lentamente a recuperar. Aqui, a base trabalha com crianças destas. Tentam reabilitá-las e libertar a criança assustada presa no pesadelo do passado.

Lançou um olhar a Baashi e ao cão e, a seguir, a Tucker.

— Tem ali um bom homem — concluiu.

Gray concordou.

Tucker afastou-se e pôs-se a estudar as distantes montanhas.

Depois de ver como Tucker e o cão tinham agido em Bossasso e como *Kane* seguira o rasto de sangue de Seichan através dos milhares de odores da cidade, Gray perguntava-se se não seria melhor deixar os dois procurarem Amanda nas montanhas sozinhos e, no caso de a encontrarem, enviarem-lhe simplesmente uma mensagem pelo rádio.

Mas isso demoraria dias... dias que, na sua opinião, a filha do presidente não tinha.

10h34

Montanhas Cal Madow, Somália Pela algazarra vinda do exterior da cabina, Amanda percebeu que se passava alguma coisa. Ouviu o barulho de vários motores de camião acompanhado por gritos de ordem.

Um dos soldados africanos entrou de rompante na cabina e trocou umas palavras com o doutor Blake, tendo, a seguir, voltado a sair. Blake atravessou a enfermaria e desapareceu por detrás de um biombo que ocultava outra cama. Amanda viu a silhueta da enfermeira inclinar-se para o médico como se ambos conversassem em voz baixa.

Fez um esforço para ouvir. Se pudesse sair furtivamente da cama para os escutar, tê-lo-ia feito. Mas "furtivo" não era a palavra que melhor descrevia o seu estado atual. Apesar de outro motivo espicaçar a sua curiosidade. Havia alguém deitado na outra cama de hospital.

Não sabia quem era. Um soldado ferido? Outro membro do pessoal médico teria adoecido? Quem quer que fosse, tinham-no metido na tenda a meio da noite, enquanto dormia. Ao acordar no outro dia de manhã, vira o médico e a enfermeira a andarem de um lado para o outro numa grande azáfama para atender o novo paciente.

Tudo o que sabia é que se tratava de uma mulher pois, a dado momento, ouvira um pequeno grito de initivamente feminino. Mas, depois, a paciente não dera sinal de vida. Provavelmente, tinham-lhe administrado um sedativo.

Por fim, Blake voltou a aparecer e aproximou-se de Amanda com um gráfico na mão.

— Não tem de se preocupar, minha querida — disse, ao ver a expressão dela.

Acenou depois com um braço na direção de onde provinha o alarido.

— Parece que alguém anda a fazer perguntas quanto ao seu paradeiro — continuou. — Está praticamente à nossa porta.

A estas palavras, a esperança agitou Amanda a tal ponto que a criança deu um pontapé.

— Chiu — murmurou, esfregando a barriga.

Como viajara com documentos falsos, temia que ninguém soubesse que ela fora o único objetivo do assalto nas Seychelles. O rapto em alto-mar não se devia ao azar. Fora premeditado e minuciosamente preparado.

É possível que alguém esteja a tentar salvar-me?

Mas as palavras que Blake proferiu a seguir tiveram o efeito de um balde de água fria.

— Vamos já tratar do assunto — disse, olhando para ela. — Não queremos que

nos interrompam. Sobretudo, quando temos tão boas notícias.

— Já recebeu os resultados da amniocentese — murmurou, reparando no gráfico que o médico segurava na mão.

— O seu bebê está perfeito. Os testes permanecem estáveis. Melhor do que esperávamos.

Sorriu-lhe.

— Está prestes a dar à luz um milagre.

11h42

Campo da UNICEF, Somália Seichan e Gray penetraram numa das cabanas na orla do hospital enquanto Kowalski e a major Jain montavam guarda à porta para se certificar de que ninguém ouviria a conversa, coisa que certamente não sucederia porque dois supostos guardas estavam a discutir aos berros.

— Comer bife é um crime! — insistiu Jain. — Os hindus acreditam que Deus...

— Se Deus não quisesse que comêssemos carne de vaca, não a teria feito tão saborosa, sobretudo quando é servida com molho de churrasco!

— Isso não é nenhum argumento. Você seria, provavelmente, capaz de comer o seu próprio sapato se tivesse molho de churrasco. Olhe para o tamanho do seu rabo.

— O que tem o meu traseiro?

— Já vi vacas com traseiros mais pequenos.

— Pare de olhar para o meu rabo! — vociferou Kowalski.

Tucker olhou para a porta.

— Conversa altamente requintada — comentou. — Não há dúvida de que o seu amigo tem jeito para estabelecer relações diplomáticas.

Tucker fora incluído na reunião que ocorria na cabana não por a sua especialidade ser necessária, mas pelo magro braço negro à volta do pescoço de *Kane*. Baashi tinha-se afeiçoado ao pastor-belga e o que ao princípio provocara uma reação de terror transformara-se numa fonte de energia.

— Não — repetiu enfaticamente o rapaz. — Não ouvi *ninguém* falar de uma mulher branca nas montanhas.

Tinham desdobrado um mapa no chão.

O capitão estava agachado ao lado do rapaz.

— OK, Baashi — disse, soltando um suspiro. — Desculpe, comandante, mas parece que o obriguei a percorrer quilômetros para nada.

— Tínhamos de arriscar — admitiu Gray, fitando o mapa.

Seichan ouviu o clique na sua voz. Sem olhar para ele, conseguia imaginar as engrenagens a rodar. Gray não iria desistir, ainda não.

E não era apenas ele.

— Posso ir dar uma volta — propôs Baashi. — E não só ouvir mas também fazer perguntas.

— Não — retorquiu bruscamente Seichan, surpreendendo-se a si mesma.

— Seichan tem razão — apoiou-a Gray. — Uma coisa é ouvir conversas e passar a informação, mas fazer diretamente perguntas o deixará na mira dos nossos inimigos. Lembrem-se do que aconteceu a Amur Mahdi em Bossasso.

— E não é só pelo rapaz correr riscos — acrescentou Seichan. — É mais do

que isso.

Gray lançou-lhe um olhar preocupado, talvez por sentir a tensão na voz dela. Seichan abanou a mão sem vontade de continuar. Não confiava em si.

O rapaz já fora brutalizado como criança-soldado pelos rebeldes muçulmanos. Estariam eles a agir de maneira diferente tornando Baashi um espião? Já era suficientemente mau o SRR britânico usá-lo como informador.

Seichan sabia como era fácil aproveitarem-se da inocência para fins infames, transformando crianças em monstros, soldados ou escuteiros, ou até mesmo enviá-los para a frente de um exército como detetores humanos de minas.

Olhou para as mãos e viu que tinha os dedos entrecruzados. Separou-os e tocou no dragão de prata pendurado ao seu pescoço. Percebia porque a situação do rapaz a impressionava tão profundamente. E essa tomada de consciência envergonhava-a e irritava-a.

Lembrava-se pouco da sua infância no Vietname. Tinha poucas recordações e nenhuma que incluísse o pai. Quanto à mãe, desejava poder esquecer-se de ter sido arrancada dos seus braços e de a ver ser arrastada com o rosto em sangue e aos gritos por homens fardados.

Seichan passara por vários orfanatos miseráveis do Sudeste Asiático, meio esfomeada a maior parte do tempo e maltratada até ser levada para a rua.

Foi lá que a Confraria a descobriu, quando era pouco mais velha do que Baashi, e a recrutou. Ao longo de um ano, tiraram-lhe não só o que restava da sua infância mas também grande parte da sua humanidade, deixando apenas uma assassina.

Fui este rapaz, pensou. *Abusaram de mim e torturaram-me até a mais vil servidão.*

Também sabia, contudo, que havia uma diferença entre eles. Via Baashi, despreocupado e feliz, a brincar com o cão. Ao contrário dela, ele ainda era jovem e suficientemente maleável para descobrir a sua humanidade.

Largou o pendente e a recordação da mãe desvaneceu-se em sussurros na noite e beijos ternos na face, mas mesmo então tinha havido lágrimas, como se a mãe soubesse que perdia a filha.

A lembrança suscitou um discernimento repentino quanto à missão que se preparavam para levar a cabo.

— A filha do presidente também é mãe — disse bruscamente Seichan.

Gray fitou-a com os olhos semicerrados, arregalando-os a seguir, ao compreender o que ela queria dizer. Os seus dedos procuraram os dela e, para agradecer, apertaram-lhe a mão.

Seichan baixou os olhos, querendo sentir mais, mas, neste momento, tudo o que sentia era a perda da sua infância, da mãe e até mesmo de Gray. Como podia pedir

mais do coração dele quando não sabia o que restava do seu?

— O caso de Amanda não é invulgar apenas por ser *branca* — explicou Gray. — Mas também porque está *grávida.*

— Esse estado é raro numa vítima de rapto — concordou Alden. — Alguém deve ter notado.

— E esperemos que também tenha falado do assunto — atalhou Gray, virando-se para Baashi. — Ouviste falar de uma mulher grávida branca que foi levada para as montanhas?

E, para dar ênfase, fez o gesto de uma grande barriga.

O rapaz pôs-se a pensar sem se mexer.

— Não — acabou por dizer. — Não ouvi ninguém falar de uma mulher com uma grande barriga acompanhada por piratas.

Seichan examinou o rapaz, que fitava de modo demasiado fixo o mapa.

Parecia distraído.

— Ele sabe qualquer coisa — pressentiu ela.

Tucker não era a única pessoa capaz de interpretar as emoções dos outros.

Em particular de Baashi.

Eu já fui como este rapaz.

— Ele não me mentiria — disse Alden.

— Não está a mentir — concordou Seichan, irritada. — Nós é que não estamos a fazer-lhe a pergunta certa.

O olhar de Baashi cruzou-se com o dela. Havia uma expressão de medo nos seus olhos — e de resistência.

Quantas vezes a mesma emoção se tinha debatido dentro dela?

— Está tudo bem, Baashi — acalmou Tucker o rapaz, sentando-se ao lado dele. — *Kane* e eu não deixaremos que te façam mal.

Seguiu-se um silencioso sinal com a mão: um movimento com um dedo, um indicador a apontar para o colo do rapaz. Baashi não o viu, mas *Kane* obedeceu. O cão aproximou-se e pousou a cabeça nos joelhos do rapaz.

Baashi pousou a mão no flanco do pastor-belga, como para ganhar energia.

— Podes contar-nos — disse Alden com voz doce. — Ninguém está zangado.

Baashi olhou acanhadamente para a sua figura paternal.

— Não minto. Não ouvi *nenhuma* história sobre a mulher de barriga grande.

— Nunca pensei que tivesses ouvido, meu amigo. Mas porque estás assustado? O que tens medo de nos contar?

Por fim, cedeu.

— Ouvi falar de outras coisas. De um demônio nas montanhas. Fez um lugar como este, disse, traçando um círculo com um braço.

— Como o hospital.

Baashi assentiu com a cabeça.

— Mas só trata das grandes barrigas nas mulheres.

— Ele cuida de grávidas? — perguntou Alden, repetindo a pantomina de Gray.

— Sim, mas contam coisas más. As mães vão lá e nunca mais voltam. É um lugar muito mau.

— Fizeste bem em nos contar, Baashi — disse Tucker, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

O rapaz não parecia aliviado e nem sequer ergueu o rosto.

— Essas histórias dizem onde trabalha esse médico? — perguntou Gray, apontando para o mapa.

— Sim — respondeu Baashi sem olhar para o mapa.

— Podes mostrar ao *Kane* onde fica? — alvitrou Tucker.

O rapaz lançou um olhar ao cão e, depois, acenou lentamente a cabeça.

— Vou mostrar. Mas é um lugar mau.

No momento em que o rapaz estendia a mão para o mapa, Kowalski entrou, esbaforido.

— Vem aí um helicóptero!

— Estão sempre a trazer medicamentos — disse despreocupadamente Alden. — Pode ser outro paciente ou abastecimentos...

A major Jain mergulhou para o interior, empurrando Kowalski.

— Baixem-se!

Gray e Seichan rolaram juntos no chão. Baashi agarrou-se a *Kane*, enquanto Tucker e Alden os protegiam com o corpo.

Um assobio estridente silvou através do telhado seguido por uma explosão que abalou a cabana.

Jain foi à porta ver o que se passava.

Ouviu-se o silvar de um míssil.

A major voltou com notícias ainda piores.

— Este vem direto a nós!

11

2 DE JULHO, 5H04, EST

WASHINGTON, DC

Painter acordou com o toque do celular, um crescendo de notas que lhe puseram o coração a bater a toda a força no peito. Estava deitado na cama ao lado de Lisa, com as pernas entrelaçadas nas dela e uma mão à volta da sua cintura.

Treinada durante anos a ser chamada para o hospital, ela sentou-se ao mesmo tempo que ele, instantaneamente alerta. E também conhecia aquele toque particular de extrema urgência.

Painter atendeu, agarrando no celular pousado na mesinha de cabeceira.

— Temos um problema, diretor.

Era Kat Bryant a chamar do quartel-general da Sigma. Lançou um olhar ao relógio. Pouco passava das cinco da manhã.

Quanto saíra na noite anterior do escritório com Lisa, Kat ainda lá se encontrava a trabalhar na logística da operação de Gray e a coordenar várias ações de espionagem. Ela nunca chegara a sair?

— O que aconteceu? — inquiriu.

— Estou a receber frenéticos SOS do campo da UNICEF na Somália para onde Gray se dirigia. Há notícias de explosões de mísseis. Uma espécie de ataque.

— Temos imagens?

— Ainda não. Já estou a trabalhar com o NRO. Tentei contactar Gray, mas, até agora, não obtive resposta.

Está provavelmente um pouco ocupado.

— E apoio? Temos a equipe dos SEAL no Djibuti.

— Posso arranjar-lhes transporte aéreo, mas ainda demora quarenta a cinquenta minutos a chegar.

Painter fechou os olhos, percorrendo mentalmente vários parâmetros e cenários. Se chamasse os SEAL, toda a missão poderia ficar ameaçada, exposta demasiado cedo. A Equipa Seis dos SEAL fora especificamente recrutada para salvar a ilha do presidente, não para substituir os soldados das Nações Unidas.

— Há alguma indicação de quem está a atacar? — perguntou Painter.

— Nos últimos três meses, o campo foi atacado duas vezes. Por causa de drogas. E, há dois meses, um médico foi raptado por um dos senhores da guerra

locais. Este ataque pode não ter que ver com Gray ou com Amanda.

Painter não acreditava. O assassínio de Amur Mahdi veio-lhe à cabeça.

O inimigo parecia conhecer todos os seus movimentos. Com várias agências de inteligência envolvidas nesta missão — e, agora, também o SRR

britânico — havia certamente uma fuga de informação.

Confiava na sua organização, mas havia demasiados cozinheiros nesta cozinha internacional, sem mencionar a família do presidente. A fuga podia vir de qualquer lado.

Tinha de tomar uma decisão dura. Não podia perder a concentração.

Tinha de preservar a equipe dos SEAL e o seu poder operacional para uma manobra rápida.

— Diretor? — chamou Kat.

— Arranje imagens do terreno assim que puder — pediu com voz firme. — Mas, por agora, a equipe de Gray vai ficar por sua conta.

— Entendido — respondeu Kat após uma curta pausa.

Lisa deu-lhe a mão. Não disse uma palavra, oferecendo-lhe apenas a sua ternura.

— Devo adiar a missão à Carolina do Sul?

Painter lembrou-se do plano para investigar a clínica onde Amanda fizera a fertilização *in vitro*. Não conseguia livrar-se da impressão de que a fuga repentina de Amanda para as Seychelles tinha que ver com o ilho.

Primeiro, a morte de Amur e, agora, este ataque ao campo. Alguém desejava que Amanda não fosse encontrada.

— Não — respondeu, olhando para Lisa.

— Lisa e eu vamos para aí agora mesmo. Quero que ambas embarquem no primeiro avião com destino a Charleston.

Seguiu-se um longo silêncio e Painter perguntou-se se a chamada não teria caído. Mas voltou a ouvir a voz dela.

— Recebi umas fotografias do campo captadas por um satélite meteorológico francês, diretor. Não são lá muito boas, mas vou enviá-las para o seu celular.

Painter tirou o auscultador do ouvido e ligou-o para alta-voz enquanto esperava que as fotografias surgissem no pequena tela. Aos poucos, o horror da situação na Somália revelou-se diante dos seus olhos.

Eram vistas aéreas, onde mal se distinguiam pormenores, sobretudo, porque uma nuvem de fumo obscurecia a maior parte do campo. Pequenos pontos eram pessoas e veículos a tentarem fugir. Via-se a imagem indistinta de um helicóptero a sobrevoar como uma ave de rapina aquele caos.

— Já recebeste as fotografias que te enviei? — perguntou a voz trémula de Kat.

— Já.

Lisa espreitou por cima do ombro dele, tapando, horrorizada, a boca com a mão.

Painter debatia-se para manter o plano original. Era fácil abandonar a equipe de Gray numa situação de risco quando não a encarávamos. Mas por mais duro ou cruel que fosse, sabia que a sua decisão estava certa.

Deu mais algumas instruções a Kat e desligou o celular. Ficou a olhar para a escuridão.

Alguém queria desesperadamente impedir que Amanda fosse encontrada.

Mas quem?

12h12, Hora da África Oriental Montanhas Cal Madow, Somália O doutor Edward Blake levou o auscultador do rádio ao ouvido.

Encontrava-se na tenda de comunicações, cheia de instrumentos e antenas parabólicas. O dia estava quente e gotas de suor escorriam-lhe pela testa.

Mas sabia que nem toda aquela transpiração se devia ao calor.

Segurava o chapéu branco na mão, não por estar no interior de uma tenda, mas por causa da pessoa do outro lado da linha. Havia pouca gente que o intimidava daquela maneira. Pertencia a uma família aristocrata de Leeds, cuja linhagem incluía condes e duques, todos parentes distantes da família real. Ao longo de séculos, tinham sido anfitriões de personalidades famosas, desde o general George Patton a comediantes condecorados pela rainha. Em Oxford, o seu companheiro de quarto fora o ilho de um multimilionário, um príncipe da Arábia Saudita que acabara por chefiar um grupo muçulmano fundamentalista até ser enforcado.

No entanto, nada disso o afetara ou impressionara como agora.

Os dedos de Edward crisparam-se à volta do auscultador.

A voz do outro lado era processada por computador para dissimular a identidade de quem falava. Edward não sabia quem era, mas reconhecia o poder por detrás daquela voz velada. O facto de a voz ser computorizada era de certo modo adequado pois, assim, sabia que estava a falar para uma enorme máquina que atravessara os séculos, destruindo tudo à sua passagem, e moldara o caos para convir aos seus objetivos.

Edward desejava ser mais do que uma simples peça dessa máquina; tencionava conduzir o seu poderoso motor. Tinha sido uma sorte, Amanda surgir à soleira da sua porta — a sua clínica de colheita de óvulos, uma das muitas existentes na região, fora escolhida para facilitar esse assunto —, mas dependia da sua perícia para transformar esse golpe de sorte numa oportunidade para ir mais longe.

Para alcançar isso, precisava de ter sucesso.

— Vamos tratar do problema — prometeu Edward. — Os americanos nunca chegarão às montanhas a tempo.

— E O FETO? — insistiu a voz.

— Como todos esperávamos, o DNA está estável.

Limpou o suor da testa com a manga. Eram, pelo menos, boas notícias.

Os planos podiam seguir em frente — atrasados, mas ainda realizáveis.

— Quanto ao outro assunto — continuou Edward. — Posso completar a secção C imediatamente. Prepare as coisas.

— MUITO BEM.

Apesar de a voz ser monótona e fria, Edward imaginou a satisfação por detrás daquelas inflexões desumanas.

— E a mãe? — perguntou Edward, suspeitando de que este ponto era delicado.

— JÁ NÃO PRECISAMOS DELA — respondeu a voz sem hesitação. — A SUA MORTE SERVIRÁ UM INTERESSE SUPERIOR.

— Compreendido.

A voz começou a ditar pormenores sobre a continuação das atividades a partir daquele momento. Um último ponto tinha que ver com Amanda.

— QUEIMEM O CORPO PARA QUE FIQUE IRRECONHECÍVEL.

O suor que lhe escorria pelas costas gelou. Aquela insensibilidade assustava-o e excitava-o simultaneamente. Como seria andar pelo mundo com tal desprezo moral, motivado apenas pelas suas intenções?

A conversa terminou finalmente.

Saiu da tenda, atravessou a clareira ensolarada do campo e subiu os degraus da enfermaria improvisada. Fez o possível por se proteger com um manto de motivações amorais, ao subir os degraus, e deixou a porta fechar-se atrás de si.

Afastando uma madeixa de cabelo louro, Petra ergueu a cabeça com uma expressão interrogadora.

O olhar de Edward passou por ela e foi pousar na cama ao fundo da enfermaria. Amanda fitou-o. O manto de frieza não o cobria completamente; algo devia ainda brilhar no seu rosto. A paciente encolheu as pernas, tentando instintivamente proteger o filho.

Mas, neste momento, não é o seu filho que necessita de ser protegido.

— Prepare tudo — disse ele, virando-se para Petra. — Vamos fazer isto agora.

12

2 DE JULHO, 12H15, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

CAMPO DA UNICEF, SOMÁLIA

Com a explosão ainda a ribombar na cabeça, Tucker puxou o rapaz entontecido e pô-lo em pé. *Kane* sacudiu a poeira e os pedaços de colmo.

Fumo e areia pairavam no ar que tresandava a carne queimada e a combustível a arder.

O míssil caíra no exterior da cabana, abatendo um canto da estrutura de tijolo e abrindo uma grande cratera uns metros mais à frente. Havia corpos espalhados à volta como bonecos de trapo.

Tucker notou que a sua respiração se tornava mais pesada e lembrou-se dos incêndios no Afeganistão. Encostou o rosto do rapaz ao peito para que ele não visse. Baashi não resistiu. Apesar de ensurdecido, ainda o ouvia chorar convulsivamente de terror.

O capitão Alden soltou um gemido e rolou, ficando estendido de costas.

O sangue cobria-lhe metade do rosto, mas parecia vir de uma ferida no crânio. Devia ter sido atingido com um estilhaço.

— Tire-o daqui! — gritou, agitando frouxamente o braço na direção da porta.

Os outros começaram a levantar-se, saindo do meio do fumo, cobertos de destroços e cortes. Gray e Seichan avançaram aos tropeções.

Kowalski ajudou a major Jain a erguer-se. Ela cambaleava ligeiramente, mas conseguia manter-se de pé.

— Está bem? — perguntou ele.

Jain soltou-se dele, deu uns passos de lado e voltou a agarrar-se ao seu braço.

— Talvez não — acabou ela por confessar.

Ao ver o seu capitão caído no chão, a indiana tentou ir ter com ele, mas Alden afastou-a com um gesto.

— Vá com eles, Jain. Ajude-os a sair daqui.

— E você? — perguntou Gray. — Precisa de cuidados médicos, capitão.

Entretanto, Gray agarrou no mapa e passou-o a Baashi. Precisavam de que o rapaz lhes indicasse a localização do acampamento médico algures nas montanhas. O comandante, mesmo contundido, nunca perdia de vista o objetivo das suas missões.

— Quer dizer que estou no lugar certo, não é verdade, comandante? — sorriu Alden, apesar do sangue, levantando-se a custo. — Além disso, dois dos meus homens encontram-se aqui e não me vou embora até saber que estão a salvo.

Ou mortos, pensou Tucker.

Para pontuar tal pensamento, outra explosão ecoou no campo. *Kane* estremeceu, baixando-se.

— Não está em condições de socorrer os seus homens — opôs-se Gray, agarrando o capitão pelo braço e arrastando-o para a porta. — Venha comigo.

Alden parecia disposto a discutir, mas a major Jain apoiou a atitude do capitão.

— O comandante Pierce tem razão.

— Talvez possamos discutir mais tarde! — gritou-lhes Kowalski da porta. — O helicóptero vem aí!

— Fora daqui! Já! — ordenou Gray.

O capitão seguiu-os relutantemente. Contornaram a cabana e avançaram por entre os veículos estacionados.

Tucker sabia para onde o comandante os levava. Teria feito a mesma coisa, utilizando todos os recursos para sobreviver.

Gray conduziu-os diretamente ao minitanque pintado de branco e com o logótipo das Nações Unidas. O *Daimler Ferret* blindado ainda se encontrava onde o tinham visto. O guarda tinha subido para a torre onde estava montada a metralhadora. A arma fumegava de tiros anteriores, mas o helicóptero, agora, encontrava-se fora de alcance no outro lado do campo.

Contudo, não demoraria muito tempo para voltar à carga.

Gray chamou o soldado quando alguns dos refugiados fugiram para junto deles.

— É um alvo perfeito aí em cima! Tem de pôr este veículo em andamento e ajudar a defender o campo!

O homem era jovem e tinha pele escura e um capacete na cabeça.

— Estou sozinho. Não posso guiar e disparar ao mesmo tempo, *monsieur* — gritou-lhes com sotaque francês.

O medo gelava as suas palavras.

— Aqui está como poderá ajudar os seus homens — disse Gray, virando-se para Alden. — Ponha este tanque em movimento para atrair a atenção do helicóptero e abata esse filho da mãe.

Alden percebeu a ideia.

— Farei o que puder para cobrir a sua fuga.

O capitão apontou para dois *sand-rails* a cinquenta metros de distância.

Eram perfeitamente adequados a este terreno acidentado.

— Mesmo sem chave, são fáceis de pôr a funcionar. Enfie algo pontudo na ignição e torça.

O capitão dirigiu-se à colega.

— Fique com eles, Jain. Ponha-os a salvo enquanto vejo o que posso fazer daqui.

A major parecia exasperada, mas sabia acatar ordens, e acenou a cabeça.

Gray despediu-se de Alden com um aperto de mão.

— Tome conta de si.

— Faça o mesmo — retorquiu Alden, dando depois um apressado abraço a Baashi. — Faz o que te disserem.

— Assim farei, senhor Trevor.

O capitão acenou a cabeça e subiu para a viatura blindada enquanto Gray fazia sinal aos outros para avançarem, ordenando-lhes que colocassem os auscultadores do rádio. Os *sand-rails* não tinham janelas, para-choques ou portas, mas Tucker tinha-os conduzido nas dunas perto de Camp Pendleton. A sua vantagem é que tinham um centro de gravidade baixo e pneus perfeitos para andar na areia e saltar obstáculos.

Kowalski devia ter tido uma experiência semelhante e esfregava as mãos de contente.

— Qual é o meu? — perguntou.

Tiros de metralhadora soaram atrás deles. Começaram a correr e dividiram-se entre uma pequena viatura de dois lugares, logo ocupada por Gray e Seichan, e outra maior, de quatro, com um banco atrás.

Jain sentou-se ao volante, mas Kowalski opôs-se.

— Sou eu que conduzo! — berrou.

— Ouve, rapaz. Fui especialmente treinada...

— E eu não sofri um traumatismo cerebral — terminou Kowalski a frase por ela. — Por isso, toca a andar!

Jain fez cara de quem era capaz de o comer vivo, mas, como ainda se sentia fraca, acabou por lhe ceder o lugar. Havia uma chave de parafusos já enfiada na ignição e, a julgar pelo ronco do veículo ao lado do deles, Gray também não teve dificuldade em ligar o motor.

Tucker e o rapaz ocuparam o banco de trás enquanto *Kane*, a arfar e a babar-se de excitação, veio sentar-se entre eles.

— Agarrem-se! — avisou Kowalski, sorrindo de orelha a orelha.

Como um cavalo picado por uma abelha, o minijipe deu um salto para a frente na altura em que uma explosão mandou um camião perto deles pelos ares.

Outro míssil.

Tucker virou-se para trás. Um helicóptero perseguia-os, disparando uma metralhadora *M230* montada sobre o trem de aterragem. As balas mordiam a areia à volta deles.

Não se podiam defender.

O *Daimler Ferret* blindado apareceu em cena e atravessou-se na rota do helicóptero. A metralhadora da torre do minitanque apontou para o céu e começou a disparar.

Era o capitão Alden que, envolto em fumo e remoinhos de areia, manejava a arma. O minitanque deu meia volta para fazer frente ao helicóptero. Balas fenderam o para-brisas do aparelho, obrigando o piloto, em pânico, a virá-lo de lado.

O blindado descreveu um círculo completo e arrancou velozmente por entre os veículos estacionados. O helicóptero contorceu-se no ar e foi em sua perseguição como um milhafre atrás de um coelho.

Tucker voltou a virar-se no assento, olhando em frente. O *buggy* resvalou no terreno acidentado e saltou no ar. Kowalski soltou um grito de alegria. Tucker conseguiu segurar *Kane* pela coleira, mas ele e Baashi bateram com a cabeça no tejadilho de alumínio por cima do banco.

O cão rosnou furiosamente, pronto a morder em alguém.

Tucker não o censurava. Fitou irritado a nuca de Kowalski, preferindo os ataques de mísseis e metralhadoras. Seria mais seguro do que permanecer sentado no banco de trás com Kowalski ao volante.

Não admirava que Gray e Seichan se tivessem metido no outro *buggy*.

Não eram loucos.

12h48

Talvez isto não fosse uma boa manobra.

O *buggy* de Gray derrapou de lado por uma íngreme colina abaixo, que xisto solto e sedimentos escorregadios tornavam traiçoeira, e foi de encontro a uns arbustos.

Seichan desviou-se dos picos e ramos partidos que entravam pelo veículo adentro.

— Apanha a estrada de cascalho que vimos do ar! — gritou-lhe.

— É o que estou a tentar fazer — respondeu Gray.

Ao princípio, metera por uns desvios porque pensou que seguindo pela estrada seriam um excelente alvo se o helicóptero os perseguisse. Já tinha avistado outros carros, camiões e até camelos a fugirem todos na mesma direção por essa estrada. Não queria ficar encurralado naquele tráfego se houvesse um ataque.

O seu plano original era ir para tão longe quanto possível e, depois, voltar à estrada. Mas o terreno acidentado, cheio de outeiros, escarpas e densas áreas de arbustos e árvores, era mais duro do que parecia. E, na direção das montanhas, ainda era pior.

Perigosa ou não, a estrada tinha de ser mais segura do que isto.

Com essa ideia na cabeça, conduziu o carro até o cimo de uma elevação para ter uma melhor perspetiva e se orientar. Viu no espelho retrovisor que Kowalski os seguia. E, mais atrás, uma sombria coluna de fumo oleoso elevava-se no horizonte.

Esperemos que seja o helicóptero.

— Por ali! — apontou Seichan.

A quatrocentos metros, a estrada parecia pouco melhor do que o serpenteante leito seco de um rio que desaparecia por entre colinas mais altas e uma vegetação agreste.

Kowalski veio colocar-se ao lado dele.

Gray dirigiu o seu veículo até o outro lado da elevação.

— Vamos voltar para a estrada, Kowalski — disse ao microfone. — Avançaremos mais depressa.

— Que pena! — respondeu-lhe o companheiro ao ouvido. — Estava a divertir-me à grande.

Pelos nós dos dedos brancos dos passageiros, Gray duvidava de que descrevessem a condução de Kowalski de forma tão positiva.

Apesar de os *buggies* serem especialmente concebidos para andar nas dunas, fazer piões e saltar, parecia-lhe que guiava um martelo pneumático sobre uma misturadora de cimento. E os últimos quatrocentos metros até a estrada deram-lhe

cabo dos rins.

Chegou, por fim, ao cascalho, que era tão macio como uma estrada acabada de ser pavimentada.

Acelerou com gratidão pela estrada fora. Manteve uma boa média ao longo de uma hora, ultrapassando de vez em quando um camião.

A floresta tornou-se lentamente mais densa à medida que subia. Ao dar uma curva apertada, quase atropelou um camelo. A criatura desviou-se do *buggy* com um chorrilho de queixumes. Gray reparou na sela vazia e no equipamento que carregava ao descer a encosta.

Preocupado, parou o carro.

Kowalski descreveu a curva com um ronco do motor e um rangido roufenho da caixa de mudanças. Quase chocava com as traseiras da viatura de Gray, mas travou a tempo.

Gray desligou o motor e fez sinal a Kowalski para fazer o mesmo.

No meio do silêncio, Gray prestou atenção e ouviu um ruído distinto.

Tiros de espingarda.

Reviu a sela vazia.

— É uma emboscada — preveniu.

Seichan percebeu imediatamente o que se passava.

— Bloquearam a estrada lá à frente.

Gray acenou a cabeça. Estavam a disparar contra quem tentasse fugir para as montanhas. Mas desde o primeiro míssil que tinha outro pressentimento. Julgava, ao princípio, que o ataque era orquestrado por rebeldes locais ou senhores da guerra. Drogas e medicamentos eram tão valiosos como o ouro, sobretudo, no Sul. Mas esta emboscada anulava qualquer incerteza.

Isto estava relacionado com Amanda Gant-Bennett.

E pior ainda...

— É uma manobra demasiado temerária para ser levada a cabo por piratas — constatou. — Primeiro, o ataque do helicóptero e, agora, a estrada bloqueada. Já nem sequer tentam ocultar as suas ações. Estão a preparar-se para uma batalha final.

— O que queres dizer com isso? — inquiriu Seichan.

— Não estão a tomar uma posição defensiva. É a fase final de uma determinada estratégia — explicou Gray, virando-se para ela. — Não agiriam de forma tão aberta e destemida se não tivessem necessidade de manter secreto o seu enclave nas montanhas.

— Ou vão mudar Amanda de lugar... — murmurou Seichan.

— Ou ela já está morta — concluiu Gray.

13h48

Amanda debatia-se com as correias de cabedal almofadadas que a manietavam à cama de hospital. Há poucos minutos, tinham-lhe enfiado um cateter de transfusão venosa no braço direito e dado uma injeção que lhe toldava o espírito. Um saco de solução salina pingava lentamente junto dela.

Queria entrar em pânico, mas não conseguia.

O que a mantinha calma, mais do que os medicamentos, era o palpitar regular de um monitor ligado ao coração do feto. A enfermeira tinha atado à volta da sua barriga um sensor que comunicava com o aparelho à beira da cama.

O meu bebê está bem... o meu bebê está bem...

Era o mantra que mantinha a sua sanidade.

Sobretudo, com toda a agitação que reinava na sala. Pessoal médico de bata azul entrava e saía, movendo-se, muito ocupado, por detrás do biombo da outra cama. E soldados transportavam equipamento sob a direção do doutor Blake.

A atenção de Amanda foi atraída por um movimento brusco ao lado da cama. Petra trazia um ventilador anestésico portátil.

Ao ver a máscara pendurada, Amanda tentou novamente libertar-se das correias que lhe prendiam os pulsos, mas já estava demasiado fraca.

O doutor Blake aproximou-se e tocou-lhe no braço. Tinha na mão uma seringa com um fluido leitoso.

— Não se aflija. Não vamos deixar que nada de mal aconteça ao seu filho.

Foi incapaz de o deter quando ele lhe enfiou a agulha na veia e premiu o êmbolo.

Petra baixou a máscara na direção do seu rosto.

Ela contorceu-se, desviando a cabeça. Reparou que, no outro lado da sala, um enfermeiro afastava o biombo e, finalmente, viu quem partilhava a enfermaria com ela e ocupava a outra cama.

Um arrepio de horror percorreu-lhe o corpo.

Soltou um grito quando Petra lhe agarrou a cabeça e colocou a máscara à força sobre a boca e o nariz.

— Então? Estará tudo terminado dentro de uns segundos — prometeu o doutor Blake. — Três, dois...

A escuridão envolveu-a, reduzindo a sua visão do mundo a um ponto com o tamanho de uma cabeça de alfinete.

— Um...

E, depois, desapareceu.

13

2 DE JULHO, 13H55, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

MONTANHAS CAL MADOW, SOMÁLIA

Gray pôs-se a andar de um lado para o outro na berma da estrada enquanto o sol transformava o cascalho numa miragem cintilante. Ele e os outros mantinham-se na sombra da floresta que zumbia com o canto das cigarras e o chamamento dos pássaros. Mais acima, nas montanhas, a floresta estava envolta em neblina e parecia um bocadinho do Paraíso.

Realçando tudo isto, a ocasional brisa trazia o aroma dos jasmins selvagens.

Pegou no telefone de transmissão via satélite e ponderou o risco de enviar uma mensagem codificada para o comando da Sigma. Pela série de ataques sofridos — tanto em Bossasso como aqui — era evidente que havia uma fuga de informação.

E, neste momento, a sua equipe tinha uma pequena vantagem.

Ninguém sabe que ainda estamos vivos.

Gray queria manter a situação como estava. Mas, mais do que isso, o que ganharia se contactasse a Sigma? Que apoio poderiam dar-lhes?

Mobilizar uma resposta adequada talvez expusesse o facto de estarem vivos e a sua localização. A Equipa Seis dos SEAL, à espera de ordens no Djibuti, não podia ser mobilizada. Forças especiais como esta tinham um tempo limitado para intervir e partir em segurança. Encontrar o paradeiro da filha do presidente dependia da equipe de Gray.

Se Gray tentasse telefonar para os EUA e se os captores de Amanda soubessem que a equipe dele se aproximava da sua posição, poderiam perder a cabeça e matá-la imediatamente.

Sabendo o que tinha de fazer, voltou a guardar o telefone.

Estamos por nossa conta até a encontrar.

Com este assunto resolvido, fez sinal a Seichan para ir ter com ele. Ela aproximou-se com uma mão no ombro de Baashi. Gray notou que ela se mostrava bastante protetora do rapaz. Nunca a vira relacionar-se tão depressa como outra pessoa.

— Podes indicar-nos no mapa onde o outro hospital está escondido? — pediu a Baashi, pondo um joelho em terra. — Aquele que tem um médico mau?

O rapaz olhou para os pés e abanou a cabeça.

— Não posso.

Parecia ter medo e Gray pensou que o tiroteio devia tê-lo assustado, desencadeando recordações de outras batalhas em que participara como criança-soldado. *Kane* talvez conseguisse acalmar-lhe os nervos, mas estava com Tucker na orla da floresta a colocar um colete à prova de bala.

Iam partir numa missão de reconhecimento para tentar ver o que se passava mais à frente e avaliar que gênero de força inimiga se encontrava entre eles e as montanhas.

Kowalski e a mulher do SRR, a major Jain, tinham voltado à estrada para a bloquear com os seus *buggies* e afastar os veículos que se dirigiam para as montanhas. Jain falava suficientemente bem os dialetos nativos para os convencer a tomar um caminho diferente, mas Gray desconfiava de que era a pistola de Jain e a espingarda de Kowalski que persuadiam a maior parte deles.

Gray tinha de admitir que a major britânica era um elemento excelente.

A forma como lidava com Kowalski, de igual para igual, provava que era dura de roer.

Iriam precisar de gente assim.

O ideal seria conseguirem passar pelo inimigo sem serem vistos pois não tinham suficientes efetivos para fazer um ataque frontal.

Mas assim que passassem o bloqueio na estrada, Gray precisava de saber para onde ir, o mais depressa possível. Não restava muito tempo a Amanda. Tinha a certeza.

Aproximou-se de Baashi e tentou que aqueles grandes olhos o fitassem.

— Prometo que não deixaremos ninguém fazer-te mal.

Ofendido, o rosto do rapaz endureceu.

— Não tenho medo.

— Claro que não. Sei que o capitão Alden está muito orgulhoso de ti.

Porque não me mostras no mapa a localização desse campo secreto?

Baashi curvou-se, desanimado, e confessou o motivo de tal relutância.

— Não tenho o mapa.

Não querendo melindrar o rapaz, Gray ocultou a sua surpresa. Tinha-lhe dado o mapa topográfico na cabana para ele o estudar.

— Onde está?

— Não o tenho — repetiu Baashi com os olhos marejados de lágrimas e acenando com o braço na direção de onde vieram. — Desapareceu.

Gray percebeu que o rapaz devia tê-lo perdido no trajeto.

— A culpa não é dele — intercedeu Seichan. — Se aquela barafunda piorasse, eu, se calhar, também teria perdido um ou dois chumbos dos dentes.

Ela tinha razão e Gray sabia de quem era a culpa. Con iara o mapa ao rapaz

sem refletir. Envelhecido pela forma como fora tratado em criança, Baashi parecia mais velho do que era. E o comandante também sabia que, ao longo desta missão, não era o primeiro erro que cometera.

O brilho duro que se refletiu nos olhos de gelo de Seichan sugeria que esses erros não tinham passado despercebidos.

— Mas vou mostrar! — exclamou o rapaz com entusiasmo, apontando com o polegar para o seu peito magro. — Não no mapa, mas *eu* sou o mapa.

E vou levá-los lá.

— Não podemos pôr a vida de Baashi em perigo — disse Seichan, fitando resolutamente Gray. — Nem sequer sabemos o que lá há.

O comandante acenou a cabeça e lançou um olhar a Tucker e a *Kane*.

— Vamos esperar até ver o que eles descobrem. Só avançaremos se houver um caminho seguro que contorne os atacantes.

14h02

Tucker ajoelhou-se em frente de *Kane*. Apontou para a floresta e levou um dedo aos lábios. A partir daqui, tinham de avançar no mais absoluto silêncio.

Fez-lhe uma festa no pescoço e fitou-o nos olhos.

— Quem é um lindo menino?

Kane tocou com o focinho no nariz de Tucker.

Pois é... És tu.

Tucker sentiu que os outros olhavam para ele. Não se importou, de modo algum intimidado pelas suas manifestações públicas de afeto.

— Vamos — ordenou, levantando cinco dedos para que *Kane* se mantivesse cinco metros à sua frente.

Embrenharam-se juntos no interior da floresta. *Kane* afastou-se com um leve restolhar de folhas e Tucker seguiu-o, avançando com cuidado e deixando o cão tomar a dianteira e tornar-se a extensão dos seus sentidos.

Ouviu, pelo auscultador, a respiração regular de *Kane* juntamente com o piar dos pássaros e estalidos de ramos. Tinha debaixo de olho a tela do celular que dava uma vista geral do terreno sob a perspetiva de um cão.

Avançavam lentamente, paralelos à estrada através da floresta.

A câmara de visão noturna transportada por *Kane* removia as sombras para que não tropeçassem numa sentinela escondida entre a vegetação.

Tucker, contudo, confiava mais no faro do parceiro do que na visão noturna.

Quando o pastor-belga abrandava a marcha, Tucker imitava-o. E se o cão mantinha uma dada distância em relação a algo, ele também manifestava a mesma prudência. Embora separados por vários metros, moviam-se em simultâneo, como na coreografia de um balé.

Tucker enviava constantemente instruções pelo rádio a *Kane*. De repente, ouviu vozes através do sensível microfone instalado na câmara do pastor-belga.

— Devagar — murmurou a *Kane*. — Rasteja. Para a esquerda.

A vista através da câmara baixou quase rente ao chão e o movimento em frente tornou-se uma aproximação passo a passo de volta à estrada.

As árvores estavam mais separadas.

Surgiram três jipes — todos *Land Rovers* — a bloquear um ponto de estrangulamento onde a estrada fora aberta numa crista muito inclinada.

Havia soldados de guarda e outros sentados nas capotas dos jipes. Outros ainda estacionavam os veículos na berma da estrada ou arrastavam corpos, deixando rastos de sangue.

Todos tinham roupas e capacetes pretos e estavam armados com espingardas de

assalto.

Como os que tinham assassinado Amur Mahdi.

Tucker contou-os: eram, pelo menos, 15 homens.

— Baixa-te — ordenou a *Kane*. — Fica aí.

— Está a ver isto, comandante? — perguntou a Gray através do microfone.

— Afirmativo. Não vamos conseguir passar por aí sem um grande tiroteio. Não podes encontrar outro caminho para os evitar?

— Vou fazer o possível.

Deixou *Kane* perto da estrada para proteger a retaguarda. Quando se dirigia para lá, ouvira o ruído de água através do microfone de *Kane*.

Começou a rastejar lentamente, afastando-se da estrada. Não demorou muito a encontrar um curso de água.

Tinha apenas trinta centímetros de largura e poucos de profundidade.

Vinha das montanhas e era tão pequeno que nunca haveria de chegar às áridas planícies.

Mergulhou os dedos, lembrando-se do que costumava dizer-lhe o seu instrutor: *Onde há água, há um caminho.*

Subiu o curso de água, esperando que fosse verdade.

Ao fim de cinquenta metros, o pequeno riacho alcançava a crista íngreme que bloqueava a passagem. Ali testemunhou o poder da água. Até um riacho tão frágil como aquele podia ter cavado, ao longo dos séculos, uma abertura na rocha. Era estreita e descia através de várias pequenas cascatas, mais fáceis de subir, e dava acesso às terras altas.

Distraído por aquela descoberta, não reparou na figura que, de joelhos à beira da água ao fundo das cataratas, enchia o cantil com uma espingarda pousada ao lado.

Tinha-se esquecido de outra regra de sobrevivência.

Mantém-te sempre atento.

14h13

O calor do dia, até mesmo à sombra, desgastava Gray. Olhava para a tela do celular, contemplando as imagens da câmara transportada pelo pastor-belga. O inimigo permanecia na estrada. Via-os a andar por ali e ouvia as suas gargalhadas. Mas, em qualquer altura, podiam enviar um batedor ou um dos jipes para estas bandas.

Tinham de desaparecer antes que isso acontecesse.

Consultou o relógio a um canto do pequena tela. Há dez minutos que Tucker partira. Tempo de mais sem dizer nada. Ativou o microfone do rádio.

Antes de poder falar, um restolhar vindo do bosque atraiu a sua atenção.

Seichan ergueu a pistola.

Tucker apareceu através de uns arbustos. Estava com ar cansado.

— Descobri um caminho — disse. — Vamos.

Gray reuniu rapidamente os outros. Ao chegarem à floresta, ele e Seichan ladearam Tucker enquanto Kowalski e Jain os seguiam com Baashi entre eles. A mulher tinha um braço à volta dos ombros do rapaz para o proteger.

— Há algum problema? — perguntou Gray a Tucker, sentindo que alguma coisa preocupava o companheiro.

— Apenas um de pouca monta — respondeu azedamente o outro.

Alcançaram um pequeno riacho e subiram uma encosta, avançando tão silenciosamente quanto possível. O curso de água conduzia a uma crista escavada por uma série de cascatas.

— Quem é este tipo? — perguntou Jain, apontando a espingarda a um soldado amarrado e amordaçado, estendido à beira de um pequeno lago ao fundo da catarata.

Seichan aproximou-se prudentemente, olhando à sua volta.

— Não há mais ninguém — preveniu Tucker em tom fatigado. — Veio buscar água. Mas podem vir à procura dele.

— Porque não o mataste? — inquiriu Kowalski. — E escondeste o corpo?

— Quase o matei — resmungou Tucker. — Apanhou-me desprevenido.

Seichan examinou o soldado e, a seguir, olhou para Baashi.

— É apenas um miúdo — disse nervosamente.

Gray observou as suas feições mais de perto. Parecia ser ainda mais novo do que Baashi.

— Ataquei-o sem pensar — disse Tucker, ofegante. — Agi com rapidez porque não queria que alertasse os outros. Preparava-me para lhe partir o pescoço quando reparei que era uma criança. Apertei-lhe a garganta até desmaiar.

Envergonhado, Tucker baixou os olhos, deixando pender os braços.

Gray lembrou-se da mosca que Tucker poupara na Tanzânia. Agarrara-lhe a mão para o impedir de a esmagar. O homem estava obviamente farto de matar — a não ser que fosse em legítima defesa ou para proteger os outros.

Entretanto, Baashi fitava o rapaz estendido no chão sem pestanejar.

Será que via a si próprio ali deitado?

Baashi olhou para Tucker e, assustado, afastou-se.

O medo de Baashi, mais do que tudo, feriu Tucker.

— Vamos embora — disse Gray. — Ele vai ficar bem. Hão de encontrá-lo. Mas o melhor é não estarmos por aqui.

Tucker chamou *Kane* pelo rádio enquanto os outros subiam a ravina.

Gray ficou à espera ao lado dele.

— Não teve escolha — disse.

— Há sempre uma escolha — respondeu tristemente Tucker.

Kane surgiu silenciosamente. Esfregou-se nas pernas do dono como se sentisse que ele estava deprimido. Tucker fez-lhe festas, tranquilizando-o.

Gray trabalhara com treinadores militares e os seus cães, no passado.

Dizia-se que, com o tempo, as emoções eram partilhadas por ambos, unindo-os tão firmemente como uma trela.

Olhando para Tucker e *Kane*, acreditava nisso.

Consolavam-se um ao outro, apoiavam-se mutuamente e esta ligação tão profunda era a base da sua força.

Por fim, Tucker fitou-o; e *Kane* também.

Acenou a cabeça aos dois.

Estavam prontos.

Eram soldados.

Todos os três.

E tinham uma missão a cumprir.

14

2 DE JULHO, 8H01, EST

WASHINGTON, DC

Painter deu por si novamente na sala de diagnósticos de situação. O patrão, o chefe da DARPA, o general Gregory Metcalf, tinha-o convocado para a reunião da manhã. Os outros participantes estavam reunidos na sala de conferências do presidente.

O general Metcalf já estava sentado. Era afro-americano e formado em West Point, e embora estivesse na casa dos cinquenta, era tão robusto como um defesa de futebol americano. O general inclinou a cabeça ao seu superior, o secretário de Defesa Warren W. Duncan, que vestia um impecável fato e cujo cabelo grisalho e forte parecia ter sido mergulhado em azeite e penteado em rígida submissão.

Os três restantes membros desta reunião de alto nível pertenciam à mesma família. Dois estavam sentados em frente dos militares. A primeira-dama, Teresa Gant, parecia um lírio murcho num vestido bege. O seu cabelo louro-escuro estava amontoado ordenadamente no alto da cabeça, mas madeixas soltas pendiam dos lados do rosto e enquadravam os olhos que tinham uma expressão assombrada. O seu cunhado, Robert Gant, secretário de Estado, estava ao seu lado, hirto e na defensiva, com uma grande mão sobre a dela. O seu olhar de aço pousado em Painter ocultava os punhais.

E as saudações do membro final do grupo não foram mais amigáveis.

O presidente James T. Gant encaminhou-se para o topo da mesa. Com a sua brusca e habitual franqueza, afiada pelos anos passados como executivo de várias empresas da família, dirigiu-se em tom hostil a Painter: — O que se passou com um ataque a um hospital na Somália? Porque é a primeira vez que ouço falar disso?

Painter suspeitara de que era esse o motivo da convocação repentina à Casa Branca. As agências de inteligência estavam todas excitadas quanto a esse incidente, que se complicara ainda mais por causa do envolvimento das forças especiais britânicas. Painter tinha esperado encobrir este barril de pólvora durante pelo menos um par de horas e manter a sua relação com o rapto de Amanda secreta.

Mas não ia ser assim.

Warren Duncan pregou mais um prego no caixão.

— Fui informado pelo British Special Reconnaissance Regiment de que tinham

lá homens no terreno e que estavam a prestar assistência a uma equipe americana infiltrada.

— A sua equipe — interveio James Gant, apontando para Painter e virando-se, depois, incapaz de esconder a indignação.

— Mostra-lhe, Bobby.

O irmão do presidente premiu o botão de um telecomando e expôs imagens ao vivo do hospital da UNICEF captadas por satélite. O campo estava em ruínas, todo esburacado por morteiros, e ainda fumegava. Os sobreviventes corriam por todo o lado, tentando socorrer os feridos ou apagar os incêndios.

O presidente estendeu um braço para a tela.

— Disse para evitar este gênero de agressividade a fim de os piratas não perceberem que tinham raptado algo de grande valor, *a minha filha!*

Estas últimas palavras ribombaram do seu peito possante, soando como um general sulista a reunir as tropas para o combate.

Isto ia certamente acabar em zaragata.

Com Painter como o bombo de festa.

— Isto, a mim, parece-me agressividade, diretor — acrescentou Gant.

— E não estou de modo algum impressionado com o raio de operação que está a dirigir. Quando a minha filha e o meu futuro neto correm perigo.

Painter aguentou firme sem perder o contacto visual com o presidente, que precisava de descarregar, de dar livre curso à sua frustração. Esperou que a fúria abrandasse e que a razão substituísse o pânico de pai assustado.

— O que tem a dizer em sua defesa? — terminou Gant, com a voz embargada, passando a mão pelo cabelo.

Era a oportunidade de Painter. Respondeu de forma igualmente brusca e direta.

— Senhor presidente, os raptores *sabem* que têm a sua filha e julgo que o sabem desde o princípio. Foi raptada por motivos desconhecidos.

Esta declaração desarmou o presidente e aumentou o medo nos seus olhos.

— A ousadia deste ataque sugere duas coisas — continuou Painter com um sinal de cabeça na direção da tela. — *Primeira* — pôs-se ele a contar pelos dedos. — O inimigo deve estar assustado para agir de forma tão descarada. Deve ser porque os meus homens estão a aproximar-se do local onde Amanda está escondida. *Segunda,* a esperança de ela ser salva reside nessa equipa.

O apoio surgiu de uma fonte inesperada.

— Concordo com o diretor, senhor presidente — pigarreou Metcalf, o patrão de Painter. — Não há mais nenhuma equipe disponível. Não temos outra opção viável para socorrer a sua filha.

OK, era um apoio *pouco entusiasta*, mas Painter aceitava isso do patrão.

Tinham uma relação difícil um com o outro, mas respeitavam-se

profissionalmente. E Metcalf estava suficientemente por dentro da cena política em Washington para não correr riscos.

— Como vamos saber se a sua equipe ainda lá se encontra? — perguntou Gant, recebendo um sinal de assentimento do irmão. — Podem estar todos mortos.

— Não estão — afirmou Painter, abanando a cabeça.

— Como pode ter tanta certeza?

— Por isto.

Painter avançou, pegou no telecomando e marcou um código. Na tela da parede, surgiu um vídeo granulado a crepitar de ruídos.

— Peço desculpa pela recepção. As imagens foram tiradas de um avião de EVR a onze mil metros de altitude por cima da Somália.

— EVR? — inquiriu Teresa Gant, mexendo-se na cadeira.

— Espionagem, Vigilância e Reconhecimento — explicou o cunhado. — Basicamente, ouvidos no céu.

— Depois — prosseguiu Painter — usei o satélite do NRO em órbita geossincronizada.

— Isto é ao vivo? — perguntou Warren Duncan, empertigando-se.

— Com um atraso de talvez seis segundos. Consegui as imagens há apenas meia hora.

O presidente semicerrou os olhos.

— O que estamos a ver?

A vista era rente ao chão, ao longo de uma picada. Viam-se imagens fugidias de árvores e arbustos.

— A partir das coordenadas transmitidas pelo GPS, vemos uma estrada através da vegetação das montanhas Cal Madow.

Na tela, a lente da câmara fez *zoom* para um par de pernas e, a seguir, para o rosto escuro de um rapaz. O som piorou ainda mais.

— ...aqui... lá em cima... despachem-se...

O rapaz começou a correr com a exuberância da juventude.

— Quem está a filmar isto? — perguntou o secretário de Defesa.

Painter fez uma pausa de autossatisfação.

— Um dos meus mais recentes recrutas.

15H08, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

MONTANHAS CAL MADOW, SOMÁLIA

Kane correu atrás de Baashi.

— Vem ver! — exclamou o rapaz, parando com o braço a apontar na direção da floresta, para um atalho que atravessava a estrada principal.

Caso se possa chamar a isto uma estrada, pensou Gray.

Há quarenta e cinco minutos que a equipe deambulava pela montanha e deixara os militares emboscados para trás. Tinham voltado ao caminho de cascalho depois de os evitarem.

Ao dirigir-se a passo apressado para as montanhas, Gray manteve-se atento ao ruído de motores. O cascalho por baixo das suas botas deu lugar a terra e, depois, chegados às terras altas envoltas em neblina, apenas havia sulcos de pneus no solo arenoso.

Em breve, as planícies eram um lugar esquecido. Os prados verdes sucediam-se ao longo de vales cobertos por brumosos bosques de zimbro e incenso. À volta deles, cumes recortados como dentes de dragão elevavam-se em direção ao céu.

— Aquele é o Shimbaris — disse Baashi, apontando para o cume mais alto que parecia um arranha-céus inclinado coberto por vegetação verde-esmeralda. — Dizem que o médico mau está no vale Karkoor. Naquela direção.

Estendeu o braço novamente para o atalho coberto de sulcos que ia dar à estrada principal.

— Passaram recentemente carros por aqui — comentou Tucker, agachando-se.

— São dos *Land Rovers* que bloqueiam a estrada — disse Gray, cruzando o seu olhar com o dele.

Estavam no caminho certo.

— Quero que te escondas e te afastes da estrada, Baashi — disse Gray, virando-se para o rapaz. — E que não saias daqui até veres um de nós.

— Mas eu quero ajudar! — insistiu o rapaz.

— Já ajudaste bastante. Prometi ao capitão Alden que tomaria conta de ti.

— E tu prometeste que obedecerias, não foi? — acrescentou Seichan de dedo em riste diante do seu nariz.

Os dois pareciam pais a ralhar, e obtiveram a habitual resposta de adolescente mal-humorado. Baashi suspirou profundamente e cruzou os braços, exprimindo o seu descontentamento.

O assunto acabou por ficar resolvido e o rapaz foi esconder-se enquanto os outros se dirigiram para o atalho coberto, como um túnel, por ramos de árvores entrelaçados. Não tinham dado mais do que alguns passos quando a major Jain lhes gritou da retaguarda.

— Esperem!

Gray virou-se. Ela ainda se encontrava à beira da estrada principal, à luz do sol. Levou uma mão ao ouvido.

Gray inclinou a cabeça e pôs-se à escuta. Ouviu *Kane* a rosnar baixinho, como se também sentisse alguma coisa. E, depois, ao longe, o ronco mais forte de motores ecoou nas montanhas à volta.

— Vem aí gente — constatou Kowalski.

Jain baixou-se e veio juntar-se a eles.

— Devem ter encontrado o rapaz que eu amarrei — disse Tucker, fazendo uma careta.

— Ou já mataram um número suficiente de pessoas por hoje — comentou Kowalski.

— Ou andam à procura de mais — acrescentou Jain.

— Tinhas de dizer uma coisa dessas, não tinhas? — protestou Kowalski.

— O que quer que seja, estamos lixados — disse ela com um encolher de os ombros.

Gray não se deu ao trabalho de discutir. Não tinham outro remédio senão avançar, encontrar Amanda e fazer o possível para sobreviver.

— Vamos — ordenou Gray. — Quero os olhos e os ouvidos de *Kane* à nossa frente, Tucker. Já chega de surpresas.

Tucker acenou com a cabeça e tomou a dianteira com o cão.

Saíram da estrada, mantendo-se na periferia. A floresta proporcionava melhor proteção de ambos os lados, mas a densa vegetação dificultava o seu avanço e fazia demasiado barulho.

Agora, tinham de se distanciar dos veículos que se aproximavam.

— Não conseguimos fazer isto sozinhos — disse Seichan, caminhando apressadamente ao lado dele. — Um campo com guardas à nossa frente e mercenários atrás de nós. Estamos em desvantagem.

Gray já tinha chegado à mesma conclusão. Tinha de confiar na sua intuição de que Amanda se encontrava ali e de que era esse o motivo de uma reação tão letal à presença deles naquelas montanhas. Tirou o telefone via satélite da mochila que transportava ao ombro.

Tinha chegado a altura de chamar a cavalaria.

O que significava contactar Washington.

Gray marcou o número do comando da Sigma, esperando que o código incorporado no telefone impedisse a chamada de chegar aos ouvidos errados. Após um longo momento e uma série de palavras-passe, ouviu uma voz familiar.

— Comandante Pierce.

Gray soltou um suspiro de alívio.

— Acho que descobrimos o local para onde Amanda foi levada, diretor.

Não sei ao certo se ainda lá está, mas, por precaução, devíamos mobilizar a Equipa Seis dos SEAL. Vou passar-lhe as minhas coordenadas para eles estarem prontos quando...

— Isso já foi feito — interrompeu Painter. — Obtive a aprovação do secretário de Defesa há uns minutos. A equipe dos SEAL vai a caminho da sua posição com ordens de só avançar se a ilha do presidente for positivamente identificada. Vão chegar aí dentro de quarenta minutos.

Quarenta minutos? Isso era demasiado tarde.

Confirmando o seu receio, o barulho de motores ao longe tornou-se mais forte. Amanda não tinha quarenta minutos.

Uma pergunta desconcertante veio à cabeça de Gray.

— Como sabe a nossa posição, diretor? — perguntou.

— Há meia hora que estamos a monitorizar o seu progresso.

Como?

Gray olhou em volta e viu Tucker mandar o pastor-belga correr à frente, mantendo-se na orla da floresta.

Kane.

Tucker devia ter deixado a câmera ligada desde o bloqueio da estrada.

— Foi Kat quem teve essa ideia — explicou Painter.

Claro que tinha sido ela.

Se havia alguém com cabeça para os encontrar sem provocar alarme, era Kat Bryant. No que se referia à teia de espionagem, ela tinha provado vezes sem conta ser uma aranha esperta e impossível de apanhar.

— Kat estabeleceu uma série de algoritmos de busca passiva e ligou-a à frequência da câmara do cão. Nada que pusesse campainhas de alarme a tocar. Podíamos ver por cima dos seus ombros sem dar a conhecer a sua posição.

Gray estava grato pelo apoio, mas aquilo também o fazia sentir ligeiramente desconfortável. No futuro, teria de arranjar maneira de contornar essa eventualidade se desejasse usufruir de total privacidade.

— Mas o som é mau — concluiu Painter. — Podemos vê-los, mas nem sempre ouvi-los.

— Compreendido.

Tucker foi a correr ter com ele.

O que significava sarilhos.

— Tenho de desligar — despediu-se Gray.

— Estou a ver porquê — disse Painter em tom firme. — Vai, mas...

Gray desligou antes de o diretor lhe dizer para ter cuidado.

Não era preciso dizer-lho — não deveria ser dito. Era como desejar sorte a um ator antes de uma representação.

Tucker chegou ao pé dele a ofegar.

— Outro *Land Rover* está a bloquear a estrada mais à frente. Contei seis homens. E mais uns quantos no campo — disse, enrugando a testa, preocupado. — Olha para isto.

Estendeu-lhe o celular em que se via uma perspetiva canina das instalações.

Uma grande cabina sobre pilares no meio de um terreno e, à volta, buracos com cinza indicavam o local onde tinha havido fogueiras. Lixo, postes enferrujados, manchas de óleo, juntamente com tendas caídas abandonadas à pressa, era tudo o que restava de um grande acampamento. Bocados de rede de camuflagem ainda pendiam das árvores, mas era tudo.

— Tudo leva a crer que partiram quase todos — disse Tucker. — Eu diria que foi há cerca de uma hora, no máximo.

Gray sentiu uma impressão de desespero na boca do estômago.

Tinham chegado demasiado tarde?

— Mas vi sombras no interior da cabina — prosseguiu Tucker. — Ainda há lá alguém.

— Talvez tenham deixado a vítima aqui — sugeriu Seichan. — Tiveram medo de represálias e fugiram.

Gray agarrou-se a esta tênue esperança.

— O que fazemos? — perguntou Kowalski, juntando-se a eles.

Jain colocou-se ao seu lado com a mesma interrogação estampada no rosto.

Necessitavam de um plano.

Gray examinou mentalmente várias possibilidades.

— Não podemos correr o risco de assustar os soldados que restam. E

também não quero expor-nos desnecessariamente. Já podem ter transferido Amanda para outro lugar. Não a poderemos ajudar estando mortos.

— Então, o quê? — insistiu Kowalski.

— Temos de ir ver o que está dentro daquela cabina — disse Gray, virando-se para Tucker.

15

2 DE JULHO, 15H24, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

MONTANHAS CAL MADOW, SOMÁLIA

Acompanhado por *Kane*, Tucker deitou-se de barriga para baixo na orla da floresta. Um espaço aberto de quarenta metros estendia-se entre a sua posição e a cabina. Com homens na estrada da entrada e mais três à procura de objetos de valor por perto, qualquer tentativa para atravessar para o outro lado seria imediatamente notada.

Até mesmo um cão a correr.

Tucker olhou pela mira telescópica da espingarda para estudar o terreno. Viu um soldado solitário a empurrar um carrinho de mão amolgado, baixando-se de vez em quando para tirar qualquer coisa do meio dos destroços que juncavam o chão.

O rádio crepitou no seu ouvido. Era Kowalski a dar informações do seu posto na retaguarda.

— Chegou mais gente. Viaturas... três... estão quase a passar pela curva.

— Junta-te à nossa posição, Kowalski — interveio Gray.

O resto da equipe — Gray e as duas mulheres — tinha avançado de rastos através da floresta e esperava a vários metros do *Land Rover* isolado, de guarda ao que restava do acampamento. Todos aguardavam o sinal de Tucker. Se Amanda estivesse na cabina, atacariam o veículo, confiando no fator surpresa e na cobertura da vegetação para subjugar o inimigo. E, se Amanda não estivesse lá, recuariam.

— É agora ou nunca, Tucker — pressionou Gray em tom urgente.

— Ainda não é seguro — cochichou Tucker.

A trinta metros, o homem com o carrinho de mão baixou-se e pegou num DVD. Examinou-o e acabou por atirá-lo novamente fora.

Até parecia que era crítico musical.

Mexe-te, idiota.

— Tucker — insistiu Gray. — Os outros veículos estão a virar e a dirigir-se para aqui. Tens dois minutos. Senão, temos de começar a disparar e esperar que tudo corra pelo melhor.

Tucker olhou para a *AK-47* ao ombro do soldado, que continuava a vasculhar o lixo.

Vou mandar Kane *para morte certa.*

Recordou aquele doloroso momento no Afeganistão e voltou a sentir o estalido nos ouvidos e a baforada de ar quente quando o helicóptero de socorro se elevou no

ar. Segurava *Kane* e ambos sangravam por causa da explosão. Mas não tirava os olhos de *Abel*, cachorro da mesma ninhada de *Kane*, que os tinha salvado antes de uma bomba na estrada rebentar. Se *Kane* era o braço direito de Tucker, *Abel* era o esquerdo. Treinara ambos, mas não se tinha preparado para este momento.

Abel corria lá em baixo, a coxear, à procura de um modo de escapar.

Forças talibãs cercavam-nos por todos os lados. Tucker arrastou-se até a porta e preparou-se para saltar e ajudar o seu amigo, mas dois soldados impediram-no.

Gritou por *Abel*.

Ele ouviu-o e parou, olhando para cima a arfar, com os olhos brilhantes a olhar para ele. Partilharam, juntos, esse último momento.

Até uma rajada de tiros pôr fim ao elo que os ligava para sempre.

Agora, Tucker apertava a arma contra si, recusando-se a esquecer aquela lição. Tinha uma pequena pata preta tatuada no ombro esquerdo, eterna lembrança de *Abel* e do seu sacrifício. Nunca mais haveria de desperdiçar uma vida assim e de enviar outro cão para uma morte certa.

— Preciso de uma manobra de diversão — comunicou pelo rádio a Gray. — Para desviar a atenção daqui. De outro modo, *Kane* será abatido antes de alcançar a cabina.

A resposta ao seu pedido desesperado veio de um sítio inesperado, mesmo atrás dele.

— Eu vou distraí-los — disse uma voz esganiçada a armar em valente.

— Não quero que *Kane* seja morto.

Tucker virou-se a tempo de ver Baashi precipitar-se para a floresta.

Praguejou.

— Baashi seguiu-nos — disse a Gray. — Ouviu o que eu disse e penso que vai fazer alguma loucura.

— Estou a vê-lo — interrompeu Kowalski. — Vou agarrá-lo.

Segundos mais tarde, a voz de Kowalski voltou a soar no rádio.

— O danado do miúdo corre mais do que uma lebre — disse em tom decepcionado.

Um tiro ecoou na floresta, vindo do caminho estreito.

— Iska waran! — gritou Baashi. — Hafridini!

Tucker imaginou-o a aproximar-se do *Land Rover* com as mãos no ar.

Seguiu-se uma rápida troca de palavras em somali.

— Ele está a dizer-lhes que tem a mãe doente — traduziu Jain pelo rádio. — E que veio da aldeia para chamar o médico.

Os dedos de Tucker fincaram-se na coronha da espingarda. Atraídos pelos gritos, os três soldados que vagueavam pelo acampamento aproximaram-se do portão.

Estendeu o braço e apertou carinhosamente a orelha de *Kane*. Não tinham tempo para fazer o ritual do costume.

Fez um movimento com o pulso e apontou com um dedo para a cabina.

Kane lançou-se como uma bala, correndo rente ao chão no campo aberto.

— Daawo! — gritou novamente Baashi.

— Está a pedir remédios — explicou Jain.

Mas deram-lhe outra coisa.

Ouviu-se o estrépito de tiros.

15h26

Seichan viu Baashi dançar às arrecuas enquanto as balas ricocheteavam no solo à volta dos seus pés. Os soldados riam às gargalhadas, alarvemente satisfeitos com a brincadeira.

Um tipo de aspeto duro, com uma cicatriz que lhe dividia o queixo e dava ao lábio inferior um permanente trejeito mal-humorado, fez sinal aos outros para se calarem e avançou com a arrogância de um conquistador.

Tinha o capacete inclinado para trás e o blusão aberto. Pousou a mão no coldre da pistola ao aproximar-se de Baashi, meio curvado e encolhido.

— *Jiifso!* — ordenou. — *Maxbuus baad yahay!*

A major Jain, escondida com Kowalski no outro lado da estrada, traduzia em voz baixa pelo rádio.

— Está a dar voz de prisão a Baashi e a mandá-lo deitar-se no chão.

Baashi obedeceu, baixando um joelho e pondo uma mão no chão.

O soldado sorriu, fazendo um esgar horrível, e sacou da pistola.

Prepara-se para executar o miúdo, mas, antes, vai aterrorizá-lo.

Seichan lembrou-se de outro homem e de outra arma. Musculoso e duas vezes mais pesado do que ela, com o bafo dele no pescoço, ameaçara-a com uma faca encostada à garganta. Tinha sido mandado lutar contra Seichan num exercício de treino quando ela tinha 17 anos. Sádico do piorio e um predador sinistro, ele não quisera apenas matá-la; tencionava maltratá-la e rebaixá-la, primeiro. Para sobreviver, ela tinha de se submeter e tolerar que ele lhe tocasse. Acabou por estripá-lo, mas ainda se lembrava daquele dia, do completo rebaixamento do fraco às mãos do forte e, pior do que tudo, do que fora destruído para sempre no seu íntimo.

Não permitiria que isso voltasse a acontecer a mais ninguém.

Apontou a pistola *SIG Sauer* ao soldado. Ela e Gray encontravam-se escondidos por detrás de uns arbustos a alguns metros da floresta. Ele tocou-lhe no ombro, avisando-a para aguardar, para não disparar ainda.

Um brilho de metal cintilou na mão de Baashi, meio escondida pelo seu corpo, quando ele tirou sub-repticiamente das calças um punhal tão comprido como o seu antebraço.

Aquilo provava a opinião anterior de Seichan. Ela e o rapaz eram da mesma índole.

Fui este rapaz.

Mas Baashi ia ser morto.

Seichan fez pontaria, sentindo os dedos de Gray a crisparem-se no seu ombro, ordenando-lhe que não disparasse. Ela obedeceu, mas ficou tremendo de raiva e

envergonhada.

Porque é que Tucker está a demorar tanto tempo?

Precisavam da sua confirmação, ou, melhor, da confirmação do seu parceiro.

Kane *troca a luminosidade do sol pela escuridão quando se esquiva por entre postes pesados e rasteja por baixo de estruturas de madeira. Está mais fresco aqui. Fica cego durante uns instantes quando as pupilas dilatam e se ajustam à escuridão. As orelhas arrebitadas prolongam os seus sentidos através das sombras. Apreende tudo para encher a escuridão de significado e substância.*

O ranger de madeira em cima...

O bater de botas a andar nas tábuas...

Os pingos a gotejarem mais longe...

Saboreia as sombras com a língua e o nariz. Desperdício e fezes. Óleo e lodo. Mais atrás, um odor mais forte que lhe eriça os pelos do pescoço. Fétido, com traços de carne. Segue o som do gotejar, fareja onde cai em grandes gotas gordas.

Sangue.

Mas não é por isso que ele veio.

Deram-lhe um pano a cheirar a suor, sal, óleo e perfume feminino. Enviaram-no para encontrar isso. Levanta o focinho para as tábuas acima, de onde vem o sangue. Fareja, aspirando o seu odor e expandindo pistas em todas as direções. Uma data delas.

Mas, entre todas, uma só relaciona este lugar com o trapo que lhe deram a farejar. Encontrou o que procurava.

Aponta o nariz para o odor e exprime o seu sucesso, não com o uivo selvagem enterrado nos seus ossos. Não é essa a maneira. Solta um pequeno ganido rouco, proclamando vitória.

Ouve umas palavras no ouvido que o deixam derretido. "Lindo menino."

Resfolga e agacha-se nas patas traseiras; e só agora olha para os espaços despojados de cheiros e sons.

Na escuridão, um par de luzes vermelhas brilha na sua direção, minúsculas e possantes. Provêm de aparelhos ligados a grandes barris que tresandam a metal enferrujado e a óleo.

Pressentindo perigo, os pelos do pescoço eriçam-se.

Na orla da floresta, Tucker viveu meia vida na sua pele e a outra na pele de outrem.

Ouvira o que *Kane* ouviu: *o ranger e os passos com botas.* E viu o que *Kane* viu: *o líquido a infiltrar-se através das tábuas em cima.* Mas tratava-se de sangue, óleo ou água? Não tinha a certeza.

A seguir, *Kane* apontou com o focinho e soltou um pequeno ganido para assinalar o sucesso.

— *Kane* encontrou o cheiro de Amanda na cabina — apressou-se a informar Gray pelo rádio. — Ela esteve ali.

E talvez ainda esteja.

— Entendido — foi a resposta tensa de Gray. — Abre caminho. Vou ter contigo assim que puder.

Depois de falar com Gray olhou novamente para o pequena tela. A imagem granulosa da câmara de *Kane* revelava dois grandes barris a distância igual de um pequeno espaço debaixo da cabina. Leu a palavra "querosene" marcada num deles, mas o pior era que, ligados ao seu lado, dois transmissores cintilantes iluminavam cargas explosivas.

— Comandante — chamou, em pânico, pelo rádio.

Foi interrompido pelo ruído de tiros.

15h27

Seichan disparou, ferindo o homem da cicatriz no joelho esquerdo, que caiu com um grito de surpresa. Gray metralhou os soldados agrupados a um lado do *Land Rover* enquanto Kowalski e Jain fizeram o mesmo aos que se encontravam no outro lado.

Seichan precipitou-se em socorro de Baashi, que se tinha atirado para o chão logo que o tiroteio começara. Avançou para o soldado abatido, disparando dois tiros contra outro que se encontrava abrigado por detrás das portas abertas de um dos *Land Rovers*. O tipo da cicatriz apontou a pistola a Seichan, mas esta deu-lhe um tiro na garganta, pegou na arma dele e disparou as duas contra o jipe.

— Sai da estrada! — gritou a Baashi.

O rapaz correu como uma corça assustada para a floresta.

Entretanto, um soldado sentou-se ao volante do *Land Rover* e, acelerando a fundo, lançou-se a toda a velocidade contra ela.

Seichan não se mexeu e, fazendo pontaria com as duas armas, disparou uma só bala de cada.

A da esquerda estilhaçou o para-brisas.

E a da direita furou o olho do condutor.

Desviou-se calmamente e o jipe, embalado, guinou como se estivesse bêbado e foi espatifar-se de encontro às árvores.

O tiroteio demorou mais dez segundos, terminando tão abruptamente como começara. Os soldados jaziam sem se mexer na estrada.

Gray percorreu a floresta com a mão no ouvido à escuta. Olhou para a cabina com ar de preocupação.

O ruído surdo de viaturas chamou-lhe a atenção. E o guincho dos travões. Os recém-chegados tinham ouvido o tiroteio.

— Mantenham-nos afastados o máximo de tempo possível — ordenou.

E, a seguir, dirigiu-se para o acampamento a pé.

Seichan espreitou pelo túnel de vegetação. O seu grupo já não podia contar com o fator surpresa e o inimigo era três vezes mais numeroso e com melhor armamento do que eles.

Com ar preocupado mas resoluto, Kowalski e Jain juntaram-se a ela.

Seichan lançou um olhar no momento em que Gray desaparecia por entre as árvores. Esperava que a ilha do presidente ainda ali estivesse, e viva. De qualquer modo, estavam empenhados em salvá-la.

— Ouviram o que o Gray disse — lembrou aos companheiros. — Vamos fazer-lhes frente aqui.

Quem dera que valesse a pena.

15h28

Tucker abateu o último dos três soldados que guardavam o acampamento, o do carrinho de mão. Pareceu-lhe um gesto cobarde, mas não tinha tempo para delicadezas e tudo o que podia conceder-lhes era uma morte limpa e rápida: um tiro na cabeça.

Lembrando-se do ranger de tábuas no interior, sabia que, pelo menos, havia mais outro inimigo. Quem estava escondido dera certamente conta do ataque, mas o que fazer?

Gray surgiu à sua esquerda, de pistola em punho, a correr para a cabina. Após o final do tiroteio, Tucker avisara-o da bomba escondida debaixo da tenda.

Tucker lançou um breve olhar à tela de celular. Via-se *Kane* ainda a tentar arrancar o primeiro transcetor da carga explosiva. Tucker tinha perdido segundos preciosos para que o cão o compreendesse através de ordens dadas pelo rádio. Apesar de serem muito chegados, havia limites nesse tipo de comunicação.

Tucker tinha de tomar uma decisão. Saiu do esconderijo e também começou a correr para a cabina. Estava mais perto, mas Gray tinha um avanço. Deviam chegar à porta ao mesmo tempo.

Voltou a olhar para a tela. *Kane* tinha finalmente conseguido desligar o transcetor.

Lindo menino.

Kane virou-se para a outra carga explosiva que brilhava intensamente na escuridão. No momento em que deu um passo em frente, a luz pôs-se a piscar rapidamente.

Acenderam-se números no dispositivo.

00:30

00:29

Praguejando, Tucker deteve-se. O ilho da mãe tinha ativado a carga ligada a um relógio. Tiros de espingarda desviaram a sua atenção da tela.

O último soldado saiu de rompante da cabina com a arma à altura da anca a disparar furiosamente, tentando fugir antes que a contagem de segundos parasse.

Gray deixou-se cair de barriga no chão e, apontando a pistola com as mãos, disparou três tiros.

O soldado tropeçou nos degraus e tombou de cabeça. Aterrou brutalmente, mas as balas de Gray tinham-no atingido, todas no rosto, e, ao chegar ao solo, já estava morto.

Tucker olhou para o pequena tela quando *Kane* se aproximou do segundo barril.

00:23

O cão nunca conseguiria soltar o transcetor a tempo. Com o dispositivo ativado, qualquer tentativa para retirá-lo poderia explodi-lo prematuramente.

— *Kane!* — gritou, sem se dar ao trabalho de usar o rádio. — Vem cá!

Gray levantou-se cambaleando e olhou para ele.

— Vai explodir dentro de vinte segundos! — avisou Tucker, apontando para o espaço entre os pilares.

Os dois homens começaram a correr para a cabina.

Kane surgiu de cauda levantada e correu para junto de Tucker.

Alcançaram os degraus da varanda e entraram pela porta adentro.

A enfermaria improvisada parecia tão vazia como o que restava do acampamento: caixas viradas de pernas para o ar, equipamento de hospital espalhado no chão, um biombo caído. O lugar fora abandonado à pressa. Deviam ter suspeitado de que tinham pouco tempo.

Mas a enfermaria não estava completamente vazia.

Ao fundo, havia uma cama de hospital encostada a uma parede. E estava ocupada. Uma mulher loura estava deitada por baixo de uma coberta com uma máscara de oxigênio a tapar-lhe o rosto e correias de cabedal à volta dos membros. O lençol por cima da barriga estava manchado de vermelho, ensopado de sangue. Mais sangue escorria por baixo e pingava no chão de madeira.

Gray avançou, arrancou a máscara e, depois, puxou a coberta, expondo o que tão castamente estava escondido.

Horrorizado, Tucker caiu de joelhos.

Tinham chegado demasiado tarde.

16

2 DE JULHO, 8H30, EST

WASHINGTON, DC

— NÃO!

A angústia nessa única palavra, essa longa nota de dor e pesar, ecoou na pequena sala de conferências. A primeira-dama virou as costas para a tela, tapando o rosto como se quisesse que a imagem desaparecesse.

O marido manteve-se hirto, rígido, fitando sem pestanejar a tela.

Ninguém disse uma palavra, o grito de Teresa englobava tudo.

A última imagem, a de Gray a puxar os lençóis, permaneceu na retina de Painter. Amanda fora operada, aberta das costelas à pélvis, expondo o que restava do seu útero vazio. Tinham-lhe feito uma cesariana, roubado o bebê e abandonado o corpo de Amanda como um invólucro vazio.

Painter viu, na tela, Gray virar-se e ajudar Tucker a levantar-se. A imagem estremeceu violentamente quando os dois homens e o cão fugiram da cabina. Percebeu a razão da pressa. Todos tinham visto os barris de querosene, os explosivos e a contagem decrescente no relógio.

Pernas a correr, uma floresta ao longe e uma explosão que atirou toda a gente de pantanas. Uma bola de fogo passou por cima das suas cabeças.

O segundo barril de querosene rolou de lado, impulsionado pela onda da explosão, e, deixando um rasto de petróleo, perdeu-se de vista.

O sistema de áudio falhou e fez-se silêncio.

Tucker reapareceu pouco depois para verificar como estava o cão. A boca movia-se, mas não havia som. Gray gatinhava ao fundo, tentando tirar a mochila a arder. Livrou-se finalmente dela e rolou no chão porque a camisa ainda fumegava.

Tinham sobrevivido.

Painter devia sentir-se aliviado, mas ainda não estava.

Teresa precipitou-se para os braços do marido. Não foi, contudo, em busca de conforto. Os seus punhos martelaram-lhe o peito, mas os soluços enfraqueceram-na. As lágrimas corriam-lhe pela face.

— A culpa é tua! — gritou-lhe no peito quando James Gant a apertou contra si. — A culpa é toda nossa... estriparam a minha filha!

Desfaleceu nos braços do marido, de rosto encostado ao peito dele e ainda a abanar a cabeça, tentando esquecer o que vira. Ele susteve-a, olhando por cima da

cabeça dela para Painter.

A raiva transparecia, dirigida a Painter e à Sigma, através da dor refletida nos seus olhos empedernidos.

O irmão do presidente levantou-se e acompanhou gentilmente os pesarosos pais até a porta.

— Vai, Jimmy — aconselhou Robert. — Vai cuidar da tua mulher. Nós nos encarregamos de tudo.

Gant não resistiu. E o casal, ainda abraçado, unido por inimaginável pesar e horror, saiu da sala, seguido por agentes dos serviços secretos.

— Porque não se vai também embora? — perguntou Warren Duncan, o secretário de Defesa, pousando uma mão no ombro de Robert. — Em momentos como este, devia estar junto da sua família.

A voz normalmente amável e calma de Robert tornou-se acerba. O seu olhar fitou Painter, chamuscando-o com a sua amargura.

— Alguém da família deveria testemunhar o fim desta missão falhada.

O patrão de Painter fechou os olhos e, embaraçado e vencido, acenou ligeiramente a cabeça.

Na tela, dois camiões entravam no acampamento e as armas disparavam em silêncio das janelas.

Apesar da futilidade, a operação ainda não terminara.

15h34, Hora da África Oriental Montanhas Cal Madow, Somália — Abriguem-se! — berrou Gray.

Afastou-se a correr, com Tucker e *Kane*, do que restava da cabina.

Destroços em chamas juncavam o chão e nuvens de fumo pairavam por cima do acampamento. O espesso manto de fumo protegia-os o suficiente para se refugiarem na floresta, enquanto dois *Land Rovers* entravam no acampamento.

Armas automáticas começaram aos tiros das janelas, sobretudo, na direção de onde tinham vindo e contra os que se tinham escondido na floresta. Um furioso tiroteio continuava por aquelas bandas; a sua equipe tinha, provavelmente, conseguido emboscar o terceiro veículo, mas a batalha ainda estava longe de ter terminado.

A fuga de Gray, Tucker e *Kane* foi descoberta antes de conseguirem abrigar-se na floresta e as balas choveram à sua volta. *Kane* soltou um ganido e começou a correr mais depressa, com Tucker atrás dele, mas, antes, Gray tirou-lhe a espingarda da mão.

Apontou-a contra os jipes e disparou, estilhaçando uma das janelas e obrigando o atirador a baixar-se.

— Vão! — gritou a Tucker. — Juntem-se aos outros!

Correu em ziguezague sem parar de disparar. Um dos *Land Rovers* derrapou no

chão de areia e voltou para a estrada com a intenção de socorrer o terceiro veículo enquanto o outro contornou a cabina destruída, colocando-se de frente para Gray.

Ouviu-se um novo barulho no meio dos disparos.

E o tiroteio abrandou pois os outros também o ouviram.

O ruído das pás de um helicóptero aumentou de volume.

Gray perscrutou o céu, sabendo que era demasiado cedo para a equipe dos SEAL chegar, e tinha razão. Um familiar helicóptero militar surgiu por cima do arvoredo, vindo do lado da estrada principal. Era o mesmo helicóptero que destruíra a base da UNICEF.

Parecia que as galinhas estavam todas a voltar ao poleiro.

Um míssil foi projetado do helicóptero com um silvo, deixando um trilho de fogo e fumo. Acertou em cheio no capô do *Land Rover* que se dirigia para a floresta. O jipe foi pelos ares e explodiu ao aterrar.

Gray agachou-se, espantado.

Ao passar por cima da sua cabeça, uma rajada de metralhadora saiu da porta aberta na parte de trás do helicóptero. Viu uma figura armada com uma metralhadora a disparar para baixo.

Era o capitão Trevor Alden.

Gray lembrou-se da última vez que o vira na torre de um tanque *Daimler Ferret* blindado. Devia ter obrigado o helicóptero a aterrar e confiscara-o em nome das forças especiais britânicas. E tinha vindo socorrê-los.

Decisão que o capitão ainda podia vir a lamentar.

O segundo *Land Rover,* que parara ao ver o helicóptero, pensando tratar-se de um aliado, arrancou a toda a velocidade. O helicóptero teve de virar bruscamente no ar para poder apontar os mísseis.

Um soldado emergiu do tejadilho aberto do jipe com um lança-granadas ao ombro. A tão curta distância, era impossível falhar o alvo.

Gray levantou a espingarda, mas o *Land Rover* ziguezagueava loucamente. Não chegou a disparar contra o soldado pois descobriu um alvo imóvel muito mais fácil de atingir.

O segundo barril de querosene, arrastado pela explosão, estava caído no meio de uma poça de petróleo e o jipe avançava vertiginosamente na sua direção, ou, pelo menos, iria passar por perto. Gray não tencionava disparar contra o barril, ao contrário do que se via no cinema, os tiros raramente provocavam explosões.

Em vez disso, tinha de acender a mecha do barril.

Fez pontaria e atingiu com um tiro umas tábuas fumegantes do sobrado, que se encontravam perto. A madeira explodiu e uma chuva de fagulhas caiu na poça de querosene. As chamas alastraram ao longo da superfície do petróleo, aproximando-se do barril.

O *Land Rover* atravessou e tapou-lhe a vista.

Quanto tempo demoraria?

A explosão produziu uma bola de fogo e o jipe foi pelos ares. O petróleo em chamas entrou pelas janelas abertas e incendiou tudo à volta.

Ouviram-se gritos.

Uma porta do veículo caiu, revelando o inferno que reinava no interior.

E a reserva de granadas explodiu dentro da cabina, destruindo o *Land Rover*.

Gray baixou-se.

O helicóptero afastou-se através do fumo.

Endireitando-se, Gray apercebeu-se — depois de os ouvidos deixarem de retinir — de que o tiroteio acabara. Virou-se e viu Kowalski e Seichan entrarem no acampamento, vindos da estrada, com Jain entre eles. O trio devia ter dado cabo do último jipe, mas não sem ter pago por isso. A major coxeava de uma perna e a outra sangrava bastante.

— Levou um tiro! — berrou Kowalski.

Jain olhou-o de sobrolho carregado.

— Estou bem. O raio do teu odor corporal há de matar-me antes deste arranhão.

Alden, contudo, devia ter visto a colega ser ferida.

O helicóptero deu a volta e procurou um lugar seguro onde aterrar.

Tucker também regressou da floresta com o cão. O seu telefone via satélite devia ter derretido dentro da mochila.

O cheiro da queimadura que tinha ao longo das costas aumentou de intensidade quando se debruçou para vasculhar o saco. Não podia esperar, tinha de telefonar urgentemente a Painter. Mas o diretor avisara-o de que o som no vídeo de *Kane* era muito mau e Gray não podia permitir que a próxima mensagem fosse mal interpretada.

Encontrou um bocado de tecido da tenda queimado nas pontas e utilizou a ponta carbonizada de um pau para escrever um recado breve.

Pediu a todos os santos que chegasse às mãos de Painter.

08h44, EST

WASHINGTON, DC

O fumo obscurecia a maior parte da vista do acampamento em chamas.

Pouco mais havia para ver no vídeo, sobretudo, quando o helicóptero aterrou, levantando um turbilhão de destroços.

Painter não foi o único a aperceber-se do mesmo.

O secretário de Defesa ainda estava ao lado de Robert Gant com uma mão no seu ombro.

— Vá — repetiu Duncan. — Isto aqui acabou, Bobby. Vá ter com a sua família. Agora, precisam mais de si do que nós.

Robert Gant continuava a olhar para o monitor, mas Painter tinha quase a certeza de que ele, perdido nas trevas da sua tragédia, nada via.

Soltou, por fim, um suspiro. Fitou Painter, mas os seus olhos já não exprimiam raiva, apenas uma dor de entorpecimento. Parecia uma década mais velho do que os seus 66 anos. Deu umas palmadinhas nas costas de Duncan e saiu sem dizer nada.

Mas o secretário de Defesa não tinha terminado. Apontou para o patrão de Painter.

— Quero ter uma conversa consigo, general Metcalf — disse com voz fria. — Em privado.

— Certamente — respondeu Metcalf, lançando a Painter um olhar pouco entusiasmado.

Mas antes de os dois homens saírem, Duncan foi falar com Painter.

— Quero um relatório em cima da minha secretária dentro de uma hora — disse, espetando um dedo no seu peito.

— E uma cópia deste vídeo — acrescentou, apontando para o vídeo. — Assim como um relato completo desta tragédia... com todos os pormenores a explicar porque correu tão mal.

O secretário de Defesa e o general acabaram por sair, deixando Painter sozinho na sala de conferências.

No monitor, o fumo dissipava-se. O rosto de Gray surgiu em grande plano na câmara; os lábios mexeram, mas ainda não havia som. A seguir, Gray recuou uns passos e ergueu um pano queimado. Havia algo lá escrito.

Ao ler as palavras garatujadas, a incredulidade de Painter foi tal que perdeu o equilíbrio e teve de se agarrar à borda da secretária.



Como podia ser?

Olhou para a porta com a intenção de ir a correr chamar os outros, mas deteve-se, refletindo intensamente e combinando várias permutações na cabeça.

Tapou a boca com a mão.

Restavam variáveis demais, fatores desconhecidos e inexplicados demais. A verdade revelada na tela era demasiado valiosa para ser comunicada irrefletidamente. Mas também era uma crueldade manter-se calado.

Voltou lentamente à mesinha, pegou no comando e desligou o monitor.

Teria de montar esta última parte do vídeo antes de o entregar a Warren Duncan.

Fitou o monitor, perguntando-se se seria capaz de o fazer. O seu trabalho era tomar decisões difíceis, sem se importar com quem sofria. E

esta decisão era uma das mais difíceis.

Imaginou Teresa a esvair-se em desespero e dor; ouviu novamente o seu grito de recusa, os seus insultos contra o que não podia ser verdade.

Afinal, a primeira-dama tivera razão.

Embora o monitor estivesse desligado, a última mensagem de Gray ainda queimava a sua memória visual.

Que Deus me perdoe.
Ninguém pode saber.

17

2 DE JULHO, 15H48, HORA DA ÁFRICA ORIENTAL

NO AR

Os sentidos dela regressaram como uma luz brilhante a elevar-se lentamente de uma piscina a escorrer água. Sentia-se como uma nadadora a sair das profundezas de um mar negro. Rodavam rostos à sua volta e ouvia vozes abafadas e indistintas. A garganta doía-lhe e tinha a língua seca, e era difícil engolir.

— ... Já venho — disse uma voz familiar com sotaque suíço-alemão.

Distinguiu o austero carrapito louro, os olhos frios.

Petra.

O horror da situação percorreu-a novamente, avivando-lhe os sentidos ao emergir na realidade dura e fria do momento.

Outro rosto debruçou-se sobre ela. Uma luz brilhante cintilou nos seus olhos, queimando-lhe o fundo do crânio. Virou a cabeça.

Estava deitada numa caixa toda almofadada. Ouviu o zumbido dos motores do avião a jato e sentiu a vibração do voo.

— A reação das pupilas é boa — disse o doutor Blake. — Está a tolerar bem os sedativos. E o que se passa com o feto, Petra?

— A palpitação cardíaca e a oxigenação continuam dentro dos parâmetros normais, doutor. Com o transmissor do monitor fetal à volta dela, poderemos avaliar o seu estado à distância depois de aterrarmos.

— Quanto tempo demora o voo?

— Mais três horas.

O rosto do doutor Blake afastou-se.

— Nesse caso, não há necessidade de reanimá-la completamente.

Mantenha-a sob sedação ligeira com administração de propofol gota a gota.

Podemos dar-lhe mais sedativos quando nos aproximarmos de terra.

— Devíamos também contar com pelo menos um quarto de hora para afixar os selos diplomáticos à volta do caixão.

Caixão?

Amanda concentrou-se nos lados almofadados da caixa. O medo trespassou-a.

— Tem razão, Petra. Apesar de os nossos benfeitores já terem untado as mãos de toda a gente, não queremos ter sarilhos quando passarmos pela alfândega.

Felizmente, todos julgam que está morta.

Morta?

— E por isso — prosseguiu Blake — ninguém andará à sua procura.

Teremos finalmente tempo para entregar este bebê em segurança. Mais duas horas e estaremos livres do fedor da floresta e voltaremos para um laboratório médico adequado.

Ouviu o ruído de passos se afastando.

— Vou ao bar da cabine. Quer que lhe traga uma bebida?

— Água, por favor. Com uma rodela de lima.

— Porte-se sempre como uma profissional, Petra — resmungou em tom divertido. — Não se preocupe. Depois de fazermos a entrega ao anoitecer, talvez você relaxe.

O rosto de Petra surgiu indistintamente, o hálito a cheirar a canela e a cigarros.

— Só hei de relaxar quando tivermos o feto dela na mesa de vivissecção do laboratório.

— Esqueço-me sempre de que é essa a sua especialidade, minha querida. Julgava que eu era muito bom a manipular o bisturi e os fórceps, mas você, com a sua capacidade de retalhar um corpo em tantas secções anatômicas perfeitas, envergonha-me.

— É a parte mais fácil — disse Petra, empertigando-se.

— Claro — concordou o doutor com um sorriso. — O que a torna realmente brilhante é a forma como mantém essas secções vivas.

Vivas?

O que queriam dizer? De que estavam a falar?

Amanda tentou não imaginar tal horror, mas a sua cabeça ficou repleta de imagens tenebrosas. Tinha vontade de tapar os ouvidos com as mãos.

Sabia que o seu bebê estava ameaçado — fora por isso que tinha fugido dos EUA —, mas nunca imaginou nada tão horroroso como isto. Superava todos os seus piores pesadelos.

Não quero ouvir mais nada.

A sua súplica muda foi ouvida.

Ouviu o ruído de dobradiças. E uma sombra escura abateu-se pesadamente sobre ela, isolando-a da luz e do som. A tampa do caixão estava fechada.

Amanda estremeceu na escuridão, pedindo a Deus que a caixa se tornasse realmente o seu caixão e que morresse asfixiada antes da aterragem.

... a forma como mantém essas secções vivas...

Aquelas terríveis palavras assombravam a escuridão, juntamente com uma pergunta que a consumia.

Para onde me vão levar?

16h00

MONTANHAS CAL MADOW, SOMÁLIA

— Ela encontrava-se, sem dúvida, neste acampamento — informou Gray o comando da Sigma com o telefone via satélite colado ao ouvido. — O cão de Tucker encontrou a pista de Amanda antes de todo aquele inferno nos cair em cima.

A escolha de palavras era adequada. Lançou um olhar aos destroços fumegantes da cabina e ao que restava dos dois *Land Rovers*. Entretanto, os seus colegas certificavam-se de que nenhum combatente inimigo podia constituir uma ameaça. O helicóptero do capitão Alden permanecia pousado com o motor a trabalhar e os rotores a girarem lentamente. Um médico britânico da equipe de socorros tratava a perna de Jain.

Kowalski olhava para a major com ar preocupado. Apesar das diferenças quanto ao gênero e ao tamanho, o par eram duas ervilhas saídas da mesma vagem. Uma coisa assustadora. Um Kowalski *fêmea*.

Gray tirara o telefone via satélite da mochila do companheiro. Não sabia se Painter recebera o seu recado, freneticamente escrito, e queria avançar o mais depressa possível.

— Mas porque queres manter em segredo que Amanda sobreviveu? — indagou Gray, questionando mais uma vez a necessidade de uma tal crueldade. — Percebo que se tente impedir uma fuga de informação, mas não contar ao presidente e à sua família é o mesmo que matá-los.

— Sim, mas se a administração suspeitar de que ela ainda está viva, mandará uma data de gente para a encontrar. E vê o que isso deu desta vez. Temos de limitar o que sabemos ao menor número possível de pessoas.

Gray respirou fundo. Era uma decisão arriscada do diretor, mas fazia sentido, sobretudo, à luz das suas próprias suspeitas — que decidiu partilhar com Painter.

— Diretor, tenho quase a certeza de que o que sucedeu aqui foi encenado para nos fazer crer que Amanda estava morta.

— O que te leva a pensar isso? — perguntou Painter.

— A mulher deitada na cama. Era loura e tinha o mesmo tamanho e físico de Amanda. Pela distensão do útero e da barriga, estava grávida há provavelmente o mesmo número de semanas. Mas, quando lhe tirei a máscara de oxigênio, vi que a sua boca era uma ferida ensanguentada.

Tinham-lhe arrancado os dentes. Alguém não queria que a ficha dentária de Amanda fosse usada para identificar os restos carbonizados.

Painter permaneceu calado a digerir a informação.

— Até mesmo a cesariana feita à pressa sugere a mesma conclusão — acrescentou Gray. — Penso que receavam que o que restava do feto não correspondesse ao que consta nos registos dos exames pré-natais de Amanda.

— Quer dizer que esquartejaram o bebê? — perguntou Painter, horrorizado.

— Exatamente. E usaram-no para encobrir as pistas. Também reparei que a cama estava molhada e tresandava a um produto químico. Penso que os soldados se encontravam aqui para se assegurar de que o corpo ficaria tão queimado que seria impossível colher amostras de DNA. Mas os pegamos desprevenidos, antes de terminarem a tarefa.

— Porque é que os raptores de Amanda se dariam a tanto trabalho? — indagou Painter num tom que dava a impressão de estar a ponderar a questão, a pensar em voz alta.

No entanto, Gray respondeu.

— Desejavam obviamente afastar quem ainda andasse à procura dela.

A busca termina se o mundo pensar que está morta.

— Sim, é verdade. Mas receio que o nosso inimigo seja ainda mais esperto.

— O que queres dizer com isso?

— Pensa um pouco. Eles sabiam que estavas a aproximar-te, a forçá-los a reagir. Viram-se obrigados a mudá-la de lugar, mas viraram a situação de modo a favorecer os seus próprios fins. Encenar a morte de Amanda, e alcançar igualmente outro objetivo.

Gray tentou seguir o raciocínio do diretor. Sabia que Painter fora alvo de críticas na Casa Branca. E, de repente, compreendeu.

— O inimigo conseguiu que a culpa pela morte de Amanda recaísse sobre a nossa operação.

— Pelo menos em parte.

Ao pensar em quem podia ter maquinado um tal plano, o sangue de Gray gelou-lhe nas veias. Havia apenas uma organização capaz de levar a cabo uma tal vingança contra a Sigma.

— Estás a sugerir que a Confraria está envolvida no rapto de Amanda?

Gray reviu a mãe dentro do caixão a ser enterrada na terra fria.

— Não estamos cem por cento certos, comandante. Mas a verdade é que fomos vítimas de um golpe baixo, apesar de não ser fatal.

Gray sabia que a Confraria tentava há anos destruir a Sigma e que, uma vez, até chegara a atacar o seu quartel-general.

Fechou os olhos.

Será que desta vez, me deixei enganar e fiz o jogo deles?

— O que vamos fazer? — perguntou.

— O objetivo da missão continua a ser o mesmo. Descobrir o paradeiro de Amanda. É tudo o que, de momento, interessa.

Gray engoliu em seco a raiva que sentia a revolver dentro de si. Passou a mão pelo cabelo, provocando uma série de queixumes por parte das costas doridas. O diretor tinha razão. A missão tinha de prosseguir e a questão que se impunha era a seguinte: *Onde começar a procurar Amanda?*

Painter exprimiu a mesma preocupação.

— Conseguiste descobrir alguma pista na cabina? Qualquer coisa que indicasse para onde estavam a levá-la?

— Não tivemos tempo — respondeu, olhando para o fumegante monte de destroços. — Pode estar em qualquer lugar.

Painter soltou um longo suspiro não de derrota, mas de renovada determinação.

— Vamos começar do princípio. Nem pensar desistir. Vou ver o que posso fazer pelo meu lado. Tu e o capitão Alden encarreguem-se de interrogar os locais na área. Talvez encontrem alguém que saiba alguma coisa. Pode ser que, na pressa de fugirem, algo lhes tenha escapado.

Gray concordou. O inimigo não esperava ser descoberto tão cedo.

— Pierce! — chamou-o Tucker.

Virou-se e viu o companheiro a acenar da estrada que saía do campo.

Nesse instante, Tucker afastou-se para deixar passar uma pequena figura.

Era Baashi. Gray vira o rapaz pela última vez a fugir para a floresta.

Seichan, que fora buscá-lo, apareceu também junto deles. Vinha uns passos atrás de Baashi a arrastar um prisioneiro pelo colarinho da camisa.

— Volto a falar dentro de uns minutos — disse Gray pelo telefone ao diretor. — Talvez tenhamos tido sorte.

Aproximou-se do grupo depois de desligar. O capitão Alden também se encaminhava na mesma direção.

— Encontrei Baashi a sair da floresta com este garoto para vir ter conosco — explicou Seichan, olhando para Gray.

— Disselhe que vocês eram todos bons — acenou Baashi vigorosamente a cabeça.

— É o mesmo rapaz que ataquei junto ao rio — disse Tucker, empalidecendo.

Era realmente o rapaz que Tucker amarrara e amordaçara e que fora, mais tarde, descoberto pelo inimigo.

— O miúdo deve ter fugido durante o nosso ataque ao terceiro jipe — disse Seichan. — Mas Baashi seguiu-o e convenceu-o de que éramos gente boa.

Pela sua expressão assustada, o miúdo devia perguntar-se se teria tomado a decisão certa.

— Senhor Trevor! — gritou Baashi alegremente, precipitando-se para o capitão

britânico.

Deu umas palmadinhas no peito de Alden e, depois, virou-se para o outro rapaz.

— É este o homem de quem te falei.

Ao ver o ar confuso do capitão, Baashi repetiu o que tinha dito em somali e, a seguir, excitado como um guia turístico, pôs-se a fazer festas a *Kane*.

— Ele bom cão.

Entretanto, Gray aproximou-se do capitão.

— Convença Baashi a perguntar ao miúdo se sabe para onde levaram Amanda.

— Assim farei.

Gray teve de esperar até uma apaixonada e intensa troca de palavras começar. Envolvia uma data de perguntas e respostas acompanhadas de olhares desconfiados na sua direção. Finalmente, o miúdo pareceu concordar e, apontando um dedo para ali e para acolá, pôs-se a falar animadamente em somali.

Alden acabou por vir juntar-se a Gray.

— Parece que, como acontece com Baashi, as pessoas falam mais abertamente e à vontade com crianças. Ele ouviu o pessoal médico do campo falar de uns preparativos para a jovem ser levada até uma pista de aviões usada por traficantes de drogas e, daí, transportada para o Dubai.

Mas não sabe se é apenas uma escala, ou o destino final, porque também os ouviu planear ir para o céu.

Ir para o céu? O que significava? Tratar-se-ia de um pacto suicida?

Não parecia coisa do inimigo nem certamente da Confraria. Alden devia ter-se apercebido da sua confusão e encolheu os ombros. Não tinha nenhuma explicação.

— Temos, pelo menos, o nome Dubai — disse Gray mais animado. — Podemos começar à procura dela lá ou voltar a encontrar a sua pista.

Alden olhou para a major Jain estendida numa maca.

— Boa sorte, comandante. Vou tratar dos rapazes — disse o capitão, fazendo sinal a Baashi e ao outro miúdo. — Entretanto...

O barulho de um helicóptero interrompeu-o e fê-lo olhar para o céu.

— Creio que é a equipe dos SEAL. Chegam um pouco tarde, mas podem ajudar a manter a área segura. Sugiro que vocês se ponham a andar antes que sejam feitas perguntas de mais.

— Mas, antes disso, acerca de Amanda... — começou Gray a dizer.

Alden piscou-lhe o olho.

— Ouvi dizer que foi morta aqui. Uma verdadeira tragédia.

Queria dizer que o bom do capitão já tinha percebido, assim como Painter, que a sobrevivência de Amanda dependia de toda a gente continuar a acreditar nessa mentira.

— É exatamente isso que vou dizer no relatório aos meus superiores — concluiu o capitão.

— Obrigado — agradeceu Gray, apertando-lhe energicamente a mão.

— Não tem de quê, companheiro. Se não fosse você, teria havido mais mortos e feridos no campo da UNICEF, incluindo os meus próprios homens.

Com o assunto arrumado, Gray juntou o seu grupo e dirigiram-se para o helicóptero. Queria ir-se embora antes de os SEAL ocuparem a área e levarem os supostos restos mortais da ilha do presidente para os EUA. Um dever que não desejava a ninguém.

Voltou a telefonar a Painter para o informar do que acabara de saber e coordenar a logística da próxima operação.

— Vamos sair daqui — disse. — Qualquer informação que Kat possa obter enquanto vamos a caminho será útil quando chegarmos a Dubai.

— Entendido. Vou pôr uma equipe a trabalhar nisso. Kat está a debruçar-se sobre outra perspetiva.

Gray fez uma pausa. Toda a sua equipe estava a embarcar no helicóptero.

— Que outra perspetiva? — perguntou.

Enquanto Painter explicava a sua inquietação por toda esta efusão de sangue e terror estar relacionada com o ilho de Amanda, Gray refletiu sobre a brutalidade da cesariana feita à mulher desconhecida e o facto de o seu corpo ter sido carbonizado para ficar irreconhecível.

Gray sabia que o raciocínio do diretor estava correto.

Tinha tudo que ver com o bebê.

Depois de desligar e se sentar a bordo do helicóptero, foi assaltado por outra preocupação. Também girava à volta de Amanda e do ilho. Tinha a impressão de que Painter lhe escondia qualquer coisa. A decisão do diretor de não contar aos pais de Amanda que ela estava viva não se coadunava com ele. Painter era um mestre a jogar xadrez e podia ser frio e duro quando se sentia encurralado, mas nunca assim tão insensível. A sua explicação parecia forçada, como se houvesse algo sobre Amanda, ou a família dela, que não quisesse partilhar.

O que poderia ser?

Com o rugido do motor, o helicóptero ergueu-se lentamente do campo em ruínas, provocando um turbilhão de fumo e cinzas.

Talvez não soubesse que jogada Painter estava a preparar, mas sabia que isto era apenas o princípio.

Muito pior ainda estava para vir.

11h00, EST

WASHINGTON, DC

Robert Gant atravessou a câmara hermética e entrou na sala da classe 1000, uma divisão branca com paredes de vidro que dava para o resto do laboratório de genômica. Apenas com três investigadores, toda a instalação estava localizada numa área industrial nos arredores de Alexandria, Virgínia, e era classificada como um laboratório privado de testes de DNA.

Mas não era esse o seu objetivo.

A sua verdadeira função encontrava-se gravada numa das paredes de vidro da sala: uma cruz decorada com uma espiral de DNA à volta.

— Mostrem-me — disse com a sua grave voz de barítono que lhe tinha sido útil no passado como embaixador dos EUA e, agora, como secretário de Estado.

Permitiu que um pouco da sua irritação transparecesse. Deixara Jimmy e Teresa entregues à sua dor para tratar de um assunto de família privado, mas queria que esta visita fosse mais breve quanto possível.

O investigador, o doutor Emmet Fielding — com fato-macaco branco, luvas, botas e capuz —, levou-o a uma mesa de laboratório. Uma secção cilíndrica de cristal selada, com o tamanho e a forma de uma malha de hóquei no gelo, continha um fluido turvo da cor de água-marinha. Ao seu lado estava pousada uma escultura de titânio que parecia um caranguejo sem pinças sobre seis patas articuladas. A sua carapaça metálica media trinta centímetros e lembrava a Robert as minas terrestres que ainda pontilhavam o Sudeste Asiático, onde passara a maior parte dos seus anos como embaixador.

Fielding levantou o cilindro da mesa e segurou-o na palma da mão.

— Isto é a geração mais recente — disse orgulhosamente. — Meio milhão de neurônios colhidos do tecido cortical de um feto humano para formar este novo cérebro, que, uma vez implantado, comunicará através de cinco mil microelétrodos. Uma melhoria quatro vezes superior à da última geração.

Era um enorme progresso desde que tudo começara.

Era o projeto de estimação de Robert. Fora posto a par da primeira tentativa levada a cabo pela Universidade de Reading, em Inglaterra, no ano 2009. Um investigador de neurorrobótica descobrira que um punhado de neurônios, colhidos do córtex de cobaias e desenvolvidos num meio de cultura, podiam ser ligados a um pequeno robô com rodas e, através de estimulação dos elétrodos, controlar o pequenino veículo, aprendendo ao longo do tempo, à medida que novas sinapses se

formavam, a evitar objetos e a percorrer labirintos. Pouco mais tarde, outro cientista, desta vez na Universidade da Florida, aumentou a aposta em jogo ligando 25 mil neurônios de ratos a um estimulador de voo. Com o tempo, esse minúsculo cérebro aprendeu a pilotar impecavelmente um jato através de montanhas e tempestades.

Anos depois, utilizando os recursos financeiros e tecnológicos da família, Robert fez subir a fasquia muito mais alto. Inicialmente, a pesquisa fizera parte de um projeto maior, que datava de há décadas, e que investigava a fusão do homem e da máquina como meio para prolongar a vida, objetivo que a Linhagem procurava há séculos.

Mas essa pesquisa sobre tecnologia ciborgue provou ser um beco sem saída e tornou-se evidente que nunca poderia vir a ser um meio realizável de manter ou prolongar a vida, sobretudo, com o aparecimento mais promissor das células estaminais. Nessa altura, a Linhagem concentrou-se numa nova direção, abandonando o macroscópico mundo da robótica para se dedicar ao mundo microscópico da genética.

Mas nem mesmo Robert tinha total acesso a esse novo empreendimento.

Deixaram-no, contudo, supervisionar o seu antigo projeto. A neurorrobótica ainda tinha o potencial de se tornar uma tecnologia lucrativa para a fabricação de novo armamento. Se os cérebros dos ratos podiam pilotar aviões a jato, porque não algo mais ambicioso para os campos de batalha do futuro?

— Permita-me que faça uma demonstração do hexápode — solicitou Fielding.

O investigador abriu a carapaça de titânio do caranguejo, expondo a microeletrônica no interior. Pousou a secção cilíndrica neural na base de elétrodos e segurou tudo no seu lugar. A seguir, levou o dispositivo para uma câmara vizinha da sala onde estava instalado um labirinto, mas não era um labirinto plano qualquer. Ocupava todo o espaço da câmara e tinha 15 níveis diferentes de túneis, ladeiras e espirais.

— O hexápode já atravessou este labirinto hoje. Agora, veja.

Fielding introduziu o engenho em forma de caranguejo numa abertura a baixo nível, selou a porta e usou um Bluetooth para o ativar.

Pequeninas luzes verdes acenderam-se ao longo de um sulco à volta da carapaça do hexápode. As patas de titânio estenderam-se e puseram-se a mexer.

Pouco impressionado, Robert aproximou-se.

— Por que ...?

A criatura arrancou, dançando nas seis patas e ganhando velocidade até parecer uma mancha prateada. Percorreu velozmente o labirinto com precisão infalível, sem se enganar uma única vez. Tinha memorizado perfeitamente a complexidade do percurso.

— Calculo que a inteligência neural do novo cérebro seja a de um cão médio

— disse Fielding cheio de orgulho.

Meio minuto depois, o hexápode chegou à saída perto do topo e parou.

Impressionante, sorriu Robert.

Enlevado por aquele raro elogio, Fielding também esboçou um sorriso.

Estendeu depois o braço e abriu a porta de saída do labirinto. O hexápode saltou e agarrou-se ao antebraço do cientista. As pernas pontiagudas enterraram-se-lhe na carne e o sangue salpicou a sua roupa branca.

— Filho da mãe! — gritou Fielding, premindo o Bluetooth para controlar o hexápode.

Mas, mesmo assim, teve de puxar manualmente cada pata fincada na carne para soltar o raio do engenho.

— A agressividade desta nova geração também é muito grande — disse Fielding, fazendo uma careta e mostrando o sangue no braço como prova. — Diria que criamos o equivalente a uma região límbica do cérebro dos mamíferos, a inteligência enterrada por baixo do córtex, ativada por necessidades básicas de sobrevivência.

— Para uma arma, não é uma característica indesejável.

— Pois não.

— E por falar em batalhas, prometeu fazer um teste no terreno dos hexápodes mais recentes. Foi por isso que vim pessoalmente até cá.

— Claro. Tenho aqui um monitor com imagens ao vivo da Casa. Está tudo pronto. Têm estado à espera de autorização.

Robert seguiu Fielding até a um monitor de alta definição. A tela de 52

polegadas estava subdividido em secções, cada uma delas com uma diferente vista aérea de colinas arborizadas distantes e isoladas.

A secção central mostrava um pequeno *bunker* de cimento com uma porta de metal num prado. Parecia um gigantesco formigueiro.

— Está preparado? — insistiu Fielding.

— Mostre isso — disse Robert.

Fielding falou num celular e, momentos depois, viu-se a porta metálica do *bunker* abrir-se e uma mulher ser empurrada para o exterior.

Vestia apenas uma bata de hospital. Tropeçou e caiu de joelhos, tapando os olhos com a mão para os proteger do sol. Robert perguntou distraidamente a si mesmo há quanto tempo aquela jovem não veria a luz do sol.

Pela modo como olhou para trás, sobressaltada, alguém devia ter-lhe gritado.

— Estão a dizer-lhe para fugir se não quiser morrer.

Robert franziu a testa. Não apreciava comportamentos sádicos. Era uma experiência, não um desporto sangrento, e deveria ser conduzida como tal.

A mulher começou a correr para um bosque.

— Olhe para ali! — exclamou Fielding, indicando um movimento no meio da erva, uma dezena de setas apontadas à fugitiva. Um par dividiu-se com a intenção de a flanquear.

— Veja como se movem seguindo um padrão. Usei um sistema de comunicações sem fio novo e liguei os hexápodes uns aos outros para que funcionassem em grupo. Repare como aprendem depressa.

Robert fitou a tela, meio horrorizado e meio excitado.

A mulher chegou à orla do bosque, mas devia ter ouvido os perseguidores. Olhou por cima do ombro e o horror que viu fê-la tropeçar.

Caiu de joelhos, com a boca aberta num grito mudo.

E os perseguidores apanharam-na.

Não demorou muito tempo.

— As novas modificações parecem estar a funcionar como queríamos — avaliou Fielding o teste com uma mão no queixo. — As lâminas circulares, as patas pontiagudas... tudo impecável. Talvez tente inovar as pás para que cavem melhor.

— Já vi o suficiente — interrompeu Robert, endireitando-se e afastando-se.

Fielding seguiu-o.

— Se estiver de acordo, gostaria de avançar com os testes e aplicá-los a quadrúpedes maiores.

— Isso seria excelente.

— Vou precisar de mais umas tantas pessoas para fazer testes — insistiu Fielding. — Algo mais estimulante.

A imagem na tela da mulher massacrada veio à cabeça de Robert.

— Tenho a certeza de que havemos de encontrá-las em qualquer lado.

SEGUNDA PARTE

CÉU E INFERNO

18

2 DE JULHO, 11H56, EST

CHARLESTON, CAROLINA DO SUL

A capitã Kathryn Bryant vinha vender seu corpo.

Saiu do ônibus que atravessava a cidade e penetrou no calor abafado e úmido de um verão em Charleston. Os seus tênis gastos pisaram o cascalho na berma da estrada. Tirou da carteira uns óculos de sol baratos comprados no aeroporto para se proteger da luminosidade do dia, mas que nada faziam contra o calor.

Trinta e dois graus e noventa por cento de umidade.

E eu que pensava que os verões de Washington eram maus.

Numa débil tentativa para se defender, penteara o comprido cabelo castanho-acobreado em rabo de cavalo e colocara um boné de basebol na cabeça para ficar com o rosto à sombra. E para terminar a sua aparência de mulher em maré de azar à procura de um pouco de dinheiro extra, também vestia calções e uma blusa larga, sem sutiã.

O ônibus afastou-se a tossir asfixiantes vapores de gasolina e ela seguiu na sua esteira.

A clínica de fertilização, em Charleston Norte, estava localizada dois quarteirões mais à frente e ocupava um quarteirão inteiro no meio de um pequeno parque de imponentes carvalhos e palmeiras. O resto da vizinhança era uma mistura de comércio e parques de estacionamento para rulotes. Ela não conhecia bem a zona, pois passara ali apenas uns meses quando estava de serviço no Naval Weapons Station, à beira do rio Cooper a cinco quilômetros de distância.

Ao dirigir-se para a clínica, pegou no celular para cumprir uma promessa. O aparelho era descartável. Fez a ligação através da Sigma para que a origem da chamada não fosse identificada. Se alguém consultasse os registos telefônicos veria um telefonema feito para uma loja de penhores.

Ouviu-se um estalido na linha e uma voz grossa atendeu.

— Ainda está viva?

O marido, Monk, fazia o que podia para parecer estar a brincar, mas ela apercebeu-se de uma certa tensão na sua voz. Não ficara muito entusiasmado por ela ter aceitado esta missão, mas sabia que era necessária.

— Por enquanto — retorquiu ela com um sorriso. — Estou a caminho da

clínica.

— Trate-os mal.

— A ideia é exatamente essa — disse, com um sorriso ainda maior.

Imaginou Monk no apartamento com uma das bebês sentada no joelho.

De cabeça rapada e robusto, não era o que a maior parte das mulheres consideraria bonito, mas ainda conseguia fazê-la derreter-se com o seu sorriso e ela nunca conhecera um homem com um coração tão grande — um coração que aumentava de cada vez que tinham um filho.

— Já deste o segundo biberão à Harriet? — perguntou-lhe.

Seguiu-se um suspiro exasperado.

— Dei, sim, minha querida. E fui comprar fraldas. Vai salvar o mundo que eu encarrego-me de tudo por aqui.

Ela esperara que o telefonema apagasse a apreensão que se escondia por detrás dos seus joviais gracejos, mas parecia torná-la pior.

— Estou quase a chegar à clínica, Monk. Dá à Penny e à Harriet um beijo por mim.

— Combinado. E vou guardar o que tenho para *ti* até chegares a casa.

— Ah, o galante cavaleiro de sempre — disse ela em tom sarcástico um pouco forçado porque ele era realmente o seu cavaleiro e sempre haveria de o ser.

A voz dele enrouqueceu.

— Volta sã e salva.

— Prometo.

— Mais vale. Responsabilizo-te por isso.

Depois de desligar, o mundo pareceu-lhe ligeiramente menos brilhante.

Foi atormentada por um sentimento de culpa quando voltou a guardar o celular no bolso.

O que estou aqui a fazer? Devia estar em casa.

Não conseguiu, contudo, evitar a excitação que a percorreu ao entrar nas instalações da clínica e concentrou-se na sua tarefa. Era assim com todas as missões. Tinha um dever a cumprir e era boa no que fazia. Saber que a sua família estava em segurança — com Monk, sempre estaria — ajudava-a a estabilizar. Mesmo a centenas de quilômetros, ele era o seu rochedo.

Com determinação renovada, caminhou ao longo do alto muro de pedra e atravessou os portões de ferro forjado, entrando num oásis florido no meio das áreas comerciais. Seguia por um caminho paralelo à estrada da entrada, serpenteando através de sebes aparadas, pequenas fontes e canteiros perfumados de rosas vermelhas.

Alguém tinha feito grandes despesas para tornar a clínica atraente e acolhedora, um autêntico jardim do Paraíso, onde os sonhos de casais inférteis não podiam

deixar de se concretizar. Não era de admirar que este lugar atraísse clientes famosos e gente de todo o mundo, incluindo a ilha do presidente.

É de notar que este complexo pertencia a uma subsidiária de uma empresa da família Gant, que se dedicava à biotecnologia e à engenharia genética. A clínica, estabelecida no começo da década de 1980, era o resultado de grande parte desse trabalho de investigação e oferecia ao público as últimas inovações. A clínica também tinha os seus próprios protocolos de pesquisa e contava com cientistas de países tão distantes como o Japão. O lugar continuava na vanguarda dos estudos sobre a fertilidade e a investigação de células estaminais.

Nas últimas dezoito horas, Kat investigara exaustivamente a clínica — desde o pessoal e a clientela até aos impostos que pagavam. Estava a par de tudo: onde adquiriam lençóis e o peso médio de resíduos perigosos por dia. Quanto mais fundo escavava, mais se convencia de que o motivo por que Amanda fora raptada se encontrava no interior dos quatro edifícios que constituíam a clínica.

Essa convicção não provinha de nada que tivesse descoberto, mas do que não descobrira. Após dez anos passados a recolher informações globais de espionagem, tinha desenvolvido um faro especial quando algo estava a ser escondido. Durante a investigação, chegara a vários becos sem saída que não faziam sentido. E, pior que tudo, esbarrou a dado ponto contra um impenetrável muro corporativo que usava algoritmos codificados à escala militar. Mesmo que pudesse, receava descodificar aquilo. Podia desencadear demasiadas campainhas de alarme e avisar os responsáveis da clínica de que alguém andava a farejar à porta.

Por isso, optou por uma abordagem mais direta.

Iria a pé.

Ao chegar ao parque de estacionamento, avistou o carro alugado, um *sedã Audi A6* prateado. Lisa Cummings chegara primeiro, mas a amiga não tivera de fazer duas transferências de ônibus desde o aeroporto.

Vieram separadas, cada uma com a sua própria missão.

Kat subiu os degraus que davam para uma larga varanda diante do edifício principal. Em nada se assemelhava a uma instalação médica. A fachada era típica de Charleston, uma mansão de pedra de estilo clássico com corrimões de ferro forjado, três andares com varandas e um telhado inclinado coberto com telhas de ardósia.

Entrou na sala de recepção climatizada, o que era bastante refrescante depois dos trajetos de ônibus e do curto passeio a pé. Aproximou-se da secretária da recepcionista e viu que Lisa se encontrava sentada na sala de espera, um espaço sumptuosamente mobilado, ornamentado com veludos e almofadas excessivamente estofadas, como seria de esperar do exterior.

Num elegante vestido cor de platina *St. John,* Lisa combinava bem com a decoração. O seu longo cabelo louro caía solto e brilhava sob a luz velada; e a

maquilhagem era perfeita. Fazia-se passar por médica particular de uma seleta clientela de Washington, que vinha visitar a clínica para poder eventualmente recomendá-la aos seus pacientes. Tinha um encontro marcado com o diretor.

Lisa estava a conduzir esta apressada investigação de cima para baixo.

Enquanto Kat fazia justamente o inverso.

— Precisa de alguma informação? — atendeu-a a recepcionista, uma mulher pequenina de olhos grandes, que pareciam ainda maiores por estarem excessivamente pintados.

Kat aproximou-se e encostou-se à secretária, inclinando-se para a frente como se tentasse ter uma conversa discreta.

— Ouvi dizer... alguém me disse... que estão à procura de doadoras.

As sobrancelhas da recepcionista franziram-se irritadamente.

Kat aproximou-se ainda mais, olhando sub-repticiamente por cima do ombro dela e fazendo-a corar.

— Ovos femininos, está a perceber? Ouvi dizer que pagam bom dinheiro.

A recepcionista endireitou-se na cadeira e a sua voz velou-se num tom condescendente, que soava ainda pior por causa do seu sotaque da Carolina do Norte.

— Esse gênero de coisa é tratado noutro sítio, minha querida. Aqui só se admite pacientes. Se for para ali — disse, indicando-lhe um canto, afastado da sala de espera, com uma mão bem cuidada. — Pedirei a uma assistente que a acompanhe ao departamento de doações. Está bem assim?

— Obrigada — acenou Kat a cabeça, recuando com ar envergonhado.

A mulher emitiu um ruído neutro e pegou no telefone.

Ao recuar para o canto, o olhar de Kat cruzou-se com o de Lisa. Um abismo cultural e financeiro separava-as nesse momento. Lisa representava a compradora e Kat o produto à venda.

Continuava a haver muitos debates éticos e morais quanto à venda de óvulos humanos. Ao ser atribuído um preço a tal produto, ficava ligado ao poder da oferta e da procura, e ao seu inerente abuso.

Em grande parte do Terceiro Mundo, aldeias inteiras vendiam atualmente rins ou as mulheres tornavam-se mães substitutas e alugavam espaço nos seus úteros. Era chamado o *mercado vermelho* — a compra e venda a grosso de partes do corpo — e era um negócio florescente, tanto legal como ilegalmente. Ela tinha lido um relatório sobre um bando boliviano que procurava vítimas para vender a gordura a companhias de beleza europeias. As prisões chinesas estripavam os órgãos dos presos mortos e corria o boato que alguns dos detidos eram mortos de propósito.

No Nepal, um produtor de leite passou a fornecer sangue. Capturava pessoas e extraía-lhes regularmente sangue, mantendo-as à beira da morte.

O pior de tudo é que esse mercado evoluiu numa só direção: do pobre para o rico. Dar preço a órgãos provocou um efeito secundário nefasto. A *carne* subiu inevitavelmente a escada social, nunca desceu.

Um movimento chamou a atenção de Kat. Uma porta de mogno abriu-se e um homem de feições rudes na casa dos quarenta entrou na sala de espera. Tinha cabelo preto-azeviche, um metro e oitenta de altura e vestia uma bata de laboratório branca que lhe dava pelos joelhos, por cima de elegantes calças azuis, camisa branca e gravata carmesim. O seu sorriso era demasiado largo ao aproximar-se de Lisa, que se levantou para o cumprimentar.

— Bem-vinda à NCFC — disse ele, apertando-lhe a mão.

Era o doutor Paul Cranston, chefe da clínica. Kat sabia tudo acerca dele, até mesmo o seu número da assistência social e onde o seu passaporte fora carimbado pela última vez: Nova Zelândia.

Ele conduziu Lisa até o santuário das instalações. Quando a porta se fechou, outra abriu-se. Outro homem, provavelmente um auxiliar, surgiu no limiar de uma porta ao pé da secretária. Parecia um *pit bull* com farda.

A recepcionista fez sinal a Kat.

Ela avançou.

— Venha comigo por favor — rosnou o auxiliar sem lhe perguntar sequer o nome.

Ela seguiu-o apressadamente, mas deteve-se à secretária para tirar um cartão de visita. Esticou desajeitadamente a mão e derrubou propositadamente a caixa que continha os cartões.

— Peço imensa desculpa — disse, apanhando os cartões espalhados.

A recepcionista suspirou profundamente e apanhou alguns cartões do chão junto à sua cadeira. Kat aproveitou a confusão para meter a esferográfica, que escondia na mão, no recipiente onde a recepcionista guardava as canetas. Tinha uma câmara minúscula que gravava imagens e sons para um *microchip*. Uma pequena antena permitia a transmissão de dados recolhidos através de uma chamada de um celular.

Tinha mais quatro canetas dessas na bolsa para as colocar estrategicamente em pontos-chave das instalações, ou, pelo menos, onde fosse fácil chegar sem causar alarme. Se houvesse oportunidade, seria fácil uma rapariga confusa perder-se neste local e vaguear por aí sem rumo.

Mas, primeiro, tinha um papel para representar.

— Desapareça — disse-lhe a recepcionista, apontando para a porta lateral.

Kat desculpou-se docilmente mais uma vez e seguiu o auxiliar que esperava por ela. Conduziu-a para fora do mundo de jardins e veludos e levou-a para um ambiente estéril de vinil e nuas paredes brancas. O

hospital estava escondido por detrás da fachada: despojado e utilitário.

Acabaram por chegar a uma curta passagem coberta que ligava o edifício principal a uma estrutura pesada ao fundo das instalações. Notou, enquanto caminhava, que cada uma das alas da clínica estava ligada de forma semelhante. Parecia não haver necessidade de abandonar aquele esplendor climatizado e enfrentar o calor estival lá fora. Examinou igualmente as paredes de vidro dos dois lados. O vidro era espesso, à prova de bala.

A maior parte da clientela era constituída por gente famosa ou dignitários estrangeiros e talvez fosse necessário proteção suplementar.

No entanto, um arrepio que nada tinha que ver com o ar condicionado percorreu-a. Aquele espaço dava a impressão de ser um lugar menos protetor do que uma prisão.

Entraram no edifício seguinte e Kat foi levada para uma pequena sala — uma entre outras iguais que formavam uma longa fileira — para ser examinada. O auxiliar entregou-lhe uma série de formulários para preencher.

— Preencha isto tudo. Alguém virá falar consigo dentro de alguns minutos.

E foi-se embora com ar tão entediado como quando a fora buscar.

Ela tinha começado a preencher os formulários quando ouviu um pequeno clique do lado de fora da porta. Levantou-se e rodou a maçaneta.

Trancada.

Franziu a testa, recusando entrar em pânico. Talvez se tratasse de uma medida habitual para manter a confidencialidade. Em qualquer dos casos, estava empenhada em cumprir aquela missão. Teria de continuar a jogar com as cartas que tinha na mão, mas havia algo definitivamente errado naquele local.

Esperava que Lisa estivesse a sair-se melhor.

12h18

— Como pode ver, fazemos todo o nosso trabalho no interior da organização — disse o doutor Cranston, detendo-se diante de uma parede de vidro através da qual se via um laboratório selado de fertilização *in vitro*.

Lisa examinou o espaço com olho crítico. A sala tinha a tecnologia mais avançada e incluía unidades equipadas com *scanners* a laser de ovócitos e micromanipuladores *Narishige* para fertilização do ovo. Nada era de qualidade inferior, das câmaras de contagem *Makler* aos analisadores automáticos de esperma, blocos de aquecimento avançado e câmaras criogênicas.

A visita guiada já tinha incluído a suíte cirúrgica, usada para recolha do ovo e implantação do embrião. O bloco operatório da clínica envergonharia a maioria dos hospitais. Até mesmo os quartos de recobro, com fina roupa de cama, luzes suaves e decoração de bom gosto, eram espaços privados que poderiam figurar nas páginas de *Architectural Digest*.

Esta visita destinava-se claramente a impressionar.

— Somos uma organização com um único balcão — concluiu Cranston com um sorriso modesto. — Da recolha de esperma e óvulos à fertilização e implantação. Fazemos toda a monitorização das nossas pacientes, mas temos certamente muito prazer em colaborar com um médico de cuidados primários.

Lisa acenou a cabeça.

— Tenho a certeza de que algumas das minhas pacientes preferem o anonimato sobre os cuidados prestados fora dos círculos de Washington.

— Compreendo.

Os seus olhos fitaram-na demoradamente. Era evidente que desejava saber mais acerca de quem ela representava, mas era suficientemente esperto para não fazer perguntas diretas. A cobertura couraçada de Lisa fora concebida para atrair o interesse pessoal do chefe da clínica e, pelo visto, estava a dar resultado.

— Porque não voltamos ao meu gabinete? — propôs ele. — Posso dar-lhe brochuras com pormenores sobre os nossos serviços, incluindo gráficos que provam o nosso sucesso. E claro que terei muito prazer em responder a quaisquer outras perguntas.

— Seria perfeito — concordou ela, consultando o relógio com um gesto que o incitava a apressar-se. — Não lhe roubarei muito mais tempo.

O gabinete dele ficava no andar de cima. Era como entrar numa biblioteca toda de mogno, com paredes cheias de estantes para livros, troféus e diplomas emoldurados, entre os quais o de Harvard, a sua *alma mater*. Como a visita, esta sala também fora concebida para impressionar.

Enormes janelas em arco abriam-se sobre um parque e tinham vista para os outros três edifícios.

Cranston contornou a secretária onde um dossiê já a esperava.

Estendeu-lho, mas ela ignorou-o, olhando atentamente pela janela. Mas observou a reação dele. Além de médica, ela tinha um mestrado em Fisiologia. Compreendia a linguagem corporal e podia lê-la com tanta precisão como um detetor de mentiras, mas, ao contrário dos detetores, também sabia manipular as reações corporais de modo a alcançar o resultado que desejava.

Era altura de começar a trabalhar.

— O que se passa naqueles edifícios? — perguntou.

Ele baixou o dossiê e seguiu o seu olhar.

— A ala diretamente por detrás desta é para avaliar os doadores e para recolha.

Lisa examinou o prédio de três andares.

Deve ser onde Kat se encontra.

— E os outros dois edifícios são estritamente destinados à investigação — prosseguiu ele. — Fazemos estudos sobre reprodução para uma dezena de universidades diferentes, incluindo a de Tóquio e de Oxford.

Ela virou-se de costas para a janela.

— Assumo que nenhum espécime biológico, óvulos ou embriões das minhas pacientes são usados para esse efeito sem o seu consentimento.

— Claro que não. Temos um sólido programa de doações que fornece esse material. Permita-me que lhe assegure, doutora Cummings, que a nossa investigação e serviço a pacientes são completamente separados. Não há cruzamento.

— Muito bem.

Lisa voltou para a cadeira diante da mesa e sentou-se, pousando a bolsa no colo.

— Vou ser franca, doutor Cranston.

— Trate-me de Paul, por favor.

Ela sorriu, oferecendo-lhe pelo menos isso.

— Devo dizer-lhe que tenho andado a informar-me sobre outras clínicas, Paul. Resta-me esta e outra nos arredores de Filadélfia.

— Estou a entender.

Ele mantinha uma atitude calma, mas Lisa não deixou de notar o estremecimento de ganância — sacar outra cliente à má fila era melhor do que simplesmente ganhá-la. O risco era esse.

— Asseguro-lhe que não há de encontrar outra clínica com o mesmo nível tecnológico, os instrumentos mais modernos e o pessoal profissional capaz de supervisionar todas as fases do processo.

Cranston queria definitivamente a sua lista imaginária de clientes ricas, mas até

que ponto?

O primeiro passo era dar-lhe corda para tentar enervá-lo.

— Compreendo e aprecio isso, Paul, mas Filadélfia também fica muito mais *perto* de DC e tenho de ter isso em consideração. O tempo da minha paciente é muito importante.

Ele pareceu decepcionado.

— Vejo-me obrigado a concordar com isso.

Agora era a altura de lhe acenar com a esperança.

— A sua clínica, contudo, tem uma clara vantagem. Para além da sua astronômica reputação *médica,* têm uma reputação *social* incomparável, uma distinta clientela.

— Como assim?

— Amanda Gant-Bennett.

Ao ouvir o nome Amanda, as pálpebras dele encarquilharam-se.

— Várias pacientes minhas conhecem bem a primeira família — prosseguiu Lisa. — Conhecem a delicada situação da ilha do presidente e como o assunto foi tratado na sua clínica. Sob muitos aspetos, Washington é uma pequena cidade.

Ela lançou-lhe um sorriso discreto.

E ele retribuiu-o.

Era o efeito desejado.

— Uma paciente, em particular, encontra-se numa situação semelhante.

O marido é infértil. Ela pediu para eu me informar especificamente sobre o seu programa de doações. Para ser mais direta e usando as palavras da minha paciente: "Se é suficientemente bom para a ilha do presidente, é suficientemente bom para mim."

E rolou os olhos, fingindo desdém divertido.

— Em certos círculos de Washington, as marcas é que interessam, quer seja o último modelo de uma bolsa ou o vestido de um costureiro da moda.

E o mesmo se aplica à escolha de clínicas médicas e, neste caso, a preferência do doador.

Ele acenou compreensivamente a cabeça e apoiou o queixo na mão.

— Não há evidentemente maneira de divulgar quem foi o doador nessa situação. Mas posso garantir-lhe que *todos* os doadores, ou doadoras, têm de passar por inúmeros exames de avaliação e os mais rigorosos testes quanto aos seus antecedentes. Todos são classificados segundo vários critérios: aparência física, coeficiente de inteligência, a história médica, o meio sociocultural e muitos outros.

— E se uma cliente quiser escolher alguém com critérios, digamos, iguais aos do doador no caso da filha do presidente...

O sorriso dele tornou-se mais franco ao encontrar uma forma de a convencer.

Fazia parte da natureza humana: ter uma coisa quase ao seu alcance e, de repente, perdê-la, tornava o desejo de a reconquistar muito mais forte. Era por isso que o jogo viciava tanto.

— Tenho a certeza de que podemos encontrar uma solução — disse Cranston. — Detestaríamos perdê-la como cliente.

Aposto que sim.

— Formidável! — exclamou ela, recompensando-o com um verdadeiro sorriso de prazer. — E seria possível obter uma lista e a descrição desses doadores, algo tangível que eu possa mostrar à minha paciente? Como se diz, ver para crer como São Tomé.

Ele sentou-se diante do computador.

— Certamente. Dê-me apenas uns minutos.

Lisa recostou-se na poltrona. Painter queria aquela lista de doadores para reduzir o número de potenciais pais biológicos do ilho de Amanda.

Mas também precisava de arranjar maneira de identificar os doadores anônimos.

Mas para isso tinha de aceder aos arquivos da clínica.

Enquanto Cranston trabalhava, Lisa abriu a bolsa e fingiu verificar o seu celular. Seguindo as instruções de Painter, premiu um botão e, depois, ou o aparelho entre as almofadas da poltrona, utilizando a bolsa para ocultar os seus movimentos. O celular tinha um microrroteador sem fios incorporado que permitia à Sigma entrar no servidor da clínica.

Painter tentara explicar-lhe mais pormenorizadamente, mas a engenharia eletrônica não era a sua especialidade. A única coisa que sabia era seguir as instruções dele: esperar até Cranston abrir o computador e usar a palavra-passe e ativar o roteador e deixá-lo a funcionar por perto.

Voltou a fechar a bolsa.

O seu trabalho ali estava terminado.

Parecia fácil de mais, mas era suposto sê-lo.

Painter descrevera a missão delas como sendo uma suave infiltração.

Em vez de arrombar os portões da entrada, o objetivo de Kat e de Lisa era deixar um trilho de migalhas eletrônicas: aparelhos de escuta, câmaras, dispositivos sem fios. Na sua maioria, os instrumentos tinham sido concebidos por Painter e criados para serem anônima e facilmente escondidos.

Mas, com tempo suficiente, tudo pode ser detetado, avisara Painter.

E, por isso, a segunda parte da missão era não se demorarem por aquelas paragens.

Era o que ela tencionava fazer.

Conseguira tudo o que queria do doutor Cranston, incluindo as brochuras e a

informação. Ele acompanhou-a até a sala de recepção, deixou-a com a promessa de se manterem em contacto e, pouco depois, ela encontrava-se de novo sob o sol escaldante.

Entrou no *Audi* e, embora tivesse cumprido a sua parte da missão, sentia um nó na garganta. O plano era que Kat e ela se encontrassem no hotel da baixa de Charleston. Só se sentiria aliviada quando estivessem de novo juntas. A partir dali, os dispositivos eletrônicos espiariam por elas.

Arrancou do parque de estacionamento e entrou na rua, preocupada por causa de Kat. Sentia-se culpada por abandonar a sua parceira.

O seu único conforto era que Kat era uma profissional.

Nada a assustava.

13h14

Que diabo está acontecendo?

Kat consultou o relógio do seu celular descartável enquanto andava de um lado para o outro na pequena sala. Há mais de uma hora que entrara pela porta principal da clínica e já deveria ter saído. Completara os formulários e entregara-os ao mesmo auxiliar que a trouxera para aquela sala e trancara a porta.

Dissera-lhe para esperar porque o processo de aprovação podia levar algum tempo. E que isso não envolvia apenas papelada. *Um médico virá fazer um exame pélvico e de ultrassons dentro de uns minutos. Ser-lhe-á paga uma pequena quantia por uma amostra de sangue e de urina. E será informada por telefone se foi escolhida como doadora dentro de cinco dias.*

Tudo isto fora-lhe dito em tom monótono, como se ele repetisse as mesmas palavras inúmeras vezes por dia. E talvez assim fosse. Através das paredes, Kat ouvia portas a abrirem e a fecharem, e outras pessoas irem e virem ao longo do corredor.

Esperara visitar o centro de doações, deixar outras canetas equipadas com câmaras e até mesmo tentar chegar aos outros dois edifícios. Mas, a não ser que ela se mostrasse mais ousada, isso não parecia muito provável.

Avançou para a porta. Tinha uma minúscula gazua escondida na sola do sapato direito e uma lâmina de combate no esquerdo. Mas, se fosse apanhada, a sua fuga da sala trancada seria difícil de explicar. Havia uma maneira mais fácil.

— Olá! Tenho de ir à casa de banho! Alguém pode ajudar-me, por favor? — berrou, batendo com força na porta.

A porta não demorou muito a ser aberta.

Ela esperava ver o mesmo auxiliar, mas apareceu-lhe pela frente uma médica de bata branca, uma mulher esbelta de olhos cinzentos. O auxiliar vinha atrás dela a segurar um tabuleiro com tubos para recolher sangue e uma série de seringas.

O único indício de sarilho era que uma das seringas estava cheia.

Antes de Kat ter tempo para reagir, a médica deu um passo em frente e aplicou-lhe um choque elétrico no estômago. O crepitar da eletricidade ecoou no pequeno espaço. A dor atravessou-lhe o corpo, centrando-se na barriga e contraindo os músculos abdominais. As forças abandonaram-na e cambaleou, quase em convulsão.

A médica amparou-a e deitou-a no chão. O auxiliar fechou a porta e aproximou-se de Kat pelo outro lado de seringa na mão. Apesar de abalada pelo choque elétrico, sentiu a picada da agulha no pescoço.

A visão começou imediatamente a turvar-se.

Debateu-se, perguntando-se como a sua cobertura fora descoberta.

Tivera tanto cuidado a criar a sua personagem de mulher sem eira nem beira. Nada podia ser facilmente verificado ou associado a ela.

Infelizmente, isso fora o seu erro.

— Parece estar em boa forma — disse a médica ao auxiliar, examinando Kat como se fosse um porco premiado numa feira de gado. — É pouco comum. Sinta o seu tónus muscular. Não vejo marcas nos braços ou traços de uso crônico de drogas. Tem a certeza de que satisfez os padrões do protocolo médico?

— Foi tudo verificado, doutora Marshall. Acabou de mudar-se para aqui. Sem trabalho nem família. No ano passado, mudou de cidade três vezes antes de vir para aqui. Gainesville, Atlanta e, agora, Charleston.

Ninguém vai sentir a falta dela.

O mundo de Kat fechou-se sobre ela.

E a conversa entre os dois seguiu-a, caindo no esquecimento.

— Então, é a altura perfeita. Recebi uma mensagem da Casa há pouco tempo. Estão a pedir mais gente para fazer experiências.

Kat sentiu o corpo a ser levantado pelo musculoso auxiliar.

— A Casa? — perguntou ele. — Sabe o que lá fazem?

— Acredite que é melhor não saber.

19

2 DE JULHO, 22H20, GST

DUBAI, EMIRADOS ÁRABES UNIDOS

Gray encontrava-se diante das janelas do hotel a contemplar a noite estrelada de Dubai, um oásis cor de esmeralda entre o deserto e o mar azul. Torres e espirais iluminadas que chegavam às nuvens elevavam-se de uma meca moderna de imensos centros comerciais, hotéis e condomínios residenciais, todos ligados por néones de todos os matizes. O panorama lembrava menos uma cidade e mais uma placa de circuito a crepitar com a eletricidade de toda a região.

Parecia impossível ter estado, há cinco horas, num país devastado pela guerra, a fome e a seca; uma terra governada tanto por piratas como por um governo qualquer.

Presentemente, ele flutuava por cima de um milagre.

Desenvolvido em ritmo forçado, o Dubai elevara-se do deserto como uma miragem, sendo Burj Khalifa, o maior arranha-céus do mundo, a joia da coroa. Tinha mais de duzentos andares e surgia como o cume de uma montanha à beira-mar. Arquitetos de todo o mundo continuavam a competir para construir os projetos mais assombrosos, aparentemente com uma ideia em comum: desafiar a natureza e os seus elementos. Em Dubai é possível estender-se preguiçosamente numa praia banhada pelo sol e, uma hora mais tarde, estar a esquiar na maior estância de esqui coberta do mundo. E se quiser o melhor de ambos os mundos, o novo hotel Palazzo Versace possui uma praia climatizada para manter os turistas frescos enquanto se banham.

Mas os projetos que mais desa iam a natureza encontram-se para lá das praias: são as famosas ilhas construídas pelo homem. O hotel onde estavam instalados ficava perto de Palm Jumeirah, arquipélago artificial em forma de palmeira, e tão grande que podia ser vista do espaço. O tronco estendia-se da terra firme e explodia em dezasseis ramos, tudo rodeado por um quebra-mar em forma de crescente. Mais outros dois arquipélagos estavam a ser construídos ao longo da costa, o que multiplicará por dez o número de praias.

Gray tinha lido sobre outros projetos para o Dubai ainda em construção: um hotel com onze hectares debaixo de água chamado Hidrópolis; um palácio flutuante de concepção alemã feito inteiramente de gelo, chamado Cristal Azul; e, no mar alto, uma ilha em parte já construída, Utopia, em forma de estrela-do-mar e abrigada por

um dique em forma de crescente, enclave corporativo destinado ao turismo por causa do seu isolamento.

No Dubai, a natureza não tinha nenhuma ação determinante sobre os ambiciosos sonhos humanos.

— Tem que experimentar a ducha, Pierce — disse Kowalski, saindo do banheiro com uma toalha em volta da cintura. — Tem jatos de água que te acertam nas partes certas e em algumas erradas.

Ao que parecia, os sonhos de alguns homens não eram tão ambiciosos como os de outros.

Gray virou as costas à cidade. Tinha as costas ainda cheias de bolhas e a doer-lhe e um duche não o atraía naquele momento.

Talvez um demorado banho de imersão.

O grupo partilhava uma suíte com dois quartos. Kowalski e Gray ocupavam um e Seichan, o outro. Tucker e *Kane* ficavam no sofá da sala de estar, que estava equipada com uma mesa de bilhar, um bar e um televisor. Gray ouviu uma transmissão da BBC.

— Vou ver se Tucker quer perder uns dólares a jogar bilhar — disse Kowalski, dirigindo-se para a porta, vestindo o robe e deixando cair a toalha no chão.

Gray entrou na casa de banho.

Não havia muita coisa que pudessem fazer exceto continuar à espera do relatório do comando da Sigma.

Painter estava a recolher dados sobre voos para e da Somália, comparando todas as rotas que pudessem trazer Amanda e os sequestradores para Dubai. E também verificava listas de passageiros e arquivos aduaneiros à procura de rostos que se parecessem com o de Amanda, para o caso de alguém tentar fazê-la passar sub-repticiamente a fronteira com passaporte falso.

Gray não tinha muita esperança. A sua equipe já tinha passado uma hora no aeroporto a vigiar todas as saídas e a área das bagagens para ver se *Kane* farejava alguma pista.

Nada.

Talvez nunca cá tenha estado — ou veio e partiu.

No entanto, Gray não pensava assim, mas não conseguia explicar porquê. Era mais do que um pressentimento — era algo que se encontrava nas margens da sua consciência, algo que lhe escapava.

Abriu a torneira da banheira, experimentou a água e, satisfeito, despiu lentamente a camisa. Bocados de tecido colavam-se à pele dos ombros. Deu um puxão à camisa com um grunhido, tirou o resto da roupa e entrou na banheira.

Era uma agonia maravilhosa afundar-se naquele calor.

Deixou a torneira aberta até a água cobrir a barriga. Estendeu-se para a frente,

abraçando os joelhos e esticando aos poucos a pele.

— Deus meu, Gray, as tuas costas estão horríveis!

Virou-se para a porta aberta. Seichan encontrava-se ali sem manifestar vergonha pela sua nudez e ele estava demasiado cansado para se sentir intimidado. Ambos se tinham visto um ao outro no seu melhor e no pior.

Que mal tinha um pouco de pele nua?

Fechou a torneira.

— Estou bem. O que se passa com as minhas costas?

— Não estás nada bem. Porque não falaste a ninguém dessa queimadura? Vou buscar o estojo de medicina. Toma — disse, passando-lhe o telefone via satélite. — Uma chamada da Sigma.

Pegou no telefone.

— Diretor?

— Quero atualizar o que sabemos enquanto tenho um momento disponível.

Gray endireitou-se na banheira.

— Há alguma pista?

— Não. Receio bem que não. Revimos todos os registos e vídeos do Aeroporto de Dubai e não encontramos nenhuma prova de que Amanda tenha passado por lá. Vou continuar a supervisionar o aeroporto, mas alarguei a procura a voos que partiram da cidade. Temos de ter em consideração a hipótese de já terem mudado Amanda de lugar.

— Se isso aconteceu, é pouco provável que a encontremos.

Pelo menos, viva.

— Vou continuar à procura — disse Painter. — Mas, por enquanto, manteremos a tua equipe no local. Mesmo que a tenham despachado, não pode ter sido para longe e eu quero que fiquem por perto.

— Entendido.

Gray desligou na altura em que Seichan voltou. Ela pôs o telefone de lado e deu uma palmadinha na borda da banheira.

— Senta-te aqui de costas para mim.

Abriu o estojo de medicina e tirou um tubo de creme contra as queimaduras e pensos.

— Não preciso que tu...

— Posso pedir ao Kowalski para o fazer, mas não creio que algum de vocês deseje tal coisa.

Ele soltou um profundo suspiro, pôs-se em pé e equilibrou-se na borda da banheira. Ela limpou-lhe cuidadosamente as costas. Pelo canto do olho, ele viu o seu reflexo no espelho. Seichan esfregou o creme nas palmas das mãos e espalhou-o na pele a arder.

A frescura balsâmica entranhou-se profundamente na carne, desenhando cada um dos dedos de Seichan. Ele deixou escapar um pequeno gemido.

— Estou a magoar-te?

— Não — disse Gray, em voz mais rouca do que era a sua intenção.

As mãos dela afagaram docemente as suas costas, fazendo passar o pior da dor. Ele esticou as costas, relaxando os ombros. A sua respiração tornou-se mais pesada à medida que ela o massajava mais profundamente.

As pálpebras fecharam-se.

Seichan permanecia em silêncio. Ele só ouvia a respiração dela. Os dedos subiram até a base do seu pescoço e deslizaram pela espinha abaixo. Deu por si a encostar-se para trás, à procura do contacto das suas mãos — e não apenas por causa do efeito fresco do bálsamo. O calor afluía à sua pele, mas não por estar queimada. Provinha do interior dele. O seu corpo vibrava e ele não disfarçou essa reação — nem podia.

— Gray...

Ele ouviu o desejo na voz dela que combinava com o seu.

Agarrou uma das mãos de Seichan, puxando-a ou afastando-a, encurralado entre o céu e o inferno. Os dedos macios dela estremeciam no seu punho como uma ave a tentar escapar.

Desta vez, não.

A sua mão apertou a de Seichan, tomando finalmente uma decisão.

Gray escolheu o céu.

Ao passar um braço à volta dela, contorcendo-se para ver o seu rosto, os seus lábios roçaram e, de repente, ele soube a verdade. O choque imobilizou-o.

— O que é, Gray?

Ele inclinou-se para trás, arregalando os olhos à medida que a certeza aumentava.

— Sei onde se encontra Amanda.

23h32

— Devia continuar a andar — disse Blake, amparando-a pelo cotovelo.

— Ajuda o bebê a ficar em melhor posição.

Amanda avançava a arrastar os pés por um corredor. Não sabia onde estava nem que horas eram. Acordara num quarto de hospital sem janelas há quatro horas. A equipe médica efetuara outra ecografia, bem como um exame pélvico, retirando uma espécie de esponja do interior dela.

Inserimos um dilatador osmótico sintético enquanto estava sedada para ajudar a abrir o colo do útero. É uma técnica da velha escola ainda eficaz para preparar o parto, explicara Blake.

Só então se apercebeu de que estavam a forçá-la a dar à luz mais cedo, mas os seus protestos caíram em saco roto. Tudo o que conseguiu foi o conforto condescendente de que ela estava suficientemente bem e que nem o bebê nem ela corriam risco.

Essas palavras não a consolaram e lembrou-se do que ouvira durante o voo: os planos para a criança ser dissecada como uma cobaia. Tinha de arranjar maneira de os deter.

Enquanto caminhava, amparava a barriga com uma mão, como se tentasse manter o ilho num lugar seguro e impedir que o seu corpo capitulasse. Mas, há dez minutos, um gel prostaglandino fora aplicado vaginalmente, o primeiro passo para induzir o parto.

Não deixarei que fiquem com o meu bebê.

Viu uma larga janela profusamente iluminada num dos lados do corredor. Soltou-se do doutor Blake e avançou à pressa.

Talvez haja uma saída. Ou uma indicação do lugar onde me encontro.

Mas do seu interior vieram-lhe à cabeça pensamentos mais sombrios: saltar de uma janela alta e precipitar-se no vazio para os impedir de torturarem o filho.

Chegou à janela e recuou, horrorizada. A luz não vinha do sol, mas das lâmpadas halogêneas de um laboratório. Lembrou-se de uma instalação idêntica em Charleston, onde a fertilização *in vitro* fora feita. Como lá, este laboratório tinha múltiplas unidades autónomas e microscópios. Era todo de aço inoxidável polido ou de superfícies não porosas.

Mas o que a fez fraquejar foi o trabalho de investigação em curso. Uma cabeça humana decepada estava mesmo diante dela, pregada a um suporte da altura de um homem. A uns centímetros desse horror, um coração humano pendia de tubos de plástico. Um dispositivo idêntico a um *pacemaker* fora ligado ao coração e encontrava-se em cima do tecido como uma aranha prateada. O coração contraía a

cada dois segundos, saltitando na sua teia. E por baixo, pulmões rosados, dentro de uma cuba de vidro, com os tecidos a inspirar e a expirar, estavam ligados a um ventilador.

Viam-se outras partes do corpo em recipientes mais longe, mas ela desviou o olhar, temendo o que iria lá encontrar.

O seu olhar deteve-se, trespassado, no rosto da vítima. A boca fora tapada com ita adesiva e as pálpebras estavam semicerradas. A base do pescoço tinha uma ligadura apertada à volta e saíam de lá tubos ensanguentados e fios elétricos emaranhados que se arrastavam até a uma máquina do tamanho de uma secretária.

Era como se o homem tivesse sido decomposto nas partes componentes, que estavam agora separadas para qualquer estudo macabro.

Não conseguiu olhar mais e virou-se, indo de encontro ao peito de Blake. Ele segurou-a nos seus braços.

— O que significa tudo isto? — gritou Amanda.

— Salvamos vidas — explicou ele calmamente. — Recomeçamos um programa de investigação russo que data dos anos quarenta. Nessa altura, utilizavam cães para descobrir durante quanto tempo podiam manter artificialmente órgãos vivos. Já há sete décadas, e usando os meios grosseiros da época, os investigadores conseguiam manter durante dias cabeças decepadas. Estavam suficientemente vivas para reagir a sons, tentar ladrar e arrebitar as orelhas.

Aterrada, Amanda abanou a cabeça.

— Ah, embora isto possa parecer-lhe revoltante, foram essas primeiras experiências que conduziram ao primeiro ventilador e à primeira máquina de *bypass* cardiopulmonar. Um avanço em tecnologia que salvou milhares de vidas.

— Mas isto... — murmurou Amanda, apontando debilmente com a mão para a janela.

— Isto é igualmente importante e inovador. O uso de animais só poderia conduzir a ciência médica até certo ponto. Com o progresso em nanotecnologia, microcirurgia, neurociência, medicina cardiopulmonar e ciências farmacêuticas, não há limite para o que estamos à beira de conseguir, O que fazemos aqui, levando a cabo experiências relacionadas com a longevidade, promete não apenas salvar vidas mas também aumentar a sua duração.

Ela apercebeu-se da exaltação na sua voz. Venerava a ciência fria em que a moralidade não tinha nenhum ascendente. Acreditava tão fervorosamente na verdade das suas convicções como qualquer padre e, a exemplo de todos os discípulos dedicados, procurava converter aqueles que não eram crentes.

Mas recusava engolir esse tipo de conversa.

Um movimento no laboratório voltou a chamar a sua atenção para aquele horror. Uma figura — vestida com uma túnica de capuz — saiu de uma câmara ao

fundo, transportando um tabuleiro com instrumentos cirúrgicos. Apercebeu-se de que havia gente à janela e levantou a cabeça.

Amanda reconheceu os seus olhos frios e lacrimosos.

Lembrou-se do elogio de Blake às macabras capacidades da enfermeira, talento que seria aplicado à criança que se encontrava no seu ventre. Fitou a cabeça decepada. Tencionavam fazer o mesmo ao seu filho?

As palavras que Petra dissera no avião ressoaram nos seus ouvidos.

Só vou relaxar quando tivermos o feto na mesa de vivissecção do laboratório.

Os olhos de Amanda fixaram-se no tabuleiro de afiados instrumentos de aço inoxidável.



Cambaleou, sem pingo de sangue.

Porquê?, gritou uma voz dentro dela. Como é que o seu ilho podia ser importante para esses sinistros estudos de longevidade? O que esperavam encontrar no seu rapazinho?

Petra pousou o tabuleiro numa das unidades autónomas. O aço retiniu tão distinto como um tiro.

As pálpebras do cadáver abriram-se.

E as pupilas mortas fitaram Amanda.

Ela soltou um grito — expulsando todos os horrores do dia — e caiu de joelhos. Sentiu algo ceder no fundo da barriga e um fluido quente começar a escorrer pelas coxas abaixo.

Blake baixou-se, passando um braço à volta dela.

— Rebentaram as águas! — gritou a Petra através do vidro, virando-se depois novamente para Amanda e dando-lhe uma palmadinha na perna.

— A partir de agora não vai demorar muito tempo.
Ela fechou os olhos, sabendo finalmente onde se encontrava.
Estou no inferno.

23h45

— Ela está no céu — disse Gray, falando para o grupo reunido na suíte e para Painter em Washington.

Com o telefone via satélite em alta-voz, aproximou-se de novo da janela panorâmica que dava para a cidade e para as praias. Ao longe, na linha do horizonte, um clarão cintilou no mar noturno como o reflexo da Lua. Mas não era um reflexo *nem* a Lua, mas outro corpo celeste.

Gray bafejou o vidro e fez um desenho com o dedo.

Uma estrela de cinco pontas.

— A ilha de Utopia tem o feitio de uma estrela-do-mar — prosseguiu ele, virando-se para os outros enquanto Painter escutava. — O rapaz somali disse que Amanda ia ser levada para o céu. Talvez tenha traduzido mal o nome e confundido o lugar com a Utopia. Ou então ouviu dizer que o destino dos raptores tinha a forma de uma estrela.

— Ou talvez tu estejas a agarrar-te a quimeras — comentou Kowalski.

Seichan levantou-se de braços cruzados, igualmente pouco impressionada.

Gray lembrou-se do seu breve momento íntimo na casa de banho.

Naquele instante fugidio, as preocupações com a família e a responsabilidade da missão tinham-se dissipado. A sua mente recuperou a lucidez e a solução do *puzzle* que o atormentava surgiu através da consciência confusa totalmente clara, cintilando com a certeza da verdade.

Mas, se calhar, ele era o único que estava convencido disso.

Até mesmo Painter se mostrou reservado perante a sua revelação.

— Talvez possa verificar isso amanhã de manhã...

— Não podemos esperar até amanhã. Podem mudar Amanda novamente de lugar ou fazer-lhe mal. Temos de aproveitar as horas de escuridão que nos restam.

— Estás a falar de utilizarmos uma data de recursos baseados num palpite, argumentou Painter. — Podes dar cabo da tua cobertura e expor que sabes que Amanda está viva. E tudo isso para nada.

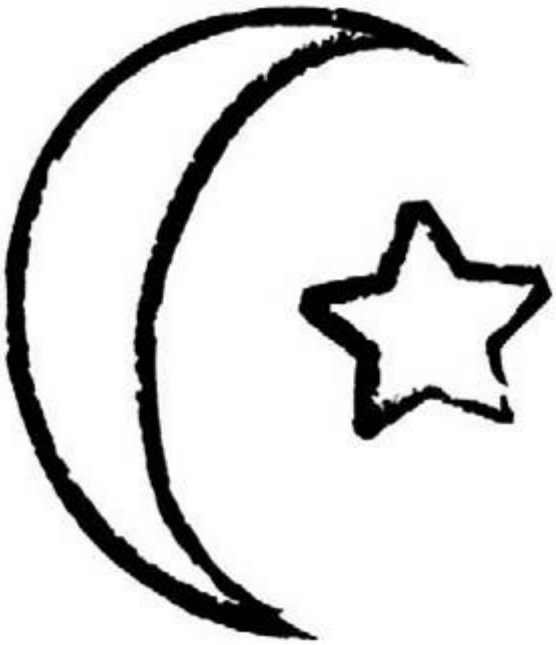
— Eu sei que tenho razão — insistiu Gray.

— Como podes ter tanta certeza? — interveio Seichan.

Gray encaminhou-se de novo para a janela.

— Por causa do quebra-mar à volta da Utopia, o mesmo que rodeia as ilhas da palmeira e se vê da janela.

Voltou a bafejar o vidro e preencheu o resto do seu mapa da Utopia, desenhando um quebra-mar em forma de crescente à volta da ilha que parecia uma estrela-do-mar.



— A lua e uma estrela — disse Gray, apontando para os símbolos.

Seichan soltou um suspiro.

Kowalski praguejou.

— Não percebo — disse Tucker, encolhendo os ombros.

Gray lançou-lhe um olhar, lembrando-se de que o capitão não sabia nada a respeito da Confraria.

— É o símbolo de uma organização sinistra que conduz atos terroristas em todo o mundo. O diretor já suspeitava de que estivessem por detrás do rapto de Amanda.

— E só agora é que me contas isso? — resmungou Kowalski. — Se eu soubesse, já teria explicado a este tipo.

— O crescente e a estrela — disse Tucker abanando ainda a cabeça. — Podes encontrar esse símbolo em muitas bandeiras árabes. Os Emirados são um país islâmico e a forma das ilhas pode simplesmente representar esse símbolo muçulmano.

— Ele tem razão, Gray — concordou Painter. — Mas convenceste-me de que vale a pena investigar essa ilha e já mandei fazer um relatório sobre o lugar. Tenho fotografias das torres em construção na ilha principal.

Impressionante. Várias já estão ocupadas para negócios e o resto do espaço foi reservado para corporações de todo o mundo. Pelo que vi, a segurança na ilha é bastante apertada.

— É por isso que quero lá ir esta noite. A coberto da escuridão.

— Não é boa ideia — atalhou Painter, que parecia estar a ler um relatório. — Têm um sistema de radar que cobre toda a ilha. Saberão que estão a aproximar-se a

um quilômetro de distância.

— Então podemos chegar o mais perto que pudermos e, depois, utilizar equipamento de mergulho submarino para...

— Talvez haja uma maneira melhor — interrompeu Painter, soltando um longo suspiro. — Há uma pessoa na área que posso contactar. O seu nome apareceu quando reunimos pela primeira vez informações estratégicas sobre o Dubai. É especialista em operações de salvamento no mar alto. Tem dois submarinos que provavelmente poderemos usar para transportar a tua equipe até Utopia. Ele tem andado a fazer levantamentos e trabalhos de engenharia no fundo do mar para um hotel debaixo de água a ser construído próximo da costa.

— Hidrópolis — disse Gray, lembrando-se da mais recente adição à frente marítima de Dubai.

— Exatamente.

Pelo som da voz do diretor, notava-se que Painter ainda não estava muito entusiasmado em envolver uma terceira pessoa, sobretudo esta.

— Se não confias nesse gajo...

— Não é isso. É de confiança. Participou em muitos projetos de alta segurança para o governo, até mesmo para os militares.

— Então, qual é o problema?

Ouviu-se, de novo, o suspiro pesado.

— É o ex-namorado de Lisa.

— Oh, vai ser lindo — resmungou Kowalski, virando-se.

20

2 DE JULHO, 16H34, EST

CHARLESTON, CAROLINA DO SUL

— Jack aceitou ajudá-los? — perguntou Lisa.

Estavam na varanda do segundo andar de Harbourview Inn, edifício histórico no coração de Charleston com vista para o rio.

— Aceitou — respondeu Painter. — Até concordou não falar desta missão à tripulação do *Deep Fathom.* Vai pilotar pessoalmente o submarino.

Ela fechou as portas de correr e voltou para o luxo do interior climatizado. O quarto dela estava mobilado com uma cama e peças de época, e tinha uma parede de tijolos vermelhos e uma lareira, opulência que servia para reforçar a sua cobertura.

Há já algum tempo que não pensava em Jack Kirkland. Tinha acabado de se formar em Medicina na UCLA (Universidade de Califórnia em Los Angeles) e era bolseira da Fundação Nacional de Ciências para estudar os efeitos fisiológicos do trabalho submarino no corpo humano. Jack era o capitão de um navio de salvamento com 25 metros, o *Deep Fathom,* e uma tripulação de cientistas e caçadores de tesouros. Os dois tinham tido uma breve e ardente relação que se consumiu tão depressa como começara.

Era toda física, mas não por falta de tentarem — *tentaram* imenso, inúmeras vezes por dia. A recordação fê-la sorrir. Embora tivessem passado quase dez anos, parecia ter acontecido há uma vida inteira.

O que aconteceu àquela rapariga bronzeada de biquíni?

Sentiu-se percorrida pela melancolia.

Painter chamou-a ao presente, alimentando as inquietações que tinham esmorecido pela distração do seu telefonema.

— Kat ainda não voltou?

— Não — respondeu ela, consultando o relógio.

Eram quase cinco horas. Ela tinha regressado ao hotel há mais de duas horas e esperava que Kat se juntasse a ela pouco depois. Não deviam comunicar entre si até chegarem ao hotel e deviam manter-se distantes uma da outra.

— E não ouviste nada acerca dela? — perguntou Lisa.

— Nem uma palavra, mas quando telefonaste há uma hora, detetei o seu dispositivo de gravação. A caneta com câmara na recepção ainda estava operacional,

mas não me deu nenhum sinal quanto ao seu paradeiro. Os outros dispositivos na posse dela nunca chegaram a ser ativados. E o microrroteador que colocaste entre as almofadas continua a transmitir dados. Até agora ainda não o encontraram e estamos a recolher resmas de informações.

— Alguma notícia de Amanda?

— Recebi os dados que me enviaste por *e-mail,* mas, ao procurarmos a ficha médica dela, deparamos com uma barreira, uma *firewall*. Tenho um técnico habilidoso que está a tentar encontrar uma passagem por baixo dessa barreira digital sem levantar suspeitas. Mas voltando a Kat. Duvido que tenha sido apanhada, pois, nesse caso, os nossos dispositivos de vigilância já não estariam operacionais. Eles revistariam logo todo o local de uma ponta à outra.

— Então onde está?

— Não sei. Os médicos da clínica podem ainda estar a fazer-lhe testes ou, então, foi apanhada pela segurança por andar sem autorização pelas instalações e, agora, Kat está a demorar a convencê-los a deixarem-na sair.

Ou talvez seja simplesmente por causa do tráfego. Ela tem de apanhar um ônibus para voltar ao centro da cidade.

Lisa deixou as palavras dele acalmarem-na. Por causa das obras na rua, levara uma hora a atravessar a cidade para chegar ao hotel. E Kat tinha de mudar duas vezes de ônibus.

Se calhar, Painter tinha razão.

No entanto, não conseguia escapar à impressão de que havia qualquer coisa errada.

— O plano original não era encontrarem-se no hotel às seis horas? — perguntou Painter.

— Era. Mas porque não te informou que tinha saído da clínica?

Painter demorou demasiado tempo a responder.

— Não sei — admitiu finalmente. — Vamos continuar com a nossa vigilância. Vamos esperar que Kat nos contacte até às seis horas antes de tomarmos qualquer medida.

Lisa sabia que iria ser uma hora muito angustiante para ela.

A voz de Painter soou-lhe ao ouvido — não falava com ela, mas com alguém que devia ter entrado no seu gabinete. Embora afastasse o auscultador do rosto, ela apercebeu-se de que a sua voz se tornava mais aguda.

— Enviem-me tudo — ordenou, voltando depois a dirigir-se a Lisa. — Kat ativou outra caneta com câmara. Os técnicos estão a descarregar os dados e a transferi-los para o meu computador.

Uma batida na porta chamou a sua atenção.

— Está alguém a bater à porta — disse ela a Painter.

Lisa ouviu um alarido do outro lado da linha telefônica.
— Não abras, Lisa. Sai daí! — soou a voz agitada de Painter ao seu ouvido.
Alguém tentava abrir a porta a pontapé.
O pânico apoderou-se de Lisa. Virou-se.
Outro pontapé mais violento e a porta foi arrombada.

16h46

Kat deixou a mão cair, fazendo acidentalmente cair a sua bolsa de uma mesa metálica ao lado da maca com rodas onde estava estendida. O

conteúdo da bolsa espalhou-se no chão, mas ela estava demasiado fraca para impedir que isso acontecesse. Custara-lhe imenso levantar o braço para tirar às apalpadelas uma das canetas de vigilância da bolsa e ativar a câmara que se encontrava no interior.

Dentro da bolsa, não gravaria nenhum vídeo, mas captaria som. O mesmo podia ser dito de Kat no estado drogado em que se encontrava.

Tinha a vista toldada e sentia-se enjoada, mas ouvia o suficiente para perceber que alguém chegava a correr ao quarto por causa da bolsa caída.

— Parece que ela queria chegar ao celular.

Uma figura indistinta acocorou-se ao lado da cama a apanhar o conteúdo da bolsa. Pareceu-lhe o auxiliar que já conhecia.

A voz que ouviu a seguir sustentava essa suposição. A julgar pelo sotaque de Nova Inglaterra, tinha de ser a doutora Marshall, a mulher que a subjugara com um choque elétrico.

— Pensei que tinha dito que ela ficaria inconsciente uns dez a quinze minutos, Roy.

— Pela dose que lhe dei, tendo em conta o seu peso, era o que deveria ter acontecido. Fui só buscar uma túnica lavada para lhe pôr antes de a despir para o exame.

— Não o preveni de que ela estava em forma? Não é como as pessoas mal alimentadas e nas lonas que habitualmente vêm cá parar. Deveria ter previsto isso, Roy. Ela podia ter-se magoado.

— Desculpe. Não voltará a acontecer.

Tudo indicava que ainda não conheciam a sua verdadeira identidade nem a sua ligação com a Sigma. Mas onde estava? Mexeu a cabeça de um lado para o outro, tentando encontrar uma pista quanto à sua localização.

Sentia instintivamente que não passara muito tempo, mas tudo o que podia dizer era que a tinham mudado para outra sala. Demasiadas superfícies brilhantes feriam os seus olhos e o ar tinha de initivamente o odor antisséptico de um hospital.

A intuição de Painter acerca da clínica de fertilização estava correta.

Havia aqui algo de errado. Mas o quê? *Porque* a tinham drogado e sequestrado?

— Ainda não estou preparada para lhe fazer o exame — disse Marshall. — Por isso, mais vale levá-la para a cela.

Cela?

— Deixe-a recuperar do efeito do sedativo — continuou a médica. — Será mais fácil examiná-la se não estiver tão mole como uma boneca de trapos. E, além disso, quanto mais depressa ela aprender a comportar-se, melhor.

A doutora Marshall ainda segurava o aparelho de dar choques e batia com ele contra a maca de rodas para mostrar quem mandava.

O auxiliar deitou Kat na maca e empurrou-a ao longo de um corredor mal iluminado. Apesar de não haver janelas, ela percebeu que estava numa cave.

Roy aproximou-se de uma porta fechada e usou um cartão eletrônico pendurado num cordão à volta do seu pescoço para abrir uma porta com batentes. Puxou a cabeceira da maca e entrou numa grande enfermaria circular pintada de azul-claro com mesas espalhadas à volta e um televisor a funcionar sem som ao fundo. Havia outra porta com batentes pintada de vermelho no lado oposto. Estava certamente tão bem fechada como as portas da enfermaria.

O auxiliar rodou a maca e ela reparou que aquele espaço de convívio tinha estantes de livros, um duche e, à volta, pequenos quartos — *celas* — uma dúzia ao todo, fechados por portas de vidro com caixilhos metálicos.

Viu uma mulher emoldurada no vão de uma das portas por detrás do vidro. Estava vestida com uma bata azul, tinha o cabelo rapado e o rosto exprimia medo e tristeza. Colocou uma mão espalmada contra a porta de vidro, em sinal de solidariedade ou de aviso.

Mas não havia nada que Kat pudesse fazer.

Pelo menos, ainda não.

Encostou a cabeça de lado e examinou as portas de aço vermelhas e só então reparou no símbolo. Uma cruz ornamentada com a espiral estilizada do DNA. Pressentiu que, quaisquer que fossem os segredos ocultos na clínica, a resposta encontrava-se por detrás daquele limiar.

Mas, de momento, era outra porta que a inquietava.

Roy conduziu-a a uma cela desocupada — parecia haver tantas — e usou uma chave mestra para abrir a porta. A seguir, apoiou Kat no seu ombro e ajudou-a a avançar. Ela mal se tinha nas pernas e sentia os braços pesados. O termo "boneca de trapos" usado pela doutora Marshall era adequado.

O auxiliar arrastou-a até o quarto e atirou-a para cima da cama por fazer.

— Agora não te metas em mais sarilhos — preveniu-a ele.

Kat teve força suficiente para o seguir com os olhos e, quando ele fechou a porta, notou que a sua bolsa onde estava o dispositivo de vigilância ainda se encontrava em cima da maca que ele empurrava.

Deus queira que alguém ouça.

17h02

WASHINGTON, DC

— Ainda não captamos nenhum sinal de áudio ou vídeo — informou um técnico.

— Imagens de segurança provenientes de Harbourview estão a chegar — disse um analista do outro lado da sala.

Painter apontou para o técnico.

— Continua a controlar todos os diapositivos de vigilância de Kat.

Aproximou-se depois do analista.

— Mostra-me as imagens do hotel de Lisa.

Painter atravessou o ninho de comunicações da Sigma. Tinha outros analistas e agentes a trabalhar com computadores e monitores que formavam um semicírculo ao fundo da sala. À sua esquerda, um gabinete com janela olhava para o espaço.

Era o centro de comando de Kat, o ninho dela no interior do ninho. Um único monitor brilhava naquela escuridão, iluminando o rosto jovem do analista-chefe, Jason Carter, que, debruçado sobre o teclado, trabalhava num projeto separado.

Aqui, o caos reinava. Painter procurava respostas para o desaparecimento de Kat e Lisa. Mantinha um ouvido atento ao luxo de informação que entrava enquanto a mão esquerda segurava um auscultador Bluetooth no outro à espera de sons provenientes do dispositivo de vigilância de Kat. Um par de monitores revelava as imagens de vídeo das duas canetas que ela tinha plantado. Um mostrava a área de recepção da North Charleston Fertility Clinic. E o outro estava às escuras, sem receber vídeo.

Painter ouvira a conversa inicial que fora transferida após a segunda caneta ser ativada. Parecia que tinham drogado e sequestrado Kat.

Mas, depois disso, mais nada.

Nos últimos doze minutos não se ouvia nada.

Não sabia se Kat se encontrava ainda na clínica ou se fora levada para outro lugar. Tentaram seguir a pista do seu celular descartável, mas acabaram por não conseguir. Ou a recepção estava a ser bloqueada ou a bateria do celular fora retirada.

Estava disposto a chamar a polícia de Charleston para que esquadrinhassem a clínica, mas para quê? Kat podia não estar lá e, se estivesse, os seus raptores seriam capazes de a matar antes de um mandado ser emitido. E um tal esforço também poria em causa a investigação que a Sigma andava a fazer sobre Amanda e a família

Gant.

E isso não podia acontecer.

Pensou em inúmeros estratagemas enquanto o coração batia desalmadamente devido a outro receio, outro enigma.

Onde estás, Lisa?

Quando recebeu a transmissão de Kat, estava a falar ao telefone com a namorada. Ao dar-se conta de que Kat estava em perigo, a sua ansiedade passou imediatamente a incluir Lisa, sobretudo, quando, segundos mais tarde, um analista irrompeu pelo seu gabinete para o informar de que o ataque informático aos computadores tinha subitamente terminado.

Telefonou a avisar Lisa e ouviu arrombar uma porta. A ligação foi cortada.

— Já tenho imagens do hotel — disse um agente apontando para o monitor diante dele.

Uma imagem trémula mostrava três assaltantes com máscaras de esqui num corredor.

Sabiam, portanto, da existência das câmaras.

Um deles bateu à porta, abanou a cabeça e outro recuou e arrombou a porta a pontapé. Os três entraram de rompante, desaparecendo de vista e, sem câmara no quarto do hotel, não se sabia o que tinha acontecido.

Painter deu por si a reter a respiração enquanto via aquilo. Teve de fazer um esforço para respirar. O pânico não ajudaria Lisa nem Kat.

Depois de a ligação ser cortada, ele telefonara imediatamente para o serviço de segurança do hotel para relatar o sucedido. O chefe da segurança chamou-o cinco minutos mais tarde. Foram os cinco minutos mais longos da sua vida.

Fomos à procura dos intrusos, mas não havia ninguém no quarto indicado. Encontramos apenas uma bolsa, um celular e bagagem, informou a segurança do hotel .

Painter viu aquelas mesmas imagens dezenas de vezes. Dois guardas apareceram no corredor a correr atrás dos três assaltantes, que começaram aos tiros e obrigaram os seguranças a recuar. Os assaltantes desceram por uma escada e desapareceram.

— Os serviços de segurança do Harbourview estão novamente ao telefone, diretor — disse um analista sentado perto de Painter, rodando a cadeira.

— Passa-me a chamada.

Da última vez que telefonara para o hotel, eles ainda estavam a vasculhar as instalações à procura de Lisa.

O auscultador de Painter deu um estalido e ouviu uma voz grossa a dar ordens. Era o chefe da segurança.

— Lamento ter de o informar que não encontramos sinal da sua namorada em

parte alguma. Interroguei o pessoal e os clientes. Ninguém viu uma mulher ser levada à força do hotel.

Painter sentiu algum alívio. Se Lisa não estava no quarto nem fora vista pelas câmaras no corredor ou pelos empregados, devia ter escapado pela janela.

— A polícia já chegou, mas julgo que ela fugiu — chegou à mesma conclusão o homem ao telefone.

— Obrigado — agradeceu-lhe Painter. — Se ouvir alguma coisa...

— Será o primeiro a ser informado.

Painter imaginou Lisa a fugir, assustada, pelas ruas fora — sem dinheiro nem celular — tentando não ser capturada pelos perseguidores e não sabendo em quem confiar. Precisava de chegar a um local público e de ter acesso a um telefone. A partir daí, ele poderia socorrê-la. Já dera ordens para que fossem enviados operacionais e aguardava-se a sua aterragem em Charleston dentro de uma hora.

Esperava, por essa altura, ter também mais informações acerca do paradeiro de Kat. Painter lançou um olhar ao técnico encarregado de controlar o dispositivo de vigilância dela. Em resposta, o homem abanou a cabeça.

Ainda não havia imagens da segunda câmara de Kat.

Com um momento extra para pensar, Painter pôs-se a andar de um lado para o outro no ninho de comunicações. Começou a imaginar os cenários mais prováveis. A cobertura de Lisa era exposta depois da descoberta do roteador sem fio no gabinete da clínica. E como as câmaras de Kat ainda estavam a funcionar, a cobertura dela permanecia intacta.

Ninguém ainda relacionara uma com a outra.

Era a única aberta neste céu nublado, mas ele aceitava-a.

Painter continuava a andar de um lado para o outro, mas Jason Carter atravessou-se no seu caminho. Antigo combatente da marinha, como Kat, o jovem era magro e tinha apenas 22 anos. Na opinião de Kat, o garoto era um craque em análise de informações secretas. E também sabia de computadores. Fora expulso da marinha por ter entrado em servidores DoD com nada mais do que um BlackBerry e um iPad, ou, pelo menos, era o que se contava. No entanto, Kat contratara-o para a Sigma.

O rosto de Jason estava mais pálido do que era habitual. Censurava-se por alertar acidentalmente a clínica no decorrer da sua tentativa para destruir a última barreira e por expor Lisa. E também andava extremamente inquieto por causa de Kat, que adorava.

Para distrair o garoto, Painter encarregara-o de terminar o relatório sobre Utopia.

— Há aqui uma coisa que deveria ver, diretor — disse Jason, levantando um braço para o gabinete de Kat.

Painter seguiu-o e fechou a porta. Ainda sentia o cheiro a jasmim no ar, o fantasma de quem ocupava habitualmente aquele espaço.

Jason conduziu-o até um enorme monitor onde se via uma versão em três dimensões da ilha Utopia a rodar. A superfície daquela superestrutura artificial eriçava-se de torres que se elevavam em altura da periferia ao centro, como uma estrela-do-mar. E, no meio, a mais alta parecia uma pirâmide fundida cuja ponta tivesse sido esticada, como caramelo, em direção ao céu, alcançando quase duzentos metros de altura.

— Onde arranjaste isto? — perguntou Painter.

— Fui eu que o fiz.

— Trabalhas depressa.

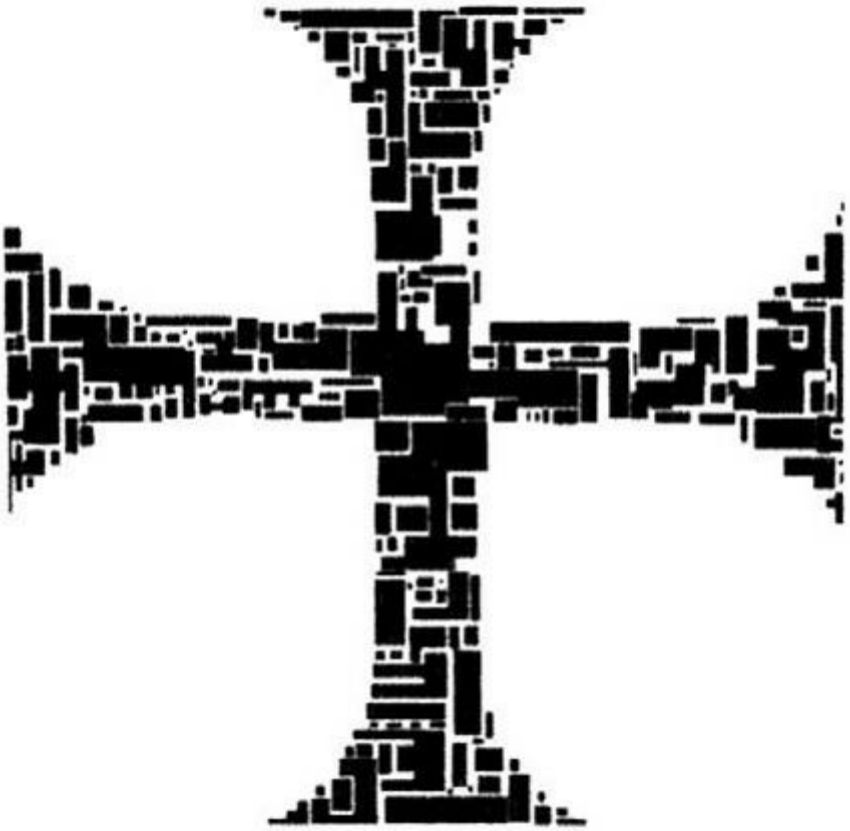
Jason encolheu os ombros.

— Antes de toda esta confusão, o senhor tinha-me mandado investigar várias corporações e negócios instalados na Utopia. Apenas usei os projetos arquitetônicos de cada edifício, combinei-os com a sua correspondente localização na ilha e fiz uma versão em 3D. O mais difícil foi mostrar os níveis de finalização de cada fase das várias torres. Os projetos completos estão sombreados a cinzento. As outras secções indicam andares ou fases de construção por completar ou ainda a planear.

— Impressionante. Podes enviar estes esquemas para a equipe do comandante Pierce?

— Não há problema, diretor. Mas não é esta a razão por que desejo falar consigo — disse, acenando para a tela. — Isto foi tudo só para estar ocupado enquanto esperava pelos dados sobre investimentos e espaço para alugar na Utopia.

Bateu numa tecla e a parte sombreada em cinza sobressaiu com minúsculas manchas coloridas em todos os tons imagináveis, preenchendo andares e apartamentos.



— Cada cor representa uma companhia diferente com direitos adquiridos na Utopia — explicou Jason. — Duzentas e dezesseis ao todo.

Painter fez um ar de espanto. A equipe de Gray tinha uma dura tarefa pela frente: procurar Amanda através daquele labirinto corporativo.

Aparentemente, Jason ainda não terminara.

— O senhor também me mandou procurar registos de negócios e relatórios financeiros para descobrir quem eram os verdadeiros donos.

Painter acenou a cabeça. Tinha encarregado Jason de desmascarar corporações fantoches e descobrir quem estava realmente a investir tempo e dinheiro na Utopia.

Revelar os amendoins autênticos por debaixo de todas aquelas falsas cascas.

— Isso deu-me um certo trabalho — confessou Jason com um sorriso orgulhoso, batendo noutra tecla. — Agora, veja!

Os vários pontos e manchas de cor começaram a mudar, cintilando através de uma cascata de sombras e, depois, estabilizando e combinando-se até a maior parte da tela brilhar numa cor uniforme, carmesim-escuro.

— Uma vez isto estabilizado — prosseguiu Jason. — Descobri que 74,4 por cento da ilha pertencem a uma *única* companhia.

Painter sentiu a apreensão a rastejar nas entranhas. Adivinhava qual era.

— *Gant Corporate Enterprises,* murmurou .

Jason olhou para ele, surpreendido.

— Como sabe? O que é que a família do presidente...?

— Rode esse esquema para obter uma vista aérea da ilha — interrompeu-o Painter, chegando-se mais perto dele.

Jason manipulou um botão para obter uma perspetiva da ilha e ver do ar a maré corporativa de cor carmesim. O garoto assobiou apreciativamente.

— Espantoso! — exclamou Jason. — O padrão forma uma cruz perfeita sobre a ilha.

— A cruz dos Templários — murmurou Painter de olhos itos no símbolo que há apenas alguns dias tinha estudado, a marca da Confraria.

A dúvida dissipou-se dentro dele.

Os Gant são a Confraria.

E a equipe de Gray estava a navegar às cegas rumo ao seu mais recente bastião.

21

3 DE JULHO, 1H20, GST

DUBAI, EMIRADOS ÁRABES UNIDOS

Gray conduziu os outros ao longo de uma comprida doca que atravessava o meio de uma marina. A lua cheia e a iluminação de Dubai transformavam a noite em dia enquanto se ouvia *jazz* num clube noturno ao ar livre. Uma doce brisa soprava do mar, refrescando a noite quente e trazendo o cheiro a sal e a combustível.

O pequeno porto estava localizado na ponta da ilha de Palm Jumeirah.

Iam encontrar-se com quem havia de guiá-los no molhe de uma remota secção da marina, onde provavelmente seriam vistos por menos gente.

À esquerda, o gigantesco tronco da ilha artificial em forma de palmeira estendia-se ao longo de dois quilômetros até a costa, cintilando na escuridão com hotéis e residências, divididos por uma estrada com oito pistas. Gray não se tinha apercebido da magnitude deste arquipélago até ter chegado ali. Cada folha de palmeira tinha cerca de um quilômetro e meio de comprimento e era ladeada por vivendas e mansões. E, à direita, do outro lado da marina, avistava-se o quebra-mar de 12 quilômetros em forma de crescente transformado num núcleo de hotéis e parques aquáticos. Mais dois projetos com folhas de palmeira estavam em construção, sendo um maior do que o outro: o mais grandioso seria sete vezes superior às dimensões de Palm Jumeirah.

Outro membro da equipe de Gray estava igualmente impressionado pela enormidade de tudo em Dubai.

— Creio que, finalmente, o tamanho conta — disse Kowalski de boca aberta perante o enorme iate atracado no molhe seguinte.

O iate tinha o seu próprio helicóptero instalado na popa e nem sequer era o maior barco que se via.

— Alguém está em plena fase de competição, caso saibam o que quero dizer — concluiu Kowalski.

Seichan caminhava ao lado dele.

— Todos sabemos o que queres dizer. É por isso que nenhum de nós tem feito comentários sobre esses charutos que costumas chupar.

— De que estás a falar? — perguntou ele, tirando o charuto da boca.

Ela encolheu os ombros.

Tucker soltou *Kane* da trela. Finalmente livre, o pastor-belga correu à frente deles com o focinho e a cauda levantados. O cão andava preso à trela em Dubai, que não se mostrava muito amigável com cães, mas aqui, na marina, e a esta hora tardia, não havia ninguém para se queixar.

Perdido nos seus pensamentos, Tucker abrandou o passo.

Gray seguiu *Kane* ao longo da doca. O número de molhes vazios aumentava à medida que se afastavam, deixando o Dubai para trás. O luar refletia-se na água escura e já não competia com a iluminação feérica das torres e dos hotéis. Olhando para o mar, com as estrelas a cintilar e o chamamento para as orações a ecoar obsessivamente, era fácil ser transportado para outro tempo, para a época medieval de Ali Babá para os reinos perdidos do deserto. Apesar dos excessos e das extravagâncias de Dubai, o mundo antigo ainda reluzia através das fendas, uma miragem resplandecente de glórias passadas.

— Já não era sem tempo! — gritou uma voz da escuridão de um molhe.

A única prova da sua presença era a ponta acesa de um charuto. Uma figura surgiu num círculo de luz projetada por um lampião. Vestia bermudas pretas e uma camisa branca desabotoada, e calçava sandálias.

Enervado, Gray procurou certificar-se de que o homem estava sozinho.

Kane parecia não ter tais apreensões e foi a correr saudar calorosamente o recém-chegado, pulando nas patas da frente.

— Quieto, *Kane*! — ordenou Tucker.

— Não faz mal, disse o homem, debruçando-se e afagando vigorosamente o cão. — Lembra-me o meu velho *Elvis*. Era um pastor-alemão. Qual é a raça deste?

— *Kane* é um pastor-belga — respondeu Tucker. — Um *malinois*.

— Hmm. Um cão de combate, creio eu.

— Exatamente. Do exército. Reformado.

— Se não se importa que eu pergunte. Qual era a patente de *Kane*?

— Major.

Kowalski lançou um olhar a Tucker.

— Aguenta aí! *Major Kane*? A patente do teu cão é mais alta do que a tua?

Gray sabia que isso não era invulgar. Um cão militar tinha sempre uma patente mais elevada do que o seu treinador e, assim, qualquer abuso era passível de ser julgado por um tribunal militar.

Endireitando-se, o homem estendeu a mão a Gray.

— Jack. Jack Kirkland.

Seguiram-se as apresentações.

O guia tinha mais de um metro e oitenta de altura e cabelo grisalho.

Pelas cicatrizes que cobriam um lado do corpo, via-se que entrara em combate no passado. O homem também ostentava a sua rude masculinidade com graça juvenil — até mesmo Seichan ficou impressionada.

Gray nunca a vira tão cativada. Ouviu-a soltar uns risinhos nervosos a algo que o tipo disse. Seichan *nunca* soltava risinhos. Aquilo irritou-o ligeiramente. Uma reação que o apanhou de surpresa. Em poucos minutos, Jack Kirkland encantara toda a gente da sua equipe.

Ou quase toda a gente.

— O que estás a fumar? — perguntou-lhe Kowalski, abanando a cabeça.

— Um *cubano* — respondeu Jack, olhando para o charuto que tinha entre os dedos. — *El Presidente.*

— Oh, pá... — resmungou Kowalski, lançando um olhar desapontado ao seu próprio charuto.

— Tenho uma caixa inteira a bordo do *Ghost* — acrescentou Jack, fazendo sinal com o queixo para o molhe. — Tenho a certeza de que se crescessem pernas a um dos meus charutos e ele se pusesse a andar, eu não sentiria nenhuma falta dele.

E Jack partiu naquela direção.

— Este gajo agrada-me — declarou Kowalski sem se mexer.

Gray abanou a cabeça.

OK, agora é que perdi toda a gente.

Seichan aproximou-se de Gray, roçando nos seus ombros e encostando-se a ele.

— Uau!

Aquela expressão resumia bastante bem o homem.

Gray suspirou e seguiu Jack na direção do molhe. Não admirava que Painter hesitasse tanto em meter este gajo na sua vida. *Se eu fosse o Painter, não quereria Jack a menos de mil milhas náuticas de Lisa.*

Pelo menos, o homem usava uma aliança.

— Aqui está o *Ghost* — disse Jack, parando. — O meu orgulho e a minha alegria.

Gray não viu nada atracado ao molhe.

Jack saltou do cais, como se fosse mergulhar, mas aterrou numa superfície firme. E só então Gray teve a oportunidade de ver a embarcação atracada que balançava sob o peso de Jack e que, naquela água escura, era difícil de distinguir.

A maior parte do submarino mantinha-se abaixo da linha de água. Além de uma fração do convés superior, só uma escotilha aparecia como uma torre de observação à superfície. O que o tornava tão difícil de ver e o fazia combinar tão bem com a água era parecer esculpido em vidro.

Jack bateu com o pé contra o casco.

— É de borossilicato, resistente como o aço, mas com baixo índice refrativo, o

que é perfeito para passar despercebido debaixo de água. E quanto mais fundo for, mais duro o vidro se torna. Até determinado ponto, claro está. Não estou a planear testar esse limite hoje.

— Agora percebo porque se chama *Ghost* — disse Seichan.

— É a minha nova paixão, e vem com todas as campainhas e apitos que um gajo deseja — continuou Jack, enumerando orgulhosamente o equipamento do submarino. — O mais moderno equipamento sonar e de comunicações, manípulo de comando por cabo elétrico, controlo de flutuação eletrônica, abastecimento de ar expandido. Mas o que me derrete todo são as suas curvas sensuais. Concebi-a a partir dos velhos minissubmarinos *X-1*. Elegante, rápida e sedutora.

Kowalski fungou ao ouvir a hipérbole.

— Desejas ficar um momento a sós com ela?

— E tu, ainda queres o charuto? — contra-atacou Jack.

— Desculpa — disse Kowalski, cabisbaixo. — Já deveria saber que não se insulta a namorada de outro gajo. Ela é sensual, sim senhor. Muito sensual.

— É melhor assim — encorajou-o Jack com um sorriso provocador. — Entrem. Vamos instalá-los a todos. Ainda temos uma grande volta para dar até chegarmos à Utopia, mas nunca ninguém disse que entrar no céu era fácil.

Ignorando a jovialidade do homem, Gray fitou o horizonte, incapaz de se desembaraçar do mau humor, sabendo que Amanda não devia estar a divertir-se muito.

1h30

A contração seguinte dilacerou seu corpo.

Amanda soluçou, as lágrimas caíram-lhe pelas faces escaldantes. Vagas de náusea percorriam-na e o suor empapava a sua camisa de noite, colando-se à pele. A dor mais forte era entorpecida pela epidural que lhe tinham administrado.

— Oito centímetros de dilatação — informou Petra no meio das suas pernas.

— À hora certa — disse o doutor Blake de pé, ao lado a cama, a seguir o parto através de um monitor.

— Essa foi uma boa contração, mas estou empurrando outro *bolus* de *pit.*

Pit era jargão para pitocina, medicamento indutor do parto.

Injetou o medicamento por intravenosa e concentrou a sua atenção em Amanda. Pegou-lhe na mão, que estava presa por uma correia à cama, e apertou-lhe docemente os dedos.

— Quer mais gelo?

A fúria apoderou-se dela. Cravou as unhas na carne tenra do pulso do médico.

— Vá-se foder — gritou-lhe. — Seu raio de monstro.

Nunca praguejava, mas, agora, aquilo fê-la sentir-se bem.

— Vou buscar-lhe gelo — disse ele sem se deixar desconcertar pela sua ira. Soltou o braço e deu-lhe uma palmadinha na mão. — Vai tudo correr lindamente. Está a portar-se muito bem.

O pessoal médico trabalhava na periferia, controlando os órgãos vitais, mudando os lençóis que ela sujara e arrastando equipamento de um lado para o outro. Antecipando-se à chegada do bebê, dois deles preparavam um berço aquecido.

Blake voltou com um pequeno copo de papel cheio de gelo esmagado.

Levou-o aos lábios dela, mas Amanda desviou a cabeça, recusando qualquer tipo de cooperação.

E também forçou o corpo a resistir.

Não deixarei que fiquem com o meu rapaz.

Mas a natureza — reforçada por medicamentos fortes — não podia ser detida e, minutos mais tarde, a pressão no abdômen aumentou, uma tempestade elevava-se do fundo das suas entranhas, tão implacável como uma maré. Fechou os olhos, sabendo o que vinha aí.

Não... por favor...

As suas súplicas não foram ouvidas. A contração dilacerou-lhe o ventre.

Ela gritou não tanto de dor, mas por saber que iria perder a derradeira batalha.

— Faça força! — disse Blake, mas a sua voz soava como se viesse de muito

longe.

Debateu-se, mas o corpo já não era o seu e transformara-se numa máquina primitiva forjada na fornalha evolucionária da sobrevivência. Não tinha outra vontade senão obedecer.

Os músculos abdominais contraíram-se numa vaga esmagadora.

Os tecidos rasgaram-se.

O sangue jorrou.

E a dor tornou-se decisiva.

— A cabeça do bebê está a aparecer! — disse triunfalmente Petra.

Perdida na violência do parto, Amanda gritou para o mundo, rendendo-se ao inevitável, motivada pelo mais elementar instinto maternal.

Salvem meu bebê.

1h44

Sentado no *Ghost,* Gray girou a cadeira, virando-se para a parede de vidro abaulada do submarino. Os faróis iluminaram a água escura à sua volta quando se afastou de Palm Jumeirah. O fundo arenoso estava uns centímetros abaixo dos seus pés.

O efeito era desconcertante. O casco transparente permitia ver a água à volta. *Era como flutuar numa bolha de ar,* pensou, o que não estava longe de ser verdade.

O *Ghost* pouco mais era do que um cilindro de vidro propulsionado por uma bateria de células de hidrogênio. Sistemas auxiliares elétricos, mecânicos e de engenharia funcionavam como armaduras à volta dos alojamentos.

Habitantes marinhos curiosos, atraídos pela luz, fitavam-nos de olhos esbugalhados e voltavam a refugiar-se na escuridão.

Gray podia imaginar o que viam.

O submarino lembrava-lhe os peixes de água doce que criara em miúdo. Ficava estendido na cama durante horas a ver os pequeninos peixes a nadar de um lado para o outro no aquário. Eram principalmente conhecidos pelas suas iridescentes listas azuis e vermelhas, mas o que mais o fascinava era a sua transparência. A espinha e até mesmo os minúsculos corações palpitantes estavam à vista de todo o mundo. Neste momento, sentia-se igualmente nu, como se uma versão gigantesca desses peixes o tivesse engolido.

Tinha de admitir, contudo, que o espetáculo era espantoso.

Porém, um dos passageiros não estava tão impressionado.

— Isto é disparatado — resmungou Kowalski, que estava sentado em frente de Gray com uma mão espalmada no vidro e outra no teto. — Quanto tempo é que esta coisa vai demorar? E se nos falta o ar?

Gray admitia que o espaço era reduzido, especialmente para alguém com o físico de Kowalski. Jack pilotava sentado à frente. Os quatro assentos instalados atrás não davam muito espaço para uma pessoa se mexer. Até mesmo *Kane* tinha de se equilibrar no colo de Tucker, de língua pendente diante do panorama, orelhas arrebitadas e a tremelicar.

Seichan, sentada atrás de Kowalski, estendeu uma mão para lhe dar umas palmadinhas tranquilizadoras nas costas.

— Acalma-te. Temos imenso ar. Ficaria mais preocupada se entrasse água.

Kowalski rodopiou no assento, examinando a cabina de olhos arregalados.

Gray lançou um olhar de censura a Seichan. O que precisavam era de um touro em pânico aqui dentro.

— Ainda estamos muito longe? — perguntou Kowalski.

— Temos de atravessar o mundo inteiro para chegar ao nosso destino — foi a resposta vinda da proa.

Jack premiu um botão numa interface da tela sensível ao toque.

Apareceu um mapa luminoso por cima dos controlos, que mostrava centenas de minúsculas ilhas formando o contorno dos sete continentes.

Gray reconheceu tratar-se de outro projeto de Dubai, sendo a configuração do mundo um dos mais recentes: trezentas pequeninas ilhas perto da costa foram vendidas a particulares. Mas razões de ordem financeira e problemas técnicos, como a erosão da areia, ameaçavam o seu desenvolvimento. As ilhas permaneciam quase todas desertas e o mar já recuperara algumas.

Um ponto vermelho no mostrador assinalava a progressão do submarino à medida que avançavam através do arquipélago construído pelo homem.

A colina de uma das ilhas surgiu à frente deles. Ao contorná-la, uma enorme raia, incomodada pela sua passagem, sacudiu a areia fugindo da luz para regressar às trevas. A vida marinha foi-se tornando mais abundante à medida que atravessavam águas menos profundas e circundavam as ilhas: caranguejos eremitas corriam no fundo arenoso, anémonas rosadas e algas verdes ondulavam ao sabor das correntes, uma barracuda solitária passou por eles como um torpedo e cardumes cintilavam e rodopiavam em tons prateados e cores estonteantes.

De repente, Tucker praguejou e *Kane* latiu.

Gray virou-se a tempo de ver tubarões-martelo a saírem da escuridão e a passar por cima do submarino. Todos se baixaram. Não constituíam nenhuma ameaça, mas punha-os de sobreaviso quanto aos perigos que tinham pela frente.

Poucos minutos depois afastaram-se da costa.

O mar alto esperava por eles.

O *Ghost* navegou na escuridão, afundando-se lentamente em águas mais profundas. Ao mergulhar, o clarão da Lua esmoreceu. Agora, a única luz que restava era a do submarino.

E até mesmo essa acabaria por desaparecer.

— Está escurecendo — avisou Jack. — Há óculos sob os assentos.

Antes de Gray ter tempo para encontrar os seus, todas as lâmpadas exteriores se apagaram. A escuridão envolveu-os. Kowalski arquejou. A única iluminação era a que provinha das tênues luzes dos comandos.

Os dedos de Gray encontraram finalmente a correia do seu equipamento de visão noturna. Colocou os óculos e o mundo do lado de fora do submarino reapareceu, iluminado pelos emissores LED infravermelhos. Os óculos detetavam o espectro da luz, transformando o mundo em sombras pardacentas.

— Não quero chegar à Utopia com as nossas luzes a brilhar — observou Jack. — Mesmo com o submarino imerso alguém nos pode ver.

Felizmente, não precisamos de luz. Incorporei este sistema naval de infravermelhos para mergulhos noturnos. Não incomoda tanto os nossos cidadãos das grandes profundidades.

Ou quando se tem de passar despercebido, como agora.

O plano era penetrar furtivamente por baixo da rede de segurança da ilha. O sistema de defesa equipado com radar era para desencorajar os navios piratas, como os que vinham da Somália. Além do mais, guardas armados vigiavam as docas e a costa, e uma pequena frota de barcos a jato patrulhava o mar à volta da ilha.

Painter e Jack já tinham combinado um local de entrada alternativo, mas, primeiro, tinham de lá chegar.

O *Ghost* avançou durante mais vinte minutos, subindo em flecha com os motores a ronronar. Jack manobrou o manípulo e os pedais para planar ao longo do fundo de areia, passando por cima de recifes a fervilhar de peixes.

Localizada a dez milhas da costa, Utopia fora construída em águas com oitenta metros de profundidade. Era uma maravilha da engenharia, a primeira ilha artificial no mar alto. O mostrador continuou a seguir o trajeto longe da costa, traçando uma vista aérea da sua passagem. No topo da tela, apareceu uma das pontas da ilha-estrela e, quanto mais o *Ghost* se aproximava, mais a sua forma única se tornava nítida.

Mas a *forma* era a menos importante das suas características excecionais.

Ao aproximarem-se, a extremidade da ponta da estrela, um pilone de cimento com vinte metros de diâmetro surgiu bruscamente do meio da escuridão. Havia uma floresta dessas estruturas mais adiante e era esse o segredo por detrás da construção da Utopia.

Não era tanto uma ilha, mas uma plataforma maciça com terra por cima.

Gray tinha lido a história de Utopia. A tecnologia usada não era nova nem inovadora, mas baseava-se em moldes desenvolvidos há muitos anos, como a plataforma de petróleo Hibernia construída ao largo da Terra Nova, em 1997. Os mesmos engenheiros e a companhia de construção foram contratados como consultores desta construção em Dubai.

Utopia foi um projeto mais fácil. A plataforma Hibernia fora construída em águas mais profundas e num mar sujeito a ondulação mais forte, tempestades e icebergues. Aqui, a água era mais calma e as ameaças do meio ambiente menos severas. E esta localização fora escolhida por causa de uma cadeia natural ao longo da costa que fora reforçada com grandes pedras e areia para formar um crescente protetor com sete quilômetros de largura.

No interior deste abrigo, Utopia foi lentamente construída. A exemplo de Hibernia e de outras plataformas petrolíferas, a *ilha* era basicamente uma estrutura com um centro de gravidade, quanto mais peso em cima, mais estável se tornava.

Assim, enquanto Hibernia era mais alta, Utopia era mais larga, o equivalente a vinte dessas plataformas, que, ligadas umas às outras, formavam uma estrela. Foi utilizada aqui a mesma tecnologia que em Palm Jumeirah: assentar uma espessa base de pedregulhos maciços em cima da plataforma, cobri-la de areia e, depois, tornar tudo compacto até ficar duro como cimento.

E, cinco anos mais tarde, uma nova ilha tinha emergido do mar.

— Agora vem a parte complicada — preveniu Jack.

Dirigiu lentamente o *Ghost* através daquela floresta de colunas de aço que suportavam a ilha, elevando-se por entre pilhas de pedras e montes de lastro.

Gray esticou o pescoço para ver através do teto transparente.

Distinguiu, ao longe, o fundo onde assentavam os alicerces e imaginou o peso esmagador por cima das suas cabeças.

Kowalski gemeu.

Desta vez, Seichan não o arreliou.

De repente, o submarino inclinou-se para um dos lados.

Jack soltou uma praga, manipulando os comandos para voltar a endireitá-lo.

— Desculpem — disse. — As correntes são um bocado complicadas aqui em baixo. Na realidade, turbinas acionadas pelas marés diárias e o luxo do oceano constituem uma das fontes de energia da ilha, mas também dificultam as manobras por estas bandas.

Continuaram a avançar a custo ao longo de mais cinco minutos. A ilha tinha três quilômetros de largura, mas apenas tiveram de navegar por baixo dela um quarto dessa distância. No entanto, o trajeto enervou os passageiros.

— O sonar indica que estamos aqui — disse Jack, apontando com o braço.

Toda a gente olhou. Ao longe, por cima das suas cabeças, uma pequenina estrela brilhava no meio da escuridão. Jack rumou para lá, contornando as colunas ao subir.

À medida que se elevavam, a estrela tornava-se maior e mais brilhante.

Acabaram por perceber que a viam através de uma abertura na plataforma. Segundo a explicação de Jack, tais aberturas faziam parte do projeto e serviam para aliviar a pressão. Mas os planeadores da cidade, por sua vez, tinham-nas aproveitado e transformado em características urbanas.

— Vou desligar os emissores infravermelhos — avisou Jack. — Podem tirar os óculos. Vão ter bastante luz para ver.

Gray tirou o equipamento de visão noturna. A luz por cima da sua cabeça banhou-os e o mundo branco e preto animou-se em tons de esmeralda.

Jack pôs o submarino a pairar no mesmo lugar, largando lastro para o estabilizar, e o *Ghost* elevou-se docemente através da abertura da plataforma, uma estrutura de aço e betão com paredes de seis metros de espessura. Uma vez lá

dentro, essas monumentais paredes inclinaram-se na direção de praias cobertas de areia.

A dado momento, o submarino abrandou e, depois, planou em frente até a areia do fundo voltar a ficar a uns centímetros por baixo das botas de Gray. Jack examinou um pequena tela no painel de comandos. Espreitando por cima do seu ombro, Gray viu de relance o que se passava lá fora através de um periscópio digital que Jack usava.

— Parece não haver ninguém — disse o piloto.

O murmúrio dos motores extinguiu-se e, uns segundos depois, a proa do submarino assentou docemente na praia.

— Não vou mais longe — disse Jack, virando-se. — A escotilha de cima está uns centímetros fora de água. Conseguirão chegar à praia sem molhar mais do que as botas.

Mas não foi assim. Ao pisar terra firme, Gray estava encharcado até aos joelhos. Seichan saiu-se melhor. E Tucker desembarcou com a assistência de Kowalski, pois os dois homens tiveram de tirar *Kane* do submarino.

Gray reuniu a equipe entre as palmeiras à beira da água escura. Era inacreditável o que se encontrava escondido por baixo daquela plácida superfície: uma confusão infernal de pilones, pedregulhos e lastro que contrastava com a paisagem à volta deles.

Kowalski juntou-se-lhes. O seu olhar contemplou a paisagem com assombro.

Colinas ondulantes cobertas de relva e palmeiras espalhavam-se a perder de vista. À distância, torres e espirais formavam uma paliçada de aço e vidro. Alguns edifícios, rodeados por guindastes e em várias fases de construção, encontravam-se às escuras. Outros erguiam-se profusamente iluminados no céu, as fachadas e as janelas inundadas de luz, dando provas de serem habitados.

Mais perto, o parque estava dividido em relvados com bandeiras numeradas. Noutros sítios, manchas prateadas marcavam armadilhas na areia iluminadas pela lua.

— Desembarcamos no raio de um campo de golfe — disse Kowalski, abanando a cabeça. — Temos de fazer justiça aos árabes por saberem trabalhar com o que têm.

Era bem verdade.

Gray voltou para o lago que servia a ilha como elemento paisagístico, como fornecedor de água e como elemento essencial do projeto.

Jack permanecia a bordo do *Ghost.* Inclinou metade do corpo fora da escotilha e apontou com o polegar para o meio do lago.

— Vou submergir, mas estarei de olho em vocês através do periscópio.

Se não conseguirem voltar, enviem-me um sinal e eu hei de encontrá-los.

Têm o meu dispositivo de sinalização, não têm?...

— Obrigado — agradeceu Gray, dando uma palmada na algibeira da camisa para indicar que o tinha.

Jack hesitou antes de desaparecer no interior do submarino. Tinha uma expressão um pouco embaraçada, como se quisesse perguntar qualquer coisa, mas se retivesse.

— O que é? — indagou Gray.

— Talvez não seja oportuno — disse Jack com um suspiro. — Como vai Lisa?

Gray já tinha falado com Painter e, por isso, estava a par do que acontecera a Lisa e a Kat. Só de pensar nelas sentia um nó no estômago.

Mas a pergunta de Jack nada tinha que ver com isso e Gray leu o verdadeiro significado da pergunta nos olhos dele.

Sente-se feliz com a vida que leva?

Gray respondeu à pergunta tão honestamente quanto pôde, mas em relação ao que ele perguntara diretamente — como vai Lisa? — achou que seria melhor mentir.

— Vai muito bem.

22

2 DE JULHO, 17H46, EST

CHARLESTON, CAROLINA DO SUL

Vai para um lugar seguro... sai da rua, mas fique onde haja gente.

Estas instruções ecoaram na cabeça de Lisa. A dor aguilhoava-lhe a perna a cada passo que dava na East Bay Street. Sob o calor escaldante do sol do fim de tarde, tentava não coxear.

No momento em que Painter gritara ao telefone para sair do quarto de hotel, ela não hesitara. Costumava correr cinco quilômetros todas as manhãs e praticava ioga quase todas as noites, e o irmão, que ganhava a vida como alpinista, ensinara-lhe alguns truques loucos.

Em pânico e necessitando de ter as mãos livres, deixara cair o celular e precipitara-se para a varanda. Ouviu o estrondo da porta a ser arrombada atrás dela, mas já tinha saltado por cima do corrimão de ferro forjado. Com as pernas penduradas, desceu da varanda no segundo andar, a pulso, e deixou-se cair no passeio.

Apesar de estar calçada com sapatos confortáveis, torceu o tornozelo esquerdo ao aterrar. Olhou para cima e viu um homem mascarado a olhar para ela, apontando-lhe uma pistola. Refugiou-se debaixo da varanda, fora do seu alcance. Ouviu gritos e detonações.

Fugiu.

O seu único plano era afastar-se do hotel. Tinha a opção de fugir para o parque vizinho à beira de água ou para o labirinto de ruas estreitas ladeadas por elegantes casas antigas. Decidiu-se por esta última pois não confiava nos espaços abertos do parque. E, além do mais, turistas e residentes apinhavam as ruas, lojas e cafés da área. Sabia instintivamente que devia procurar locais públicos.

Levou mais de vinte minutos a acalmar-se, deixar a adrenalina esvair-se do cérebro para poder pensar. No entanto, continuava a lançar olhares para trás, embora fosse incapaz de reconhecer os rostos de quem a perseguia e de saber quantos eram. Qualquer pessoa constituía uma ameaça. Sem dinheiro nem celular, não conhecia ninguém nesta cidade estranha em quem pudesse confiar. Decidiu contactar a única pessoa que podia ajudá-la.

Pediu a um cliente que estava sentado numa esplanada o celular emprestado e

telefonou a Painter. Não podia dizer ao certo quem ficou mais aliviado por ouvir a voz do outro, mas Painter reagiu em tom autoritário e severo. Mandou-a sair da rua e evitar ser vista pois temia que os assaltantes cercassem o bairro e a apanhassem.

Vai para um sítio público...

Isso significava um espaço interior: um bar, um restaurante ou a área de recepção de um hotel.

Agitação proveniente de uma viela calcetada perto da rua principal atraiu a sua atenção. Viu um grupo de mulheres elegantemente vestidas e de homens de *smoking* a falarem e a rirem. Pareciam estar a festejar um casamento num restaurante ao fundo e, pelo luxo do vestuário e o tom *snob* do sotaque, o evento cheirava a fortunas antigas.

Perfeito.

Evitou coxear e levou a mão ao cabelo para se assegurar de que estava apresentável para uma ocasião deste calibre. Esperava que a festa ocorresse numa sala privada e que ela ainda conseguisse arranjar mesa ou lugar no bar.

Um pequeno candeeiro a gás flamejava por cima do nome do restaurante.

McCrady's.

Entrou e passou por entre os convivas, que, pensou, subiam para uma sala privada no segundo andar. Aproximou-se do encarregado das reservas.

— Desculpe. Não marquei mesa, mas espero poder ainda arranjar um lugar.

O homem, magro e de modos delicados, sorriu.

— Como ainda é bastante cedo, não deve haver problema. Dê-me, por favor, um momento.

Lisa afastou-se, mas manteve-se de pé. Receava que, se se sentasse, nunca mais conseguiria levantar-se. A perna doía-lhe até o joelho. Para se distrair, pôs-se a ler uma informação que dizia que o edifício do restaurante datava de 1788 e que, ao longo de dois séculos, tinha servido de armazém, taberna e até mesmo de bordel. Anunciava ainda que George Washington estivera ali uma vez num grande banquete e não, felizmente, quando ainda era bordel.

Não admirava que, com tal *pedigree,* a fina flor de Charleston escolhesse este lugar. Ouvia-se riso e música no andar de cima.

Entraram mais umas convidadas que se tinham atrasado. Pelas rendas e penteados, via-se que eram damas da aristocracia local.

— Faça o favor de me seguir — disse o empregado que a atendera. — A sua mesa está pronta.

Uma das mulheres mais velhas lançou um olhar a Lisa, mirando-a com ar superior e pondo-se a cochichar com as outras. Outros olhos viraram-se criticamente para ela.

Subitamente intimidada, Lisa alisou o vestido e afastou-se em direção à sua

mesa.

— É a época dos bailes — informou-a em tom conspirador o empregado. — Há um pequeno baile de debutantes no andar de cima.

Lisa imaginou uma festa de ornamentos e diamantes, a apresentação oficial de uma jovem aos seus pares da alta sociedade. No passado, bailes destes funcionavam como serviços antiquados de encontros para apresentar uma ilha a um solteiro disponível no interior de um círculo seleto.

Era basicamente uma feira de gado da alta sociedade.

— É um evento exclusivo — explicou o empregado, acompanhando-a até a mesa. — É uma sobrinha-neta ou prima em segundo grau do presidente.

Lisa sentiu-se mais à vontade. Certamente ninguém ousaria vir intrometer-se aqui. Fez o possível para não coxear ao atravessar a sala. No entanto, algo devia ter transparecido no seu rosto.

— Sente-se bem, senhora? — perguntou o empregado ao chegarem à mesa e puxando uma cadeira para ela se sentar.

— Excelente, obrigada — respondeu Lisa com um sorriso. — Passei apenas um dia demasiado longo a fazer compras.

— Deve sentir-se cansada — disse ele educadamente, mas fitando-a como se tivesse reparado que ela não trazia bolsa. — Aguarda alguém?

Ela consultou o relógio. *Tinha esperança que sim.* Painter dissera-lhe para encontrar um lugar e telefonar-lhe. Tinha uma equipe de segurança pronta para a ir buscar. Pegou no menu — esperava que também lhe pagassem a conta. Precisava de uma bebida forte num copo alto e sem gelo.

— Creio que vai chegar atrasado — disse Lisa. — E esqueci do meu celular. O restaurante tem um telefone que possa usar?

— Terei muito prazer em trazer-lhe um à mesa.

— Perfeito. Obrigada.

Recostou-se na cadeira, deixando-se embalar pela conversa calma das pessoas que ali jantavam. Com traves de madeira no teto, chão de tábuas enceradas, paredes de tijolo à mostra e uma lareira suficientemente alta para uma pessoa entrar sem ter de se baixar, o restaurante possuía um encanto colonial.

O empregado voltou com um celular e ela pediu um uísque.

— Um *Macallan* de sessenta anos, por favor.

Era caro, mas, sendo médica, receitou-o a si mesma.

E será definitivamente pago pela Sigma.

Premiu o número da linha de segurança de Painter para lhe dizer onde se encontrava, mas também porque estava ansiosa por ter notícias de Kat.

A ligação foi feita.

— Onde estás? — perguntou imediatamente ele.

Ela disse, dando-lhe igualmente a morada.

— A equipe vai demorar um quarto de hora — disse Painter com um suspiro de alívio. — Não saias daí.

— Não tenciono ir a lado algum.

O empregado chegou com a bebida. O uísque tremeu no copo quando ela o segurou. Deu um gole para se acalmar, deixando o líquido evaporar-se na língua e aquecê-la.

— Estou em segurança aqui, disse ela, tentando tranquilizar tanto Painter como ela mesma.

— Tenho uma bebida e estou rodeada de gente. A elite de Charleston.

Ouviu música no andar de cima.

— Uns parentes distantes do presidente Gant estão a dar uma festa aqui — continuou. — Não se pode provavelmente dar um passo em Charleston sem encontrar alguém que não seja parente dele.

— Algum deles te reconheceu? — perguntou atabalhoadamente Painter.

— É evidente que não — respondeu Lisa com uma entoação divertida.

— Como é que um parente do presidente haveria de...

— Tens a certeza?

O pânico na voz dele contagiou-a. Olhou para as traves de madeira, ouvindo o ritmo da música e a cascata de risos. Lembrou-se dos olhares das damas e dos cochichos.

— O que estás a querer dizer, Painter?

— Quero que saias já daí.

Lisa fitou a bebida na sua mão.

— Não tenho dinheiro para pagar o que pedi. Se me for embora agora, vou provocar um alvoroço e atrair ainda mais a atenção.

E, com o tornozelo naquele estado, não sabia se conseguiria *pisgar-se*.

Agora que estava sentada há uns minutos, mexer a perna esquerda provocava-lhe dores até a anca.

— O que não me estás a contar? — perguntou em voz baixa. — Mal posso andar. Preciso de saber o que tenho de enfrentar.

O silêncio prolongou-se. Imaginou Painter a esfregar um dedo entre as sobrancelhas pensando no que dizer ou planeando a próxima manobra. Ao longo dos anos, a ruga ficara mais funda e todo aquele esfregar não a faria desaparecer.

— Diz lá — insistiu ela, cansada de todas as meias-verdades e segredos.

Finalmente, ele decidiu falar.

— Não contei isto a ninguém. Nem à Kat nem ao Gray, nem a ninguém da Sigma. Nem sequer a ti. Ao princípio era apenas uma suspeita, mas, há uns minutos, tive uma prova substancial.

— Sobre o quê?

— Da Confraria.

Lisa sentiu frio. Sabia que Painter desconfiava de que o rapto de Amanda estava relacionado com esse temível cartel. Teria provas?

— Sei quem dirige a Confraria — prosseguiu Painter, articulando cuidadosamente as palavras, como se as testasse pela primeira vez em voz alta.

— Quem é? — inquiriu ela.

— A família do presidente.

Lisa demorou um momento a absorver o choque. Certamente que ele estava a brincar. A mente dela esforçou-se para juntar as peças, tentando entender como podia ser verdade. Chegou a uma conclusão.

— É impossível — disse em voz fraca.

— Foi por essa razão que não contei a ninguém até descobrir a verdade. Dar-te-ei mais pormenores quando voltares a DC.

As palavras que ele proferiu a seguir constituíam um aviso.

— Agora compreendes. Quero que saias daí o mais discretamente possível.

Apesar do medo que sentia, Lisa desligou o celular. Olhou para o teto, fazendo um esforço para acreditar no que acabara de ouvir. Tinha de confiar em Painter. Emborcou o resto do uísque para se preparar — beber de um só gole um uísque de malte tão bom era um desperdício, mas precisava de ganhar forças.

Levantou-se desajeitadamente, apoiando-se na cadeira. Já não podia esconder que coxeava e dirigiu-se para a entrada da sala.

— Tem a certeza de que se sente bem, senhora? — voltou a insistir o empregado.

Não. Nem por sombras.

— Sinto, sim — mentiu, levantando o celular. — A recepção é má.

Posso terminar a chamada lá fora?

— Claro. Deixe-me ajudá-la.

— Não é preciso, obrigada.

Avançou apressadamente para a porta e saiu para a rua. Deu uns passos, mas as pedras irregulares da calçada dificultavam os seus movimentos. Desequilibrou-se.

Um homem amparou-a.

— Obrigada — murmurou, dando de caras com o doutor Paul Cranston, o diretor da North Charleston Fertility Clinic.

Sentiu a pressão de uma pistola nos rins.

Surgiram mais dois homens por detrás dela.

— Ah, doutora Cummings — sorriu Cranston. — É altura de continuarmos com a nossa conversa.

Fez sinal aos outros. Agarraram-na brutalmente pelos braços, mas o uso da força era a menor das suas preocupações.

Lançou um olhar para as luzes brilhantes na janela do segundo ar e ouviu um piano a tocar.

— Sei no que está a pensar — disse Cranston em tom sardônico. — Mas não tenha medo. Esse lado da família não está a par de nada importante. Sabe apenas esbanjar dinheiro e tratar gente comum com ar superior. Seguimo-la desde o hotel. Havia homens meus na rua quando escapou.

Lisa fitou-o.

— Esperávamos que nos conduzisse à pessoa com quem trabalha — continuou ele, tirando uma caneta do bolso.

Era um dos dispositivos de vigilância de Kat. Deviam tê-la encontrado na área de recepção, mas era evidente que não sabiam quem a deixara lá.

— É uma vergonha — acrescentou. — Vamos ter de fazer isto de outra maneira, mas acredite que havemos de descobrir quem é o seu parceiro.

18h16

A máquina de tosquiar passou a zunir pela orelha esquerda de Kat.

Longas madeixas castanho-avermelhadas caíram-lhe nos ombros e escorregaram para o chão, juntando-se ao cabelo que já se amontoava à volta da cadeira.

Ainda a sentir a boca como algodão por causa do sedativo, Kat encontrava-se sentada no meio da enfermaria circular apenas com uma bata de hospital entre ela e o metal frio. Com os pulsos algemados atrás das costas, tinha de tolerar aquela humilhação — quebrar-lhe o ânimo era certamente o objetivo.

A outra prisioneira — uma jovem com olhos de gazela de vinte e poucos anos — observava por detrás da porta de vidro da cela.

As outras celas estavam vazias. A clínica, pelo visto, tinha falta de matéria-prima.

Kat lembrou-se de a doutora Marshall mencionar qualquer coisa acerca de uma Casa.

Estão a pedir mais pessoas para fazer testes.

Era evidente que uma das finalidades deste lugar era fornecer cobaias humanas para vários projetos, arranjando mulheres sem passado nem família, que podiam desaparecer sem causar problemas. E, muito provavelmente, não era o único no mundo. Haveria muitos outros sítios como este.

Mas com que fim? O que se passava ali?

Kat examinou as portas de aço vermelhas e o símbolo lá gravado.

Algo importante estava a acontecer nesta clínica, em particular.

E sabia que as respostas se encontravam escondidas por detrás dessas portas.

Kat fora obrigada a despir-se na cela enquanto a doutora Marshall lhe fazia um meticuloso exame físico assistida pelo auxiliar, Roy. Depois, a médica desaparecera com um tabuleiro cheio de tubos com o sangue de Kat.

Os seus dedos fecharam-se quando Roy acabou de lhe rapar o cabelo.

Podiam tirar-lhe a roupa e grande parte da sua dignidade pois ela aguardaria o momento de as reaver.

— Está pronta — disse Roy, passando a mão pelo crânio rapado e provocando um arrepio viscoso a Kat. — Gosto de mulheres rapadas de fresco.

— Vai para o raio que te parta! — rosnou Kat, desviando a cabeça.

— Zaragateira — chamou-a ele, rindo e olhando para a porta atento à doutora Marshall.

A médica devia passar o dia inteiro a dar-lhe ordens e a repreendê-lo, e ele parecia ter prazer em descarregar a sua frustração em quem era deixado ao seu cuidado.

Estendeu a mão para a arma pendurada no cinto. Não era o instrumento de dar choques elétricos que a doutora Marshall usava, mas simplesmente um bastão extensível. Já uma vez o usara com Kat, batendo-lhe na barriga das pernas por ela demorar a despir-se.

A pele dela ainda doía.

Kat reparara que a outra prisioneira tinha marcas nos braços e nas pernas.

Filho da mãe.

Roy tirou o bastão do cinto e com um movimento aumentou o seu comprido.

— Não vais armar nenhum sarilho, pois não? — escarneceu ao ouvido dela.

Ela baixou a cabeça, rangendo os dentes.

— É melhor assim — disse Roy, pousando o bastão no ombro dela enquanto se inclinava para lhe tirar as algemas. — Levanta-te e mantém as mãos atrás.

Ela obedeceu, sentindo a cabeça ligeiramente à roda por causa do efeito dos remédios. Ao virar-se para encarar Roy, o ar frio entrou pelas costas abertas da bata do hospital.

Roy colocou a ponta do bastão debaixo do queixo dela para a obrigar a levantar a cabeça.

Kat passou o braço à volta dele, agarrou no bastão e puxou-o.

Apanhado desprevenido, Roy tropeçou. Ela lançou o outro braço, um reflexo prateado brilhou-lhe no punho, e enfiou-lhe a faca na garganta, abaixo da laringe e cortando-lhe a traqueia.

Roy olhou para ela com os olhos esbugalhados de espanto, arquejando sem conseguir falar, mas Kat percebeu a pergunta muda.

Porquê?

— Porque esta gata tem garras — respondeu-lhe ela num silvo.

Kat torceu o punhal de combate com força e o sangue jorrou cerca de um metro, manchando o soalho de vinil. Ele esvaiu-se em segundos e ela deixou o seu corpo tombar ao comprido no chão.

Limpou a lâmina à roupa dele e tornou a dobrá-la. Quando Roy a conduzira à cela e esperara que o efeito dos sedativos passasse para a despir e levar a roupa, ela debatera-se na neblina que a envolvia e conseguira tirar a lâmina de combate escondida na sola do sapato do pé esquerdo. Mas deixara a gazua no sapato direito pois, infelizmente, do interior da cela não se tinha acesso à fechadura do lado de fora. E, depois, escondera a lâmina debaixo do cobertor.

Mais tarde, depois de a terem despido, examinado e enfiado uma data de agulhas, esperou até ficar sozinha. Meteu a lâmina dobrada entre as nádegas pela abertura da bata — não era a maneira mais decente de esconder uma arma, mas, por vezes, uma senhora tem de fazer o que uma senhora tem de fazer.

E, depois, esperou por uma altura a sós com Roy.

Sabia que só teria uma oportunidade.

Aproveitando aquele momento, Kat tirou-lhe as chaves, o cartão eletrônico e o bastão. Correu para a outra cela e abriu-a.

A jovem saiu a cambalear.

— Obrigada, chamo-me Amy.

— Vem — encorajou-a Kat.

Atravessou a enfermaria em direção à sua roupa e vestiu-se rapidamente. Meteu o punhal no bolso e passou o bastão a Amy.

— Há guardas armados no corredor — avisou-a Amy, lançando um olhar para a saída. — Não sei como os poderemos evitar.

— Eles — acrescentou, reparando que Kat fitava as portas de aço vermelhas do outro lado da enfermaria — levaram a minha irmã por ali há duas semanas.

— Então é para lá que vamos — disse Kat.

Não se iria embora sem descobrir o que se passava ali.

Amy pôs-se ao lado dela, pronta a seguir as suas ordens.

— Apanha o cartão eletrônico — disse Kat. — Vamos ver o que aconteceu à tua irmã.

Amy acenou vigorosamente a cabeça.

Kat agarrou na bolsa e tirou a caneta de vigilância que ativara. Meteu-a no bolso da blusa com a câmara de fora.

Se não conseguir sair daqui, quero pelo menos ficar com uma gravação disto tudo.

Correram, juntas, para o outro lado da enfermaria. Ao chegarem às portas, Kat pegou no cartão e passou-o pelo leitor eletrônico. Ouviu-se um grande barulho de engrenagens e uma luz vermelha começou a cintilar como se estivesse ligada a um alarme. *Alguém* sabia que isto estava a ser aberto.

Quanto tempo demorariam a vir ver?

As pesadas portas abriram-se com um suave silvo de ar pressurizado.

Kat olhou para dentro quando Amy começou a gritar.

18h18

WASHINGTON, DC

— Interroguem toda a gente no raio desse restaurante.

Na sala de comunicações, Painter andava de um lado para o outro com auscultadores nos ouvidos enquanto coordenava a procura de Lisa pela equipe de segurança que acabara de chegar, finalmente, ao local.

— Quanto tempo demora até arranjarmos as imagens da câmara da rua? — perguntou a um dos analistas sentados em frente dos monitores.

— Cinco a dez minutos.

Virou as costas, frustrado.

Onde te meteste, Lisa?

Depois de a mandar sair do restaurante, ele esperara receber uma chamada dentro de minutos a avisá-lo da sua localização para a equipe de segurança a ir buscar. Mas como o tempo passava sem ter notícias dela, entrou em pânico.

— Diretor — chamou-o outro analista, apontando para um monitor. — Continuo sem captar nada da câmara que a capitã Kat colocou na área de recepção da clínica. Ou foi descoberta ou a bateria foi-se abaixo.

Painter acenou a cabeça.

— Envia dois homens para a clínica — ordenou ao chefe da equipe de segurança. — Quero um relatório completo sobre a situação.

— Sim, diretor. Entretanto, acabamos de interrogar o pessoal do restaurante. Confirmaram que uma mulher correspondendo à descrição da doutora Cummings esteve lá. Pediu uma bebida e, de repente, foi-se embora. Viram-na a falar com três homens na rua e, depois, partir com eles. Segundo o empregado que a serviu, a doutora Cummings disse que estava à espera de outras pessoas.

Painter fechou os olhos. Lisa aguardava a chegada da equipe de segurança.

Não fazia sentido.

— Alarguem o perímetro da busca — disse. — Descubram se alguém viu para onde foram.

— Sim, diretor.

Sentiu a pressão arterial a latejar nos seus ouvidos, mas ouviu a voz grossa à porta.

— Diretor Crowe... uma palavra.

Era o patrão, o chefe da DARPA, general Metcalf, per ilado no vão da porta. Vestia o mesmo fato que nessa manhã, mas ainda estava apresentável e

impecavelmente passado a ferro. O mesmo não podia ser dito do rosto do militar. Parecia cansado, tinha os olhos congestionados e as bochechas caídas.

— General?

— Precisamos de falar.

Este gênero de conversa nunca acabava bem. Para sublinhar a seriedade dos assuntos a tratar, Metcalf raramente vinha ao quartel-general da Sigma. Preferia *e-mails*, faxes e conferências. A sua presença não anunciava nada de bom.

Painter cerrou e descerrou um punho. Não tinha tempo para interrupções, mas não havia outro remédio.

— Podemos usar o gabinete da capitã Bryant — propôs.

Conduziu o general até o espaço junto ao ninho de comunicações e pediu a Jason Carter que se levantasse da cadeira de Kat. O jovem analista continuava a trabalhar num projeto privado de Painter.

— Dá-nos uns minutos, por favor — disse a Jason.

Uma vez a sós, encarou Metcalf.

— De que se trata?

— Estive reunido com o secretário de Defesa. O presidente fez uma breve aparição.

Painter ouviu tambores de guerra a rufar em uníssono com o seu coração.

— E? — indagou, pressentindo o que estava para vir.

— Vamos encerrar a Sigma.

Painter abanou a cabeça não por insubordinação, mas incredulidade.

Esperava uma forte reação negativa por parte do comandante-chefe, mas não esta e, certamente, não tão cedo.

— Quando? — perguntou.

Metcalf fez uma expressão de pesar, mas a sua voz não tremeu.

— Têm de pôr imediatamente fim a todas as operações.

Painter sentiu-se como se tivesse levado um murro no estômago.

— Tenho agentes no terreno, general. Muitos em situação de perigo.

— Chame-os de volta e passe essas *situações* às autoridades locais ou à cadeia militar de comando.

— E se eu recusar, se algum dos agentes resistir?

— Qualquer ação será considerada não autorizada, renegada, e podemos vir a instaurar um processo, dependendo de uma investigação caso a caso.

Painter respirou fundo e olhou pela janela para os homens e mulheres que trabalhavam afincadamente. Viu o projeto a cargo de Jason — o mapa genealógico da família Gant a rodopiar lentamente, uma galáxia de poder tão fria e implacável como o movimento de um corpo celeste.

Neste momento, Painter reconhecia uma coisa.

A Confraria tinha ganho.

— Encerre a Sigma — ordenou o general. — E chame todos os homens em serviço no terreno.

23

3 DE JULHO, 2H18, GST

AO LARGO DA COSTA DO DUBAI

Gray agachou-se com a sua equipe na orla do sombrio campo de golfe, por detrás das instalações do clube. A Lua tinha desaparecido enquanto atravessavam o terreno, avançando furtivamente de um grupo de palmeiras para outro. Apesar da noite escura, os andares iluminados de várias torres vizinhas funcionavam como faróis, projetando luz nos relvados.

Segundo as informações recebidas antes da missão, o serviço de segurança da ilha patrulhava a costa e as docas, mas era sempre possível que um guarda extraviado desse pela sua presença.

Agora, contudo, tinham outro problema para resolver. Gray telefonara há pouco a Painter para confirmar que tinham chegado a Utopia. Mas, retrospetivamente, dizia a si mesmo que talvez não devesse ter feito aquela chamada.

— O que se passa? — perguntou Seichan, lendo os seus pensamentos.

— Mandaram-nos parar com todas as missões e regressar aos Estados Unidos — disse Gray ao grupo. — Aparentemente, os senhores de Washington precisam de um bode expiatório por causa da morte da ilha do presidente.

— E é claro que vamos ser nós — resmungou amargamente Kowalski.

— Painter vai recorrer, mas, oficialmente, tem de nos dar ordem para sairmos daqui.

— Mas Amanda não está morta — disse Tucker. — Porque é que o diretor não diz isso ao presidente?

Gray já tinha explicado na Somália os motivos de Painter — a melhor estratégia para salvar Amanda era atacar o inimigo quando este julgasse que ninguém andava à procura dela.

No entanto, ele não estava muito de acordo pois achava que a família do presidente tinha o direito de saber a verdade. E, agora, estavam todos a sofrer as consequências. E também sentia que Painter não estava a contar-lhes tudo: tinha algo na manga.

O que quer que fosse, teria de esperar.

Tinham uma decisão a tomar.

— Talvez Painter venha a informar o presidente quando recorrer. O que está a

pensar dizer-lhe? Não temos a certeza de que Amanda ainda esteja viva. Tudo o que sabemos é que o corpo carbonizado que encontramos não é o dela. Temos, portanto, de fazer uma escolha. Voltarmos para o submarino ou continuarmos a avançar. Se desafiarmos estas ordens diretas e não formos bem-sucedidos, seremos, se calhar, julgados. E, se avançarmos, receberemos um apoio limitado.

— Eu já sou uma fugitiva procurada pela polícia — disse Seichan com um encolher de ombros. — Não me ralo se for acusada de mais um crime.

— E eu, de qualquer modo, nunca fui oficialmente um membro da Sigma — disse por sua vez Tucker. — Não há nenhum documento que diga que eu e *Kane* temos de obedecer a essas ordens.

Gray virou-se para Kowalski.

— Como já tenho as calças encharcadas — resmungou ele –, que se lixe.

— Então vamos combinar por onde começamos a procurar — disse Gray, agarrando no telefone via satélite e revelando um mapa pormenorizado da ilha em três dimensões. Rodou-o para mostrar o contorno de uma cruz. — Estes negócios e propriedades têm possivelmente ligações com a organização da Confraria.

— Espere — interrompeu Seichan. — Como Painter sabe disso?

Gray fitou-a, enrugando a testa. Nunca tinha pensado fazer tal pergunta.

Seichan interpretou corretamente a sua expressão. Abanou a cabeça, repreendendo-o em silêncio por tamanha negligência. Irritado tanto pelo erro cometido como pelo facto de Seichan o ter apanhado, apertou o telefone com mais força.

— Fale — encorajou-o Seichan.

— Se Amanda está nesta ilha, é provável que seja numa das propriedades que mostrei.

— É um território enorme — disse Tucker.

— É justamente por isso que vamos começar por aqui — disse Gray, apontando para o centro da cruz. — É o alvo mais provável. E avançaremos em espiral.

— O X marca o lugar — resmungou Kowalski. — Raios me partam. Até parece que estamos à procura de um tesouro de piratas.

— E esperemos que ainda esteja lá — acrescentou Gray, endireitando-se.

Baixou o telefone e começou a andar para o centro da ilha, na direção do eixo central sobre o qual a estrela girava. E estava a girar — a *torre,* não a ilha. Os andares da espiral, todos em forma de losango e ligeiramente desalinhados em relação ao seguinte, formavam um saca-rolhas maciço — mas o aspeto mais espantoso da construção era que cada andar rodava independentemente dos outros, criando uma estrutura dinâmica ativada por turbinas eólicas e painéis solares. Era fascinante ver aquilo a mudar lentamente, fundindo formas novas e simulando uma cintilante miragem.

— Burj Abaadi! — exclamou Tucker, nomeando o centro fulcral de Utopia.

— A Torre Eterna.

O arranha-céus de cinquenta andares fora construído em apenas dezoito meses, em conjunção com a ilha, os dois projetos elevaram-se, juntos, do mar.

Gray sentia que algo escondido nesta ilha seria encontrado no coração de Utopia. Havia só uma maneira de ter a certeza.

Virou-se para Tucker e *Kane*.

— Chegou a altura de irmos trabalhar.

2h22

Tucker ia à frente — ou, mais precisamente, quem ia à frente era *Kane*.

O pastor-belga corria a um quarteirão de distância ao longo de uma avenida deserta que interceptava uma ponta da estrela. Tucker ouvia o arfar do parceiro no ouvido esquerdo enquanto observava as imagens no vídeo para detetar homens armados ou um raro residente de Utopia.

Ele e os outros mantinham-se tanto quanto possível na sombra, percorrendo os quatrocentos metros que faltavam para o seu destino.

Palmeiras alinhavam-se de ambos os lados da avenida e várias árvores ainda se encontravam em grandes contentores à espera de ser plantadas.

Toda a ilha provocava a mesma sensação surrealista — como o *puzzle* infantil de uma cidade com peças postas de lado que ainda tinham de ser encaixadas no sítio certo.

Mas à medida que se aproximavam do centro da estrela, a paisagem tornava-se menos fragmentada. Os edifícios eram mais altos, mais requintados e brilhavam com luzes. Sinais de vida começavam a aparecer: um ocasional carrinho de golfe, ou um carro, num parque de estacionamento vazio; uma minúscula mercearia; um letreiro de néon a brilhar num restaurante coreano.

No entanto, Tucker suspeitava de que só um número reduzido de pessoas habitava a ilha e que a maior parte estava, de uma maneira ou de outra, associada com a Confraria.

Para Tucker, essa organização terrorista ainda parecia uma coisa saída de um romance de cordel. Tinha lidado, no passado, com muitos grupos mercenários, companhias militares privadas com nomes esquisitos. Apesar de não levar a sério as teorias de conspiração, sabia que a corrupção e a cumplicidade reinavam no meio industrial-militar e davam origem a dezenas de organizações sombrias que envolviam as forças armadas e os serviços de inteligência, investiam até mesmo em empreendimentos científicos e tinham ambições políticas.

Por isso, que importância tinha mais uma organização dessas?

Há pouco, Kowalski chamara-o à parte para lhe contar o que acontecera à mãe de Pierce e dera-lhe a entender que, anteriormente, a Sigma e essa organização já tinham travado muitas batalhas.

Independentemente do nome deste novo inimigo, Tucker e os companheiros estavam a invadir o seu território — e ele tencionava ter cuidado.

Isto aplicava-se igualmente ao seu parceiro.

— Devagar — aconselhou ele pelo rádio a *Kane*.

A imagem confusa do vídeo estabilizou quando o cão, em vez de correr aos

saltos, começou a andar a passo. Ao virar uma esquina, Tucker fez sinal aos outros para se colocarem atrás de um *Hummer* amarelo estacionado.

Um cabo de reboque prendia um elegante barco às traseiras do jipe, o que lhes oferecia maior proteção. Mais um quarteirão e a avenida — como as quatro outras pontas da estrela — ia dar a um parque central à volta de Burj Abaadi, a torre em espiral.

A Torre Eterna elevava-se como uma feérica escultura no céu noturno.

Os andares giravam lentamente e era como se toda a estrutura ondulasse ao sabor do vento vindo do mar. Apenas os cinco andares de baixo que incluíam a sala de entrada e os serviços de manutenção — com a estação elétrica que recolhia a energia gerada pelas turbinas eólicas localizadas entre os andares — se mantinham fixos.

— Devíamos aproximar-nos mais? — perguntou Gray.

— Não é necessário — respondeu Tucker. — O parque em frente tem muitas árvores e lugares onde nos escondermos. Não quero deparar com nenhum guarda. Deixa o *Kane* encarregar-se disso.

— Ele tem razão — concordou Seichan.

— Por mim, tudo bem — disse Kowalski, passando cobiçosamente as pontas dos dedos pelas linhas aerodinâmicas do barco.

Em minoria, Gray fez sinal a Tucker para prosseguir com o seu plano.

Este enviou uma única ordem a *Kane*.

— BUSCA!

Kane *avança furtivamente, permanecendo a coberto das sombras. Move-se contra a brisa que sopra de frente, deixando os odores envolverem-no e captando o que pode com o focinho no ar.*

Sente o cheiro a sal e a algas proveniente das distantes ondas e areia.

Mais perto... o cheiro a relva aparada... a doçura de pétalas a abrirem-se na noite.

Mas através disso tudo, o mau cheiro a petróleo e a suor de corpos.

Homens.

Escondidos.

Persegue o cheiro, aproximando-se daquele inebriante e infeto odor. No meio das sombras e por detrás de arbustos, localiza cada um deles até ouvir um sussurro satisfeito.

ASSINALADO.

Continua a avançar.

Rasteja com a cauda baixa e as patas traseiras tensas e as orelhas arrebitadas para detetar qualquer ruído. O cheiro a homem desvanece-se atrás dele, transportado pelo vento e deixando espaço para novos odores.

Para.

Um arrepio eriça-lhe o pelo do pescoço. Experimenta outra vez, levantando mais o focinho, inspirando esse odor, saboreando-o e reconhecendo-o. Move-se de novo, seguindo a pista através do ar.

Vem de uma van — ele conhece as vans e costuma andar nelas com a cabeça de fora ao vento. Mas, agora, não é altura para isso. Atravessa velozmente um campo aberto e esconde-se debaixo da van. A escuridão tresanda a petróleo e gordura.

Sai pelo outro lado, contorcendo-se e esticando o pescoço. Dá umas voltas a farejar para ter a certeza.

E, a seguir, solta um ganido para anunciar o seu triunfo.

— Lindo menino — elogia-o Tucker pelo rádio.

O orgulho invade-o — assim como um afeto que dói.

Todos eles, agrupados à volta do pequena tela do telefone, tinham seguido as andanças de *Kane*. O pastor-belga tinha localizado quatro guardas e, a seguir, aninhara-se debaixo de uma van estacionada à entrada de Burj Abaadi.

— Encontrou o odor de Amanda — disse Tucker. — Ela está na ilha!

— Consegues pôr o *Kane* na parte de trás da van? — perguntou Gray.

— Não tem problema.

Kane adorava apanhar boleias. Tucker enviou a ordem.

— SALTA NA VAN!

O cão recuou imediatamente um metro para tomar balanço e, depois, saltou, aterrando na parte de trás da van. Evitou bater no que estava lá dentro.

Kane moveu-se à volta daquela coisa estranha a farejar.

— Aquilo é um caixão aberto? — inquiriu Seichan, aproximando-se.

— Foi assim que transportaram Amanda — deduziu Gray. — Não me admira que não a tivessem descoberto no aeroporto. Enfiaram-na ali e selaram provavelmente a caixa com sinetes diplomáticos.

— Muito bem, mas onde está agora? — indagou Kowalski olhando por cima do ombro.

Todos eles fitaram a torre de cinquenta andares que girava lentamente na noite.

A caçada ia começar.

Mas não estariam já atrasados?

2h32

O pequenino repousava sobre o ventre nu de Amanda.

O corpo dela, úmido e a escaldar depois do parto, mantinha-o quente.

Um cobertor cobria-o, mas um punho minúsculo do tamanho de uma noz aparecia por baixo.

Amanda fitava-o, consumindo-o com os olhos. Com os braços amarrados aos lados da cama, não o podia segurar. Era a pior das crueldades. Tinham-lhe concedido este momento com o ilho por necessidade, não por compaixão. Ela lera todos os livros sobre bebês. O recém-nascido era colocado de barriga para baixo para facilitar a drenagem de fluidos: o contacto epidérmico encorajava o corpo dela a libertar as suas próprias ocitocinas naturais, ajudando com as contrações finais a soltar a placenta.

O seu corpo tinha desempenhado o seu eterno dever.

Exausta, tentava prolongar este momento para sempre.

— O meu rapazinho, sussurrou, as lágrimas misturando-se com o suor do seu rosto; queria que ele ouvisse a voz da mãe pelo menos uma vez. Ela apelou a todo o seu amor para o batizar com o nome que costumava murmurar à noite com o marido, Mack, a mão dele pousada no seu ventre inchado.

— O meu pequenino William.

Mas, infelizmente, a criança não era do marido, pelo menos em termos genéticos. Conhecia parte da verdade, tinha visto os registos médicos na carta aterradora que a fizera fugir para as Seychelles. No entanto, Mack amara a criança tanto quanto ela. Via-se no rosto dele, mesmo depois de saber a verdade.

Ele amava-te tanto, William.

Novas lágrimas marejaram-lhe os olhos pela família que nunca haveria de existir.

Os seus pensamentos foram interrompidos por vozes, mas ela não desviou os olhos da criança.

— Petra, não se esqueça de recolher pelo menos cinco mililitros de sangue do cordão umbilical. Além dos testes de rotina, vamos precisar de uma amostra do tipo de sangue. E também quero colher células estaminais do cordão umbilical.

Amanda escutou, dando-se conta de que eles já estavam a analisar partes do filho.

— A cama aquecida já está pronta, doutor Blake — disse Petra, que se encontrava ao lado. — Preparei a vitamina K e o colírio. Deseja fazer a avaliação APGAR do recém-nascido?

— Não. Pode fazê-la você. Vou passar a palavra acerca do parto logo que for

possível.

Blake avançou do fundo da cama e foi colocar-se ao lado de Amanda.

Estendeu os braços para pegar no bebê.

— Não, por favor — suplicou Amanda. — Só mais um minuto.

— Desculpe, mas é melhor assim. Portou-se lindamente.

— Nãooo... — gemeu ela em voz rouca entrecortada pelos soluços, inclinando-se com esforço para a frente.

Sem dar ouvidos às suas súplicas, o médico arrebatou William do ventre dela, tirando-o do calor materno e deixando um vazio que ela sabia que nunca desapareceria.

Blake levou o bebê para uma pequenina cama sob luzes fortes, onde também se encontrava a enfermeira com olhos frios. Amanda imaginou o tabuleiro com os instrumentos prateados de dissecação.

Os seus soluços transformaram-se num choro convulsivo, mas nunca tirou os olhos do filho.

O meu pequenino William...

2h38

O doutor Edward Blake estava junto da secretária, exausto e de olhos congestionados. Havia uma poltrona acolchoada por perto, mas ele permaneceu de pé. Queria estar desperto por causa do telefonema que ia fazer.

— Sim, correu tudo bem — informou. — A genética continua estável.

Depois de estabelecermos as linhas de base, iremos testar a estabilidade da hélice sob vários rigores e pressões ambientais.

Era esta a finalidade do macabro trabalho de Petra no laboratório: separar vários órgãos vitais — cérebro, coração, pulmões e outros — para manter indefinidamente os tecidos vivos de modo a aplicar os testes. O

destino do filho de Amanda era esse laboratório.

— Creio que temos motivos para estar otimistas quanto a este rapaz — concluiu.

— O OTIMISMO É IRRELEVANTE — contestou o seu interlocutor, com a voz digitalizada monótona e distorcida num tom de severidade ártica, embora Blake suspeitasse de que aquela frieza não se devia totalmente ao computador.

— SÓ A DURA REALIDADE INTERESSA.

O médico engoliu em seco.

— Claro. Vamos começar a obter dados ainda hoje.

— AS AMOSTRAS DE TECIDOS DEVEM SER COLHIDAS E ENVIADAS LOGO QUE POSSÍVEL.

— Entendido. Recebi a lista e a minha assistente já está a colher células estaminais e cutâneas. Faremos biopsias alveolares e intestinais dentro de uma hora e teremos secções corticais e espinais ao fim do dia. Mas tenho outra pergunta.

O silêncio encorajou-o a continuar.

— A mãe... há consenso quanto ao que faremos com ela?

Blake adivinhava a resposta. Havia um enorme cemitério ao pé do campo onde tinha estado na Somália.

— ELA AINDA PODE VIR A SER BIOLOGICAMENTE ÚTIL. NÃO SABEMOS SE ESSES RESULTADOS SÃO REPLICÁVEIS OU SE EXISTE ALGO ÚNICO ACERCA DA SUA GENÉTICA.

Edward ficou surpreendido por se sentir tão profundamente aliviado.

Tinha testemunhado o terno amor de Amanda através do suor e das lágrimas, a força na expressão dos seus olhos quando lhe tirara o bebê.

Essa mistura de dureza e instinto maternal devia tê-lo sensibilizado mais do que ele imaginava.

Ou, se calhar, estou simplesmente cansado e a ficar demasiado emotivo.

— Devemos mantê-la aqui? — perguntou em voz rouca. — Na Utopia?

— NÃO. OS NOSSOS PLANOS REQUEREM QUE ELA REGRESSE AOS ESTADOS UNIDOS.

Admirado, ele absorveu isto e imaginou vários cenários. Tinha ligeiramente sedado Amanda durante a curta travessia da Somália para facilitar a sua passagem pela alfandega. Mas uma viagem até aos Estados Unidos era mais longa e corriam um risco muito maior de serem descobertos.

— Como é que tenciona transportar...?

Foi interrompido.

— ELA DEVE SER ENTREGUE AO LABORATÓRIO FERT/INC.

Edward teve de pousar uma mão sobre a secretária. Tinha visitado o Laboratório de Fertilização e Incubação apenas uma vez — o que bastava.

Compreendeu imediatamente o que esperavam dele.

— ESPERAMOS POR ELA CONVENIENTEMENTE PREPARADA NO AEROPORTO DO DUBAI ÀS OITO DA MANHÃ — concluiu a voz.

— Assim farei.

A linha foi cortada antes de ele dizer a última palavra. Não precisavam de ouvir a sua aquiescência pois tomavam-na como certa.

Permaneceu de pé um pouco mais de tempo. O alívio que sentia por Amanda ser poupada desvaneceu-se.

Era melhor que tivesse sido condenada à morte.

— Petra, prepare a sala cirúrgica — ordenou através de um intercomunicador.

— Para que gênero de operação?

Ele explicou-lhe, lembrando-se novamente do que tinha visto na clínica de fertilização e incubação, aquele impecável exemplo da pureza científica onde a moralidade não contava, um mundo onde somente a metodologia e os resultados contavam.

Sentiu a bílis a revolver-lhe as entranhas.

Coitada de Amanda.

24

2 DE JULHO, 18H39, EST

CHARLESTON, CAROLINA DO SUL

Kat passou o limiar da porta.

Amy seguiu-a, mesmo atrás dela. Ao princípio, gritara de choque e susto, mas agora estava calma. As portas de aço voltaram a fechar-se automaticamente com um ruído de pressão.

Kat sabia que não tinham muito tempo; a sua fuga seria descoberta em breve.

Com as portas fechadas, a luz ambiente era tênue e ligeiramente avermelhada, lembrando-lhe a sala de controlo de um submarino onde trabalhara durante anos em espionagem naval. Ou, se calhar, esta luz servia para ocultar os horrores que se passavam ali.

Um longo corredor estendia-se diante delas por entre fileiras de tanques cheios de um líquido rosa e gelatinoso. As cortinas transparentes que tapavam a parte da frente dos tanques não ocultavam por completo o que havia nesses contentores. Kat afastou uma das cortinas.

— Não faças isso — disse a gemer Amy, agarrando o bastão com as mãos.

Contudo, seguiu Kat pois era evidente que necessitava de permanecer perto dela — não por proteção, mas simplesmente para manter um pouco de contacto humano num laboratório tão desumano.

Kat reparou num letreiro pendurado por cima do corredor: Laboratório de Fertilização e Incubação Uma mulher nua flutuava a pouca profundidade num fluido semiviscoso com uma camada gelatinosa no fundo para impedir mazelas e manter os tecidos umedecidos. Estava grávida e tinha o umbigo saliente.

Os seios murchos nunca haveriam de aleitar a vida que crescia dentro dela. A cabeça da paciente pendia por cima da borda do tanque, com os olhos fechados com ita adesiva e o pescoço arqueado para trás como se estivesse à espera que lhe lavassem o cabelo. Mas não havia cabelo. O

escalpe calvo brilhava, revelando cicatrizes suturadas e fios de elétrodos a perfurarem-lhe o crânio. Tubos violavam a boca e o nariz; tudo estava ligado a monitores, ventiladores e equipamento de abastecimento de líquido.

— O que é que eles fizeram? — sussurrou Amy num fio de voz, horrorizada.

Kat lançou um olhar para a longa fileira e viu outras mulheres, imobilizadas nas

mesmas posições e em várias fases de gestão fetal, em tanques idênticos. Percebeu o que via. As mulheres estavam reduzidas a troncos cerebrais vivos e tinham apenas uma função.

— Transformaram-nas em meras incubadoras humanas — explicou Kat tremendo de raiva, impotente e pesar profundo.

Soltou um suspiro, sem pestanejar, testemunhando aquilo sem silêncio.

É aqui que eu poderia ter acabado.

Amy tinha a mesma expressão de revolta.

Incapaz de harmonizar este ato monstruoso com a simples maravilha e mistério da sua própria gravidez, de sentir aquelas pequeninas vidas dentro dela, Kat recusou imaginar-se ali. Afastou aquele horror lembrando-se dos gritos das suas bebês, tão exigentes e necessitadas, a mamarem sofregamente nos seus mamilos macios.

Pensou nos outros quatro edifícios da clínica, nos níveis de investigação e desenvolvimento alcançados: as inovadoras técnicas de remoção e congelamento de óvulos e esperma, o progresso em fertilização *in vitro,* e a última inovação em cultura e transmissão de embriões. Muitos dos maiores geneticistas do mundo trabalhavam ou tinham trabalhado ali. Quantos sabiam, se houvesse algum, o que escorria da sua descoberta pioneira como lixo tóxico para combinar interesses com objetivos duvidosos?

Kat afastou-se, sabendo que tinha somente metade das respostas ao que se passava nesta clínica. Mas sabia onde encontrar as outras.

— Vem — disse Kat à companheira, apercebendo-se de que não tinham muito tempo.

Reparara que havia gabinetes envidraçados ao fundo e dirigiu-se apressadamente para lá seguida por Amy. Pensou em vários estratagemas para fugirem. Não havia certamente uma saída nas traseiras do laboratório. A única maneira de escapar era por onde tinham entrado, através das portas vermelhas e dos guardas armados.

Procurou uma arma, ou outro meio de fuga, enquanto avançava.

— Denise... — ouviu Amy suspirar atrás de si.

Sem se virar, agarrou-lhe no pulso antes que a rapariga se precipitasse para um dos tanques tapados. Viera com ela para descobrir o que tinha acontecido à irmã.

— Não é ela — tranquilizou-a Kat, puxando por ela. — Trata-se apenas de um invólucro. A tua irmã foi morta quando a levaram por aquelas portas.

Amy ainda resistiu uns instantes, mas, depois, sabendo que Kat tinha razão, acabou por ceder. Avançaram juntas, cada uma necessitando do calor humano da outra.

Ao fundo havia três gabinetes envidraçados que davam para aquele espetáculo horroroso. O corredor bifurcava para a direita e para a esquerda, conduzindo

provavelmente a laboratórios mais pequenos e salas de arrumação.

Kat memorizou os nomes gravados nas três portas. Tencionava, se conseguisse sair dali, responsabilizar essas pessoas. Aproximou-se do que estava no meio e era o maior. O letreiro na porta dizia DOUTORA NANCY MARSHALL, DSC, PHD, ABOG. Parecia que quantos mais títulos se seguiam a um nome, menos humanidade restava.

Através da porta de vidro, viu uma hélice de DNA a girar lentamente na tela de um computador. Experimentou a fechadura. A porta não estava fechada à chave e entrou.

Ao chegar ao pé do computador, viu a imagem em alta definição de uma espessa dupla hélice de DNA, codificada a cores, que pormenorizava nucleótidos, codões e combinações químicas. Examinou uma estranha anomalia: uma terceira ita de proteína entrelaçava-se na matriz genética como uma serpente.



A biologia e a genética não eram a sua especialidade, mas conhecia uma pessoa na Sigma que podia analisar melhor estes dados. Ligou o computador com o rato. Tinha de obter o máximo de dados armazenados no disco duro para os transmitir a Washington, mas sabia que não teria tempo para conseguir decifrar as palavras-passe. Não havia maneira de os enviar por *e-mail* ou eletronicamente.

Teria de improvisar e esperar que tudo corresse pelo melhor.

Tirou a caneta de vigilância do bolso. O vídeo e o áudio da câmara estavam gravados num cartão digital seguro ligado a um transcetor celular — mas os dados também podiam ser transferidos manualmente, se necessário, através de uma conexão USB incorporada. Desmontou a caneta, tirando as peças da câmara, mas deixando o cartão de armazenamento ligado ao adaptador USB.

Trabalhando depressa, encontrou a conexão USB do computador e enfiou o

comando no seu lugar. A sua intenção não era descarregar o conteúdo do cartão, mas carregá-lo, esperando que a informação acabasse por chegar à Sigma. Com o interior da caneta exposto, Kat viu um ponto verde acender no transcetor celular. Permanecia ativo. Mas estaria alguém a captar o sinal?

Empertigou-se quando um novo ícone — representando o seu dispositivo de memória — começou a apagar e a acender na tela.

Um ruído chamou a sua atenção. Amy encontrava-se à porta do gabinete a olhar para o fundo do laboratório. As portas de aço começaram lentamente a abrir, deixando entrar um pouco de luz.

— Encontrou? — gritou a voz esganiçada da doutora Marshall.

Kat voltou a debruçar-se sobre o computador.

Não havia tempo para escolher que ficheiros enviar.

Utilizando o mouse arrastou a imagem do HD e copiou tudo para o pendrive.

Os ficheiros começaram logo a ser transferidos.

De momento, era tudo o que podia fazer.

Além de sobreviver.

18h41

— Que raio foi isso?

Painter fitou o general Metcalf. Nunca ouvira o homem praguejar e raramente o tinha visto perder a compostura. Os dois encontravam-se no ninho de comunicações, diante dos monitores. Há uns minutos, o técnico que controlava a caneta de vigilância de Kat informara que novas imagens provenientes do segundo dispositivo estavam a chegar. Era a primeira transmissão de vídeo desde que a caneta fora ativada. Tinham apanhado uns fragmentos de conversa, mas, a seguir, nada.

Mas, de repente, a tela animara-se.

Metcalf já estava de saída quando o monitor ganhou vida, entusiasmando o técnico, e o general decidiu fazer companhia a Painter para ver o que tinham captado.

Ao princípio, só viram imagens confusas até a câmara focar umas portas de metal vermelhas com o símbolo de uma cruz gravada. Mas, depois, seguiram Kat com crescente espanto através de um laboratório com mulheres mortas a flutuar dentro de tanques. E, a seguir, viram-na entrar nuns gabinetes ao fundo de um corredor.

— Tomou nota dos nomes gravados nas portas dos gabinetes? — perguntou Painter ao técnico.

— Tomei, sim, diretor.

O ecrã voltou a escurecer.

— É tudo? — inquiriu o general. — Onde filmaram isto?

Vendo-se forçado a contar o que sabia, Painter convidou o general a entrar no gabinete ao lado e fechou a porta.

— A capitã Bryant está a investigar uma clínica na Carolina do Sul — começou a explicar. — A mesma onde Amanda fez a fertilização *in vitro*.

Lisa também estava envolvida nessa investigação e o receio pelo que poderia suceder-lhe era maior, mas Painter tinha de manter-se concentrado.

— De que clínica está a falar? — perguntou Metcalf, virando-se para ele. — Quem autorizou...?

Antes que o mau humor do general aumentasse, Painter cortou-lhe a palavra. Tinha de o chocar para o convencer a escutar.

— Amanda talvez ainda esteja viva.

Como esperava, aquelas poucas palavras fizeram-no recuar.

Sem deixar o general recuperar, Painter continuou a falar. Tinha de apresentar toda a história antes de Metcalf começar a construir barreiras mentais. Só assim conseguiria conquistar este homem teimoso para a sua causa.

Começou pelo princípio, o rapto de Amanda e o facto de ele estar convencido de que estava relacionado com o bebê prestes a nascer. Ao passarem pelo computador de Kat, Painter mostrou-lhe que um determinado setor urbano de Utopia, visto de cima, formava uma cruz. E só então reparou também que era igual ao símbolo gravado nas portas de aço vermelhas.

O que significaria?

Metcalf afundou-se na poltrona da secretária de olhos itos na tela. Era um homem duro, grande conhecedor do mundo da política e do poder — alguns chegariam até a chamá-lo oportunista, mas isso era imprescindível para funcionar em Washington. E Painter também sabia que o general era um estrategista esperto, capaz de pôr a lógica à frente da emoção.

Esperava que fosse o caso neste momento.

— E todas essas propriedades pertencem à família Gant, a família do presidente? — inquiriu Metcalf, olhando para a ilha. — E já foi confirmado que levaram Amanda para lá?

— Sim a ambas as perguntas.

Por detrás da expressão de choque, Painter viu que o homem refletia sobre todas aquelas provas.

— Deus meu... se você tiver razão... — disse finalmente o general, levando uma mão à testa e fitando Painter nos olhos. — Mesmo que sejam os Gant a manipular a Confraria, como é que o presidente pôde envolver a própria filha numa coisa destas?

Metcalf virou a cabeça para o monitor às escuras que se encontrava na outra sala, pensando certamente no espetáculo horroroso que vira há pouco.

— James Gant talvez não saiba — disse Painter. — Desconhecemos quais são os Gant que fazem parte do círculo interno, os que pertencem à *Verdadeira Estirpe* . É por isso que tenho procedido de modo tão dissimulado. Tenho a impressão de que, a nível interno, há confrontos e dissidências na Confraria.

— Porque diz isso?

— Algo fez Amanda fugir para as Seychelles, foi quase como se tivesse sido avisada. Como se alguém a tentasse proteger.

— Ou, se calhar, foi um truque para ela desaparecer da cena pública.

Tratava-se de uma hipótese mais cínica que Painter nem sequer tomara em consideração, o que provava mais uma vez que Metcalf era um excelente jogador de xadrez.

— O que tem contra os Gant não é muito sólido — prosseguiu Metcalf.

— Nada disto é suficientemente forte para os confrontar. Se tentássemos, expor-nos-íamos demasiado cedo e as repercussões dariam cabo de nós.

Há só uma solução.

Painter compreendeu.

— Precisamos de Amanda.

Metcalf confirmou isso cruzando o seu olhar. A esperança da Sigma renascer das cinzas dependia da recuperação e segurança da ilha do presidente e a Linhagem certamente também o sabia.

Ouviram bater à porta. Era o analista de Kat, Jason Carter. Painter fez-lhe sinal para entrar, mas o rapaz apenas meteu a cabeça pela porta entreaberta.

— Estamos a receber novos dados provenientes do dispositivo da capitã Bryant, diretor.

Painter olhou por cima da cabeça do jovem. O monitor continuava às escuras.

— É vídeo... ou apenas áudio?

— São ficheiros digitais.

Painter piscou os olhos, momentaneamente confuso, mas, depois, percebeu o que Kat estava a fazer: a descarregar informação dos computadores do laboratório.

Muito esperta, esta Kat...

— Envie-me esses ficheiros — ordenou Painter, Jason acenou a cabeça e foi-se embora.

Metcalf esperou com Painter.

— Quem dera que não me tivesse contado nada disto — disse. — Dormiria melhor se não soubesse. Porque confia em mim? Posso estar a soldo da Confraria.

Era uma boa pergunta e Painter só tinha uma resposta.

— Porque desde o princípio que tem sido um espinho no flanco da Sigma.

— Quer dizer que tenho sido burro.

Painter não discutiu.

— Mas também nos apoiou quando mais necessitávamos. E, além do mais, não consigo fazer isto sozinho. Preciso de um aliado, alguém para manter os lobos à distância se tivermos uma oportunidade de salvar Amanda.

— Contem comigo, mas não posso fazer grande coisa. Depois do que sucedeu na Somália, a Sigma carrega um grande alvo às costas. E você sabe como é em Washington, logo que dão por sangue na água...

O frenesim começa.

O intercomunicador tocou.

— Diretor, os primeiros já estão no seu computador.

— Vou deixá-lo — disse Metcalf, erguendo-se para que Painter se sentasse. — O castelo está prestes a ser atacado e sou mais útil a defender os portões e as ameias.

Painter sabia que esta declaração era mais do que uma metáfora. O

quartel-general da Sigma estava localizado por baixo do Castelo Smithsonian na órbita da Casa Branca, e as linhas de batalha estavam a ser traçadas entre eles.

Depois de o general partir, Painter concentrou-se nos arquivos conseguidos à custa de tantos perigos. Estava inquieto por causa de Kat... e ainda mais por causa de Lisa. Sentia, contudo, que toda a verdade acerca da Linhagem dependia da vida ou da morte de outra mulher.

Tens de encontrar Amanda, Gray.

25

3 DE JULHO, 2H44, GST

AO LARGO DA COSTA DO DUBAI

Gray apertava o pescoço do homem com o braço dobrado e a palma da mão contra a sua cabeça. Uma torção brusca no queixo quebrou-lhe as vértebras cervicais e o guarda caiu inerte.

Estendeu-o no relvado e tirou-lhe o capacete, o colete e a camisa. A farda era igual à usada pelos comandos na Somália, o que constituía mais uma prova de que tinham trazido Amanda para ali.

— Está feito — ouviu no auscultador.

Era a voz de Seichan e significava que, por sua vez, ela tinha dominado o outro guarda.

Gray colocou o capacete do soldado morto na cabeça e lançou um olhar ao telefone que segurava na mão. Na tela, a câmara transportada por *Kane* mostrava um guarda sozinho junto de um banco do parque. O cão moveu-se na sua direção, chamando a atenção do homem, enquanto Tucker se aproximava por detrás armado com um punhal. Despachou silenciosamente o último guarda postado entre a equipe e Burj Abaadi, a Torre Eterna.

— Avancem! — ordenou Gray pelo rádio.

Correu agachado através do parque, receando ainda que *Kane* não tivesse detetado um guarda escondido. Mas chegou ao outro lado sem que nenhum alarme fosse dado.

Enquanto esperava pelos outros, contemplou a majestade da torre. A vista de cima devia ser de cortar a respiração. A paisagem a mudar constantemente, desde a silhueta panorâmica de Dubai ao mar iluminado pelas estrelas.

No entanto, algo o incomodava quando olhava para cima.

Algo que tinha que ver com a sua forma sempre a mudar.

Um restolhar de folhas fê-lo baixar a cabeça. Os outros convergiam de direções diferentes. Seichan e Tucker também traziam vestido o equipamento que tinham roubado. *Kane* não se via pois, obedecendo a um sinal do seu tratador, mantinha-se ao largo.

Gray estudou a entrada principal de Burj Abaadi. Esperava que houvesse câmaras a vigiar os degraus e o hall e, possivelmente, mais guardas no interior. O

disfarce deles não era grande coisa, mas podia fazer-lhes ganhar uns segundos de surpresa.

Por fim, chegou Kowalski a debater-se para tentar vestir um colete demasiado pequeno para os seus ombros largos. O capacete no cocuruto da cabeça parecia uma coroa.

— O gajo a quem tive de tratar da saúde era um lingrinhas — explicou.

— Deita isso tudo para o chão e põe as mãos no alto da cabeça — disse Gray, apontando a espingarda ao matulão.

Kowalski franziu a testa.

— Mas que raio de coisa, Pierce?

— Porta-te simplesmente como se tivesses sido feito prisioneiro — explicou-lhe Seichan, soltando um suspiro e acenando a mão para os degraus da entrada. — Para as câmaras.

A compreensão atravessou lentamente o seu crânio espesso até que arregalou os olhos de repente. Livrou-se do equipamento e entrelaçou os dedos no alto da cabeça.

Depois de dar umas instruções finais, Gray avançou com Kowalski, à frente, ladeado pelos outros dois. Viu um vulto indistinto pelo canto do olho, fácil de passar despercebido para quem não estivesse à espera. *Kane* desapareceu no meio de uns arbustos e, a partir daí, pôs-se a rastejar na direção dos mesmos degraus.

Luzes brilhantes iluminavam a escadaria, mas o hall estava praticamente às escuras. O edifício parecia deserto. Se calhar, o seu disfarce não era necessário. Tinha sido fácil dominar os guardas no parque. Gray até surpreendera a sua vítima a dormir.

O inimigo devia julgar que estava a salvo nesta ilha, sobretudo, porque pensava que ninguém andava à procura de Amanda.

Gray e os outros subiram as escadas de cabeça baixa por causa das câmaras. Gray fez sinal a Tucker para ir à frente verificar as grandes portas de vidro que davam para o hall de entrada. Para alívio deste, as portas não estavam fechadas. Poupava-lhes o trabalho de empregarem explosivos C-4 para rebentar a fechadura, ou maior pirotécnica, caso fosse necessário.

O único que ficou desapontado foi o perito em explosivos e demolições da equipa.

— Caramba, malta — protestou Kowalski. — Já estava todo entusiasmado por ir mandar qualquer coisa pelos ares.

— Toca a andar — ordenou Gray, enfiando-lhe o cano da espingarda nas costas.

Kowalski tropeçou no limiar da porta e os outros amontoaram-se atrás dele.

O hall tinha uns cinco andares de altura. No meio, elevava-se uma grande

escada em caracol feita inteiramente de vidro. Ornamentos de cristal e criaturas marinhas cintilavam naquela luz tênue. Subia em espiral a perder de vista à volta do eixo central da torre.

A única iluminação provinha de um círculo de enormes colunas também de vidro. Formavam aquários verticais brilhando com uma doce luz interna que mudava lentamente de tom.

Ao princípio, Gray julgou que esses aquários estavam vazios, simplesmente a borbulhar no interior, refletindo e multiplicando o efeito luminoso. Mas a sua visão ajustou-se à penumbra e as bolhas transformaram-se em alforrecas a flutuar à deriva no interior das gigantescas colunas.

Aquele momento maravilhoso foi interrompido por uma voz dura.

Uma figura imponente e robusta levantou-se de trás da secretária de um posto de segurança meio escondido e avançou a esfregar os olhos com os nós dos dedos. Alguém tinha sido apanhado a fazer uma sesta. O homem enfiou uma boina preta na cabeça. Era certamente o chefe deste contingente africano.

Uma segunda figura saiu de gatas do mesmo sítio. Era uma esbelta rapariga negra de 13 ou 14 anos, vestida com uma farda. Limpou a boca com as costas da mão. As calças do soldado estavam desabotoadas.

Quer dizer que o homem não fora apanhado *a dormir*.

A raiva apoderou-se de Gray. Sabia que na Somália nem todas as crianças das aldeias raptadas pelos senhores da guerra se tornavam soldados como Baashi, mas, em vez disso, eram obrigadas a servir como escravas sexuais.

Ou ambas as coisas.

Ao atravessar o hall, o olhar do brutamontes, claramente perplexo pelo aparecimento deste prisioneiro, manteve-se fixo em Kowalski. A artimanha apenas duraria mais uns segundos.

O tipo parou, derrapando sobre um pé, e levou a mão bruscamente à pistola no coldre.

Seichan puxou da *SIG Sauer*.

— Não dispares! — preveniu-a Gray.

O barulho de um tiroteio, até mesmo de um único tiro neste hall de cristal, atrairia seguramente os outros guardas e alertaria o inimigo escondido.

Perante tal limitação, o soldado sacou da arma.

No entanto, Gray ouvira Tucker sussurrar uma ordem pelo rádio.

Kane saltou da sombra por detrás do homem e atirou-se a ele. A rapariga guinchou, saltando para o lado. O cão abocanhou o tornozelo do homem e mandou-o pelo ar. Ele voou bem alto e, depois, estatelou-se ao comprido, batendo com a cabeça no chão de mármore.

A pistola caiu-lhe da mão e perdeu-se nas sombras.

Tucker avançou de punhal na mão. Ainda tropeçou em *Kane* que, levado pelo seu próprio ímpeto, escorregava na direção oposta. Tucker rastejou até o homem abatido, levantou o punhal e baixou simplesmente o braço armado.

— Tem o pescoço partido — disse.

— Quer dizer que cada um de nós deu cabo de um soldado — comentou Kowalski, deixando cair os braços e esfregando um ombro. — Tenho de arranjar um cão destes.

A rapariga reapareceu. Apontava a pistola para Tucker com as duas mãos. O seu rosto era uma máscara de terror.

— Está tudo bem — disse docemente Tucker, largando o punhal e mostrando as palmas das mãos.

A rapariga disse qualquer coisa em somali. Não tinham tradutor, mas o som da sua voz era mais de fúria do que de medo. Apontou a arma com mais firmeza e o dedo procurou o gatilho.

De repente, recuou e cuspiu sangue. Deixou cair a pistola e levou os dedos à lâmina prateada espetada no seu pescoço.

Gray virou-se.

Seichan tinha uma segunda adaga na mão para o caso de ser necessário.

Não era.

A rapariga ajoelhou-se e tombou de borco.

Tucker soltou um grito de desânimo. Precipitou-se para socorrer a rapariga, mas não valia a pena.

— Porque fizeste uma coisa dessas?

— Fiz o que tinha de ser feito — ripostou Seichan de olhos vidrados e frios.

— Era apenas uma criança — murmurou Tucker, fitando-a.

— Não, não era — disse Seichan. — Já não.

No fundo, Gray sabia que ela tinha razão. A rapariga teria muito provavelmente disparado contra Tucker e a detonação deitaria tudo a perder. E a triste verdade era que alguns dos órfãos de guerra brutalizados nunca recuperavam, nem se curavam, e tornavam-se pouco mais do que animais em corpos de crianças.

No entanto, fazendo eco à angústia de Tucker, a morte dela magoava-o.

— Vamos à procura de Amanda — disse Seichan, atravessando o hall.

— Foi por isso que viemos.

Gray reparou, contudo, que os dedos dela tremiam ao tentar colocar a lâmina que não usara na bainha do seu pulso.

— Seichan tem razão — concordou, apontando para Tucker. — Chama o teu cão. Precisamos de tornar a apanhar a pista de Amanda.

Tucker lançou um olhar furioso a Seichan, mas obedeceu.

Enquanto o cão e o seu tratador trabalhavam juntos, esquadrinhando o hall,

Gray foi examinar a secretária do posto de segurança. Encontrou uma série de monitores ligados aos patamares de todos os andares.

Começou a premir botões à procura daqueles que eram habitados. Ao chegar ao patamar da suíte do último andar verificou que estava vazio.

Todos os patamares estavam às escuras e mostravam apenas imagens indistintas da elegância do mármore, belos tapetes e um lance das escadas em espiral.

Tudo parecia deserto, intacto.

— Vem — chamou-o Tucker em voz baixa. — Acho que encontrei uma coisa.

Kane farejava furiosamente uma das portas junto ao espaço curvo onde se encontravam os elevadores.

Gray aproximou-se deles, apanhando Seichan no caminho.

Ela estava sozinha a contemplar inexpressivamente uma das colunas-aquário. Ao chegar ao pé dela, Seichan fez um sinal com a cabeça para a alforreca à sua frente.

— É uma híbrida gigante da *Turritopsis nutricula.*

Gray abanou a cabeça, sem entender.

— No fim da vida, as alforrecas adultas desta espécie rejuvenescem.

Este ciclo repete-se vezes sem conta.

Fitou o corpo sem vida da rapariga, com os olhos marejados de lágrimas, vendo-se possivelmente a si mesma ali estendida. Será que desejava a mesma oportunidade para ambas, renascer e recomeçar pura e sem mácula, recuperar a sua infância?

— Tal processo torna a alforreca imortal — murmurou.

Ele acenou a cabeça, deslumbrado por esta maravilha da natureza.

Não admirava que fosse a mascote da Torre Eterna.

Mas Seichan tinha uma opinião diferente quanto à eternidade da vida.

— Que coisa horrorosa! — resmungou em voz alta.

Gray não fez quaisquer comentários quando ela se afastou. Seguiu-a em silêncio, permitindo-lhe confrontar o seu pesar, processá-lo.

Permaneceu, contudo, ao seu lado, deixando os dedos roçar na sua mão, a que lançara a adaga.

Julgou que Seichan se afastaria, mas ela não o fez.

Juntaram-se a Tucker e *Kane*.

Kowalski estava por perto, de pescoço esticado, a fitar a espiral da escada de vidro através das entranhas da Torre Eterna.

Gray seguiu o seu olhar.

Perturbado novamente por qualquer coisa.

Algo que tinha que ver com a forma...

18h47, EST

WASHINGTON, DC

A molécula de DNA girava lentamente em espiral na tela do computador, a dança de um código que cartografava o corpo humano em toda a sua glória, mas este fragmento de material genético não era como qualquer outro diagrama que Painter já tivesse visto. Uma terceira ita serpenteava no interior da típica dupla hélice.

— O que pensas disto? — perguntou Painter, usando esta distração para não pensar em Kat e Lisa.

— É uma tripla hélice — respondeu Renny Qionn em tom espantado. — O Santo Graal da genética.

Renny apoiou os seus possantes punhos sobre a secretária de Kat para ver mais de perto. O geneticista residente da Sigma fora convocado para ajudar Painter a verificar os numerosos dados vindos do laboratório. O homem era descendente de irlandeses, tinha uma tez vermelhusca e pelos curtos arruivados no crânio e nas faces. Também fora pugilista na universidade, tendo andado metido em muitas zaragatas, hábito que lhe valeu ser demitido do exército.

A Sigma agarrou-o e Renny provou não só ter mãos grandes como também um grande cérebro. E Renny ia precisar dele para decifrar a montanha de dados recebida.

Os dossiês de Charleston chegaram em desordem e por classificar pois Kat não devia ter tido tempo para escolher os mais importantes. Em vez disso, o que receberam era exemplo de uma descarga de dados — muito mais do que o cartão SD na caneta dela podia processar. Muitos dossiês chegaram em mau estado e outros sem estarem completamente descodificados. Por isso, levaria dias, senão semanas, a decifrar e a reparar os dossiês estragados.

No entanto, não era necessário um engenheiro informático para perceber que a maioria dos dossiês era sobre genética avançada e reprodução.

— Uma tripla hélice de DNA — repetiu Painter, olhando para o monitor tão perplexo como intrigado.

— Para dizer a verdade — murmurou Renny inclinando-se e passando um dedo por duas das espirais, estas itas são *ácido desoxirribonucleico,* ou DNA. A terceira, esta serpente enrolada na árvore da vida, é a do PNA, peptide nucleic acid, ou *ácido nucleico peptídico*.

Renny bateu com o dedo na nova hélice.

— Esta fita é artificial. Feita pelo homem, não Deus. O que estamos vendo é o

resultado da cibergenética, a combinação de biologia e tecnologia.

— É possível?

— Não só é possível como já foi feito. Uma equipe da Universidade de Copenhaga conseguiu inserir uma ita de PNA entre duas itas de DNA.

Num tubo de ensaio, claro está. Mas depararam com um obstáculo ao passar à fase seguinte. A tripla hélice não é estável na água. Ponha-se uma gabardina à volta dessa fita e o mundo inteiro muda.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Painter, franzindo a testa.

— Todo o nosso código genético — explicou Renny — é construído sobre quatro bases químicas: guanina, adenina, tiamina e citosina. G, A, T, C. Toda a vida é formada a partir de quatro letras. Mas o PNA não é limitado por essas quatro letras. Consegues imaginar o que seria criado com mais letras do alfabeto? A humanidade poderia ser reescrita.

Apesar da evidente excitação de Renny, Painter imaginou apenas horrores.

— Mas há uma coisa ainda mais importante — prosseguiu Renny. — Esta fita cibernética de PNA pode ser especificamente concebida para ligar e desligar determinados genes. O PNA já foi usado para curar uma forma de distrofia muscular em cobaias. Mas isso é apenas o princípio. O seu potencial não tem limites. Estamos a falar de bloquear o cancro, tratar centenas de doenças genéticas e até prolongar a vida.

Renny fitou melancolicamente o computador.

— Se o DNA é a chave da vida, o PNA é a gazua. Para quem possuir esse instrumento, nada é impossível.

Painter sentiu-se ainda mais consternado ao pensar no laboratório em Charleston e nas mulheres a flutuar em tanques.

Nesse momento, Jason bateu à porta, salvando-o de pensamentos ainda mais lúgubres.

— Desculpe interromper, diretor, mas acabamos de receber um dossiê de Charleston extremamente longo. Pensei que talvez o quisesse ver. Tem por título "História e Origens".

Painter endireitou-se na cadeira, contente por não ter de ouvir mais conversas sobre biologia. Queria ir à raiz de tudo e o nome daquele dossiê soava promissor: *história e origens*.

Jason, contudo, aniquilou parte das suas esperanças.

— O dossiê está em mau estado. Estamos a trabalhar nele e posso enviar-lhe o que conseguimos até agora, umas imagens e documentos.

— Muito bem — aquiesceu Painter.

— Já está — disse o jovem analista, apontando para o computador.

Não admira que Kat adore este rapaz.

Painter teclou abrir e um desenho encheu a tela.



Três homens com as mãos direitas agarradas acima das cabeças e as esquerdas embaixo. Nos cantos superiores, serpente de três cabeças, enrolada.

— O que é isto? — resmungou Painter.

— É a Arca Real Sagrada — disse Renny, parecendo surpreendido por saber a resposta.

— Como sabes? — inquiriu Painter, virando-se para ele.

— Porque sou membro de uma confraria — explicou, apercebendo-se do olhar espantado de Painter. — Não se trata dessa Confraria. Estou a falar dos maçons. A minha família pertence à maçonaria desde o tempo em que viveu na Irlanda.

— E isto? — insistiu Painter, indicando a tela.

— Não sei muita coisa a esse respeito. Tem que ver com o ritual de *três vezes três,* um número sagrado na Maçonaria. Faz parte da iniciação ao grau da Arca Real, mas tudo isso, assim como a sua origem exata, está envolto em mistério . Dizem que está relacionado com os Templários. E o ritual de *três vezes três* , por outras palavras, *nove*, representa os nove membros fundadores dos cavaleiros templários.

Painter fitou a tela. *O que é que este desenho estava a fazer num laboratório de genética?*

Apesar de ser uma coisa estranha, tinha uma suspeita quanto à resposta, mas apenas por causa da conversa anterior com Renny.

Examinou os três homens juntos. Era inquietantemente semelhante à tripla hélice. Três unidos num só. Até mesmo Renny usara a expressão *uma serpente enrolada à volta da árvore da vida* para descrever a tripla hélice.

Painter leu a legenda por baixo do desenho que citava a fonte: um livro intitulado *O Monitor e o Ritual Maçônico de Duncan*, impresso em 1866.

Como é que um livro com quase um século e meio podia ser uma referência — mesmo simbólica — da tripla hélice?

Painter lembrou-se do título do dossiê.

História e Origens

Pressentindo que era importante, decidiu pedir que o resto do dossiê fosse decifrado o mais depressa possível.

Jason voltou precipitadamente ao gabinete com más notícias.

— Perdemos a ligação com Charleston, diretor! A transmissão do dispositivo da capitã Bryant cessou repentinamente a meio.

— Teria acabado a bateria? — perguntou Painter, empertigando-se.

— Não. Desta vez estamos a controlar os níveis de carga. E ainda estavam bons.

Sabendo que havia apenas uma explicação, Painter sentiu o coração cair-lhe aos pés.

— Alguém deve ter descoberto o dispositivo e inutilizou-o — disse Jason em voz alta.

O que aconteceria a Kat?

26

2 DE JULHO, 18H48, EST

CHARLESTON, CAROLINA DO SUL

— Encontrem-nas!

Kat entrou silenciosamente numa sala lateral do corredor às escuras do laboratório. Antes de desaparecer, viu a doutora Marshall ao fundo rodeada por um grupo de seguranças.

— Separem-se e procurem em todos os armários, espaços de armazenagem e nos dois lados do laboratório!

Kat fechou a porta, debatendo-se com a maçaneta por causa das suas mãos engorduradas. A sala estava iluminada pela luz de um computador ligado. Na tela via-se aquela estranha tripla hélice. Kat esperava que os dossiês que descarregara tivessem chegado à Sigma.

À medida que os olhos se ajustaram à penumbra, viu umas prateleiras numa parede vizinha com recipientes de vidro de cinco litros que refletiam a luz fraca da sala. Coisas escuras flutuavam lá dentro e Kat viu, de relance, uns dedos minúsculos. Virou-se sem querer ver mais nada, sobretudo, depois de ter visto os horrores na sala principal. Os recipientes continham certamente os restos da investigação.

Kat ainda tinha em seu poder a lâmina de combate, agora rombuda por ter talhado e serrado com ela. Tinha apenas dois minutos para se preparar e enfrentar aqueles que a cercavam. Mal tinha tempo para arranjar um esconderijo a Amy e evitar, assim, que lhe fizessem mal. A sua cabeça continuava a fazer cálculos enquanto os ponteiros de um relógio mental avançavam.

Sete tanques... volume estimado de espaço do laboratório...

Ouviu portas a abrir e a fechar com estrondo, homens a gritar ordens, dirigindo-se rapidamente pelo corredor para onde ela se encontrava.

Tinha deixado uma porta aberta mais atrás, mas os guardas alcançá-la-iam primeiro.

Como planeado.

Fechou os olhos, respirando profundamente várias vezes. E, depois, usou os segundos que restavam para untar o rosto e o crânio com uma espessa película de fluido gelatinoso. A roupa e o resto do corpo estavam igualmente besuntados de gel

hidrófilo, o mesmo líquido contido nos tanques onde flutuavam as mulheres mortas.

Passos pesados aproximaram-se do seu esconderijo. A porta foi arrombada e dois guardas entraram apontando uma pistola a Kat.

— Larga a faca! — berrou um deles.

Ela obedeceu e colocou as mãos no alto da cabeça.

— Já encontramos uma! — gritou o outro.

— Tragam-na — ordenou a doutora Marshall.

Os guardas empurraram-na para o corredor. Ela não resistiu e conduziram-na para o feixe de luz que irradiava do gabinete da médica.

A mulher estava de pé com as mãos nas ancas. Bateu com o tacão da bota no chão de vinil. Kat ouviu algo estilhaçar e viu um bocado de plástico preto voar pelos ares.

Tinham encontrado a caneta de vigilância ligada ao computador.

Lívida e de olhos a brilhar de cólera, Marshall pôs-se à sua frente com o aguilhão de choques elétricos na mão. Kat esperava ser punida, *desejava* ser punida.

— Onde está a outra rapariga? — perguntou Marshall.

Kat continuou a itá-la para não trair o esconderijo de Amy com um movimento dos olhos.

— Hei de obrigar-te a falar — disse a médica, encostando o aguilhão à sua barriga.

Kat desviou-se no momento em que faíscas azuis se soltaram da ponta do aguilhão. Agarrada pelos guardas, ainda apanhou um choque na anca.

Um lancinante espasmo percorreu-lhe a perna esquerda e obrigou-a a dobrar-se.

Rangeu os dentes de dor e frustração.

Apoiando-se na outra perna, lançou-se para a frente e agarrou o pulso da médica. Um dos guardas tentou bater-lhe com a pistola, mas ela desviou-se.

Segurou-se à cortina de plástico que tapava os tanques para manter o equilíbrio e levantou a mão da médica para que a ponta de metal do aguilhão tocasse na vara que sustinha a cortina.

Centelhas dançaram.

E o mundo pegou fogo.

A explosão projetou Kat para trás. Chamas azuis perseguiram-na alastrando pelo teto e espalharam-se para o exterior. Ela protegeu os olhos com os braços, pensando que o incêndio se espalharia pelo corredor até onde se encontravam tanques de gás pressurizados que serviam os numerosos laboratórios, incluindo sete grandes tanques com o símbolo H2.

Gás hidrogênio.

Inodoro, catorze vezes mais leve do que o ar e altamente explosivo.

Tinha feito cortes nos tanques nesse espaço fechado, sabendo que a fuga de gás

não seria detetada.

Kat aterrou de costas e foi a escorregar por ali fora, o calor a soprar por cima da sua cabeça e a grelhar tudo por baixo. O gel hidrófilo que cobria o seu corpo protegia-lhe a pele. As mesmas propriedades que mantinham as mulheres nos tanques úmidas e sem chagas proporcionavam-lhe igual proteção.

Já o mesmo não se podia dizer das outras pessoas.

Os gritos chegavam-lhe aos ouvidos meio surdos pela explosão.

Corpos, rostos e roupas ardiam.

Kat vira o cabelo de Marshall incendiar-se e transformar-se numa auréola de labaredas.

Um fim adequado para uma mulher que quis fazer de Deus.

Kat debateu-se, asfixiada pelo fumo. Os olhos lacrimosos transformavam tudo num inferno aquoso. À sua volta, as chamas dançavam, as cortinas de plástico derretiam e o material carbonizado crepitava.

Levantou-se a cambalear.

A dois metros de distância, outra figura saiu de trás de um tanque.

Tinha o crânio queimado e a deitar sangue.

A doutora Marshall contornou o tanque de pistola na mão aos tropeções.

Kat procurou um abrigo, mas as pernas traíram-na. Caiu de lado, apoiando-se num cotovelo.

Marshall deu outro passo em frente com a pistola apontada ao rosto de Kat. O seu olhar não manifestava prazer por ir matá-la, apenas uma necessidade dolorosa, um derradeiro ato de vingança.

Mas não foi ela quem se vingou.

Um corpo nu ergueu-se como um cadáver de um tanque perto dela.

A médica virou-se e os seus olhos toldados brilharam subitamente de terror.

Um braço emergiu do muco gelatinoso com um bastão comprido. A arma abateu-se com a dor de uma irmã de luto sobre o nariz de Marshall, esmigalhando-lhe os ossos.

A médica tombou.

Kat apercebeu-se de uma coisa: *para uma mulher que quis fazer de Deus, esta morte é mais adequada.*

Amy saiu do tanque e correu para Kat, ajudando-a a pôr-se de pé.

— Julguei que estavas morta.

— Eu também.

Momentos antes, Kat retirara Denise do tanque e substituíra-a pela irmã, Amy, que tinha despido e enfiado na gelatina isolante. A seguir, Kat esfregara-se com esse mesmo gel e transportara o corpo de Denise para uma arrecadação.

Escondera Amy à vista de todos pois sabia que ninguém a iria procurar

naqueles tanques. E perto da saída para não ser apanhada no corredor em chamas.

Confirmando essa sua ideia, uma tremenda explosão no corredor espalhou estilhaços de vidro em todas as direções.

Kat pensou nos tanques pressurizados a libertarem gás e a incendiarem-se. O fogo percorreria os tubos e condutas de gás, alastrando aos outros andares e edifícios.

— Vamos embora daqui — disse em voz rouca.

Tirou a pistola da mão inerte de Marshall e ambas fugiram através do fumo e das labaredas pelas portas de aço vermelhas. O alarme retinia ensurdecedoramente na enfermaria e dos dispositivos contra incêndios jorrava água. Kat agarrou numa bata do hospital para Amy vestir e fugiram pelo corredor. O posto dos guardas estava vazio.

Ninguém tentou detê-las e chegaram ao primeiro andar de um dos edifícios. Viram por uma janela que o resto das instalações também estava a arder. O sol de verão ainda brilhava, mas, lá fora, o fumo obscurecia os jardins e, do outro lado, as chamas dançavam por detrás de várias janelas.

Uma explosão rebentou com a parte superior do edifício principal, espalhando uma chuva de tijolos e telhas.

Estava tudo a desabar.

Kat agarrou Amy pelos braços e arrastou-a para o parque. O pessoal da clínica, aterrorizado, fugia para a rua.

Kat seguiu-os, escondendo a pistola.

Ouviram-se sirenes ao longe.

Kat e Amy saíram finalmente das instalações enquanto explosões se sucediam umas atrás das outras. Os destroços continuavam a cair à volta delas e o fumo tornara-se mais espesso, dificultando a visão.

Afastaram-se a correr para mais longe e, por fim, chegaram a uma parte da rua onde não havia tanto fumo. Ambas arquejavam com as mãos nos joelhos.

As sirenes estavam mais perto e as equipas de socorro vinham de todas as direções.

Kat endireitou-se e apontou para as luzes azuis que cintilavam através do fumo.

— Devias...

Um tiro ecoou.

Amy tombou na rua, levando a mão ao peito. O sangue ensopava a sua bata.

Kat virou-se com um joelho em terra e sacou da pistola.

Um monovolume estava estacionado num dos lados da rua com a janela de trás aberta.

Viu que havia gente lá dentro.

E desatou a disparar contra o carro.

18h55

Lisa baixou-se no banco de trás quando o para-brisas se estilhaçou.

Estava sentada entre dois guardas corpulentos. À frente, o motorista e o doutor Cranston agacharam-se.

— Credo! — exclamou o atirador ao lado de Lisa. — Ela está armada.

Lisa protegeu a cabeça com os braços.

O que está a acontecer?

Depois de a terem apanhado na baixa de Charleston, Cranston e os seus homens voltavam para a clínica quando foram surpreendidos por uma forte explosão. As janelas do monovolume estremeceram e um dos edifícios começou a deitar fumo. As chamas espalharam-se e deram-se mais explosões.

Cranston ordenou que recuassem um quarteirão e ficou a observar a destruição das instalações sem conseguir desviar o olhar.

— Matem-na, com um raio — gritou entre dentes. — Antes que escape.

Enquanto seguia o incêndio a distância segura, Cranston avistara duas mulheres, ambas de cabeça rapada e uma delas com uma bata de hospital, a saírem do meio do fumo. Reconheceu-as imediatamente. *São cobaias do laboratório!* Tinha mandado que as matassem, que acabassem com elas a tiro como cães raivosos. Mas parecia que uma delas sabia defender-se.

O atirador voltou a apontar a arma. Outra chuvada de balas acertou no carro. O homem praguejou, mas manteve a sua posição.

Lisa arriscou uma olhadela. Viu a mulher de pistola na mão a arrastar uma rapariga ferida para onde o fumo era mais denso. As sirenes estavam mais perto e o clarão das luzes de emergência era mais brilhante através da neblina.

A seguir, a mulher olhou para o monovolume por cima do ombro.

Lisa viu nitidamente o seu rosto e reconheceu-o, mesmo de cabelo raspado.

Kat.

— Apanhei-a — murmurou o atirador com satisfação antecipada.

Não!

Lisa deu-lhe uma cotovelada. A pistola disparou, mas ele falhou a pontaria. Lisa espreitou novamente, viu que a amiga não estava ferida e tencionava não deixar que lhe fizessem mal.

— Foge, Kat!

O outro guarda puxou-a brutalmente.

Cranston virou a cabeça para ver o que se passava no banco de trás.

Fitou Lisa com ar entendido.

— Com que então é *ela* a tua parceira — disse ele, ordenando aos seus homens

que levassem Lisa para a rua.

O atirador agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a para fora do carro, usando-a como escudo humano.

Entretanto, Kat encontrara um frágil abrigo por detrás de um contentor de reciclagem do lixo.

— Larga a arma e sai — gritou-lhe Cranston. — Ou damos um tiro na cabeça da tua amiga.

— Foge! — gritou Lisa.

A mão que segurava o cabelo abanou com força, arrepelando o seu couro cabeludo.

Viu, desesperada, Kat atirar a pistola para o chão e render-se.

— Vai buscá-la — ordenou Cranston ao outro guarda. — E não hesites em dar-lhe um tiro se tentar resistir.

Kat entregou-se sem causar problemas, entrelaçando os dedos no alto da cabeça.

— E a outra? — indagou Cranston quando o guarda voltou com Kat.

— Está morta.

Kat e Lisa reuniram-se no banco de trás ladeadas pelos dois homens armados.

— Lamento imenso — murmurou Lisa.

O rosto de Kat era uma máscara de raiva, mas não dirigida à amiga. A sua mão procurou a de Lisa e apertou-a, um pequeno gesto contendo muitas promessas.

Veículos de socorro passaram a toda a velocidade pelo monovolume estacionado com as sirenes a tocar desenfreadamente e luzes a cintilar.

— Para onde vamos agora? — perguntou o motorista.

Cranston fitou os escombros da sua clínica a arder.

— Para fora da cidade. Está demasiado quente aqui — disse, desviando o olhar. — Vamos dar uma volta com elas até o campo. Vamos para a Casa.

19h12

WASHINGTON, DC

Do seu posto no ninho de comunicações, Painter viu o incêndio na Carolina do Sul. Era um vídeo ao vivo filmado por um dos dois homens que enviara para investigar a clínica de fertilização.

A equipe chegara ao local há cinco minutos. Uma confusão de bombeiros combatia as chamas e jatos de água jorravam de camiões-cisternas e de escadas. Assistentes médicos, juntamente com serviços de urgência, tratavam queimaduras, intoxicações e outros ferimentos.

Quatro corpos estavam cobertos por oleados.

E Painter esperava que houvesse mais.

Estariam Kat ou Lisa entre o número de mortos?

Quando a segurança deu a notícia, Painter teve esperança de que a destruição fosse obra de Kat, mas a verdade é que podia ter sido causada de propósito. Alguém tinha encontrado o dispositivo de Kat e a Confraria era conhecida pela sua tática de terra queimada. Fora testemunha disso múltiplas vezes. Se alguém se aproximasse de mais, a Confraria queimaria todas as pontes que pudessem conduzir a ela e aos seus segredos. O custo, as consequências ou as vidas perdidas não tinham importância.

— Diretor...

Virou-se e viu novamente Jason Carter ao seu lado.

— Gostaria que visse uma coisa — disse o rapaz, levando-o até a um monitor onde outro analista trabalhava.

Embora o homem sentado fosse uns dez anos mais velho do que Jason, este pousou uma mão paternal no seu ombro.

— Antes de Kat partir, Linus e eu estávamos a trabalhar num projeto de investigação para ela.

— Há cerca de três meses que andávamos a trabalhar nisso — acrescentou Linus.

Que raio é isto?

A paciência de Painter estava a esgotar-se, mas fez sinal para que continuassem.

— Pedi ao Linus que testasse um novo sistema de vigilância e pistagem para procurar a capitã Bryant e a doutora Cummings — disse Jason. — Espero que não se importe.

— Claro que não — concordou Painter, pois, nesta altura, aceitaria qualquer ajuda. — Que sistema é esse?

— É um sistema semelhante aos correntes programas de reconhecimento facial, mas, em vez de o aplicarmos a rostos, usamo-lo em *veículos a motor.* A deterioração que um automóvel sofre na estrada produz um padrão único, tão individual como as impressões digitais ou traços faciais de um indivíduo.

— Esta conversa vai dar a algum lado? — perguntou Painter, exasperado.

— Tomei a liberdade de usar a base de dados da sua equipe de segurança em Charleston — prosseguiu Jason em tom mais despachado. — O diretor pediu-lhes para captarem imagens das câmaras de tráfego e segurança à volta do restaurante.

— E não apareceu nada de especial.

— Certo. Linus e eu recolhemos dados das câmaras instaladas em Charleston Norte, imagens de todos os veículos que passaram lá perto. E aplicamos o nosso programa de reconhecimento de veículos a toda essa informação.

— E?

Jason apertou o ombro de Linus, que mostrou imagens dispostas lado a lado no monitor. Duas vistas parciais de um monovolume *Ford.*

— Acho que os nossos alvos evitavam propositadamente as câmaras de tráfego — continuou Jason. — Quando se conhece as interseções, não é difícil.

E eles conheciam-nas certamente, pensou Painter. *É o seu território.*

— Estas imagens são das câmaras de dois multibancos. A da esquerda foi tirada a três quarteirões do restaurante onde a doutora Cummings desapareceu. E a segunda, numa ponte a cerca de quatro quarteirões da clínica. São do mesmo carro.

— Há muitos monovolumes *Ford* na rua — contestou Painter.

— Mas não correspondem ao mesmo padrão de deterioração. Quis ter a certeza e foi por isso que o chamei — disse Jason, dando outra palmada no ombro de Linus, que fez *zoom* e pôs a segunda imagem em movimento.

— Como disse — prosseguiu Jason. — A imagem tem grão, mas melhoramos o quanto pudemos.

Painter inclinou-se sobre a tela.

A imagem ampliada revelava a janela de trás do carro. Via-se o vulto de um homem e, sentada a seu lado, uma mulher. Embora não se distinguissem as feições dela, notava-se que tinha cabelo claro e um perfil semelhante, mas era sobretudo o seu porte e o modo como se mexia que faziam palpitar o coração de Painter.

Sentiu uma vaga de esperança.

— É a Lisa — murmurou.

— Eu não tinha tanta certeza — disse Jason.

Mas eu tenho.

— E a Kat? — perguntou Painter.

Havia mais pessoas no carro, mas eram manchas indistintas.

— Não posso adiantar nada — admitiu Jason. — Infelizmente, não apanhamos a matrícula. Se tivessem passado por uma câmara de tráfego...

Era azar, mas também um começo.

E da maior importância.

Lisa está viva.

Respirou fundo, sem deixar que o alívio o confundisse, sabendo que tudo poderia mudar de um momento para o outro. Painter tinha apenas de olhar para o outro monitor, para os escombros a arder da clínica, para se lembrar novamente da política de terra queimada da Confraria.

Os filhos da mãe não deixariam nada por acabar.

E, neste instante, isso tinha que ver com Lisa e Kat.

O mesmo podia ser dito da equipe de Gray. Estavam a penetrar no último bastião da Confraria, a seguir a pista da filha do presidente.

Painter viu o último edifício desmoronar envolto em chamas e fumo.

Era um aviso a Gray.

Avança com cuidado.

27

3 DE JULHO, 3H13, GST

AO LARGO DE DUBAI

— Levaram Amanda neste elevador — disse Tucker.

Mãos na cintura, Gray observava *Kane* farejando o chão com a cauda abanando vigorosamente. Não duvidava do faro do pastor-belga, mas ainda hesitava.

O hall tinha uma dúzia de elevadores em semicírculo. Olhou para cima, seguindo a curva em espiral da escada translúcida. Tanto esta como os elevadores subiam ao longo do eixo central de Burj Abaadi. E todos os andares ficavam em volta deste núcleo estável.

— Cinquenta andares — comentou Kowalski. — Pelo menos não temos que escalar.

— Mas temos de parar em cada um deles — disse Seichan. — É melhor deixar que *Kane* verifique se a pista de Amanda continua.

Os três companheiros de Gray esperaram que lhes dissesse o que fazer a seguir. Até mesmo *Kane* parou de cheirar para olhar para ele. Gray ignorou-os durante um momento.

Alguma coisa não faz sentido.

Gray examinara todos os andares através das câmeras de segurança e não descobrira nenhum indício de gente. Mas tinha de confiar em *Kane*. O cão tinha-os levado até ali. Estendeu o braço e premiu o botão para chamar o elevador.

As portas abriram-se imediatamente e entraram todos no luxuoso elevador de madeira exótica e luzes de cristal.

— Devíamos começar pelo último andar e depois descer? — perguntou Tucker. — Ou fazer o inverso?

— Nem uma coisa nem outra — retorquiu Gray, sentindo uma ponta de certeza ao inclinar-se para os comandos do elevador.

Apontou para as ilas de botões alinhados ao longo de um ecrã plano sensível ao toque. Números luminosos indicavam cada andar. Enquanto observava aquilo, os números giravam lentamente, transformando-se noutras línguas: chinês, japonês, árabe.

Estão definitivamente tentando agradar viajantes de todo o mundo.

— Não entendo — disse Kowalski. — Se não vamos subir, aonde vamos?

Gray viu o botão mais abaixo cintilar em árabe.

E, depois, mudar para o seu equivalente em inglês.

— Há um nível mais baixo — disse Seichan.

— Esperem! — atalhou Kowalski, olhando para os dedos dos pés. — Como pode haver uma cave numa ilha flutuante?

Gray sabia que esta torre fora construída ao mesmo tempo que a ilha. A rocha sólida sobre a qual os alicerces da torre estavam assentes era a imensa plataforma que suportava Utopia. A base de betão e aço estava a aproximadamente dez metros abaixo deles, deixando imenso espaço para uma cave.

— Deve ser uma área de serviço para a torre — sugeriu Seichan.

— E talvez sirva para mais qualquer coisa — acrescentou Gray, premindo o botão.

A letra ficou verde e o elevador desceu tão silenciosa e suavemente que era difícil saber que estavam a mover-se.

— Preparem-se — preveniu-os Gray.

Empunharam as armas e Tucker fez sinal a *Kane,* que se agachou, pronto para saltar.

O elevador pareceu descer mais do que um andar, mas, por fim, as portas abriram-se. Gray colocou-se em posição de tiro e inspecionou rapidamente uma pequena área utilitária mal iluminada. Procurou guardas, mas o sítio estava vazio.

Saiu cautelosamente à frente do grupo. Havia vários corredores com linhas coloridas pintadas no chão, provavelmente, para indicar ao pessoal do hotel a direção das cozinhas, serviços de lavandaria, de manutenção e de armazenamento.

Era como um labirinto.

Gray fez sinal para avançarem.

— Manda *Kane* seguir a pista de Amanda, Tucker. Ela pode estar em qualquer lugar.

Gray notou que dois outros elevadores ladeavam aquele em que viera.

Só três dos doze elevadores desciam até a este nível. Pediu a Kowalski para manter a porta aberta pois podiam necessitar de sair à pressa.

Uma série de janelas altas ao longo de uma parede atraiu a atenção de Gray. Aproximou-se e viu um espaço cavernoso. A sala estava embutida no betão e tinha dois andares de altura. No interior havia uma ila de enormes geradores de turbina que lembravam elefantes de metal. Painéis de comando cobriam outra parede.

—É a central elétrica do edifício — explicou Seichan, juntando-se a ele.

Gray lembrou-se das turbinas descritas por Jack Kirkland que usavam a força das marés para fornecer eletricidade. *Devia ser isto.*

— Nada — informou Tucker, voltando após apenas um minuto.

— O quê? — disse Gray, virando-se com ar surpreendido.

— Verifiquei todos os corredores, mas não encontrei nenhum sinal de Amanda — justificou-se Tucker, encolhendo os ombros.

Impossível. Ela tem de estar aqui embaixo.

— Manda o cão procurar outra vez — ordenou-lhe.

— Assim farei, mas é uma perda de tempo. Confio no faro de *Kane*.

— Ele tem razão — interveio Seichan. — Faz sentido vir cá abaixo, mas isso não significa que seja o único sítio. Há mais cinquenta andares. Quanto mais tempo esperarmos...

Maior perigo corre Amanda.

Suspirou profundamente, acatando a lógica de Seichan, mas não ficou nada contente.

— Vamos voltar a subir.

Entraram de novo no elevador.

Mas Gray parou no limiar, olhando para as duas portas que ladeavam esta.

— Esperem.

Aproximou-se e carregou no botão para chamar os outros dois elevadores.

— O que estás a fazer? — perguntou Seichan de dentro do elevador enquanto Kowalski continuava a segurar a porta.

Os outros dois elevadores chegaram e Gray inspecionou-os. Voltou a juntar-se aos companheiros e examinou a tela plano do elevador.

— O que há? — insistiu Seichan.

— Estes três elevadores chegam às áreas de serviço. Porque é que os raptores de Amanda utilizaram o do meio? Deveriam ter usado o que está mais perto do hall. Verifiquei os painéis de comando dos outros dois e este é cinco centímetros mais comprido do que os outros.

— E depois? — inquiriu Kowalski.

Seichan debruçou-se e examinou a parte inferior da tela.

— Achas que há outros botões escondidos?

— Conduzindo a andares onde só este elevador chega — concordou ele, acenando com a cabeça.

Seichan examinou mais de perto a tela.

— Mas, além dos botões, não vejo maneira de ativar os elevadores.

Como demonstração, Gray premiu o botão do hall, enviando o elevador para cima.

— O ecrã é sensível ao toque.

Seichan percebeu e os seus olhos sorriram.

— Pode, por isso, ser ativado por impressão digital.

Gray voltou de novo para o hall quando as portas do elevador se abriram.

— O tipo que *Kane* atacou tinha aspeto de ser chefe da escolta africana de

segurança e talvez tivesse acesso ao nível de baixo.

Gray voltou-se para Kowalski.

O grandalhão rolou os olhos e fez um ar amuado.

— Por que sou eu que faço sempre o trabalho sujo?

Voltou minutos mais tarde, limpando a lâmina da adaga nas calças.

— Trouxe dois para o caso de um só não servir — disse, estendendo o braço.

Tinha um polegar e um indicador ensanguentados na palma da mão.

E Kowalski também ara a boina do morto na cabeça.

— No caso de haver mais câmeras — disse, apontando para o teto do elevador —, previno desde já que não volto a me fazer de prisioneiro.

Gray pegou o polegar cortado e encostou-o no botão LL.



Reteve a respiração e, então, um novo botão surgiu sob o polegar.

As dúvidas que pudesse ter acabaram quando aquele estranho símbolo apareceu. Gray lembrou-se da Somália, do acampamento abandonado e das mesmas marcas pintadas à entrada do hospital, na selva.

Uma cruz vermelha com minúsculos ornamentos.

O elevador desceu outra vez, agora mais fundo.

O rosto de Kowalski tinha uma cor doentia.

— A que profundidade enterraram estes piratas o tesouro?

Gray pensou nas gigantescas colunas de betão que suportavam a ilha.

As exteriores tinham vinte metros de diâmetro, mas a do centro, diretamente por baixo de Burj Abaadi, era muito mais larga. Sabia que não era invulgar as colunas de suporte das plataformas de petróleo terem espaços vazios no interior para armazenar bidões.

Porque não também aqui? Em vez de bidões de petróleo, muita coisa podia caber numa coluna tão larga.

Gray estava convencido de que Amanda se encontrava lá em baixo.

Entretanto, caíam como pedra na direção do coração da ilha.

3h25

O doutor Edward Blake viu a expressão de ódio no olhar de Amanda esmorecer quando lhe injetou o que restava de propofol na veia. As pálpebras semicerraram-se e a respiração ficou mais pesada.

As últimas palavras que proferiu foram uma maldição, uma promessa de vingança.

Hei de vê-lo no inferno.

Mas foi uma ameaça vã.

Amanda, a mulher, a mãe afetuosa, partiria em alguns minutos. Todos os seus sentimentos desapareceriam, mantendo apenas as funções mais básicas.

— Devia ir lavar as mãos — aconselhou-o Petra.

A enfermeira já tinha a bata vestida e ajustava um monitor que mostrava uma tomografia computorizada de Amanda. A jovem estava estendida numa mesa de operações, tapada até o pescoço e com a cabeça rapada a brilhar sob as luzes halogêneas. Pequenas marcas azuis decoravam-lhe o crânio delineando os múltiplos sítios de perfuração e os pontos de inserção do elétrodo.

Petra preparou o sistema estereostático para a cirurgia, o qual integrava uma unidade de cirurgia com ressonância magnética de imagens intraoperativo e microscopia para visualização. Colocou a cabeça de Amanda no interior de um alinhamento cheio de fluido, um grande progresso tendo em conta que, no passado, uma espécie de moldura tinha de ser aparafusada ao crânio do paciente.

Depois de ter trabalhado nas montanhas da Somália e lidado com instrumentos que, em comparação, eram antiquados, Edward sentia uma alegria infantil por possuir um equipamento tão sofisticado para brincar. O

posto na Somália servira os seus objetivos, permitindo-lhe recolher óvulos, embriões e juntar informações viáveis, ou prometedoras, para outros laboratórios do mundo. Mas ele sempre tivera maiores ambições. Fora por puro acaso que Amanda Gant-Bennett batera à sua porta e não num dos muitos outros laboratórios que estudavam a reprodução na Índia, Malásia, Austrália e demais países, o que lhe o deu a oportunidade de ser notado pelos seus superiores e ser promovido.

Até agora, e à parte alguns sobressaltos, tudo correra lindamente. A morte de Amanda fora relatada como sendo o resultado de um infeliz encontro com piratas somalis; a criança nascera e fora entregue ao laboratório de alta tecnologia; e, após esta operação, Amanda seria enviada para os EUA, deixando-o em paz para dissecar e testar o novo material.

O recém-nascido dormia num berço ao fundo do corredor, à espera da sua vez.

Mas, primeiro, tinha de tratar da mãe.

Os instrumentos cirúrgicos cintilavam: perfuradoras, curetas de osso, pinças cranianas, bisturis, tubagem de sucção e irrigação.

Não conseguia conter a excitação. Apesar de esta técnica ter sido desenvolvida nestas instalações, só a usara uma vez. Alguns dos cirurgiões da região tinham-na aprendido aqui. Era uma operação razoavelmente fácil. O lado direito e esquerdo do córtex cerebral estavam ligados por uma camada de tecido neural. Guiado pelas imagens, cortaria primeiro o cérebro em duas metades, processo conhecido pelo nome de calosotomia.

Era uma técnica radical originalmente desenvolvida para tratar casos graves de epilepsia em que se cortava o luxo elétrico através do cérebro que provocava as crises.

A segunda fase fora desenvolvida por outro dos seus superiores.

Chamava-se alfa-ECT, ou eletroconvulsoterapia alfa. Elétrodos eram permanentemente inseridos nos dois hemisférios cortados e administravam-se pequenos choques de polaridade alternada nessas duas metades. O resultante turbilhão das pequenas crises encurraladas em ambos os hemisférios cranianos e impelidas pelas descargas opostas obstruíam o córtex cerebral, deixando funcional apenas o tronco encefálico que continuava a controlar tarefas vitais como o ritmo cardíaco, a respiração e as atividades gastrointestinais.

No fim, o corpo permanecia intacto, mas a mente desaparecia.

Tornava-se o instrumento perfeito para estudos de reprodução.

Edward olhou uma última vez para a forma prostrada de Amanda.

Depois disto, não haverá mais Amanda.

Ao sair da sala de operações para se ir lavar, uma campainha proveniente de um monitor no alto da parede soou. Era um dispositivo de segurança e anunciava a chegada do elevador. Todas as salas estavam equipadas com um monitor desses. Um nome apareceu na parte inferior da tela.

Buggas Abdiwalli

Era o capitão da escolta pessoal de segurança do doutor Blake. O resto da tela mostrou igualmente o alto de vários capacetes e de uma boina preta.

O que raio é que esta besta quer agora?, perguntou-se, irritado.

Sabia que o capitão estava de mau humor por ter perdido tantos soldados na Somália, mas não tinha tempo a perder com essas coisas.

Deixaria o serviço de segurança lidar com Buggas. E, se o capitão teimasse, o novo sistema automático *desencorajá-lo-ia.*

Não havia nada que conseguisse passar por essa barreira defensiva.

A voz de Petra chamou-o pelo intercomunicador quando começava a lavar as

mãos.

— Está tudo pronto, doutor.

28

3 DE JULHO, 3H30, GST

AO LARGO DA COSTA DO DUBAI

Agora é a vez da parte difícil...

Gray preparou a equipe segundos antes de as portas do elevador abrirem. Esperava deparar com outro sistema de segurança. A Confraria era demasiado paranoica. Qualquer um dos seus sequazes podia ser apanhado e obrigado a indicar o caminho até aqui sob a ameaça de uma arma.

Ou, então, cortar-lhe um dedo.

Tinha de haver uma segunda barreira defensiva. Mas a equipe de Gray não se podia dar ao luxo de fazer planos, o que significava apenas uma coisa.

Não havia tempo para subtilezas.

Só um homem se adequava a esse gênero de missão.

Mas Kowalski não ficou nada contente.

— Por que raio é que eu apanhei a boina desse filho da mãe?

— Vais sair-te bem — assegurou-lhe Gray.

Além da boina, Kowalski também tinha o tamanho e a corpulência do chefe somali. Não era muito, mas precisavam daquele ardil para continuar.

Acreditava que os guardas ali em baixo se sentiam tão seguros como os somalis. Não esperava apanhá-los a dormir ou de calças na mão, mas contava com uma certa negligência.

— Tu e *Kane* — disse Gray, apontando para Tucker. — Vão procurar Amanda logo que passarmos. Não esperes. Seguir-te-emos assim que for possível.

Tucker acenou a cabeça.

Seichan tinha a *SIG Sauer* na mão.

Uma campainha tocou quando o elevador parou com um pequeno solavanco. Gray fez sinal para se encostarem de lado quando as portas se abriram e manterem os rostos meio escondidos pelos capacetes roubados.

Exceto Kowalski.

O matulão saiu do elevador antes de as porta abrirem completamente.

Com a boina inclinada sobre os olhos, seguiu em frente como se fosse dono do lugar.

Gray viu o que se passava para lá das portas com um único golpe de vista. Uma pequena sala impedia o acesso às instalações. O chão e as paredes eram de

betão; e a opulência dos andares de cima tinha desaparecido. O teto era de aço não polido e parecia uma colmeia. Via-se uma porta de metal e, ao lado, uma janela à prova de bala, como num banco, mas aqui o bancário vestia uma farda preta e tinha uma espingarda ao ombro.

O guarda nem sequer olhou para eles.

— Mostrem a identificação e coloquem a palma da mão no leitor eletrônico — disse, inclinando-se para um microfone.

Um painel cintilava por cima de um balcão estreito. Uma pequena gaveta passou através da janela e abriu-se à espera dos documentos.

Kowalski estendeu o braço e deixou cair um punhado de esferas do tamanho de berlindes lá dentro. Curioso, o guarda olhou finalmente para eles. Kowalski deu uma violenta pancada na gaveta enfiando-a de novo no outro lado.

E, depois, premiu o botão de um transcetor que tinha na outra mão.

Os explosivos C-4 — normalmente usados para rebentar trancas e fechaduras — explodiram no rosto e no peito do guarda, mandando-o pelos ares.

Kowalski desviou-se para o lado e colocou um quadrado de C-4 na porta de aço.

E, a seguir, ele e os outros atiraram-se para dentro do elevador. A explosão estremeceu o ascensor, ensurdecendo os seus ouvidos tapados.

Gray rolou para fora no meio da fumarada e verificou os estragos. Os restos da porta estavam em brasa e pedaços de aço derretido cobriam as paredes e o chão. O ar tresandava a químicos.

Isso não se devia apenas ao C-4.

Lançou um olhar a Kowalski que encolheu os ombros.

— É uma receita minha. Acrescentei TH4 revestido de polímero.

Gray encolheu-se todo interiormente. Este agente incendiário era o ingrediente principal das granadas usadas para abrir brechas em tanques.

O importante era que Kowalski tinha feito o seu trabalho — e Gray não pedira subtileza.

Para lá da porta, ninguém se mexia. Avistou uns corpos ao fundo, mas para ter a certeza atirou uma naquela direção. Todos desviaram o rosto e taparam os ouvidos. A granada explodiu e, a seguir, Gray fez sinal a Tucker.

O cão e o tratador atravessaram velozmente a sala, evitando as poças de aço derretido no chão, e Gray e os outros seguiram-nos de arma em punho.

Foi então que o céu desabou. As peças hexagonais do teto começaram a chover sobre eles e Gray pensou que eram telhas soltas pela explosão.

Mas, depois, viu que saíam pernas dessas coisas de aço, articuladas e afiadas como lâminas, e que os atacavam como um exército de aranhas de metal.

3h34

— Doutor? — murmurou Petra imobilizando-se ao pé do tabuleiro de instrumentos.

Estava a preparar o primeiro neuroendoscópio quando ouviu a primeira explosão.

A seguir, uma detonação ainda mais forte ecoou através das instalações fazendo estremecer tudo na sala, incluindo os nervos de Edward Blake. O

que lhe veio logo à cabeça foi que as paredes de cimento da coluna tinham desmoronado. Era uma inquietação que o perseguia desde sempre.

Paralisado pelo terror, Edward permaneceu junto da sua unidade, de bata esterilizada e máscara. Tinha estado a manipular e a alinhar o braço microrrobótico e a perfuradora craniana, pronto a começar.

Seguiram-se mais explosões de menor intensidade.

— Estamos a ser atacados — disse Petra, olhando para ele à espera de saber o que fazer.

Tais palavras sobrepuseram-se finalmente ao seu estado de choque.

Tinha de sair dali, mas não de mãos vazias, não sem o prêmio penosamente ganho. Se sobrevivessem sem o recém-nascido em seu poder, as consequências seriam letais.

— A criança — disse ele, fitando Petra. — Precisamos dela viva. Vá buscá-la. Fugiremos por uma saída de emergência.

Ela largou o endoscópio e virou-se para a porta, mas recuou.

— E a paciente? — perguntou, lançando um olhar para Amanda. — Não é importante.

A voz ao telefone tinha admitido que a jovem podia ser substituída, mas não a criança.

— Temos tecido dela e amostras de sangue. É suficiente. Eu trato disso enquanto vai buscar o bebê.

O médico, contudo, detestava deixar assuntos por resolver. Agarrou num bisturi, olhou para a sua mão e, a seguir, voltou a pousar o instrumento. Não tinha força para fazer aquilo sozinho.

Virou-se para a unidade e ativou o alinhamento laser do braço robótico que começou lentamente a descer e a perfuradora a zunir. A trajetória no córtex cerebral já estava estabelecida, mas, agora, não estaria ali ninguém para impedir que perfurasse cada vez mais fundo.

Como uma bala lenta a atravessar o crânio.

É melhor assim, consolou-se. *Ela não sentirá nada.*

Depois de deixar tudo em ordem, Edward Blake precipitou-se para a porta. Ainda lançou um olhar para trás e viu a ponta da perfuradora furar a pequena marca azul no crânio de Amanda. Uma gota de sangue rolou como uma lágrima vermelha.

Adeus, Amanda.

3h40

Gray atravessou a correr um inferno de fumo e metal derretido incandescente. Aquelas coisas metálicas a avançar para ele sobre patas afiadas como punhais tornavam a situação ainda pior.

Kowalski pisou uma delas com a bota. As patas retorceram-se como uma aranha esmagada, mas, depois, pendurou-se e tornou a agarrar-se à bota, devorando o cabedal.

Seichan veio em seu auxílio e cortou os atacadores com um golpe da sua lâmina de combate. Kowalski deu um pontapé e a bota e a aranha foram pelos ares.

Gray manteve as outras à distância, abatendo-as a tiro. Retiraram, juntos, através do que restava da porta, oferecendo encarniçada resistência contra as atacantes.

Kowalski tentou alcançar a sua espingarda, saltitando com um pé ensanguentado, mas Gray apontou para o corredor.

— Vai ter com Tucker que nós aguentamos aqui.

Não foi preciso dizer-lhe duas vezes e Kowalski saiu a resmungar.

— Detesto o diacho das aranhas.

Seichan disparou dois tiros com a sua *SIG Sauer*.

— Deve ser um sistema de defesa automático.

Gray concordou. Esperavam que houvesse um tipo qualquer de proteção, mas nada como isto. Sabia que a DARPA estava a trabalhar em projetos deste gênero, um programa experimental para criar enxames robóticos destinados a ataques coordenados, vigilância e defesa, e até tinha visto filmes de uma universidade inglesa onde isso fora desenvolvido com sucesso. E não se tratava apenas de pequenos robôs. Assistira à fase final de um robô do tamanho de uma chita num laboratório da DARPA, que corria mais depressa do que um ser humano.

Provavelmente, ali, as medidas defensivas eram concebidas para perseguir, distrair e deter o inimigo até uma equipe de segurança poder ser mobilizada. No entanto, os autômatos eram suficientemente letais e as balas dificilmente os detinham.

— Aqui vêm elas outra vez — avisou Seichan.

Uma vaga de aço afiado atirou-se contra eles.

3h44

Tucker começou a correr pelo corredor atrás da cauda de *Kane*. Sem pestanejar e mal respirando, tentava ouvir o ruído de qualquer ameaça.

Mas não contava apenas com os seus sentidos.

Um rosnado de aviso chegou aos seus ouvidos.

Um homem de bata branca surgiu no corredor com um braço erguido.

Deu-lhe um tiro no rosto.

Ao passar pelo corpo, viu que ele tinha as mãos vazias. Sentiu uma pontada de culpa, que rapidamente desapareceu. Os dois indivíduos que já abatera tinham armas. Não podia arriscar.

Além disso, depois de tudo o que vira, ninguém ali merecia viver.

Passara pelo laboratório e vira coisas que desejava não ter visto. Sempre que revia a cabeça decepada por cima de um coração a palpitar, sentia um arrepio na base da espinha.

Quem faz uma coisa assim?

E porquê?

Kane continuava a avançar, farejando o ar e as esquinas. Tinha encontrado a pista de Amanda.

Por fim, o pastor-belga parou bruscamente diante de uma porta.

Tucker foi ter com ele. Viu um lavatório comprido, uma pilha de embalagens verdes esterilizadas e pacotes de escovas seladas em celofane.

Uma sala para o pessoal médico se preparar.

A pista de Amanda conduzia a este lugar.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

Abriu a porta com o ombro de pistola em punho e lançou um olhar em redor da sala. Estava vazia. Mas uma janela larga dava para uma sala de operações. Uma mulher estava estendida numa mesa de aço inoxidável.

Um braço robótico vibrava sobre a sua cabeça rapada.

Amanda...

Tinha examinado suficientemente bem a fotografia da ilha do presidente para a reconhecer. *Kane* abriu a porta com uma patada. Ele também tinha a certeza.

Tucker entrou a toda a pressa e deparou com a sala igualmente deserta. Um zunido chamou a sua atenção de volta a Amanda. Aproximou-se dela, ficando horrorizado ao ver o que era.

O sangue escorria da ponta de uma perfuradora que se enterrava no crânio. Contornou a mesa sem saber o que fazer. *Kane* saltitava ao seu lado, percebendo a sua ansiedade mas incapaz de o ajudar.

— Está tudo OK, meu amigo, tranquilizou-o.

Mas a situação estava longe de estar OK.

Seguiu o fio elétrico do braço robótico e arrancou a tomada da parede.

O zunido desvaneceu-se.

Examinou Amanda e apercebeu-se de que ainda respirava.

Pelo menos ainda está viva.

Viu a ponta de aço incrustada na sua cabeça. Tinha de libertá-la, mas como? Não ousava puxar a perfuradora e correr o risco de causar mais estragos.

Procurou à sua volta e viu o que parecia um conjunto em miniatura de cortadores de cavilhas. Eram cortadores de pinos cirúrgicos. Agarrou neles, posicionou-os a uns dois centímetros do crânio de Amanda e fez pressão. Ouviu-se um forte estalido e o braço robótico soltou-se.

A seguir, começou a desprendê-la do grampo almofadado à volta da cabeça e a desligá-la da máquina de anestesia.

Concentrado na sua tarefa, sobressaltou-se ao ouvir uma voz.

— O que está saindo da cabeça dela?

Voltou-se. Kowalski aproximou-se mancando com um pé ensanguentado.

— Como é que conseguiu me encontrar?

— Segui o rasto de cadáveres. E, depois, vi *Kane* no corredor.

O cão arfava na porta, protegendo como de costume a retaguarda para se certificar de que ninguém hostil se aproximaria.

Kowalski apontou novamente para o crânio de Amanda.

— O que é isso?

— A ponta de uma perfuradora.

— O quê? Por que...

— Como quer que eu saiba? Ajude-me.

— Já está, —disse Kowalski pegando Amanda no colo como se ela não pesasse mais do que um espantalho.

E talvez fosse tudo o que ela era — um espantalho sem cérebro.

Precisava, de qualquer modo, de ajuda.

— Onde estão Gray e Seichan? — perguntou Tucker, chamando o cão.

Kowalski avançou para a porta com Amanda nos braços.

— É melhor que não saiba.

3h46

Gray e Seichan recuaram para o fundo do corredor, longe do enxame prateado que se chocava contra a porta queimando. O metal derretido acabou com um monte de aranhas-robôs. E as que conseguiram passar tiveram um comportamento esquisito: voltaram para o vão da porta, ignorando Gray e Seichan.

Durante uns momentos, permaneceram ali atacando o metal incandescente derretendo.

— É o calor que as atrai, disse Seichan. — Devem ter sido programadas para perseguir o calor do corpo.

E, pelo visto, qualquer fonte de calor servia. Longe da porta, Gray viu várias aranhas precipitarem-se para as poças de aço derretido no chão e serem destruídas.

À medida que o aço esfriava, uma ou outra tentava seguir seu caminho, mas uns tiros certeiros desencorajavam-nas.

Seichan olhou para trás.

— Devíamos ir à procura...

Mas todo o espaço estremeceu com um estrondo suficientemente forte para derrubar Gray. Essa erupção ensurdecedora provocou uma vibração persistente que lhe fez doer os dentes molares. E os seus ouvidos estalaram devido a uma mudança na pressão do ar.

Seichan e Gray entreolharam-se.

O medo que transparecia nos seus olhos era idêntico.

Uns centímetros de água inundaram subitamente o corredor, como se tivesse rebentado um cano. Gray pensou na coluna onde se escondia este laboratório.

Na realidade, era um cano enorme.

Mais água gelada começou a entrar.

Kowalski surgiu à esquina a patinhar na direção deles com uma mulher inconsciente nos braços. Apesar da falta de cabelo, Gray reconheceu-a logo.

Amanda... ainda está viva!

Mas não tinham tempo para festejos.

— O que está a acontecer? — berrou Kowalski.

Tucker e *Kane* seguiam-no, ambos com ar preocupado.

Seichan ou um dedo na água e lambeu-o.

— É salgada.

Essa constatação pôs fim a todas as dúvidas.

— Arrebentou um cano — concluiu Gray, apontando para o elevador. — Vamos ser inundados. Todos para fora!

3h55

Damos frequentemente aos nossos inimigos os meios para sermos destruídos.

Edward Blake lembrou-se dessa citação de Esopo que aprendera em Eton quando era rapaz. Apesar de, neste caso, estar fora de contexto, ainda lhe parecia adequada enquanto observava do pequeno barco aquele dilúvio.

Os barcos pneumáticos para uma eventual evacuação estavam estacionados, como bolhas, à volta da coluna central. Havia carris ao longo do exterior da coluna que passavam por baixo da plataforma de suporte e percorriam as cinco pontas da estrela, até as embarcações serem lançadas para fora da ilha.

Patrulhas aguardavam a chegada das pessoas evacuadas.

Em particular, a preciosa carga que Edward transportava ao colo.

O recém-nascido, bem agasalhado e choramingando docemente, era bastante prometedor: tanto para quem Edward servia como para ele mesmo. A criança era a segurança de que ele não seria enterrado no mar.

Tinha feito um telefonema frenético a informar sobre o ataque.

Mas aquela computorizada voz fria já estava ao corrente.

O ASSUNTO ESTÁ SENDO TRATADO. CERTIFIQUE-SE DE QUE A CRIANÇA ESTÁ EM SEGURANÇA.

Era exatamente o que tencionava fazer.

Olhou pela janela, o barco podia transportar dez pessoas, mas ele e Petra eram os únicos passageiros.

Tudo à volta era tão escuro como a gruta mais funda. Vira os clarões de luz azul quando fugiam, as cargas explosivas a destruírem o aço no interior das paredes de betão para enfraquecer toda a estrutura. Ao cair, a enorme torre continuaria a destruição, esmagando e pulverizando o que estivesse por baixo.

E não seria apenas esta coluna.

Luz azul desabrochava da escuridão como uma flor e explodia naquela floresta de pedra, arrasando todo o suporte da ilha. O estrondo do trovão ecoou e balançou o barco. Por uns instantes, o mundo pareceu uma floresta elétrica. Era maravilhoso ver uma tal destruição.

Lembrou-se de outro provérbio enquanto assistia àquele espetáculo com saudades dos tempos mais simples da sua juventude.

As coisas boas não duram para sempre.

3h56

— Fujam! — gritou Gray, apontando para o elevador.

A equipe avançou pela água gelada pela barriga das pernas.

Kowalski transportava Amanda e, consciente das aranhas de aço no chão, dava grandes passadas. Mas os autômatos pareciam ter sido levados pela enxurrada e sucumbido.

Chegaram aos elevadores, que ainda funcionavam — não se sabia, contudo, durante quanto mais tempo.

Outro abalo violento, acompanhado pelo som surdo de algo a ceder, abanou o laboratório. Outra vaga de água surgiu no corredor ganhando força e dirigindo-se para eles.

As portas do elevador abriram-se, lentamente de mais.

A vaga abateu-se sobre eles, lançando-os para dentro do elevador. Em poucos segundos ficaram com água pela cintura. O frio mordia os ossos. Seichan premiu o botão do hall da entrada, a tremer, e Gray continha a respiração. Todos eles olharam para cima, rezando em silêncio para que ainda houvesse eletricidade.

Os principais geradores de eletricidade devem estar em cima e, por isso, secos, pensou Gray. E era o caso pois o elevador começou a subir enquanto o nível de água no interior descia. Todos soltaram um profundo suspiro de alívio.

Amanda gemeu docemente. Os efeitos da anestesia começavam a dissipar-se. Apesar da ponta da perfuradora alojada no crânio, era um sinal encorajador. Assim que estivessem em segurança, poderiam tentar...

Um forte abanão atirou-os para um dos lados do elevador.

Os ouvidos de Gray tornaram a dar um estalido.

Um ronco surdo elevou-se por baixo deles, cada vez mais forte. Soava como um comboio lançado a toda a velocidade contra eles. Pensou que o pilone tinha finalmente implodido por baixo deles e que, agora, a água subia pela caixa do elevador.

— Estamos a passar pelos andares de serviço — disse Seichan, cerrando o punho com toda a força como se não quisesse deixar escapar a esperança.

Estavam quase a chegar.

Ficariam em segurança logo que o elevador ultrapassasse o nível do mar e chegasse ao hall de entrada.

Mas as luzes apagaram-se.

E o elevador parou.

Kowalski praguejou na escuridão.

— Foram os geradores — cochichou Seichan.

A água devia ter inundado aquele andar e continuava a subir. O ronco do comboio alcançou a intensidade de um uivo.

— Esperem! — gritou Gray.

Foram empurrados por baixo por uma força que impeliu o elevador numa estrondosa ascensão.

Iam, pelo menos, na direção certa, mas durante quanto tempo?

— Ajuda-me a abrir as portas, Tucker!

Gray sabia que tinham somente uma oportunidade. Logo que aquele impulso diminuísse, iriam parar de novo lá abaixo.

Unindo forças, conseguiram abrir o elevador. As paredes da caixa passaram indistintamente por eles e as portas exteriores do hall de entrada apareceram. O elevador deteve-se, a estremecer e aos solavancos, diante delas.

Mas somente uns instantes.

A água inundou o elevador aberto, fazendo que começasse lentamente a afundar-se.

— Depressa!

Gray e Tucker conseguiram abrir suficientemente as portas exteriores para que os outros escapassem. Mas, entretanto, o elevador continuava a ser inundado e a submergir.

Tucker empurrou *Kane* através da abertura das portas e, depois, fez sinal a Gray. Ambos tinham água pelo peito e apenas metade do elevador se encontrava ainda ao mesmo nível do hall.

— Vai! — disse Tucker.

— Saímos juntos — insistiu Gray.

Não se deram ao luxo de contar até três e mergulharam pela abertura no momento em que o elevador se afundava.

Gray ajudou Tucker a levantar-se.

Deram alguns passos, contentes por estarem vivos.

Seichan agachou-se ao lado de Kowalski para examinar Amanda.

Ergueu-se com ar preocupado.

— O que é? — perguntou-lhe Gray.

— Teve o bebê.

— Mas a barriga dela ainda está inchada — constatou Tucker, aproximando-se deles a pingar.

Kowalski levou-a para os degraus para que a água não a molhasse.

— Deu à luz mais cedo do que o previsto — disse Seichan. — Ou por causa da tensão ou eles induziram artificialmente o parto.

— Não sabia — disse Tucker com uma expressão culpada. — Se o soubesse, teria procurado durante mais tempo e tentado encontrar o bebê.

— Mal conseguimos sair de lá vivos — encorajou-o Gray, pondo-lhe uma mão ombro. — Se tivesses demorado mais, mesmo só um minuto, Amanda poderia ter morrido. Todos nós poderíamos ter morrido. E não temos a certeza de que o bebê tenha nascido vivo. Ou, se calhar, já o tinham tirado de lá.

Tucker pareceu pouco reconfortado por esta lógica e fitou a porta. *Kane* aproximou-se dele e tocou-lhe na mão com o focinho. Tucker fez-lhe uma festa, encontrando consolo mais naquela manifestação do que nas palavras.

Gray afastou-se chapinhando — *chapinhando?*

Olhou para os pés metidos em água até os tornozelos.

— Por que isso aqui ainda está inundado?

— Não é só aqui — respondeu Seichan a poucos metros dele e apontando para a entrada de vidro de Burj Abaadi.

Gray olhou para fora com ar chocado.

O parque iluminado pelas estrelas estava inundado. Ondas pretas abatiam-se sobre os degraus da torre.

Compreendeu imediatamente. A Confraria nunca tomava meias-medidas quando se tratava de cobrir pistas. Não tinham apenas destruído uma coluna de suporte.

Tinham destruído todas.

Sabia o que isso significava.

A ilha inteira afundava.

29

2 DE JULHO, 20H01, EST

ORANGEBURG, CAROLINA DO SUL

Há uma hora que tinham saído de Charleston para oeste. Kat leu um sinal que dizia Orangeburg. Os raptores — o diretor da clínica de fertilização, o doutor Paul Cranston, e os seus homens — rodavam pelas estradas secundárias a velocidades muito superiores às das áreas rurais.

Cranston passou a maior parte da viagem a falar ao celular. Kat tentou ouvir a conversa, mas não ficou sabendo grande coisa. Era evidente que nem ele nem os outros estavam a par do que sucedera na clínica e desconheciam que a pessoa responsável por aquele incêndio estava sentada no banco de trás do *Ford Explorer*.

Kat não o ia informar, mas pelos olhares que lhe lançava por cima do ombro, Cranston desconfiava claramente dela. Mas, aparentemente, as perguntas teriam de esperar até chegarem ao seu destino.

Percebeu-o por causa de uma conversa telefônica, momentos mais tarde. Cranston endireitou-se no assento e o tom desdenhoso da sua voz desapareceu tornando-se subserviente, assustado.

Vamos levá-las imediatamente.

Quem se encontrava do outro lado da linha fazia-o empalidecer de medo. Após a chamada, Cranston ficou sem se mexer durante longos minutos, com o celular no colo, a olhar com ar enfadado pela janela para os campos de algodão e de tabaco.

Acabou por sair daquela letargia e fez um último telefonema.

Para a mulher.

Estou bem, minha querida. Nem sequer me encontrava na clínica quando se deu o incêndio. Talvez tenha sido uma fuga de gás. Eu sei, eu sei... mas tenho muitos outros fogos para apagar. Dá um beijo ao Michael por mim.

Diz-lhe que volto daqui a dois dias para a parada e o fogo de artifício do dia 4.

O que disseste? Pois. desculpa. Estou... a perder a ligação. Não ouvi o que tu...

Oh... não tem importância.

Por fim desistiu porque onde se encontravam a recepção era má.

Enquanto ouvia, Kat achou que era difícil associar este dedicado chefe de

família aos horrores escondidos por baixo da clínica.

A conversa, contudo, despertou-lhe saudades da sua própria família. A esta hora, Monk devia estar a preparar as bebês para irem dormir, vestindo o pijama a Penny. Harriet já estava no berço com um *mobile* de ursos suspensos sobre a sua cabeça. Pensou em Monk a passar-lhe um braço à volta da cintura depois de ambas se instalarem na cama, encostando-as ao peito, contente por estar rodeado pelas suas meninas.

Como se lesse os seus pensamentos, Lisa apertou-lhe a mão.

Kat apreciou o gesto, mas tencionava voltar para os braços de Monk e, para isso, precisava de recuperar a liberdade.

A oportunidade para o conseguir diminuía à medida que avançavam mais um quilômetro. Suspeitava de que uma vez chegados ao destino — *a Casa* — a fuga tornar-se-ia impossível. No entanto, tinha de ser paciente e aguardar o momento certo.

E essa oportunidade surgiu.

O monovolume virou numa longa e solitária estrada secundária, não se via um único carro. O sol de verão baixava no horizonte, projetando grandes sombras por baixo dos carvalhos que ladeavam a estrada.

Apertou a mão de Lisa com força para a preparar.

— Tenho de ir à casa de banho — disse Kat em voz alta.

— Vais ter de esperar — disse Cranston sem fazer caso.

— Não posso. Ou lá fora ou aqui atrás.

Cranston virou-se no assento e fitou-a fixamente para avaliar a sua determinação. Kat não desviou os olhos. Com um suspiro, ele acabou por lançar um olhar pela janela. Não se via vivalma.

— OK. Para o carro — disse ao motorista, virando-se depois para um dos guardas. — Se ela tentar fugir, dá-lhe um tiro.

O *Ford* parou à beira da estrada.

Kat deu um pequeno puxão na mão de Lisa, tentando fazê-la perceber.

— Já que estamos parados... eu também podia aproveitar — disse Lisa, torcendo nervosamente os dedos.

Linda menina.

— Vai uma de cada vez — decidiu Cranston. — Não estou para correr riscos.

Saíram do banco de trás pelo lado do motorista, deixando os dois homens à frente. Um guarda agarrou Lisa pelo braço e colocou a outra mão no coldre da pistola.

Kat dirigiu-se para baixo de um carvalho.

— Aí está ótimo! — gritou-lhe Cranston pela janela aberta.

O guarda dela tirou a pistola para dar ênfase à ordem.

Ela agachou-se e baixou os calções. Depois de todas as drogas que tomara, a bexiga tinha necessidade de alívio. Lançou um olhar de desafio ao guarda e, quando acabou, pôs-se em pé e encaminhou-se para a berma da estrada.

O guarda manteve a distância de arma apontada.

O outro empurrou Lisa para o campo.

— É a tua vez. Despacha-te!

Era tudo o que Kat precisava.

Balançou o braço, dando uma torção ao pulso, e o bastão escondido estendeu-se a todo o comprimento. Estava afastada do guarda, mas o bastão não.

Tirara a arma a Amy depois de esconder o seu corpo atrás de um contentor de reciclagem do lixo e escondera-o no fundo das costas, enfiado nos calções e, depois, atirara a pistola fora e entregara-se a Cranston parecendo estar desarmada.

Queria Lisa a uma distância segura antes de agir.

Como era o caso, agora.

Deu uma bastonada na mão do guarda e a arma saltou-lhe dos dedos.

Atirou-se de mergulho e apanhou a pistola antes de cair no chão. Caiu sobre o ombro e rolou sobre si mesma aos tiros. Acertou no joelho do guarda, virou-se para meter uma bala na cabeça do outro e, depois, fez novamente frente ao homem que a guardava, liquidando-o com um tiro na garganta.

Correu a seguir para o carro. O seu ataque fora tão repentino e selvagem que o motorista não teve tempo para reagir. Enfiou a pistola pela janela e disparou à queima-roupa. Fragmentos de crânio e sangue espalharam-se no banco da frente, sujando o peito e o rosto de Cranston.

Estupefacto, o médico mantinha-se sentado com uma mão aberta no ar enquanto a outra segurava o celular.

Desculpa, filho da mãe, não há linha.

Kat não queria correr nenhum risco com ele. O bom doutor sabia muita coisa e a Sigma desejava certamente interrogá-lo. Tencionava entregá-lo a Painter, bem embrulhado e atado com um laço.

— É a *nossa* vez de guiar este carro.

20h12

Lisa conduziu o *Ford Explorer* ao longo da estrada, tentando ignorar o sangue que manchava o assento. Sendo médica, raramente se deixava impressionar, mas a violência do ataque de Kat tinha-a abalado. Até àquele momento, era uma mãe e uma profissional que trabalhava com Painter.

Nunca fora testemunha da sua capacidade no terreno, a sua astúcia animal e brutalidade.

Embora fosse graças a ela que estavam livres, enervava-a.

Isso e o sangue frio que penetrava através do tecido do seu vestido.

Depois do combate, Kat obrigara Cranston a transportar os cadáveres para uma vala a fim de não serem avistados da estrada. Apesar de não passar por ali muita gente.

O que estava a tornar-se um problema.

— Já há linha? — perguntou Lisa.

— Ainda não.

Kat estava sentada atrás de Cranston com uma pistola na mão e o celular do médico na outra. Cranston continuava sentado à frente com os pulsos amarrados com cabos ao descanso para a cabeça atrás dele. Uma posição bastante desconfortável, mas Kat ignorou os seus protestos.

Para lá do frio profissionalismo, Lisa detetou um brilho de ódio nos olhos da amiga. Embora não conhecesse toda a história do que acontecera na North Charleston Fertility Clinic, compreendia o suficiente para saber de quem era a culpa.

Cranston era um monstro por detrás de um rosto atraente.

E tinha grandes ambições.

— Por esta altura já deveria haver linha — disse Kat. — Mas ainda não consigo obter sinal.

Depois de se apoderarem do veículo, Kat dissera a Lisa para dar meia volta e percorrer o caminho que tinham feito. Queria encontrar um telefone ou uma torre de recepção para poder utilizar o celular.

— Estou a ver umas casas de lavradores à direita — informou Lisa. — Podemos virar e ir pedir ajuda.

— São bem capazes de avisar as autoridades locais. Não sei em quem confiar por estas bandas.

Lisa lembrou-se de que Painter pensava a mesma coisa. Os Gant tinham muita influência na Carolina do Sul e isso podia incluir as altas patentes da polícia.

— Olha — disse Lisa, apontando para um sinal na estrada. — Há uma saída para Orangeburg. Deve haver linha aí.

— Vamos até lá — concordou Kat, continuando a olhar desconfiadamente à sua volta.

Lisa virou e percorreu cerca de oitocentos metros. Avistaram, ao longe, a torre de uma igreja por cima do arvoredo. Devia ser Orangeburg.

Distraída, Lisa passou por uma interseção onde havia uma luz vermelha. Uma pequena ponte levadiça atravessava um rio escondido.

Parou o carro enquanto esperava que a ponte subisse.

— Já apanhas algum sinal?

— Nada.

No espelho retrovisor, os olhos de Kat fitavam a nuca de Cranston. Há cinco minutos que estava calado.

Um ruído surdo anunciou a subida da ponte, mas foi aumentando de intensidade tornando-se enorme.

Lisa franziu a testa, inquieta com o mecanismo gasto da velha ponte.

A reação de Kat foi, pelo menos, inesperada. Atirou o celular pela janela e agarrou o ombro de Lisa.

— Tira-nos daqui! Já!

O aviso chegou tarde.

Um helicóptero cinzento elevou-se do leito do rio à esquerda e pairou sobre a ponte.

Lisa fez marcha atrás, voltando a toda a velocidade para a interseção.

Fez um pião e preparava-se para arrancar, mas o helicóptero foi mais rápido e cortou-lhe a passagem, bloqueando a estrada.

Lisa travou bruscamente, evitando chocar com as pás do aparelho.

— Atirem as armas para longe do veículo e saíam de mãos no ar — rugiu um altifalante.

Para terem a certeza de que eram compreendidos, uma pequena metralhadora montada por baixo do helicóptero disparou uma rajada de balas que crepitou diante do monovolume.

Lisa virou-se para Kat.

— Faz o que eles dizem — aconselhou-a a amiga, abanando a cabeça.

Um riso de escárnio quebrou o silêncio.

— Não são as únicas a fazer surpresas, minhas senhoras — disse Cranston, virando-se desajeitadamente. — Ao inutilizar o receptor do celular, ativei um sinal de emergência via satélite.

Transformando-o num dispositivo de localização, apercebeu-se Lisa. *Não admira que Kat se tenha livrado do celular.*

— Mas devo dizer que a resposta foi mais rápida do que esperava — continuou Cranston. — Os meus patrões, pelo visto, não querem que escapem. Mas porquê?

Afinal, quem são?

— Nunca hás de saber — disse Kat, apontando a pistola à orelha dele.

Os seus olhos aumentaram desmedidamente de tamanho quando a arma disparou, rebentando-lhe metade do rosto.

Aquela brutalidade repentina fez Lisa encolher-se com os ouvidos a retinir da detonação.

— Isto é pela Amy — murmurou ferozmente Kat, atirando depois a pistola pela janela.

20h15

WASHINGTON, DC

Painter sentou-se na cadeira de Kat a esfregar os olhos. O ligeiro aroma a jasmim que pairava no ar já mal se notava. Talvez se tivesse desvanecido por causa de toda a gente que entrava e saía do gabinete, ou, então, ele já não sentia o cheiro. Guardava, contudo, uma impressão de perda, um pressentimento.

— *Estás apenas cansado,* tentou convencer-se a si mesmo.

Jason e Linus continuavam a trabalhar, procurando outras imagens do *Ford.* Painter passara o filme vezes sem conta, observando o vulto indistinto imagem a imagem, mas sabendo que era Lisa.

Era um alívio saber que ela estava viva, mas quanto mais a falta de notícias de Kat e Lisa se prolongava, mais fundo aquela faca gelada se enterrava nas entranhas.

Obrigou-se a olhar mais uma vez para o mapa da Carolina do Sul e partes da Carolina do Norte e da Geórgia projetado na tela. As áreas a carmesim pertenciam à família Gant.

O que constituía um grande desafio.

A família Gant chegara à costa das Carolinas um século antes da fundação do país, instalando-se na cidade de Charles Town, que veio a chamar-se mais tarde Charleston. A riqueza e o poder dos Gant aumentaram rapidamente com o apoio financeiro das ligações que a família mantinha em França e Inglaterra. E a sua influência também cresceu, englobando universidades, governos, instituições militares e círculos bancários.

Grande parte dessa fortuna foi investida em *terrenos*.

No princípio do século, dizia-se que os Gant podiam ir a cavalo de uma ponta do estado à outra — das praias de Charleston às montanhas Blue Ridge — sem pisar propriedade alheia.

E, hoje em dia, os Gant podiam conduzir uma manada de gado através do estado e reafirmarem a mesma pretensão.

Painter esfregou as têmporas, impressionado pelo poder e riqueza que se opunha ao seu pequeno grupo. Como podiam enfrentar com sucesso uma força tão solidamente estabelecida? E se o inimigo descobrisse que a Sigma ainda estava secretamente a investigá-los, qual seria a reação?

Sabia a resposta. No ano 146 a.C., Roma tinha destruído Cartago, pilhando a cidade, incendiando-a, escravizando os sobreviventes e salgando a terra para se certificar de que nada voltaria a crescer.

Painter esperava algo pior do que isso.

— Diretor — disse Jason Carter, reaparecendo à porta do gabinete. — Pediu-me para o avisar quando acabasse aquele projeto especial.

— Já terminaste?

— Está no computador. Mas talvez seja melhor eu mostrar-lhe.

Painter levantou-se para ceder o lugar ao analista-chefe de Kat. O jovem sentou-se diante do computador e fez surgir a árvore genealógica dos Gant, Painter tinha-lhe pedido uma versão mais pormenorizada segundo os seus parâmetros específicos.

Desde o princípio que algo o incomodava acerca da árvore genealógica daquela família, a impressão de que um pormenor vital estava a escapar-lhe. Começou a suspeitar de que havia um problema, mas não sabia o que significava. A única forma de ter a certeza era não excluir nenhum pormenor.

Queria o quadro completo, e pediu a Jason para o compor.

— Aqui está a linhagem que elaborou — disse Jason.

Com um clique do rato, o esquema tridimensional dos Gant apareceu na tela. A progenitura e os laços familiares formavam uma monumental tapeçaria ao longo de dois séculos, até a fundação dos Estados Unidos.

Era difícil encontrar arquivos dignos de confiança antes dessa data.

Mas, aparentemente, Jason não tivera dificuldades.

— OK, diretor, sei o que me pediu, mas tomei a liberdade de recuar um século, para ser mais minucioso.

Tenho de clonar este miúdo.

— E conseguiste ampliar a busca para os lados? — perguntou, aproximando-se.

Painter passara horas a estudar aquele gráfico, acabando finalmente por entender o que o incomodava. Certas gavinhas indicavam elos da família entrelaçados na matriz genealógica principal — primos distantes que voltavam a casar no seio da família. Para gente rica, o acasalamento de poder e sangue entre aristocratas não era invulgar.

Mas esse fios soltos na tapeçaria dos Gant incomodavam-no porque, mesmo para uma dinastia tão opulenta, parecia haver demasiados. Painter não resistiu e quis seguir esses fios para ver o que podiam revelar.

Pedira a Jason para ampliar a busca genealógica até aos ramos secundários da árvore de família e seguir todos os fios soltos. Instruíra-o igualmente para procurar ligações novas, especialmente elos de família que se extraviavam do redil, e ir mais longe do que primos meramente distantes, antes de voltarem de novo ao seio dos Gant.

— Mostra-me — ordenou Painter.

— Prepare-se. O gráfico é vasto. Não aparecem nomes individuais, somente

datas.

— Vá lá.

Jason bateu numas teclas e a matriz original que Painter elaborara ficou reduzida ao tamanho de um punho. Os nomes desapareceram e transformaram-se em nodos, estrelas numa galáxia. E, à sua volta, surgiu uma corona indistinta de novos pontos e linhas finas cintilantes que rodeavam e, contudo, incorporavam o todo.

Painter passou ao de leve as pontas dos dedos pelas espirais desta galáxia.

— Todas estas extensões assinalam onde um ramo da família se separou dos outros...

— Para acabarem por regressar novamente — confirmou Jason. — O afastamento médio é de duas gerações, mas algumas destas linhas separaram-se durante cinco ou seis gerações. Os parentes pródigos que voltaram para a família foram dezassete ou dezoito primos.

— Como traças à volta de uma lâmpada — disse Painter. — A esvoaçarem para fugir e, depois, a mergulharem de novo. Vezes sem conta.

— Posso provavelmente confirmar que isso é excessivo — disse Jason, encolhendo os ombros. — Mesmo para uma família como os Gant. Mas vai levar tempo. No entanto, não tenho a certeza quanto ao seu significado.

Painter também não, mas a sua respiração tornou-se mais pesada, balançando à beira do abismo com a adrenalina a correr-lhe nas veias.

Algo...

Os seus olhos permaneceram colados à tela quando a matriz começou lentamente a girar. Sentiu que havia qualquer coisa escondida no interior daquela nuvem obscura nas margens da árvore genealógica. Só precisava de uma chave para a abrir.

O que estava a escapar-lhe?

30

3 DE JULHO, 4H16, GST

AO LARGO DE DUBAI

Gray avançou com água pelo peito para a entrada de Burj Abaadi enquanto os outros esperavam nas escadas, prontos a fugir das águas revoltas.

Do outro lado da parede envidraçada, Utopia afundava-se lentamente.

Luzes de emergência, a funcionar com baterias, ainda brilhavam em alguns dos edifícios. De outro modo, a ilha estava às escuras. Ondas pretas varriam o parque, rebentando contra os degraus da torre. Destroços perigosos flutuavam à deriva por toda a parte: vigas de madeira, caixotes do lixo de plástico e até mesmo uma palmeira ainda plantada num vaso. As correntes eram igualmente arriscadas.

Gray imaginou toda a plataforma a afundar-se e a esmagar com o seu peso as colunas que a suportavam. Durante o tempo que Gray demorou para atravessar o hall, a água subiu mais uns trinta centímetros. Tinham de arranjar maneira de fugir da torre antes que o declive da ilha aumentasse ou, pior ainda, que a plataforma inteira se inclinasse e derrubasse os edifícios como se fosse uma bandeja cheia de copos.

Não sabia se Jack Kirkland tinha sobrevivido ao fogo de artifício que rebentara com a parte de baixo da plataforma e ainda estava vivo. Gray ativara o sinal luminoso que Jack lhe tinha dado e deixara-o com Kowalski.

Mas Gray não contava apenas com a *esperança* e mantinha os olhos fixos no seu objetivo que se encontrava do outro lado do parque.

De momento, o tejadilho do *Hummer* amarelo — atrás do qual se tinham escondido — ainda estava acima do nível da água, mas o alvo de Gray não era esse. Não iam sair da ilha de *carro*.

Para lá do veículo, balouçava o barco a jato de cor idêntica. A água que subia tinha-o levantado do reboque. As correias continuavam a mantê-lo no mesmo lugar, mas o barco não fora convenientemente amarrado.

Gray tinha uma adaga presa ao pulso, pronta para soltar o barco.

Esperava conseguir ligar o motor, mas, não sendo possível, pelo menos flutuava. Preferia isso a agarrar-se a um destroço e depender das correntes e marés.

Abrir uma das portas duplas meio submersas da torre exigiu bastante esforço, mas, por fim, conseguiu vencer a resistência da água e abri-la o suficiente para sair.

As correntes só não o arrastaram dos degraus que conduziam ao parque porque se agarrara com toda a força ao puxador da porta.

Um grito fê-lo virar-se.

Olhou para o hall.

Seichan e os outros encontravam-se nas escadas porque a água, que parecia estar a subir mais depressa, continuava a persegui-los pelos degraus em espiral.

Seichan apontou com o braço para a cidade.

— Luzes! — gritou. — Estão a vir para aqui!

Três luzes desciam a larga avenida central que se estendia ao longo de uma das pontas da estrela e aproximavam-se velozmente de Burj Abaadi.

Avançavam em ziguezague, movendo-se para a frente e para trás.

Lanchas.

Gray acreditava que se tratasse de uma operação de socorro. *Não nesta ilha, não com quem mandava realmente aqui.* Era mais provável que fosse um contingente da frota que patrulhava o mar à volta da ilha. Alguém devia tê-lo enviado para se certificar de que não havia sobreviventes do assalto ao laboratório clandestino.

— Escondam-se! — gritou ele a Seichan. — Continuem a subir as escadas!

Seichan apressou-se a acenar ao grupo para avançar mais depressa.

Apercebendo-se de que não havia tempo a perder, Gray lançou-se para a água, nadando na direção do barco amarelo. A corrente puxava-o, arrastando o seu corpo de um lado para o outro, mas, uma vez afastado da ação das ondas que se abatiam contra as paredes da torre, a força das correntes diminuiu. Levantou a cabeça, avistou o barco amarelo e recomeçou a nadar com mais vigor.

O pior eram os obstáculos submersos. A dada altura, as suas pernas ficaram emaranhadas nos ramos de uma árvore e teve de se debater para conseguir soltar-se.

Durante todo esse tempo, manteve-se atento aos barcos que se aproximavam ao longo de todo o percurso.

Percebeu que não alcançaria o *Hummer* antes de a patrulha chegar à torre, mas a água era escura e havia uma data de destroços. Se tivesse cuidado, talvez não o vissem. Esperaria até eles se irem embora para soltar o barco e ir buscar os seus companheiros.

Era pelo menos esse o seu plano antes de foguetões luminosos, lançados das lanchas, estriarem o céu e rebentarem por cima do parque inundado. Parecia que novas estrelas tinham nascido lá no alto, pairando, flamejando e transformando a noite num infernal crepúsculo.

Gray procurou esconder-se antes que as lanchas chegassem. Viu um contentor de madeira comprido a flutuar a dez metros, rodopiando lentamente num remoinho, que oferecia abrigo.

Nadou na sua direção.

O ruído dos motores das lanchas aumentou de volume.

Agarrou-se à caixa para recuperar fôlego. Viu as lanchas saírem da avenida submersa e entrarem no parque, separando-se a partir dali.

Com o inimigo disperso, tinha de ter mais cuidado. Agarrou-se à borda do contentor e arrastou-o com ele, tentando passar despercebido no meio dos destroços.

Dois dos barcos avançaram para ele, um de cada lado — não de propósito, mas para azar dele. Mergulhou para se esconder debaixo da caixa. Tateou às cegas tentando encontrar algo onde se agarrar até as lanchas passarem.

Mas a caixa não tinha fundo, estava simplesmente virada ao contrário.

Ao enfiar a cabeça lá dentro, apercebeu-se da existência de uma bolsa de ar e respirou profundamente na escuridão. Os seus dedos, entretanto, descobriram que o forro interior era macio e acolchoado.

E, de repente, percebeu onde se escondera.

Pensou no caixão que tinha transportado Amanda nas traseiras de uma van. Devia ter sido levado pela corrente, que lhe arrancara a tampa e o virara ao contrário.

Os faróis das lanchas iluminaram repentinamente a água de ambos os lados.

Depois de se irem embora, Gray continuou a sua travessia no parque, escondido por baixo do caixão. Não sabia se este modo de transporte lhe daria sorte ou era um mau presságio, mas continuou a flutuar lentamente em direção ao barco amarelo. Esperava que as lanchas já tivessem partido quando lá chegasse.

Após outro meio minuto de silêncio, Gray decidiu arriscar e sair de baixo do caixão para verificar a que distância estava.

Ao emergir, um som agudo fê-lo virar-se. Olhou para o Burj Abaadi. As três lanchas estavam diante da entrada e um rasto de fumo saído do meio atravessou a noite tingida de sangue e embateu contra a fachada de vidro.

A explosão de uma granada rebentou com o hall. Uma chuvada de estilhaços de vidros caiu do alto como centenas de guilhotinas a cintilar, abrindo um enorme buraco.

Um par de motores rugiu e duas das lanchas entraram por essa abertura no hall às escuras. Uma vez lá dentro, outra labareda explodiu como um sol vermelho.

Gray esperava que os outros se tivessem escondido e que a patrulha voltasse a sair da torre.

Entretanto, tinha a sua própria missão para cumprir.

Um estranho tremor percorreu a água quando ele estava prestes a afastar-se. A vibração fez estremecer a superfície.

E, com um ruído surdo, tudo à volta começou a afundar-se. Os arranha-céus foram os primeiros a ser tragados, um andar de cada vez, e a copa das árvores

desapareceu sob as vagas. Formavam-se bolhas de ar à superfície da água, o último suspiro de Utopia.

À medida que Burj Abaadi submergia, o enorme buraco na fachada diminuía formando um arco. Uma única lancha conseguiu sair, com os ocupantes agachados para não serem dilacerados pelos vidros partidos, enquanto a segunda, encurralada no interior, andava aos círculos sem conseguir passar.

Os homens da lancha no exterior tentaram alargar a abertura com outra granada, mas demoraram tanto tempo que, quando finalmente estavam preparados, o hall tinha-se afundado.

Aproveitando-se da distração, Gray pôs-se novamente a nadar.

O *Hummer* e o barco amarelo estavam completamente submersos. Ao chegar ao lugar onde se tinham afundado, Gray respirou fundo e, com um golpe de pernas, mergulhou. Lá em baixo só havia escuridão.

Gray fez um esforço para alcançar o fundo.

4h33

Seichan subiu mais alto.

Depois de engolir a escada em espiral por baixo deles, a inundação perseguia-os. Mas não era tudo. Uns andares abaixo, sombras escuras tinham-nos obrigado a fugir à luz de lâmpadas de emergência. E a tripulação encurralada da lancha de patrulha imitara-os, procurando chegar a lugares mais altos.

Seichan queria manter três andares de distância entre a sua equipe e a água antes de tentar escapar pelas janelas.

Mas tinha outro problema. Sem eletricidade, os andares da torre já não rodavam e permaneciam imóveis num confuso saca-rolhas. Andares sobressaíam em todas as direções e a estonteante espiral das escadas deixava-a desorientada. Já não sabia em que lado do edifício devia encontrar-se com Gray.

Ouviu-se uma detonação em baixo.

Seichan ficou furiosa.

Era a patrulha.

Primeiro, *em que é que os filhos da mãe podiam acertar?*

Segundo, *vão-se foder, muito obrigada.*

Mas se queriam brincar a esse jogo, ela não se importava de eliminar alguns.

— Faz alguma coisa, Kowalski!

— Como queiras.

Ainda carregava Amanda sobre o ombro, mas levou a mão ao bolso enquanto corria. Deixou as esferas explosivas cair por entre os dedos como migalhas de pão nos degraus.

Ela olhou e ficou à espera que os vultos chegassem às escadas.

— Agora! — gritou-lhe.

Kowalski premiu o botão do transcetor, ativando as últimas esferas C-4 que possuía. A explosão liquidou o homem que vinha à frente e os outros recuaram.

Desculpem, rapazes. Foram vocês que começaram esta guerra.

Seichan continuou aquela louca fuga e, após mais umas voltas, ouviu gritos.

A gritaria permitiu-lhe calcular a que distância estava a água. Ou o seu nível subia mais depressa ou o avanço dos perseguidores abrandava.

Qualquer que fosse o caso, estavam a perder esta corrida.

— Sobe para o andar seguinte — gritou a Tucker. — E descobre o caminho mais curto até às janelas.

Ao chegar, Seichan seguiu a correr o tratador e o cão com uma prece silenciosa nos lábios. Tucker ou por um corredor comprido.

— Por aqui! — avisou ele. — Há uma varanda no fundo!

— Arrebente a fechadura! — disse ela.

Todos os segundos eram preciosos.

Seichan começou a correr, seguida por Kowalski. Para seu crédito, o homem, mesmo carregado com Amanda, portou-se à altura. Era um autêntico burro de carga.

Ao chegarem, Tucker abriu a porta de vidro. Todos fugiram para a varanda.

Seichan aproximou-se do corrimão. A água revolvia um andar mais abaixo. Se tivessem de saltar, ela receava duas coisas. Teriam de cair suficientemente longe para não serem apanhados pela corrente provocada pela queda da torre e arrastados para o fundo. E, mesmo que se livrassem desse perigo, estas águas tinham tubarões.

Uma lancha de patrulha apareceu à direita, a pouca distância do parque.

As suas braçadas chamariam certamente a atenção e nunca conseguiriam escapar dela a nado.

Seichan fitou a cidade que se afundava.

Onde está você, Gray?

4h35

Vá lá...

Quase sem fôlego, Gray cortou às cegas a corda de *nylon* com a faca.

Demorara muito tempo a encontrar o barco suspenso na escuridão e ainda amarrado ao reboque.

Já tinha cortado as correias na proa, que se levantou logo em direção à superfície, mas o barco, preso na popa, pendia na vertical. A pressão nos ouvidos aumentava à medida que a ilha se afundava, arrastando-o, a si e ao barco, para mais longe.

Continuou a serrar obstinadamente.

Teimoso de merda...

Uma luz acendeu-se por cima da sua cabeça, iluminando a água. E uma sombra escura surgiu à superfície, delineada pelo clarão dos seus próprios faróis e acompanhada pelo ronronar dos motores.

Apesar da dor lancinante que lhe queimava os pulmões, Gray aguardou.

Cortou a última corda quando a sombra se encontrava diretamente por cima dele e, finalmente solto, o barco a jato foi propulsionado para fora de água como um torpedo.

4h36

Seichan viu a lancha aproximar-se e chegar a cinquenta metros da torre. Um membro da tripulação gritou enquanto outro apontava uma espingarda. Tinham-nos visto. Uma detonação ecoou na água e a bala ricocheteou no corrimão da varanda.

Seichan baixou-se.

Ela e os outros estavam demasiado expostos, mas onde podiam refugiar-se? As águas que rugiam à volta da torre apenas prometiam que eles se afogariam depressa.

Disparou ao calhas contra o barco e, então, um monstro antidiluviano emergiu do mar e abalroou a embarcação, fendendo o casco e atirando a tripulação à água.

Era o barco a jato amarelo.

Gray surgiu de pistola em punho e disparou contra os homens que chapinhavam na água, abatendo três. O quarto já flutuava de rosto para baixo. Perto, a lancha com o casco arrombado afundava-se lentamente.

— Gray! chamou Seichan aos gritos, acenando um braço.

Ele virou-se para ela no preciso momento em que uma segunda lancha, atraída pelos tiros, contornava a torre.

Todos se atiraram para o chão, mas Seichan sabia que eles não eram o alvo dos assaltantes.

Foge, Gray!

4h37

Gray saltou por cima da amurada do barco e estendeu-se no convés. A segunda lancha contornou Burj Abaadi aos tiros, estilhaçando o mármore da varanda.

Os companheiros dela baixaram-se, exceto um.

Quando a lancha passou debaixo da varanda, *Kane* saltou por cima do corrimão e caiu no meio dos quatro tripulantes.

Foi como se uma granada tivesse sido atirada para dentro da embarcação.

Um homem atirou-se borda fora e foi tragado pela corrente. *Kane* abocanhou a garganta de outro. E o piloto, em pânico, chocou a toda a velocidade contra uma palmeira à tona.

O barco bateu no tronco, foi pelos ares e virou-se ao contrário antes de cair com força na água.

Segundos mais tarde, viam-se corpos a flutuar, sem vida ou inconscientes.

E o único sobrevivente mostrou as suas habilidades, nadando à cão.

Antes da mortal colisão, um estridente assobio de Tucker tinha feito que *Kane* saltasse do barco com a cauda bem erguida. O cão mergulhara nas águas calmas, mas, agora, a corrente estava a puxá-lo para o remoinho que se formara na base da torre. *Kane* debateu-se, mas o colete que vestia impedia-lhe os movimentos.

Nem pensar.

Gray saltou para a cadeira do capitão e procurou a chave de ignição no porta-luvas. Encontrou-a e ligou o motor. Receou que a água tivesse danificado o motor, mas sabia que os barcos a jato eram construídos para resistir a tais abusos. E, como esperava, depois de umas tossidelas meio fanhosas e uma cuspidela das turbinas da popa, o motor rosnou lascivamente.

Lançou-se para onde se encontrava *Kane*.

Aguenta.

Deslizando ao lado do cão, Gray agarrou-o pelo colete. Esforçou-se por meter o animal de trinta quilos, e encharcado, dentro do barco.

Percebendo que precisaria dos dois braços, largou o volante. À deriva, o barco aproximou-se perigosamente da torre. As águas revoltas rugiam furiosamente e a corrente subterrânea arrastava tudo para o fundo.

Por fim, conseguiu içar *Kane* para o barco. O pastor-belga sacudiu o pelo com a cauda a abanar e deu-lhe vários encontrões afetuosos.

— Obrigado! — agradeceu-lhe Tucker.

— E, então, nós? — queixou-se Kowalski.

Por esta altura, a varanda já estava meio inundada e os três companheiros de Gray seguravam-se ao corrimão.

Gray manobrou o barco de modo a estabilizá-lo junto deles. Saltaram por cima da varanda e entraram a bordo. Tucker ajudou Kowalski a transportar Amanda, que teve suficiente força para levantar um braço e dar uma palmada em Kowalski.

— Quieta! — exclamou Kowalski, afastando o braço. — É assim que me pagas por ter subido dez andares contigo às costas.

Depois de toda a gente se instalar, Gray afastou-se de Burj Abaadi.

O barco a jato só tinha quatro lugares. Com seis a bordo, contando com *Kane,* avançava com lentidão.

Mas, pelo menos, estavam a flutuar.

O mesmo não se podia dizer de Utopia.

Como a corrente arrastava o barco para o porto, Gray tentou resistir — mas a situação tornou-se ainda pior.

Que raio estava a suceder?

— Pierce! — berrou Kowalski, fazendo-lhe sinal para olhar para cima.

Esticou o pescoço e apanhou um susto.

A torre Burj Abaadi estava precariamente inclinada sobre o barco.

Gray olhou à volta. Todos os edifícios da ilha estavam inclinados na mesma direção, como se estivessem vergados por forte vento.

Que raio de coisa...

— A ilha está caindo — confirmou Seichan.

Gray acelerou, imaginando a ilha a virar-se.

Tinham de fugir para o mar alto.

Ao longe, uma torre tombou lentamente e derrubou um edifício vizinho.

Mais perto, um forte gemido ecoou através da água. Era o queixume de betão e aço sob tensão. Ninguém duvidou de onde vinha.

E todos os olhos fitaram Burj Abaadi.

4h40

A Torre Eterna não fazia justiça ao seu nome.

A bordo de um possante barco patrulha, Edward testemunhou a lenta destruição da ilha. A quatrocentos metros de distância, Utopia desmoronou-se, rolando de volta ao mar, uma Atlântida moderna. No centro, Burj Abaadi desabou, os andares de cima separavam-se do eixo central como pratos a cair de uma enorme pilha.

Ouvira dizer que as lanchas enviadas para lá tinham desaparecido. As chamadas pelo rádio não obtiveram resposta.

Devia ter sido obra do grupo que atacara o laboratório.

Tinham de tomar medidas drásticas.

Mas só depois de receberem instruções.

Petra aproximou-se com um telefone via satélite nas mãos. O seu olhar prevenia-o de que não eram boas notícias.

Estendeu-lhe o telefone.

Levou-o à orelha e ouviu a voz computorizada.

— A CRIANÇA ESTÁ EM SEGURANÇA?

— Está, sim.

— E A MÃE?

— Morreu.

Tinha certamente de estar morta.

— COORDENE TODAS AS FORÇAS LOCAIS PARA CERCAREM A ILHA E PROCURAREM QUEM ASSALTOU NOSSA BASE.

— E o que fazemos depois de os encontrar?

Deram-lhe instruções específicas.

— PETRA TRATARÁ DO RESTO A PARTIR DAÍ — acrescentou a voz antes de pôr fim à conversa. — SABE O QUE FAZER.

Engoliu em seco, sentindo-se despromovido, mas não ousou protestar.

Afinal, era melhor não saber.

31

3 DE JULHO, 4H44, GST

AO LARGO DA COSTA DE DUBAI

Gray pilotou com rapidez o barco a jato enquanto a ilha se desmoronava à sua volta.

A plataforma, retorcida pela corrente das marés e danificada por baixo pelas colunas parcialmente intactas, quebrava-se em secções mais pequenas. De repente, as peças, sem amarras e pesadas, começaram a cair, derrubando edifícios, torres e andaimes à volta delas.

Gray tentou evitar o pior, acelerando a toda a velocidade.

No entanto, mais torres caíam, paredes abatiam e janelas estilhaçavam.

Destroços flutuantes barravam-lhes o caminho, tornando-se cada vez mais traiçoeiros. Gray ziguezagueava no meio daquilo tudo e o resistente casco de fibra tomava conta do resto.

Tinha de alcançar o mar alto, mas os detritos pareciam trocar-lhe as voltas.

— Gray? — chamou-o Seichan, segurando-se com mais força.

— Estou a ver.

Em frente, a enorme secção transversal da parte superior de uma torre em construção — nada mais do que uma estrutura de ferro — soltara-se e vinha contra eles. Como uma moeda numa máquina de *pachinko,* saltitava e rolava na direção do barco.

Kowalski soltou um palavrão.

Sentimento partilhado por todos.

Não havia maneira de passar por tamanho obstáculo e Gray tinha somente uns segundos para agir.

Procurou a única proteção possível — mas iria ser à tangente.

— Baixem-se todos!

Guinou o barco para a direita, fê-lo rodar cento e oitenta graus e embateu de lado por baixo da varanda que sobressaía de um edifício afundado. A monstruosidade de ferro passou ruidosamente por cima deles aos trambolhões e afastou-se.

— Isso é estacionamento em fila dupla — comentou Kowalski.

Gray acelerou e o barco saiu como uma bala do abrigo improvisado em direção

ao mar alto que cintilava à distância.

Mas até mesmo esse trajeto estava a ficar bloqueado.

Como embriagadas, duas torres residenciais inclinavam-se uma contra a outra. A da direita desmoronava lentamente, deixando cair bocados de cimento e estilhaços de vidro.

— Tenta passar! — disse Seichan.

Gray não tinha outra escolha. Carregou no acelerador, fazendo rugir as turbinas e o barco foi lançado em frente como um foguete, tentando desviar-se daquela barreira de aço, betão e vidro.

— Nem quero ver — disse Kowalski, debruçando-se sobre Amanda.

Seichan agarrou o braço de Gray.

E Tucker colocou-se atrás do assento do capitão.

Só um único membro da tripulação avaliava a situação de maneira diferente.

Kane avançou para a parte da frente do barco, enfiou o focinho por baixo do braço de Seichan, e deu um pulo para cheirar o vento, abanando alegremente a cauda.

Um pouco mais encorajado, Gray crispou os dedos à volta do volante. O

barco a jato soltou um uivo, rasando a superfície da água a mais de sessenta milhas à hora.

Em frente, o edifício parecia desmoronar-se mais depressa, reduzindo o estreito espaço que ainda havia para passar.

Mas Gray já se comprometera.

— Baixem-se! — tornou a gritar.

Os dedos de Seichan fincaram-se no braço dele quando se baixou agarrada a *Kane*.

O barco alcançou a passagem e atravessou por baixo das torres descaídas sob uma chuva de estilhaços de vidro. Por uns instantes, o som de aço retorcido e o ranger de betão ecoaram à volta deles.

Parecia um comboio de carga a descarrilar por cima das suas cabeças.

Mas conseguiram passar, segundos antes de as torres tombarem, levantando uma onda enorme que os empurrou, juntamente com os destroços, para águas mais escuras.

Mas essas águas não eram totalmente *escuras*.

Um cordão de luzes bloqueava o mar ao longo de trezentos metros. Até se via um veleiro com um mastro do tamanho de um iate.

A frota de segurança da ilha estabelecera um bloqueio.

Gray abrandou a velocidade do barco a jato.

— Talvez não nos tenham visto — disse Seichan.

Gray olhou para trás com uma expressão de dúvida. Ao virar-se novamente

para a frente, o seu receio foi confirmado.

Três barcos separaram-se da frota e avançaram para eles.

Deu meia volta e acelerou na direção oposta. Mais luzes de embarcações pairavam igualmente por essas bandas, mas o seu objetivo não era esse. Assim que se encontrou a certa distância, escondeu-se por detrás de uma pilha de madeira que ali flutuava.

— Não creio que isto dê resultado — previu Kowalski.

— Vamos todos desembarcar — ordenou Gray.

— Em que estás a pensar? — perguntou-lhe Seichan, puxando-o por um braço. — Somos mais velozes do que eles.

— Não com todo este peso que levamos — respondeu Gray, falando com rapidez e apontando para o nível de combustível. — Estamos quase vazios. Não temos o suficiente para chegar ao continente.

— Então, o que vamos fazer? — inquiriu Seichan, olhando-o com maior dureza. — Vais tentar despistá-los?

— É melhor para Amanda. Deixo-vos aqui e fujo para que eles me persigam o mais tempo que puder — explicou, apontando, depois, para Kowalski. — Tens o dispositivo de sinalização que Jack Kirkland nos deu.

Talvez ele tenha sobrevivido e possa vir ter contigo. Caso contrário...

— Eu construo um barco — disse Kowalski, lançando um olhar para a pilha de madeira.

— Faz o melhor que puderes — disse Gray.

Os outros descalçaram as botas e tiraram a roupa exterior. Tucker tirou o colete a *Kane* para ficar mais leve.

Deixaram Amanda com a bata do hospital. Começava a despertar da anestesia, mas permanecia meio tonta. Gray receava que ela fosse ter um choque emocional. Detestava deixá-la a flutuar no mar, mas não havia outra solução.

Ajudou Tucker e *Kane* a saltarem. Pelo menos, comparada com o mar alto, a água ali era morna.

— Mantenham a cabeça de Amanda à tona — preveniu-os Gray.

Kane chapinhava ao lado deles.

Virou-se para Seichan, que se mantinha completamente vestida de braços cruzados.

— Não venha comigo — disse, adivinhando a sua intenção.

— Vou, sim.

— É inútil que *ambos* nos sacrifiquemos.

Ela franziu a testa e mirou-o de alto a baixo como se ele tivesse enlouquecido.

— Quem é que disse que vou me sacrificar? Precisamos de uma manobra de diversão para impedir que eles venham meter o nariz aqui.

Estás a ver aquele barco grande? O veleiro?

— Estou.

— Já é hora de invertermos a situação — disse Seichan, arqueando uma sobrancelha. — É a nossa vez de fazermos de piratas.

4h58

Tucker já não suportava o zunido do barco a jato. Assistira ao princípio da perseguição, vira-os virar para o lado levando as três lanchas atrás deles ao longo da frente do bloqueio.

Esperava que o plano desse resultado, mas, entretanto, tinha de manter Amanda em segurança. Depois de a tirar da mesa de operações, sentia-se mais responsável por ela — sobretudo porque, com a pressa de fugir, tinha abandonado o recém-nascido.

Devia tê-la examinado com mais cuidado.

Não podia fazer nada para corrigir o erro, exceto protegê-la.

Nadou com esse fito para um contentor de lixo que flutuava de lado. A ideia era construir um ninho à volta do esconderijo e esconderem-se no meio dos destroços.

Para leste, o céu já empalidecia com o aparecimento do sol. Queria arranjar uma cobertura melhor antes de o dia nascer.

Não acreditava que tivessem de permanecer escondidos durante muito tempo. Talvez umas duas horas. Uma catástrofe desta dimensão — o desaparecimento de uma ilha inteira — iria atrair o circo dos meios de comunicação globais: inúmeros helicópteros dos canais de televisão, jornalistas e também muita gente curiosa. Só então seria seguro tirar Amanda do esconderijo e procurar uma forma de a ajudar, algo que fosse filmado.

Uma tal exposição a manteria segura.

E atrairia uma larga audiência.

Não havia nada melhor do que sangue no mar para atrair a atenção.

Enquanto arrastava o contentor, viu uma barbatana emergir diante dele. Depois, mais uma. E outra ainda.

Tinha-se esquecido de que o sangue atraía mais do que somente atenção.

Pensou nos tubarões-martelo que tinha visto.

Algo bateu em sua perna.

Largou o contentor e desembainhou a adaga de combate. Tinha deixado a pistola ada na pilha de madeira.

Virou-se, olhando à sua volta, mas a água era escura como breu. Nem sequer se viam as barbatanas.

Foi quando qualquer coisa tocou no seu tornozelo. Esperneou, dando um pontapé numa superfície dura que se elevou debaixo dele, atirando-o para o ar. Segundos mais tarde, a água escorria do casco de vidro do *Ghost.*

A escotilha abriu-se e Jack Kirkland pôs a cabeça de fora. Olhou para a adaga

que Tucker empunhava.

— Tencionavas atacar o meu barco com essa faca? Depois de tudo o que passei para vos salvar a pele?

Tucker voltou a embainhar a arma, com vontade de dar um abraço àquele tipo.

— Experimenta navegar no meio de uma floresta de betão com uma ilha a cair sobre a tua cabeça — disse Jack com um grande sorriso. — Nunca me diverti tanto. Agora, é preciso que entrem a bordo.

Depois de terem entrado, a disposição de Jack tornou-se mais sombria.

Especialmente ao ver o estado de Amanda. Pálida, de lábios azuis e a tremer, estava à beira de uma crise.

Kowalski envolveu-a num cobertor seco. Para um tipo com o seu aspeto, era surpreendentemente meigo. Mas um cobertor estava longe de ser suficiente.

— Precisa de cuidados médicos urgentes — disse Tucker, instalando-a num dos assentos.

Kane sentou-se ao lado dele, encostando-se ao seu joelho.

— Conheço um lugar onde podem tratar dela — disse Jack. — Bem perto daqui. Temos equipamento médico a bordo do *Deep Fathom*.

Podemos chegar lá dentro de uma hora.

Tucker soltou um suspiro grato e aliviado.

Jack voltou a submergir o *Ghost* e partiram.

— Que raio lhe fizeram?

— Não sei — respondeu inexpressivamente Tucker.

E espero nunca o vir a saber.

— E o que é feito dos teus outros amigos?

Tucker olhou através do teto de vidro e admitiu a mesma coisa.

— Não sei.

5h01

— Estamos quase sem combustível — gritou Gray.

Seichan estava sentada ao lado dele com as duas *SIG Sauer* ao colo.

Olhou para ele. Uma ponta de medo brilhava nos seus olhos — não era estúpida — mas parecia estimular ainda mais a sua excitação. Sorriu. O

cabelo esvoaçava ao vento e o decote da blusa revelava-lhe o pescoço esguio.

— Vamos a isto.

Era uma mulher de poucas palavras.

Gray sorriu-lhe, o que tornou o sorriso dela mais intenso, penetrante e intencional, mas a brilhar com uma expressão mais sombria e mais meiga, algo que ele desejava explorar.

Quando tivessem tempo.

Virou o barco a jato na direção do bloqueio. Tinham dado que fazer às três lanchas que os perseguiam, fugindo aos ziguezagues. O casco tinha alguns buracos, mas Seichan abatera o mesmo número de homens.

Provara que, desde que se tinham conhecido pela primeira vez, a sua pontaria continuava excelente. É verdade que nessa altura era uma assassina a soldo da Confraria e disparara contra ele.

Gray apontou o barco para o veleiro de patrulha que tinha trinta metros de comprimento. Confiava que eles não sabiam onde escondera os companheiros. Planeara ir sozinho e esperava ser capturado, talvez mesmo morto.

E isso não mudara.

Mas Seichan propusera outro plano para ganharem alguma coisa com o seu sacrifício. A missão começara como um ato de pirataria e, possivelmente, terminaria com um segundo ato de pirataria.

Metade da pirataria praticada no mundo envolvia derramamento de sangue e destruição.

Pela destruição da ilha e o rasto de corpos que tinham deixado para trás, já tinham superado isso.

A outra metade da pirataria dedicava-se ao roubo de tesouros.

E era isso que iam fazer.

Gray acelerou para o veleiro de frente, manobra que os barcos mais pequenos não esperavam e, por isso, apanhados desprevenidos por aquela ação suicida, demoraram a fechar-lhe a passagem.

E Seichan desencorajou-os ainda mais. Posicionou-se com um joelho apoiado num assento para se equilibrar e estendeu os braços para os lados com uma pistola em cada mão, disparando rajada atrás de rajada para permitir que Gray atravessasse

a linha de defesa do inimigo.

Agora, nada se interpunha entre eles e o barco que chefiava a frota.

Era um veleiro típico de reação rápida, pintado de branco e com uma tripulação de vinte marinheiros. A exemplo da maioria das embarcações de patrulha modernas, tinha uma rampa na popa por onde eram lançadas lanchas ao mar.

O alvo era esse.

A rampa encontrava-se vazia pois toda a frota estava concentrada à volta da ilha.

Gray apontou para lá com o combustível que lhe restava e acelerou a fundo.

Marinheiros acorreram à popa com armas automáticas na mão. No convés, um canhão de 25 mm virou-se para eles enquanto um dos marinheiros manipulava um LRAD, instrumento acústico de longa distância que era usado nestas águas contra os piratas como arma não letal.

Era impossível assaltar aquele barco.

Só havia uma maneira.

— Estás pronta? — perguntou-lhe ele.

— De qualquer modo, já não tenho balas — respondeu Seichan.

Gray desligou o motor e, depois, pôs-se ao lado dela com os dedos entrelaçados no alto da cabeça. Seichan atirou teatralmente as pistolas borda fora e colocou-se na mesma posição.

— Nós nos rendemos! — gritou ele.

A corrente, entretanto, tinha empurrado o barco a jato para a popa, onde foram acolhidos com armas apontadas dos dois lados.

Seguiu-se certo alvoroço.

O capitão apareceu no alto da rampa. As suas feições escuras e finas revelavam a sua origem árabe. Estava ladeado por um homem magro de bigode e uma mulher musculosa com um firme carrapito louro.

— De joelhos! — ordenou o capitão de pistola em punho.

Obedeceram.

O capitão latiu uma ordem em árabe e quatro marinheiros puxaram o barco a jato pela rampa acima enquanto outros dois lhes algemavam as mãos atrás das costas.

Só então o capitão e os outros avançaram.

O homem magro aproximou-se de Seichan.

— Seria um espécime perfeito para investigação, não acha, Petra? — comentou com pesado sotaque britânico.

— Tenha cuidado, doutor Blake — disse a loura, atravessando a rampa em direção a Gray. — Essa aí não é para si. Pelo menos, por agora.

— Nem este aqui — acrescentou, fitando Gray. — Julgamos que caçar-te, a ti

ou a um dos teus companheiros, seria mais difícil. O que levanta as minhas suspeitas.

Lançou uma mão ao pescoço dele, agarrando-o pela garganta. Divertida pela surpresa estampada no rosto de Gray, esboçou um pequeno sorriso. A outra mão também se movia com agilidade e uma agulha espetou-se no pescoço dele. Uma sensação de queimadura, como se fosse ácido, espalhou-se por todo o corpo quando ela premiu a seringa.

A dor intensa o fez tossir.

— Não — disse Petra, endireitando-se. — Temos planos especiais para este aqui.

— Que planos? — perguntou Blake, mas a perguntava soava falsa, como se ele não quisesse saber a resposta.

— É um exímio atirador — começou a dizer Petra.

Gray tentou ouvir, mas o ácido queimava-lhe a consciência, o mundo encolhia e a voz dela desaparecia ao longo de um túnel.

— *Daqui a quarenta horas...*

As últimas palavras de Petra perderam-se num murmúrio quando ele tombou de lado, junto de Seichan. A sua visão reduziu-se a um ponto. E, através desse pequenino ori ício, viu Seichan mexer o joelho, desligando a câmara montada no colete abandonado de *Kane* e ocultando o facto de ter estado a gravar a conversa antes de os outros se aperceberem.

Rezou para que alguém estivesse a escutar — alguém *tinha* de estar a escutar.

Esta era a recompensa pirata pela qual tinham corrido tantos riscos.

O tesouro mais valioso do mundo.

Informação.

Ao perder os sentidos, as últimas e perturbadoras palavras seguiram-no ao mergulhar no esquecimento: — *Daqui a quarenta horas, este homem há de assassinar o presidente dos Estados Unidos.*

TERCEIRA PARTE

TERRENO DE CAÇA

32

3 DE JULHO, 13H04, EST

WASHINGTON, DC

Painter aguardava a tempestade.

Encontrava-se no corredor central que atravessava o nível mais baixo do seu *bunker* de comando. Era aqui que a Sigma ocultava o seu maior segredo. Estava à porta de uma sala onde, nas últimas cinco horas, somente um punhado de gente tinha entrado. Sentia os músculos contraídos enquanto se mantinha no seu posto.

Tinha vontade de andar de um lado para o outro a fim de desanuviar a sua ansiedade — necessitava de andar.

Há quase vinte e quatro horas que não tinha notícias de Kat e de Lisa; vira apenas um vídeo de má qualidade filmado pela câmera de um multibanco.

E, desde então, nem uma palavra ou outra imagem.

Aquele mal-estar devorava-lhe as entranhas.

O elevador abriu-se ao fundo do corredor. Os primeiros dois indivíduos que saíram pertenciam aos serviços secretos. Ambos fitaram Painter. Um deles percorreu o corredor e o outro, permanecendo atrás, fez sinal ao presidente Gant para sair.

Dois outros agentes seguiram-no.

— Por aqui, senhor presidente — convidou o general Metcalf que o acompanhava.

O olhar de Gant cruzou-se com o de Painter. Uma nuvem sombria obscurecia a expressão de raiva nos seus olhos, o rubor no rosto e a rigidez dos seus movimentos. Até mesmo os seus passos eram furiosos.

Painter esperava poder falar-lhe antes de levar um murro. E não sabia ao certo se não seria espancado depois. Mas tinha de correr esse risco.

O destino da nação dependia dos próximos minutos.

A imprensa julgava que o presidente tinha um encontro privado com o diretor do Smithsonian. Até mesmo Gant pensava que estava ali a pedido de Metcalf para ouvir Painter suplicar que a Sigma não fosse extinta. E só depois de muita argumentação por parte de Metcalf e de este ter de fazer apelo a vários políticos é que o comandante-chefe lhe concedera cinco minutos.

Gant consultou o relógio ao atravessar o corredor.

Já estava, aparentemente, a cronometrar o tempo.

— Isto é uma visita de cortesia — disse Gant, com o seu sotaque sulista repleto de desdém. — E deve-se à longa e distinta carreira do general.

Estou aqui por esse único motivo e é o *último* gesto de cortesia que terei para consigo.

— Entendido, senhor presidente.

— Diga o que tem a dizer e acabemos com esta conversa — acrescentou Gant, cerrando os punhos.

— E os agentes dos serviços secretos? — disse Painter, virando-se para Metcalf.

— De absoluta confiança — respondeu o general. — Os quatro. Irá precisar deles.

— Precisar deles para quê? — inquiriu Gant, olhando para ambos.

Painter recuou um passo.

— Antes de eu falar, gostaria que visse uma coisa, senhor presidente.

Virando-se, Painter fechou a porta atrás dele. Um dos agentes seguiu-o.

Painter afastou-se e deixou o homem entrar para inspecionar a sala.

Quando saiu, o seu rosto estava mais pálido.

— Tudo OK — disse, afastando-se para o lado.

Painter segurou a porta e fez um aceno de cabeça ao presidente.

Com ar irritado e ajeitando a gravata, Gant entrou na sala.

Painter seguiu-o com outro agente atrás, enquanto os outros ocuparam os seus postos no corredor.

Gant aproximou-se a passos hirtos da cama de hospital. Deteve-se, muito direito à beira da cama e caiu de joelhos, deitando-se sobre o colchão. Os ombros estremeceram e soluços entrecortados dilaceraram-lhe o corpo.

Se Painter ainda tinha dúvidas quanto à autenticidade deste homem, deixou de as ter naquele momento.

— A minha querida filha... — soluçou. — Está viva!

Amanda Gant-Bennett estava tranquilamente deitada, ainda sob o efeito de um sedativo ligeiro. Vestia uma camisa de dormir azul, florida, do hospital. Fluidos intravenosos, juntamente com dois antibióticos, passavam num tubo central. Equipamento controlava a oxigenação, o ritmo cardíaco e a pressão sanguínea. Tinha uma touca na cabeça e, por baixo, uma ligadura cobria o ori ício por onde a ponta da perfuradora craniana fora habilmente removida por um neurocirurgião. Um tubo de drenagem permanecia lá por causa do tempo que o buraco fora deixado aberto. Tomogra ias computorizadas tinham revelado que a perfuradora penetrara o *sinus sagital* superior através do osso frontal, mas o córtex cerebral permanecia intacto. Um trauma secundário provocara um minúsculo hematoma subdural, mas parecia estar a curar-se por si.

Com repouso e tempo, deveria recuperar totalmente.

Duas outras pessoas encontravam-se na sala: o neurocirurgião de Amanda e Tucker Wayne. Nenhum deles saíra do lado dela desde que a jovem chegara há cinco horas. O seu percurso até aos Estados Unidos fora complicado. Jack Kirkland transportara-a para o *Deep Fathom* onde o pessoal médico a bordo a estabilizara a caminho de Abu Dhabi. Quando chegaram, Painter pedira a assistência de alguém em quem confiava e tinha influência naquela região: a baronesa do petróleo, Lady Klara Kensington, que pusera imediatamente à sua disposição o avião privado de uma companhia enquanto Painter preparava documentos falsos.

Ninguém exterior ao círculo de Painter sabia que Amanda ainda estava viva.

Até agora.

— Como? — perguntou Gant, virando-se ainda de joelhos.

Uma só palavra que envolvia tanta coisa.

— Vão ser precisos mais do que cinco minutos — respondeu Painter.

Gant acedeu e o diretor da Sigma contou-lhe tudo. Não omitiu nada, repondo Gant de pé com a sua história. Retiraram-se para um gabinete contíguo à sala pois o pai recusava estar mais longe do que uns meros passos da filha.

Quando lhe disse como Amanda fora salva, Gant apertou a mão de Tucker.

— Obrigado, meu filho.

— Foi uma honra, senhor presidente — disse Tucker com um aceno de cabeça.

— Gostaria de conhecer esse seu cão um dia destes.

— Tenho a certeza de que poderemos combinar um encontro.

Painter mencionara os acontecimentos principais da história de Amanda. Tudo o que restava eram perguntas que ele não podia completamente responder.

— Mas continuo sem perceber — disse Gant. — Porque queriam o meu neto?

— Ainda estamos a tentar descobrir. Amanda teve uns momentos de lucidez e consegui fazer-lhe algumas perguntas.

— Conte-me o que sabe — pediu Gant.

Demasiado abalado para se manter de pé, o presidente estava sentado numa pequena secretária do gabinete médico.

Painter permanecia de pé.

— A sua ilha recebeu uma encomenda pelo correio de origem desconhecida. Lá dentro havia passaportes falsos e uma carta a avisá-la para fugir porque o ilho dela corria perigo. Também havia outros papéis, certificados médicos, faxes e relatórios provenientes de laboratórios. O suficiente para convencer a sua ilha a fugir para proteger o bebê. A carta insistia igualmente para que ela não avisasse a família nem confiasse em ninguém.

— Mas por quê? — insistiu Gant.

A sua expressão era uma mistura de incredulidade e receio, mas também se

notava a raiva prestes a estourar.

— Houve alguém que quis apoderar-se da criança. Creio que o seu neto é o resultado de uma experiência genética. Um projeto global de investigação que dura há décadas, senão mais, e envolve tráfico de seres humanos.

— De que gênero de experiência está falando? — perguntou o presidente sem poder acreditar no que ouvia.

— Não tenho certeza. Algo a ver com o DNA, segundo o que Amanda ouviu. Uma proteína biologicamente manipulada foi inserida na estrutura genética do bebê. E talvez seja a primeira criança em que isso foi bem-sucedido.

— Mas qual é o objetivo final dessa gente? — insistiu Gant, abanando a cabeça. — O que querem do meu neto?

Painter guardou a parte pior para o fim.

— Amanda pensa que o plano deles é usar o seu neto para fazer experiências... mantê-lo vivo... ou pelo menos os seus tecidos... e examiná-lo mais pormenorizadamente.

Horrorizado, Gant levantou-se de um pulo.

— O quê?... Como... — gaguejou. — Quem são esses filhos da mãe?

No momento em que Painter se preparava para responder, uma questão mais urgente veio-lhe à cabeça.

Onde estariam?

13h42

Montanhas Blue Ridge

O estetoscópio foi suavemente levantado do peito frágil do recém-nascido. O coração da criança podia ser visto a bater debilmente contra a caixa torácica. A sua pele tinha um tom ligeiramente cianótico que indicava insuficiente oxigenação.

O doutor Edward Blake anunciou o seu veredito a Petra.

— Está definhando. Abaixo do peso médio e prematuro. Não vai crescer muito. Ou talvez a tensão do transporte até aqui tenha sobrecarregado o seu organismo.

O olhar e os lábios firmemente cerrados revelaram a desilusão de Petra. O bem-estar da criança preocupava-a, já tinham perdido muitas.

Depois de todos os sarilhos por que tinham passado na Somália e em Dubai, ambos mereciam ter sucesso aqui.

Sempre que a criança respirava, a esperança esmorecia.

No interior de uma incubadora aquecida e aninhado em cobertores, o bebê não se mexia. Um tubo nasal fornecia-lhe oxigênio e um tubo gástrico permitia a administração de alimentos líquidos. A oxigenação, o coração, o ritmo respiratório, a pressão arterial e a temperatura eram rigorosamente controlados.

— Talvez tenhamos de inserir um cateter central de inserção periférica e mudar para ventilação com pressão positiva por causa da respiração fraca — acrescentou Blake, abanando a cabeça. — Ou intubá-lo e ventilá-lo.

Tinha de arranjar maneira de estabilizar a criança. A última sequência de DNA mostrava uma perda significativa de ácido nucleico peptídico. As complexas substâncias da tripla hélice nos tecidos vitais estavam a decompor-se.

E o mais embaraçoso é que Blake não sabia porquê.

Uma explicação possível era que o corpo da criança rejeitava a estranha proteína que dava origem a essa terceira hélice. E, por isso, o bebê adoecia e estava a morrer aos poucos.

A outra possibilidade era que o menino se encontrava naquelas condições por estar demasiado magro e pouco desenvolvido, e que o *stress* a que estava sujeito desencadeara uma decomposição metabólica secundária da terceira hélice.

— A galinha ou o ovo? — perguntou ele ao bebê.

A decomposição da hélice provocou o enfraquecimento do teu corpo?

Ou foi o teu corpo enfraquecido que fez a hélice decompor-se?

O mais provável era que fosse a combinação de ambas as coisas, o que causava um efeito em cascata.

Independentemente de ser verdade ou não, tanto ele como Petra estavam

metidos num sarilho. A organização para que trabalhavam não recompensava o fracasso e raramente o tolerava.

Blake olhou à volta da pequena enfermaria sem janelas que lhes fora atribuída neste complexo bem guardado. Presentemente, estas novas instalações não eram adequadas ao que tinham de fazer. O trabalho da Casa, aqui, era sobretudo de natureza militar e nada tinha que ver com as excelentes condições oferecidas pelo laboratório em Utopia.

Esta enfermaria era o seu refúgio temporário e local de trabalho. A evacuação de Utopia fora inesperada e feita à pressa, sem lhes dar tempo para se prepararem. Os contentores ainda não tinham sido desembalados e uma ala inteira aguardava a instalação de um novo laboratório genômico.

Blake podia recomeçar a sua investigação ali, mas iria levar tempo.

Tempo que a criança não tinha.

Voltou a olhar para a incubadora.

A desestabilização do bebê tornou-se evidente a caminho de Dubai.

Blake encomendara o que precisava para cuidados neonatais urgentes e pedira que fosse entregue ali. Mas, à medida que o estado da criança declinava, ele viu-se obrigado a encarar a triste realidade. Arranjar equipamento era uma coisa, mas encontrar pessoal médico qualificado e pontual era outra. Especialmente após o trilho de ruína deixado no Médio Oriente e na Carolina do Sul. Tinham perdido vários colegas importantes em ambos os lugares.

Já se estava a pensar contratar pessoal localmente.

Mas a altura era crítica.

Para executar o mais simples dos processos propostos requeria o mínimo de pessoal qualificado a trabalhar vinte e quatro horas por dia.

— Precisamos de mais gente — concluiu. — Capaz e qualificada. Nesta altura, estou disposto a contratar mais uma pessoa, desde que tenha suficiente talento.

Consciente de tal necessidade, Petra acenou a cabeça.

— Vou dar um telefonema. Pode ser que já tenhamos o que precisamos.

13h45

A doutora Lisa Cummings andava nervosamente de um lado para o outro na cela. Não tocara no almoço servido num pequeno tabuleiro. Uma sanduíche de peru e um pacote de *Doritos*. Havia qualquer coisa de obsceno na vulgaridade da refeição. Olhou à sua volta.

A dor que sentia no tornozelo torcido mantinha-a concentrada.

As paredes eram de plástico branco e a porta era de polímero de vidro, com moldura de aço. Encostara o rosto ao vidro para tentar ver tanto quanto podia, mas tudo o que viu foi um corredor com celas semelhantes, todas aparentemente vazias.

Onde estaria Kat?

A preocupação devorava-a e alimentava o seu nervosismo.

A cela tinha poucas comodidades: uma cama com colchão de espuma e uma bancada de aço inoxidável com um lavatório. O único luxo era um televisor de ecrã plano incrustado na parede. Mas Lisa tinha a impressão de que alguém a espreitava através desse ecrã.

Ou talvez fosse uma paranoia motivada pelos efeitos secundários dos medicamentos.

Depois de terem sido surpreendidas na noite anterior pelo helicóptero, quatro homens fardados desceram por cabos e amarraram-nas, injetando-as intramuscularmente com um sedativo. Pela dor aguda nos olhos e entorpecimento dos músculos da perna, achava que lhe tinham dado um analgésico do gênero da cetamina.

A dada altura, ao longo da viagem, recuperara a consciência. Apesar de meio tonta, apercebera-se de que se encontrava no banco de trás de um *Ford Explorer*. Kat estava estendida ao lado dela, de olhos revirados e a ressonar ligeiramente. Lisa sentia-se demasiado fraca para se mexer, mas viu vales arborizados e montes altos, o que sugeria que se encontravam num terreno montanhoso.

Pensou que podiam ser as montanhas Blue Ridge, mas não estava certa.

Tinha perdido novamente a consciência e suspeitava de que lhe tivessem administrado uma segunda injeção. Duas marcas de agulhas no braço faziam-lhe comichão.

Coçou-se distraidamente através de um tecido fino. Alguém a devia ter despido e vestira-lhe uma camisola de algodão, como as que se usam nos hospitais, mas fechada atrás. Também tinha chinelos nos pés, um sutiã que não era de sua medida e calcinhas. A roupa estava limpa, mas não era nova. Alguém a tinha usado antes e isso a deixara ainda mais nervosa.

O que acontecera aos outros?

Ouviu um forte zumbido vindo do televisor. A imagem de uma pequena enfermaria surgiu na tela. Duas figuras de batas esterilizadas atravessaram a cena. Pareciam estar a trabalhar numa unidade de cuidados intensivos neonatais.

Ouviu-se uma voz distorcida por computador, monótona e desarticulada.

— DOUTORA LISA CUMMINGS, FOMOS INFORMADOS DE QUE É FORMADA EM MEDICINA E TEM DOUTORADO EM FISIOLOGIA. CORRETO?

— Sim — respondeu hesitantemente, incapaz de pensar num bom motivo para mentir.

Sabiam claramente quem ela era, como se puxassem os seus dados pessoais baseando-se nas suas impressões digitais.

— AQUI, A UTILIDADE É UMA VIRTUDE — continuou a voz. — TODOS TÊM DE TER UM OBJETIVO. COM ESSA FINALIDADE, GOSTARÍAMOS QUE NOS AJUDASSE A DIAGNOSTICAR E TRATAR UM RECÉM-NASCIDO. TEMOS ATUALMENTE FALTA DE PESSOAL, EM PARTICULAR, MÉDICOS QUALIFICADOS.

Lisa refletiu e chegou a uma conclusão.

— Por que haveria de ajudar?

— SE SALVAR A VIDA DE UMA CRIANÇA NÃO É SUFICIENTE, TALVEZ A VIDA DE UMA AMIGA O SEJA.

A imagem foi substituída por uma cela igual à sua — a única diferença era as paredes pintadas de vermelho-escuro. Era como olhar por uma janela para uma cela vizinha. A mulher sentada na cama pôs-se em pé e avançou, colocando uma mão sobre a tela.

Lisa também pousou a sua lá, dedo contra dedo, e imaginou que o calor do sistema eletrônico vinha da palma da mão da sua melhor amiga.

— Kat...

— Você está bem, Lisa?

A ligação foi cortada e a tela escureceu.

— A SUA AMIGA PAGARÁ POR QUALQUER FALHA OU DESOBEDIÊNCIA DE SUA PARTE — voltou a voz a falar. — SE NOS PROVAR SUA BOA VONTADE, AMBAS CONTINUARÃO VIVAS.

Ela engoliu em seco, sentindo subitamente um arrepio.

— O que quer que eu faça?

A fechadura eletrônica da porta abriu-se ruidosamente.

— VIRE À DIREITA E VÁ ATÉ O FUNDO DO CORREDOR.

A tela voltou a escurecer.

Lisa hesitou uns segundos, mas sabia que não tinha escolha. A sua cooperação compraria mais tempo — *tempo* para encontrar uma maneira de fugir, *tempo* para

Painter as encontrar. Reviu o rosto do namorado, o caracol de cabelo branco atrás da orelha, a inteligência cintilante nos seus olhos — e, acima de tudo, o amor a brilhar na noite sobre uma almofada.

O amor, mais do que o resto, deu-lhe força para se mexer. Empurrou a porta e virou à direita. Havia uma dezena de celas no corredor. Procurou Kat, mas todas pareciam vazias.

— Kat — chamou em voz baixa, caminhando lentamente e virando a cabeça para um lado e para o outro.

Não obteve resposta nem nenhum rosto apareceu colado ao vidro.

Várias celas tinham o colchão enrolado sobre a cama, o que dava a toda aquela secção o aspeto de não ser utilizada, mas igualmente de expectativa, como uma escola interna à espera de ser ocupada no ano seguinte.

Talvez isso fosse causado pelo murmúrio de vozes vindo de mais longe.

Ao chegar ao fundo do corredor, abriu a porta e entrou numa pequena enfermaria, a mesma que vira no monitor. Contentores e caixas ocupavam metade do espaço, alguns abertos, deixando ver material de embalagem e equipamento médico embrulhado em plástico.

A unidade neonatal encontrava-se na outra metade. Uma mulher de bata esterilizada avistou-a e fez-lhe sinal para avançar, saudando-a como a uma colega. Mas, antes de ter tempo para se juntar a ela, uma porta no outro lado da enfermaria abriu-se e um homem mais velho vestido com um fato cinzento-escuro entrou na sala. Tinha ombros largos e o cabelo branco impecavelmente penteado, e os seus modos eram delicados.

Lisa parou de chofre, reconhecendo-o.

— Obrigado, doutora Cummings, por aceitar vir ajudar o meu sobrinho-neto — agradeceu o homem, estendendo-lhe a mão.

Pasma, Lisa apertou-lhe a mão.

Era o antigo embaixador para o Sudeste Asiático, atualmente secretário de Estado, e irmão do presidente.

Robert L. Gant.

13h55

WASHINGTON, DC

— Quem está por trás disto tudo? — perguntou James Gant, lançando um olhar para a sala ao lado, onde repousava a filha.

Painter sabia que tinha de conduzir esta conversa com subtileza. O que se passava aqui destinava-se unicamente aos olhos e ouvidos do presidente.

Jason Carter estava diante do computador no gabinete onde Painter e o presidente se tinham metido. Os agentes dos serviços secretos continuavam a vigiar o corredor enquanto um deles permanecia junto de Amanda.

Jason acenou finalmente a cabeça, pronto a começar. Já tinha transferido o vídeo.

— Como sabe, senhor presidente — disse Painter, encarando Gant. — Nós já desconfiávamos de que a Confraria estivesse implicada no rapto da sua filha.

Os olhos do presidente escureceram.

— Li os seus relatórios.

— Sim, mas o verdadeiro nome não é Confraria. É mais a designação de um grupo com numerosas células por todo o mundo, uma rede de agentes e operacionais infiltrados em instituições militares, governamentais e científicas bem como em círculos financeiros. Há vários níveis no interior dessa organização e alguns têm outros nomes. Mas descobri recentemente uma pista que nos conduz aos verdadeiros chefes, àqueles que controlam efetivamente a Confraria.

— Continue — disse Gant, fitando-o.

— Esse núcleo também se esconde sob diversos nomes e há séculos que encobre as suas pistas através de sociedades secretas.

— Séculos? — repetiu Gant em tom cético.

— Desde a Idade Média, pelo menos — confirmou Painter. — Talvez até há mais tempo.

Lançou um olhar a Jason. O jovem analista seguia a descendência da família Gant através da história, mas era um processo demorado e os indícios tornavam-se mais vagos, gastos pelo tempo e transformando-se em meros boatos e suposições.

— E atualmente? — insistiu Gant. — O que sabe sobre as operações que levam a cabo hoje em dia?

— Temos conhecimento de *duas* coisas. Primeira, sabemos que estão ligados à sua família.

— O quê? — Gant pareceu ficar engasgado.

Painter continuou antes que o seu interlocutor perdesse completamente a cabeça.

— Segunda, sabemos que o nome mais comummente associado com eles é *Linhagem.*

Gant reagiu como se reconhecesse a palavra e Painter não ficou surpreendido. Amanda também a reconhecera, mas ele queria ouvir o que o presidente tinha a dizer.

— Tenho respeito por si, diretor. Estou-lhe muito grato pelo que fez, mas anda à caça de fantasmas. Está a levar os boatos a sério.

Painter manteve-se calado, deixando Gant falar.

— As suspeitas perseguem sempre as famílias poderosas e ricas — prosseguiu o presidente. — Conspirações entrelaçadas com intrigas maníacas. É só escolher. Os Kennedy, os Rockefeller, os Vanderbilt, os Rothschild. No passado, todas essas famílias foram associadas a sociedades secretas e maquinações mundiais. E o mesmo se passa com a minha família. Vá lá, tire qualquer carta desse baralho de conspirações, Maçonaria, Comissão Trilateral, Skull and Bones, Grupo de Bilderberg, e há de encontrar qualquer coisa que os relaciona com a família Gant.

Gant abanou a cabeça, visivelmente desapontado.

— Essa palavra, *Linhagem,* é o papão da nossa família — continuou o presidente. — Foi inventada para assustar as crianças e obrigá-las a obedecer. E não deve ser dita a pessoas alheias. Em miúdo, ouvi toda a espécie de histórias que eram principalmente contadas à noite, antes de adormecer. Pessoas que diziam essa palavra em voz alta e que, depois, desapareciam.

Tenho a certeza que sim, pensou Painter. *Ou eram mortas ou recrutadas pela sua família.*

— Tem sido enganado, diretor. Caiu que nem um patinho numa armadilha de conspirações.

Painter sentiu que o homem estava a perder fôlego e fez sinal a Jason.

— Mostra o vídeo que pedi para preparares.

E, depois, tornou a virar-se para Gant.

— Amanda descreveu um símbolo pintado numa cabina na Somália.

Encontramos o mesmo sinal aqui perto. Na clínica que se ocupou da fertilização *in vitro*.

Jason recuou e o vídeo de Kat apareceu no monitor. Via-se ela a correr na direção de umas portas de aço.

— Para a imagem — disse Painter, pensando com inquietação em Kat e Lisa.

A câmara focou o centro das portas. Via-se claramente em relevo uma cruz carmesim com a dupla hélice à volta. Amanda tinha reconhecido esse símbolo e declarado que estava associado com a Linhagem.

E, pela sua reação, Gant também o conhecia.

— É impossível — disse em voz rouca, aproximando-se da tela.

Painter fez sinal a Jason para continuar.

— Isto é o que o símbolo ocultava.

O diretor nem sequer olhou para o vídeo. Não precisava de o ver novamente. Em vez disso, observou o presidente. O homem tinha visivelmente empalidecido e os lábios entreabriam-se numa silenciosa expressão de horror.

Apercebendo-se de que Gant vira o suficiente, mandou parar a projeção.

Gant demorou um longo minuto a desviar o rosto da tela e a fitar, de olhos assombrados, Painter. E este sabia que, por detrás daquele torpor, o presidente pensava na filha.

Acenou a cabeça, aceitando a verdade e a sua voz endureceu em tom vingativo.

— Se membros da minha própria família cometeram tais atrocidades, quero que os apanhe.

E a sua ira concentrou-se numa pergunta.

— Por onde começamos?

Antes de Painter poder responder, outra pessoa ouviu a raiva crescente de Gant.

— Papá...

Todos se viraram para a cama instalada na outra sala. Os olhos da paciente estavam abertos e procuravam-no em lágrimas.

— Amanda!... — exclamou o presidente, precipitando-se para a cabeceira dela e ajoelhando-se para lhe agarrar na mão. — Estou aqui, minha querida.

Amanda reconheceu o rosto do pai, mas, em vez de se mostrar aliviada, um tênue resíduo da fúria de Gant refletiu-se nela. Debatendo-se contra os efeitos do sedativo, os seus dedos crisparam-se na mão do pai.

— Vais ficar boa — consolou-a ele.

Mas ela não queria conforto mas sim resultados.

— Levaram William, papai. O meu rapazinho — murmurou, apertando os dedos até as articulações ficarem exangues. — Vai buscá-lo.

O pedido tirou-lhe as últimas forças. Fitou o rosto do pai como para lhe extorquir uma promessa, mas, depois, os seus olhos semicerraram-se e os dedos soltaram a mão de Gant.

— Ela precisa de repouso — interveio o neurocirurgião.

O presidente ignorou-o e, ainda de joelhos, virou-se para Painter. Tinha uma expressão triste, mas o seu olhar era resoluto.

— O que tenho de fazer para recuperar o meu neto?

Painter lembrou-se do vídeo filmado pela câmera transportada por *Kane* que mostrava a perspetiva de um olho a partir do fundo de um barco.

Tinha-o visto várias vezes nas últimas horas — *a perseguição, a captura, Gray*

Pierce a ser drogado — , grato, de cada vez, pelo engenho e sacrifício do homem para conseguir estas imagens. Oferecia-lhes uma pequena oportunidade de virar a maré contra o inimigo.

Painter tencionava aproveitá-la.

— O que é preciso que eu faça? — insistiu Gant.

Painter fitou-o bem nos olhos e disse a verdade nua e crua.

— Precisa de morrer, senhor presidente.

33

4 DE JULHO, 11H34, EST

WASHINGTON, DC

Gray voltou ao mundo montado num relâmpago.

O choque elétrico queimou-lhe o crânio, como se lhe tivessem empurrado o lado direito do rosto contra a placa de um fogão em brasa.

Arquejou, tentando escapar à dor, mas não conseguiu. Só sentiu alívio quando o efeito da queimadura passou.

A seguir, qualquer coisa lhe mordeu a mão. O calor subiu pelo braço acima e pelo peito, agitando o seu coração que se pôs a bater desalmadamente. A pressão arterial martelou os seus ouvidos e, durante uns segundos, custou-lhe respirar.

O abalo deixou-o a vibrar, hiperalerta. O que se encontrava à sua volta tornou-se subitamente nítido, contornado a vermelho. Estava deitado de costas, com a pulsação a palpitar na garganta. Ao recompor-se pouco a pouco, estendeu o braço para tocar no teto de cimento, que era tão baixo que as pontas dos dedos roçavam na superfície irregular.

Reparou que tinha um mecanismo com uma seringa atada ao pulso.

Livrou-se dele rolando de lado e afastando a agulha da veia.

Deviam ter-lhe dado um antídoto para o fazer voltar a si em segundos.

Onde estou?

Paredes de cimento rodeavam-no por todos os lados. Era uma espécie de caixa com um metro e meio de largura e noventa centímetros de altura.

A iluminação era forte, dolorosamente brilhante, e provinha de uma lâmpada, colocada a um canto, que funcionava a bateria. Um estojo de metal comprido estava pousado no chão, perto dos seus pés, e uma das paredes tinha uma abertura estreita fechada por estores de aço. Mas, mesmo aberta, era demasiado estreita para passar e a única saída parecia ser uma espécie de alçapão fechado pelo lado de fora.

O que se passa?

A resposta veio de dentro da sua cabeça, do fundo do ouvido direito.

— BOM DIA, COMANDANTE PIERCE — saudou-o uma voz mecânica, como nas gravações computorizadas dos atendedores de chamadas, embora suspeitasse de que estava a ouvir uma voz verdadeira digitalmente modificada.

— FOI NECESSÁRIO DESPERTÁ-LO DE FORMA RUDE — acrescentou a

voz não em tom de desculpa, mas constatando um simples facto. — O CHOQUE E A INJEÇÃO DE METILFENIDATO DEVIAM ALERTÁ-LO E PREPARÁ-LO PARA A PRÓXIMA TAREFA. FALTAM DEZ MINUTOS PARA ENTRAR EM AÇÃO.

— Para fazer o quê? — perguntou em voz alta às paredes nuas, adivinhando a resposta ao olhar para o que parecia ser o estojo de uma espingarda.

A voz continuou a falar, ignorando-o ou, então, esta conversa não necessitava de interlocutor.

— O *CHIP* DE TRANSMISSÃO NO FUNDO DO SEU OUVIDO ESTÁ LIGADO A UM DETONADOR. ESSE MESMO OUVIDO ESTÁ CARREGADO DE EXPLOSIVOS C-4.

Gray apalpou com um dedo e sentiu o canal auditivo tapado com uma substância dura. Imaginou o que aconteceria se aquilo explodisse e afastou rapidamente tal pensamento.

— O DISPOSITIVO TAMBÉM PODE SER USADO PARA O PUNIR. COMO A DOR QUE SENTIU AO ACORDAR. TAMBÉM ESTÁ LIGADO A UM TRANSMISSOR EM PODER DE UM GUARDA NO EXTERIOR. NO CASO DE SE AFASTAR DEZ METROS DESSE TRANSMISSOR, TERÁ DEZ SEGUNDOS PARA VOLTAR OU, ENTÃO, ESSE DISPOSITIVO EXPLODIRÁ AUTOMATICAMENTE.

Ligaram-me a uma trela elétrica.

O seu estado de hipervigilância induzido pela droga foi percorrido por um mau pressentimento.

— QUANTO À SUA MISSÃO — disse a voz — HOJE, AO MEIO-DIA EM PONTO, ASSASSINARÁ O PRESIDENTE JAMES T. GANT. IRÁ ENCONTRAR UMA ESPINGARDA DE ALTA PRECISÃO E UM CARREGADOR COM DUAS BALAS. SE FALHAR O PRIMEIRO TIRO, NÃO TERÁ SEGUNDA OPORTUNIDADE. PREPARE-SE IMEDIATAMENTE.

A lâmpada apagou-se e ouviu-se um zunido. Os estores corridos da janela abriram-se e a luz penetrou. Não ficou encandeado e percebeu que o brilho da lâmpada era para o habituar à luz do dia.

Gray olhou em redor à procura de uma câmara enquanto gatinhava para o estojo. Uma espingarda de alta precisão *M40A3* dos fuzileiros navais e um suporte de dois pés encontravam-se lá dentro. Tirou a arma, verificando o peso e o equilíbrio. Conhecia esta espingarda. Tinha um alcance de mil metros.

Aproximou-se da luz do sol e, espreitando por entre as lamelas dos estores, distinguiu a cúpula do monumento a Washington por cima de uma fila de carvalhos imponentes.

Estou novamente em DC.

Orientou-se. Através das árvores, os raios do sol refletiam-se na água.

Tinha de ser o rio Potomac. Avistou à direita uma extensão ondulada de gramados e fileiras de pequenas lápides fúnebres brancas. Conhecia bem aquele lugar: tinha muitos amigos lá enterrados. *O Cemitério de Arlington.*

Gray estava a norte do parque e não muito longe do monumento aos mortos da marinha durante a guerra.

Mais perto, via-se uma pequena rua que terminava num parque de carvalhos com gente a andar à volta de tendas e barracas. A maior parte vestia vários tons de fardas das forças armadas, desde uniformes de gala a camuflados.

Ergueu a espingarda e olhou pela mira telescópica, ajustando a lente *Unertl 10* para focar aquele ajuntamento, fazendo *zoom* para os churrascos; crianças corriam e riam, e uma banda militar tocava num palco. O distante rufar de tambores e o som dos metais chegam-lhe aos ouvidos.

Um estrado alto, por baixo de um arco vermelho e branco com balões azuis, fora erguido no meio do piquenique. Ajustou a lente no máximo, concentrando-se num grupo em redor do pódio. Parecia ser formado por altas patentes de todas as forças militares.

Avistou, entre eles, o seu alvo.

De costas para ele, o presidente James T. Gant beijava a mulher que estava de calças e casaco azul-escuros, com uma blusa às listas rosas e brancas e sapatos prateados de salto raso. Era a festa do churrasco do 4 de julho, uma celebração do USO. Gray sabia que o presidente e a primeira-dama eram os anfitriões de um espetáculo de fogo de artifício no relvado sul da Casa Branca à noite.

Mas o desgaste do dia já era visível no rosto da primeira-dama.

Mesmo a setecentos metros de distância, a desolação patente nas rugas à volta dos olhos, embora escondida por baixo de uma espessa camada de maquilhagem, era revelada em pormenor pela mira telescópica. Os seus dedos agarraram-se à mão do marido para o tentar deter quando ele se dirigiu para o pódio, mas o presidente tinha de mostrar uma imagem forte ao mundo.

O casal julgava que a ilha estava morta — e talvez Amanda estivesse. A última recordação que Gray tinha dela era tê-la visto a flutuar, ajudada por dois dos seus companheiros. O governo não devia ter anunciado o seu rapto e a sua morte, e esperara pela confirmação da análise aos restos humanos carbonizados. O porta-voz da Casa Branca já estava provavelmente a pensar na forma como anunciar esse trágico evento.

E, entretanto, os pais tinham de se comportar normalmente.

O presidente Gant subiu ao pódio, acenando a mão.

Ouviu-se uma ovação distante.

Gray agachou-se, pousando a espingarda sobre os joelhos. Examinou o

carregador — as mais recentes balas *M118LR* para maior precisão.

Duas.

Era melhor que fossem realmente precisas.

Lembrou-se do aviso: *Não terá segunda oportunidade.*

Mas porque acreditavam os raptores que ele concordaria em assassinar o presidente? Tinham Seichan em seu poder, mas, por muito que lhe custasse admitir, ela não tinha suficiente valor de troca. Sabia que eles a torturariam horrivelmente para obter a sua cooperação, ou para punir a sua falta de pontaria.

O medo instalou-se nas suas entranhas como uma pedra gelada.

Sabia que, mesmo para a salvar, não podia sacrificar o líder do mundo livre. Frustrado, crispou os dedos à volta da coronha de fibra de vidro da espingarda e no cano frio e letal.

Desculpa, Seichan, mas não consigo.

— QUATRO MINUTOS — anunciou finalmente a voz, e, como se lesse os seus pensamentos, deu-lhe o incentivo para agir. — PARA ASSEGURAR A SUA COOPERAÇÃO, ENTERRAMOS QUINZE LATAS DE GÁS SARIN COM DETONADORES INDETECTÁVEIS POR TODO O PARQUE. SEU PODER DE DISPERSÃO MATARÁ A TODOS, INCLUINDO O PRESIDENTE. ESSAS LATAS EXPLODIRÃO VINTE SEGUNDOS DEPOIS DO MEIO-DIA, A NÃO SER QUE O PRESIDENTE SEJA MORTO PRIMEIRO.

Gray pensou no efeito do gás sobre o sistema nervoso. Era tão letal que o mais superficial contacto com a pele provocava uma morte agonizante.

— UMA MORTE CONTRA CENTENAS DE HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS INOCENTES. A DECISÃO É SUA, COMANDANTE PIERCE. QUALQUER UMA DAS SOLUÇÕES SERVIRÁ AOS NOSSOS INTERESSES. MAS É MELHOR QUE APERTE O GATILHO. UMA MORTE ISOLADA POR HOMICÍDIO SERÁ MUITO MAIS DOLOROSA E LANCINANTE DO QUE UMA MORTE ENTRE MUITOS.

A frieza daquele calculismo arrepiou Gray.

— DEPOIS DE DESCOBRIREM A ESPINGARDA, BEM COMO O SEU DNA, O ASSASSÍNIO SERÁ ATRIBUÍDO AO GESTO TRESLOUCADO DE UM AGENTE SECRETO DESCONTENTE COM O GOVERNO POR SUA ORGANIZAÇÃO TER SIDO SUSPENSA.

Era efetivamente o prego final no caixão da Sigma.

Mas os planos da Confraria eram mais ambiciosos do que isso.

— TAL AÇÃO IRÁ REQUERER A TOTAL REORGANIZAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE INTELIGÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS, QUE SERÁ SUPERVISIONADA POR NÓS QUANDO OCUPARMOS A CASA BRANCA NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES. ESSA PROFUNDA COMPAIXÃO E SIMPATIA

PELA MORTE DE JAMES GANT SERÁ PROPAGADA AOS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA, EM PARTICULAR, A UMA PESSOA QUE JÁ SE ENCONTRA AO SEU LADO NUMA POSIÇÃO DE PODER.

... se estenderá aos membros de sua família...

Gray sentiu náusea. Enquanto escutava, armado com esta nova informação, apercebeu-se da cadência ligeiramente sulista daquela voz, a escolha de palavras que não podia ser digitalmente afetada. Veio-lhe à cabeça o homem que tão resolutamente se mantinha ao lado do irmão, a quem a nação já respeitava e a quem certamente as rédeas do poder seriam entregues. Após tal tragédia, ele só teria de pedir a Casa Branca para que lhe fosse entregue numa vitória eleitoral esmagadora.

O secretário de Estado.

Robert Lee Gant.

Gray fechou os olhos com força. Lembrou-se de repente que tivera a impressão de Painter estar a esconder-lhe qualquer coisa, algo que tinha que ver com a Confraria e com a organização por detrás da morte da mãe.

Era esse o segredo?

Tinha Painter suspeitado sempre desse homem?

Não admirava que o diretor não quisesse que os parentes da família Gant ficassem a par do fato de Amanda ter sobrevivido na Somália.

Receava que o irmão do presidente viesse a saber.

A raiva dissolveu a sua consternação. Sabia agora *porque* Painter não lhe contara. Gray podia ter confrontado imediatamente o secretário de Estado, pondo em risco toda a gente à sua volta. E o facto de saber da existência de um traidor na Casa Branca não teria alterado os objetivos da missão de Gray.

Tal conhecimento, aparentemente, reduzia-se apenas à "necessidade de saber".

E Gray não estava nessa lista.

No entanto...

Ele devia ter-me contado.

— FALTA UM MINUTO — avisou de novo a voz. — AGUARDE NOSSO SINAL. E, DEPOIS, DISPARE.

Gray colocou o carregador no devido lugar e voltou para o seu posto atrás dos estores. A raiva e a vergonha queimavam o seu corpo. Não sabia ao certo se a voz tinha mentido acerca das latas de gás, ou se, de qualquer modo, elas explodiriam. De uma maneira ou de outra, ele sabia que não podia correr esse risco.

James T. Gant tinha de morrer.

Olhou pela mira telescópica da espingarda e baixou-a, apontando para o perfil do presidente quando este se virou de lado. Verificou duas vezes a distância — setecentos metros — e ajustou a mira no osso occipital por detrás da orelha esquerda do presidente, sabendo que o tiro aí causaria maiores danos. Música

festiva e gargalhadas provenientes do piquenique chegavam-lhe aos ouvidos. Deixou que tudo se fundisse num ruído anônimo de fundo e concentrou-se na sua missão.

Na história americana, tinham morrido três presidentes nessa mesma data, 4 de julho, a comemoração da independência do país. Não parecia tratar-se de mera coincidência.

Thomas Jefferson, John Adams e James Monroe.

E este 4 de julho marcaria a morte do quarto.

O alvo inclinou-se para fazer festas a um cão que se encontrava no palco com ele. Reconhecendo o cão, Gray ficou tenso.

Kane.

Gray fez *zoom* e viu James Gant endireitar-se e apertar a mão do capitão William Tucker. Tucker estava fardado e as medalhas pelas missões cumpridas no Afeganistão condecoravam a sua farda de gala. Era justo que um herói de guerra e o seu cão estivessem ali para que um presidente grato lhes agradecesse.

Mas Gray sabia porque estavam *realmente* ali.

Toda a sua ira por Painter guardar segredo desapareceu e foi substituída por alívio e respeito. O diretor devia ter visto o vídeo gravado em Dubai e compreendido, mas o que queria que Gray fizesse?

Gray observou o estrado. Painter devia ter posto Tucker lá por um motivo. O antigo *ranger* não era um membro oficial da Sigma, apenas um agente contratado e, assim, ninguém o reconhecia. Mas qual era a mensagem que Painter tentava enviar a Gray?

De súbito, percebeu.

Não era apenas Tucker que se encontrava no palco — *Kane* também.

Gray prestou mais atenção ao pastor-belga. *Kane* estava quieto, de cauda levantado e com o focinho apontado para cima. Gray tinha-o visto nessa posição quando detetava uma pista.

Como todos os bons cães de caça, *Kane* estava a *apontar*.

Gray seguiu o olhar do cão até um balão vermelho por detrás do pódio, não muito longe da cabeça do presidente. Gray ajustou a mira telescópica no zero e apontou para o balão.

Rolava ao sabor de uma ligeira brisa e podia ver-se uma pequena letra grega escrita numa cor vermelha mais escura. A não ser que a procurássemos, mal se distinguia.

Sorriu e fez um último ajustamento à arma.

Captou no ouvido a ordem de que precisava: DISPARE!

Estabilizando a respiração, o comandante Gray Pierce apertou o gatilho.

34

4 DE JULHO, 12H00, EST

WASHINGTON, DC

Não se ouviu a detonação — somente o balão explodindo.

Mas até mesmo esse pequeno ruído assustou a todos no pódio.

Mas não Tucker.

Estava à espera desse sinal. Aproveitou a distração para premir o botão do transmissor que tinha no bolso. Minúsculas cápsulas escondidas por baixo da roupa de James Gant rebentaram e embalagens do seu próprio sangue jorraram, manchando a parte da frente da camisa branca.

A primeira-dama soltou um grito ao ser salpicada no rosto por gotas de sangue.

Os agentes dos serviços secretos rodearam o presidente e tiraram-no do pódio. Tucker foi empurrado e *Kane* teve de se esgueirar para não ser pisado.

Um segundo cordão de agentes formou um escudo humano para proteger o presidente enquanto outros levavam a primeira-dama em direção oposta.

Tucker chamou o cão e ambos correram para o grupo que rodeava Gant. O caos reinava no recinto do piquenique. O ataque apanhara toda a gente desprevenida. Ouviam-se gritos, os miúdos refugiavam-se nos braços dos pais e um churrasco tinha caído e incendiara uma tenda. Mas a maioria da assistência era constituída por militares ou antigos agentes, e muitos já tinham certamente estado debaixo de fogo.

Tinham aberto pronta e eficazmente caminho para retirar o seu comandante-chefe ferido e alguns até se ofereceram como voluntários para o proteger com o seu próprio corpo.

O séquito de James Gant chegou ao parque de estacionamento e à caravana de automóveis que habitualmente seguia o presidente. Conforme fora planeado, o serviço eletrônico suburbano de defesa usado pelos serviços secretos para deterem ataques aéreos lançou o seu arsenal de granadas de fumo infravermelho para conduzir o presidente até a ambulância.

No decorrer dessa confusão momentânea, dois agentes que estavam a par do logro enfiaram Gant num dos veículos de emergência. Tucker e *Kane* saltaram para o banco de trás.

A ambulância arrancou com as luzes a piscar e a sirene a tocar. E, ao receber

instruções falsas, o veículo do comando móvel e controlo também partiu, arrastando com ele o resto dos carros do serviço de segurança.

Veículos blindados foram atrás deles enquanto a polícia local bloqueava as ruas.

Tucker viu pela janela uma limusina presidencial com escolta passar a toda a velocidade através do fumo. Transportava para lugar seguro a primeira-dama, que devia estar mais do que a lita depois de ver o marido ser abatido a tiro à sua frente. Seria necessário, contudo, que ela manifestasse o seu pesar diante das câmaras no decorrer das próximas horas.

Era cruel, mas ninguém podia saber que se tratava de um ardil.

Sobretudo o inimigo.

Painter tinha conseguido orquestrar um plano deste calibre num único dia, recrutando apenas aqueles em que tinha absoluta confiança.

Contactara várias pessoas que pertenciam a outros ramos dos serviços de inteligência, mas, na sua grande maioria, toda a operação fora conduzida por gente da casa.

Um dos agentes ajudou Gant a despir a camisa. Tinha um esgar de dor estampado no rosto e o motivo tornou-se claro quando tirou a camisola interior ensanguentada. Alguns dos estilhaços das cápsulas tinham-no ferido no ombro.

— Senhor presidente — murmurou o agente com ar inquieto.

— Estou bem — tranquilizou-o Gant sem dar importância ao caso. — É melhor do que levar um tiro na cabeça.

O outro agente ligou o motor da ambulância e arrancou na direção oposta sem luzes nem sirene a funcionar. Os carros que serviam de isco dirigiam-se velozmente para o hospital da Universidade de Washington, onde outra equipe de agentes os esperava para prosseguir aquela farsa.

Seria anunciado que o presidente iria ser submetido a uma operação urgente aos pulmões e que as probabilidades de sobrevivência não eram muitas. Não queriam correr o risco de um segundo atentado contra a sua vida e, assim, fingiriam que o seu estado de saúde era pouco animador.

Mas este ardil não podia ser mantido durante muito tempo pois acabaria por ser descoberto.

Estabeleceram, por isso, um período de seis horas.

Seis horas para pôr fim a uma cabala que durava há séculos.

— Conte-me o que se passa — soou a voz de Painter no ouvido de Tucker.

— A embalagem está segura, informou-o Tucker, sabendo que a linha era mantida segura por uma versão modificada do algoritmo codificado CCEP tipo-1, desenvolvido pela Agência de Segurança Nacional para manter secretas as comunicações presidenciais. — E o comandante Pierce?

— Estamos a tratar disso neste momento.

Informado antecipadamente do ataque de um atirador, Painter estabelecera um círculo de câmaras de alta definição à volta do pódio e apontadas para o balão. A trajetória da bala fora gravada em câmara lenta e imediatamente processada. Um plano tridimensional do parque permitira aos analistas da Sigma saber de onde fora disparada a bala.

Tinham de encontrar o comandante Pierce quanto antes — não só para sua segurança como também para obter as informações que ele tinha acerca das manobras do inimigo, incluindo o paradeiro do neto do presidente.

Tucker não conseguia livrar-se do sentimento de culpa que sentia por ter abandonado o ilho de Amanda e tencionava fazer tudo o que pudesse para corrigir o erro.

O primeiro passo era procurar Gray.

Sem ele lhes dizer o que sabia, não servia de nada. Dentro de seis horas, seria comunicado ao mundo que a operação cirúrgica ao presidente dos EUA fora bem-sucedida e que ele tinha milagrosamente sobrevivido. E perderiam a pequena vantagem que possuíam.

Sabia que Painter não esperava destruir completamente a Linhagem com esta ação, mas tinha um objetivo claro, o mesmo que Tucker: recuperar o ilho de Amanda e expor todos os que estavam envolvidos neste sangrento caso.

Mesmo com essa bem definida finalidade, as probabilidades de sucesso eram escassas.

E sem Gray nem sequer havia probabilidades.

— Localizamos — disse Painter. — Está num *bunker* instalado num edifício de escritórios a setecentos metros de distância.

Tucker suspirou de alívio.

— Encontramos o comandante — informou, cruzando o olhar com o do presidente.

— O melhor é não voltarmos a perdê-lo — disse Gant, acenando a cabeça com um sorriso.

12h01

Gray viu o alçapão abrir-se.

Ainda empunhava a espingarda. Assistira ao caos provocado pelo seu único tiro com a respiração suspensa. As latas que continham o gás sarin ainda poderiam rebentar e liquidar toda a gente que se encontrava no parque. Como nada aconteceu, pensou que, afinal, a ameaça era falsa. Viu Tucker fugir com o presidente para um lugar seguro.

Compreendeu imediatamente a situação.

Estavam a fingir que o presidente fora morto.

Era uma manobra arriscada por parte do diretor da Sigma, mas Gray percebia porque tinham de correr esse risco. Dizia muita coisa acerca do seu desespero. Iam provavelmente processar a trajetória da bala para tentar encontrá-lo, esperando que ele lhes desse mais informações.

O que era um problema.

Sei tanto quanto eles.

Quer dizer, a não ser que Painter não soubesse do envolvimento de Robert Gant com a Confraria. Talvez o diretor suspeitasse da família do presidente ou do seu círculo íntimo, mas não sabia necessariamente *quem* era o traidor.

Gray fitou a espingarda. Ainda tinha uma bala. Seria suficiente para ganhar tempo até Painter o encontrar?

— Largue a espingarda e ponha as mãos onde eu as veja! — gritou uma voz vinda do alçapão.

— Para onde me vão levar? — perguntou, para ganhar tempo e tentar obter mais informações.

A resposta foi literalmente um choque. Uma descarga elétrica irrompeu do ouvido, cegando-o e paralisando os seus maxilares. Os joelhos dobraram-se e estatelou-se ao comprido.

— Largue a espingarda! — repetiu a voz. — Mostre as mãos.

Gray rastejou de barriga até o alçapão e mostrou as mãos. Respirava com dificuldade.

— Agora, desça.

Gray demorou, não porque lhe doía, mas de propósito. Enfiou as pernas na abertura e tentou encontrar com o pé o primeiro degrau.

— Já o avisei — disse o guarda.

Gray preparou-se para outra descarga, mas, em vez disso, ouviu uma contagem decrescente através do chip implantado no ouvido.

Dez... nove... oito...

Eram os minutos que faltavam para o explosivo C-4 rebentar no seu ouvido direito. Quem tinha o transmissor devia encontrar-se fora do seu limite de dez metros. Estavam a obrigar Gray a segui-lo, puxando pela trela elétrica.

Não tinha outro remédio senão obedecer. Tocou na orelha onde o explosivo estava metido, sabendo que se metade do seu cérebro explodisse a Sigma não ganharia nada com isso. Tinha de se manter vivo, fazer o possível para obter mais informações — o que significava que tinha de agir com rapidez.

... sete... seis... cinco...

Ignorou os degraus da escada e deixou-se escorregar por ela abaixo. Os seus pés chegaram ao chão aos *três*.

E parou piedosamente.

Foi rodeado por soldados fardados de preto e armados.

Um deles, com luvas de látex, subiu rapidamente a escada e foi esquadrinhar o chão de cimento.

— A espingarda está lá e há sangue suficiente para uma retirar DNA — informou ao descer, metendo o mecanismo com a seringa dentro de um saco plástico. — Está tudo OK.

O chefe da equipa, bem mais alto que os outros e com tatuagem de crucifixo no pescoço, aproximou-se. Meteu um dispositivo do tamanho de uma embalagem de pastilha elástica no bolso.

Era o transmissor.

— Mexa-se — ordenou.

As pistolas encorajaram Gray a avançar. Desceu um lance de escadas até uma cave e, depois, passou por uma porta escondida num sistema de túneis.

Gray olhou para trás quando a porta se fechou, esperando que o seu plano resultasse.

Quando se pôs a arrastar os pés, a contagem voltou a ressoar no seu ouvido.

Dez... nove...oito...

Como um cão com trela, Gray apressou-se obedientemente.

Por agora.

12h32

— Qual é a situação por aí? — perguntou Painter, falando do ninho de comunicações no quartel-general da Sigma.

— Chegamos ao local — respondeu o comandante da unidade. — O *bunker* está deserto e não há sinal do comandante Pierce. Apenas uma espingarda com mira telescópica e umas gotas de sangue.

Painter cerrou os olhos, combatendo o desespero que sentia por ter perdido o rasto de Gray e concentrando-se no que ele deixara para trás.

Uma espingarda e sangue.

Painter compreendeu.

Planeavam culpar Gray pelo assassínio e destruir simultaneamente a reputação da Sigma. Mas, a exemplo do que sucedia no xadrez, era agora a vez de Painter jogar.

— Tragam-me a espingarda — ordenou. — Destruam as provas e limpem o local de alto a baixo. Mas despachem-se!

A confusão continuou a seguir ao ataque, mas Painter não permitiu que o pânico o desconcentrasse e, ao cabo de relativamente pouco tempo, a sua equipe médico-legal encontrou o esconderijo do atirador.

— Antes de fazerem a limpeza — avisou Painter pelo rádio. — Esquadrinhem toda a área, centímetro a centímetro. O comandante Pierce tentou certamente deixar-nos alguma pista.

— Entendido.

Painter pôs fim à conversa e dirigiu-se a Jason Carter que estava de pé à porta do gabinete de Kat.

— Toma conta disto aqui e previne-me se houver problema.

Como se já não tivesse havido.

— Tenho tudo sob controlo — tranquilizou-o Jason.

Painter desceu apressadamente as escadas e dirigiu-se para a subcave.

O presidente já lá se encontrava com a filha.

Tinham chegado em segredo há poucos minutos. O Castelo Smithsonian estivera fechado durante todo o dia justamente por esse motivo. Ninguém prestou atenção à mudança de pessoal no edifício nem os viu entrar no elevador especial que os conduziu aos *bunkers* da Sigma. Por enquanto, toda a gente julgava que o presidente estava a ser submetido a uma operação cirúrgica no hospital da Universidade de George Washington e que não havia muitas esperanças de o salvar.

O centro de comunicações de Painter controlava os acontecimentos para se certificar de que o logro continuava a resultar e a imprensa não desconfiava de nada.

Mas a situação não podia durar para sempre. Tinha de terminar em menos de seis horas.

Sabendo que o tempo estava a passar, Painter voltou à enfermaria do hospital. Dois agentes guardavam o corredor; outro estava postado perto do elevador. E o quarto encontrava-se no interior da pequena enfermaria.

Gant estava sentado à beira da cama da ilha e segurava-lhe a mão.

Tinha despido o fato-macaco usado pelos empregados da manutenção e vestia umas calças azuis amarrotadas e uma camisa cinzenta. O estado de Amanda variava entre momentos de lucidez e de sedação, e o seu neurologista continuava preocupado com o hematoma subdural.

De momento, dormia.

— Amanda balbuciou algumas palavras quando cheguei — disse Gant, levantando a cabeça ao ver Painter. — Está inquieta por causa do bebê.

— Todos nós estamos.

O presidente acenou a cabeça em sinal de assentimento.

— Tem notícias da equipe que mandou para o terreno? Encontraram o comandante? — perguntou Gant a seguir.

Painter detestava aniquilar as esperanças de um pai, mas já tivera a sua dose de decepções naquele dia.

— Já lá não estava. Mas espero que nos tenha deixado alguma pista.

Saberemos ao certo dentro de uns minutos.

— Atraí-a para a ribalta e fiz da sua infância um espetáculo, um alvo para a imprensa — disse Gant, virando-se para a ilha com um suspiro e falando lentamente, cheio de remorsos. — E não tinha tempo para ela. Foi por isso que ela se revoltou e fugiu sem dizer uma palavra. Que confiança pode ela ter em mim? — Limpou uma lágrima, mas sem largar a mão dela.

— Prometi-lhe que haveria de encontrar William — prosseguiu. — Não me deixe desiludi-la outra vez.

Painter aproximou-se e pousou uma mão no seu ombro, jurando solenemente em silêncio ajudar o presidente.

— O que eles lhe fizeram... — murmurou Gant. — Se vier a encontrar quem planeou isto, quem torturou a minha menina, hei de fazer que se arrependa durante toda a vida. Há de sofrer durante imenso tempo.

Transformarei o mundo dele num inferno.

Painter estava ciente de que se alguém tinha esse poder, era o presidente James Gant.

Um alvoroço à porta chamou-lhes a atenção.

Jason entrou de rompante na sala e, passando apressadamente pela cama, dirigiu-se para o gabinete médico.

— Diretor. Linus acertou em cheio.

Painter levou algum tempo a perceber que Linus trabalhava com Jason na tarefa de identificação do veículo suspeito.

Teria encontrado qualquer coisa?

Foi atrás de Jason. O rapaz batia furiosamente nas teclas do computador.

— O que se passa? — perguntou.

O presidente encostou-se à ombreira da porta a ouvir.

— Vou mostrar-lhe — disse Jason. — Linus tem estado a verificar todas as estradas principais que saem de Charleston à procura do *Ford.* O

problema é que quanto mais nos afastamos da cidade, mais percursos diferentes podem ser feitos. Espalham-se como os ramos de uma árvore.

— E o que descobriram? — insistiu Painter.

— Isto — disse Jason, apontando para a tela onde a parte da frente de um *Ford Explorer* aparecia com nitidez. — Foi filmado por uma câmera de segurança numa ponte levadiça em Orangeburg, na Carolina do Sul.

Painter viu Lisa ao volante através do para-brisas. Simultaneamente aliviado e aterrorizado, a sua respiração tornou-se mais pesada. Um homem estava sentado ao lado dela com os braços desajeitadamente erguidos, como se estivesse a espreguiçar-se. Ou, se calhar, tinha as mãos amarradas atrás.

— Encontraram-na, finalmente — resmungou Painter. — Há quanto tempo foi isto filmado?

— Há uns dois dias — respondeu Jason em tom de desculpa. — No mesmo dia em que a doutora Cummings foi raptada em Charleston.

— Quem é a doutora Cummings? — perguntou Gant da porta.

Ela é tudo para mim.

— É uma das operacionais que enviamos para investigar a North Charleston Fertility Clinic, respondeu Painter em voz alta.

Gant empalideceu, pensando provavelmente no vídeo que lhe tinham mostrado com mulheres a flutuar em tanques cheios de gel.

— Foi por causa disto que fiquei agitado — disse Jason, apontando novamente para a tela.

— A matrícula do carro — murmurou Painter, debruçando-se sobre o computador.

— Vê-se nitidamente. Vou pedir ao Linus que siga a pista no GPS do carro para ver onde ele está. Devíamos...

Uma janela de diálogo surgiu na tela.

— Julgo que é isto — disse Jason, premindo a hiperligação na janela.

A imagem do *Ford* foi substituída por um mapa. Um círculo azul demarcou a área onde os estados da Geórgia e da Carolina do Norte contornavam um canto do

estado da Carolina do Sul. A seguir, o círculo transformou-se num pequeno triângulo que se posicionou nas montanhas Blue Ridge.

— Podes fazer *zoom* e obter o nome de uma rua? — perguntou Painter ao jovem analista.

— Não é necessário — respondeu Gant, que, entretanto, se aproximara.

— Sei onde fica. Pertence à minha família. É Fleury-la-Montagne.

Antes de Painter poder reagir, o seu celular começou a vibrar.

Atendeu e passaram-lhe o comandante da unidade em Arlington.

— Encontramos uma coisa aqui, diretor.

O coração de Painter — que já batia com força — acelerou.

— O que foi?

— Vou enviar-lhe a fotografia.

Painter solicitou a assistência de Jason.

— Encontramos no chão perto do alçapão — explicou o comandante enquanto aguardavam. — Não se via a olho nu, mas brilhou quando revistamos o espaço com raios ultravioletas. Julgo que foi escrito com restos de C-4.

— O explosivo plástico?

— Exatamente. Raspei uma porção minúscula com um palito. Pelo toque e sabor químico, creio que sim.

— Já tenho a fotografia — interrompeu Jason.

Esta apareceu no canto superior do monitor.

Três letras com brilho fosforescente no chão de cimento escuro.

— RLG — resmungou Painter em voz alta. — Que diabos quer dizer?



Foi novamente o presidente quem respondeu, com a voz a tremer com o choque.

— São as iniciais do meu irmão. Robert Lee Gant.

Painter fitou-o. Ambos sabiam que alguém da família Gant tinha de estar envolvida nisto, mas nenhum deles suspeitara de um parente tão chegado.

Gant olhou para a ilha como se pensasse a mesma coisa, só que, para ele, esta facada era muito mais funda e ia direta ao coração.

— Quanto ao seu irmão, ainda não temos a certeza — disse Painter em voz baixa.

— Eu tenho — retorquiu o presidente num fio de voz.

— Como?

Gant apontou para a parte inferior da tela onde ainda figurava o mapa GPS.

— Bobby ia passar o feriado na propriedade da família para evitar as multidões em Washington. Partiu há dois dias para ir caçar.

— Em Fleury-la-Montagne?

Gant estava pálido e tinha as feições crispadas.

— Já ninguém usa esse nome francês — disse com voz cansada. — Agora toda a gente chama a esse local a Casa.

35

4 DE JULHO, 13H04, EST

MONTANHAS BLUE RIDGE

— Está com boa cor — disse Lisa.

As suas mãos enluvadas voltaram gentilmente o recém-nascido de lado e auscultou-o. O seu ritmo cardíaco era tão rápido como o de um pássaro, mas forte, e o oxímetro de pulso normal.

Deixou-o pôr-se de costas sozinho. Olhos azuis enormes, emoldurados por vestígios de pestanas, fitaram-na, com os lábios contraídos de fome.

Edward Blake encontrava-se ao lado a seguir o seu exame médico.

Petra estava noutro laboratório a fazer análises de DNA usando amostras do sangue e da pele do bebê, juntamente com células colhidas de um esfregaço de muco nasal.

— Devíamos dar-lhe outro biberão — sugeriu Lisa, descalçando as luvas. — Tem estado a mamar sozinho desde que lhe tiramos o tubo nasogástrico e o cateter central inserido perifericamente. Vamos mantê-lo assim. Mas, em geral, está a portar-se lindamente.

— E tudo graças a si, doutora Cummings — disse Edward.

Não a elogiava em vão. No dia anterior, encontrara a criança à beira da morte, passara uma hora a examinar os resultados do laboratório, as radiografias e até mesmo as análises genéticas. Tinha visto com espanto a tripla hélice numa micrografia eletrônica: duas itas naturais de DNA envoltas por uma proteína artificialmente sintetizada, PNA.

Ácido nucleico peptídico.

A microscópica fita de PNA era a fonte de muita miséria, horror e abuso.

E também não fazia nenhum bem à criança.

O doutor Blake explicara-lhe o que se passava no organismo do menino, como os componentes da tripla hélice estavam a deteriorar-se. Mas continuava ainda a perguntar-se *porquê*. Teria o rapazinho adoecido e isso provocara a deterioração da hélice? Ou fora a deterioração que o tinha adoecido?

A única maneira de ter a certeza era restabelecer a saúde da criança e ver se a deterioração parava.

Depois de ter notado uma ligeira subida dos níveis de eosinófilos, Lisa dera

uma sugestão. Os eosinófilos são células sanguíneas que controlam os processos inflamatórios alérgicos. Também reagem a infeções parasitárias, mas os exames às fezes já tinham descartado essa possibilidade.

A origem mais provável desta reação alérgica eram as fitas de PNA. O ácido nucleico peptídico era uma proteína comum, tão capaz de causar alergia como a poeira ou qualquer outra coisa. Com a decomposição das hélices triplas, o PNA libertado era arrastado para o citoplasma e, depois, abandonava as células.

Petra mostrara-lhe a imagem de uma molécula de PNA a sair, contorcendo-se como um verme, de uma célula intestinal. O aparecimento desta proteína geneticamente manipulada no sistema sanguíneo e tecidos intersticiais desencadeava a mobilização de eosinófilos, a defesa do organismo contra invasores estranhos. Esta anafilaxia alérgica debilitara a criança.

Reconhecendo essa ameaça, Lisa recomendara uma terapia com anti-histamínicos e esteroides intravenosos em pequenas doses para pôr fim à reação alérgica e dar ao organismo do bebê a oportunidade de se livrar dos alergênicos e de estabilizar novamente.

Deu certo. Ela passara a noite inteira de vigília ao lado da incubadora neonatal, assistida pelo doutor Blake quando necessário, e o bebê melhorou a olhos vistos. Conseguiram, assim, desabituá-lo de fluidos, do oxigênio suplementar e até mesmo do tubo de alimentação.

Restava apenas uma pergunta: isto fazia bem?

Tinha a recuperação da saúde do rapazinho voltado a estabilizar a tripla hélice? Lisa sabia que Edward Blake tinha esperança que assim fosse e, agora, ambos aguardavam a resposta de Petra.

Enquanto Lisa dava biberão ao bebê, Blake retirou-se para um cubículo próximo. Cada um deles tinha as suas próprias preocupações. A preocupação pelo bem-estar da criança tinha dissipado o horror do último dia e dera-lhe algo em que se concentrar. Sabia que Kat se encontrava algures neste laboratório, mas onde? Nem sequer conhecia a localização do laboratório.

Até agora, tanto o doutor Blake como Petra tinham-na tratado com um mínimo de respeito e apreciado a sua assistência. Lembrava-se das palavras digitalizadas de aviso: *Se nos provar a sua boa vontade, ambas continuarão vivas*.

Com as melhoras da criança, a utilidade de Lisa estava prestes a terminar.

O que sucederia depois?

Pensou na pessoa que a nomeara para este trabalho, no seu rosto amável e nas suas palavras doces.

Obrigado, doutora Cummings, por aceitar ajudar o meu sobrinho-neto.

O comportamento calmo e frio de Robert Gant fê-la enraivecer. Sabia que a existência desta criança especial custara muito sofrimento, mas não a podia culpar

por isso. O seu nascimento causara dor e sangue, mas o rapazinho estava inocente.

O menino esvaziou o biberão. Os seus olhos enormes semicerraram-se, entontecidos por tanto leite. Lisa deixou-o adormecer, alheio ao horror para lá das paredes de plástico da incubadora.

Virou-se para onde se encontrava Blake e foi ter com ele a coxear, apoiando-se no tornozelo dorido. No alto da parede, uma câmara seguia-a.

Perguntou-se se quem a vigiava era Robert Gant ou simplesmente um guarda entediado.

Exausta, Lisa não tinha paciência para subtilezas nem subterfúgios.

— Edward, o que está a tentar fazer com essas triplas hélices?

— Ah! — exclamou ele, virando-se na cadeira da secretária. — Não posso falar em nome dos investidores. Só conheço o meu objetivo.

— E qual é?

Levantou uma sobrancelha, desmentindo as orgulhosas palavras que se seguiram.

— Forjar a chave da própria vida.

E lançou-lhe um sorriso de cansaço.

— Embora possa parecer arrogante, o PNA é a chave — explicou. — Liberta todo o poder do DNA e coloca as matrizes da vida nas nossas mãos.

Com o PNA, os peritos genômicos podem transformar genes específicos, libertando a humanidade dos seus limites biológicos. E também permite que outros genes sejam introduzidos, novos códigos escritos no PNA e inseridos num óvulo fertilizado. No fim, o homem já não será criado por Deus, mas por nós.

Edward fitou a criança a dormir na incubadora.

— Mas tudo isso há de vir mais tarde. De momento, queremos apenas alcançar um objetivo com esta primeira estirpe de PNA.

— Que objetivo? — inquiriu Lisa, sentindo o estômago às voltas.

Os olhos do médico continuavam fixos no bebê adormecido. A sua expressão era uma máscara de maravilhamento e também de tristeza.

— A imortalidade.

Lisa não conseguiu disfarçar o choque.

— Não fique admirada, doutora Cummings. Esta criança não é o primeiro ser imortal — disse Edward, virando-se finalmente para ela e deixando-a ver que estava a ser sincero. — Já andam entre nós.

13h07

WASHINGTON, DC

Faltavam cinco horas.

Painter tinha voltado ao seu gabinete, deixando o presidente com a ilha, guardados pela escolta de agentes secretos. Faltavam cinco horas para James Gant fingir que estava a recuperar da operação cirúrgica e estava tudo preparado para esse ardil ser bem-sucedido.

Encontrou Kowalski à espera dele com os pés em cima da secretária, as mãos cruzadas na barriga e a ressonar.

Painter empurrou-lhe as pernas.

— Estamos prontos? — perguntou, acordando.

— Como nunca mais havemos de estar.

Painter tirou um coldre com uma *SIG Sauer* de um armário. O resto do armamento da equipe aguardava na pista onde os motores de um jato já aqueciam. Ao pôr o coldre à volta do ombro, viu a fotografia de Lisa na secretária, a sorrir, o cabelo a brilhar ao sol de verão e os lábios ligeiramente afastados. O seu amor por ela era tangível, não uma abstração ou um sentimento, mas um peso no coração, uma pressão no peito, uma sensação de calor nas veias.

Nesse momento, soube a verdade.

Tenho de comprar o anel de noivado.

Um movimento à porta fê-lo virar a cabeça. Era Tucker com *Kane* ao lado.

— Capitão Wayne?

— Gostaria de fazer parte desta missão — declarou Tucker, entrando.

— Agradeço, capitão, mas nós o contratamos para descobrir o paradeiro de Amanda e já cumpriu a sua obrigação.

— Eu sei — disse Tucker com uma expressão dura como pedra. — Mas não a minha obrigação com Amanda. Deixei o filho dela em Dubai e espero que me dê a oportunidade de corrigir essa falta.

— Temos certamente lugar para você... e isto para não falar de seu cão.

Mas vamos nos lançar de paraquedas na propriedade dos Gant.

Voar acima de uma propriedade presidencial era proibido. A proibição fora estabelecida muito antes de James Gant ser presidente e era um gesto de cortesia do estado da Carolina do Sul pela generosidade do clã.

O plano de Painter era aproximarem-se, saltar e planar a baixa altitude.

A propriedade era enorme, superior a 120 mil hectares, mais de 1300

quilômetros quadrados de montanhas, imponentes cascatas, bosques sombrios e prados cobertos de erva. A propriedade não tinha dimensões definidas pois a família comprava, de vez em quando, fazendas, ranchos e pomares vizinhos.

Esse terreno remoto e selvagem permitiria que a equipe de Painter chegasse a pé ao lugar onde se encontrava o irmão do presidente sem ser vista.

Tucker tinha feito paraquedismo.

— *Kane* e eu passamos muito tempo a saltar de paraquedas — assegurou ele a Painter. — Trouxe o equipamento do cão comigo.

— Então, seja bem-vindo.

Kowalski levantou-se, espreguiçou-se e saiu com eles.

Percorreram o corredor. Painter aguardava a chegada de outro companheiro de equipa, mas, pelo visto, estava atrasado e teria de se encontrar com eles na pista. O tempo passava. Jason Carter chefiaria o ninho de comunicações na sua ausência. Era uma responsabilidade muito grande, mas Painter tinha confiança no jovem analista.

No momento em que Painter chegou ao elevador, a porta abriu-se.

O último membro da equipe encontrava-se no interior. O marido de Kat ajustava a sua mão protética, prendendo o punho com uma torção e mexendo os dedos. Monk já devia ter ido buscar a sofisticada prótese que Painter lhe encomendara especificamente para esta missão.

— Até que enfim — repreendeu-o Painter.

— Tente encontrar alguém para cuidar de crianças no 4 de julho — justificou-se Monk, olhando-o de frente com ar feroz. — Agora, vamos buscar as nossas mulheres.

13h25

MONTANHAS BLUE RIDGE

— Está dizer que esta criança pode viver para sempre? — perguntou Lisa. — Que é imortal?

Edward Blake permaneceu sentado no cubículo da enfermaria.

— Estou. A não ser que tenha um acidente ou uma doença, pode viver durante muito tempo. Creio que vão ser necessários mais ajustamentos para alcançar a imortalidade, mas, como disse, ele não é o primeiro imortal a nascer neste mundo.

— O que quer dizer com isso?

— Na medida em que temos tempo até Petra terminar a avaliação genética do bebê, vou tentar explicar. É o mínimo que posso fazer para lhe agradecer ter salvado a criança.

Lisa preparou-se para o escutar.

— Muitos cientistas acreditam que a imortalidade será alcançada dentro de pouco tempo. Tudo indica que ocorrerá em meados deste século, por volta de 2045. O que significa que as crianças nascidas hoje testemunharão esse projeto e terão a possibilidade de se tornar imortais. Por isso, são potencialmente imortais. Ou, pelo menos, estão muito perto de o ser. A sua vida pode facilmente ser duplicada ou triplicada.

Ela imaginou a premonição do médico. Crianças nascidas hoje viveriam para sempre. Eram os imortais que já se encontravam entre nós.

Tal pretensão, contudo, parecia impossível.

— Espera realmente que possamos alcançar a imortalidade em tão pouco tempo? — exprimiu ela a sua dúvida em voz alta.

— Ou mais ou menos por essa altura. E eu não sou a única pessoa a reivindicar isso. Centenas de cientistas, investigadores, visionários e outros que desempenham as mais variadas profissões, medicina, genômica, gerontologia, indústria farmacêutica, nanotecnologia e robótica, garantem a mesma coisa. Financiados pelo nosso benfeitor, damos no laboratório os primeiros e hesitantes passos em direção à eternidade.

O nosso benfeitor...

Robert Gant.

Estava além da compreensão. Todo este horror perpetrado na tentativa de viver para sempre. No entanto, Lisa sentia que se passava mais alguma coisa, outro plano que permanecia secreto — *mas qual?*

Sabia que se mantivesse Edward a falar obteria mais respostas.

Ele não se fez rogado e ostentou toda a sua eloquência.

— Há duas teorias quanto ao prolongamento da vida humana. A primeira é transformar máquinas em homens e a segunda, transformar homens em máquinas.

Ela abanou depreciativamente a cabeça.

— Há mil anos, a esperança média de vida era vinte e cinco anos. Levou novecentos anos a prolongá-la para trinta e sete. Hoje, essa média é de setenta e oito. Quer dizer, portanto, que, nos últimos *cem*, duplicamos a esperança de vida. E este aumento espantoso deve-se à ciência e à tecnologia. E, a partir de agora, há de aumentar mais depressa. As estimativas dizem que, em breve, acrescentaremos um ano de vida por cada ano que passar. Pense nisso. Por cada ano que envelhecermos, a esperança de vida aumentará um ano.

— Mas o que ativará esse aumento?

— O que sempre o ativou, a forja da tecnologia. Nessa forja, máquina e homem serão fundidos num só.

Ele devia ter notado o seu ceticismo e sorriu, pronto a dissuadi-la.

— Já existem pessoas com fígados artificiais — prosseguiu o médico. — Atualmente, trinta mil pessoas afetadas pela doença de Parkinson têm implantes neurais. E à medida que o tamanho dessas peças sobresselentes diminuir, seremos invadidos ainda mais por elas. Os progressos em nanotecnologia, que fabrica a nível atômico, vão permitir substituir órgãos vitais dentro de *quinze* anos, células sanguíneas em *vinte* e, em *vinte e cinco*, a nanotecnologia reprogramará o nosso *software* biológico para inverter o processo de envelhecimento.

Lisa percebeu.

— *Introduzir máquinas no homem...* no nosso corpo.

— É um caminho para a imortalidade. Mas o reverso é ainda mais prometedor. À medida que o poder dos computadores aumenta exponencialmente, um termo foi inventado, *singularidade*, que marca o momento em que a inteligência artificial ultrapassará a humanidade. E

vários especialistas em futurologia esperam que isso ocorra em meados deste século.

—Tão cedo?

Edward acenou a cabeça com um pequeno sorriso de satisfação.

— Essas estimativas dizem que, por volta de 2030, o poder dos computadores será um milhão de vezes maior do que hoje. Tudo é possível com um tal poder. Entretanto, cientistas de todo o mundo procuram maneiras de *fundir* esse poder crescente dos computadores com o nosso.

Investigadores, na Suíça, estão a manipular o cérebro humano, simulando cada neurônio, a fim de obter um cérebro *virtual* completo dentro de dez anos. E aqui, nos Estados Unidos, investigadores do MIT estão a construir um mapa de todas as

sinapses do cérebro, biliões de conexões entre os neurônios, para localizar o centro da consciência humana.

Lisa suspirou.

— Suponho que o derradeiro objetivo seja *preencher* esse centro vazio e substituir a nossa consciência por computadores.

— Exatamente. *Transformar homens em máquinas*. O segundo caminho para a imortalidade — disse Edward, lançando um olhar para a incubadora.

— Mas eu ando à procura de um terceiro caminho.

— Qual é?

— Uma nova ciência. *Cibergenética.* A fusão da tecnologia no *nosso código genético.*

— A fita do PNA — murmurou Lisa, compreendendo e ficando simultaneamente espantada e horrorizada ao imaginar essa peça de proteína manipulada serpenteando no DNA e o controlando.

— O DNA é apenas um conjunto de processos de informação para construir o nosso corpo. Mas esse *software* é antigo, tem milhões de anos. O PNA possui o potencial de restaurar esse sistema. Desengrenando a humanidade para sempre.

Lisa tentou fazê-lo descer das arrogantes alturas da teoria para a realidade do laboratório.

— Mas voltemos ao seu trabalho de investigação. O que faz o PNA que implantou no rapazinho?

— Lida basicamente com os efeitos nocivos causados pelo envelhecimento. A gerontologia, o estudo da velhice, descobriu que existem apenas sete formas de o corpo se danificar a si mesmo ao envelhecer.

Desde que essas formas sejam invertidas, a imortalidade ica ao nosso alcance.

Edward olhou-a de modo significativo, erguendo uma sobrancelha.

— E você o fez — disse ela em voz rouca. — O seu PNA manipula e regula o DNA para compensar esses danos.

— Assim é, mas não de modo perfeito. Concentramos a maior parte dos nossos esforços numa delas. A morte das células. Conhece o limite de Hayflick?

Ela abanou a cabeça. Era-lhe cada vez mais difícil falar.

— Em 1961, o doutor Leonard Hayflick calculou que a idade máxima natural para um ser humano são cerca de cento e vinte anos. Baseou-se no número de vezes que uma célula se divide antes de parar. O número destas divisões é determinado pelo comprimento de DNA repetido no fim de cada cromossoma da célula. Essas sequências repetidas são chamadas telômeros e agem como as agulhetas nas pontas dos atacadores não os deixando desfiar. Após um certo número de divisões, os telômeros gastam-se e os cromossomas desfiam-se, acabando por morrer.

— Manipulamos o PNA de modo a fazê-lo funcionar como um telômero

permanente a fim de criar células que não morressem e permitir-nos, por isso, ultrapassar o limite de Hayflick.

— Criando um caminho para a imortalidade?

Ele acenou a cabeça.

— Estamos no limiar da eternidade.

— Mas porque fazer isto? Haveria tantas consequências negativas se o homem pudesse viver para sempre. Excesso de população, fome, estagnação. Há uma razão para morrermos e darmos lugar à geração seguinte.

— Sim, é verdade, mas esses perigos somente existirão se a tecnologia ficar à disposição de *todos*. Nas mãos de uma elite, gente escolhida a dedo, não haverá esse risco.

Chocada, ela pensou em Robert Gant. Este plano seria dele? Criar uma nova dinastia imortal para manter a sua linhagem para sempre viva?

— Porque anda a ajudá-los? — indagou ela finalmente.

— Porque devo. A humanidade sempre reagiu contra as restrições e limites. Deixamos a nossa pátria para atravessar mares por explorar.

Conquistamos a atração da gravidade para voar. Até viajamos no espaço.

Temos agora a oportunidade de dar o próximo passo para alcançar a liberdade, a liberdade suprema, quebrar as correntes da mortalidade e libertarmo-nos da nossa própria sepultura.

Lisa ficou aterrada. No decurso do trabalho em conjunto, tinha simpatizado com ele, mas, agora, a loucura do médico transparecia.

— Perguntaram uma vez ao visionário Raymond Kurzweil se Deus existia — disse Edward, fitando a incubadora. — E ele respondeu: *Ainda não.*

Ela olhou para ele, convencida da sua megalomania. Sabia, pelos anos de experiência profissional, que este estado mental raramente se manifestava como loucura furiosa e que a maioria dos megalômanos tinha um comportamento encantador, acreditava nas suas convicções e eram frequentemente descritos como sendo *simpáticos*. Eram monstros com rostos ternos.

Foi salva daquela situação pelo regresso de Petra. A mulher avançou para eles com um maço de relatórios nas mãos. Ao chegar ao cubículo de Blake, manteve-se inexpressiva e ele olhou esperançosamente para ela.

— Qual é o veredito sobre a criança?

— Não é bom. Pode ter um aspeto saudável, mas as triplas hélices continuam a desnaturar-se e a largar itas de PNA. E, ainda pior, o processo parece estar a acelerar.

Edward esfregou os olhos e soltou um suspiro de derrota.

— Quer dizer que a degradação não foi causada por o rapazinho estar doente. Como eu temia, ele está simplesmente a rejeitar o PNA.

— Este bebê não nos serve para nada — atalhou Petra.

— Estávamos tão perto — murmurou Edward, cabisbaixo.

— Vamos continuar a trabalhar — disse Petra. — O sucesso não deve estar longe. E, além do mais, o doutor sabe que eles só querem crianças do sexo feminino. O rapaz estava, de qualquer modo, condenado.

Condenado?

Lisa empertigou-se.

— Do que estão a falar?

Edward Blake, perdido no seu desapontamento, pareceu surpreendido por ela ainda se encontrar ali.

— Compreende certamente que os indivíduos de sexo masculino com hélices triplas são basicamente estéreis. Podem viver para sempre, mas são geneticamente incapacitados. Só as *fêmeas* podem transmitir o PNA a gerações futuras.

— Não, não compreendo — disse ela para que eles continuassem a falar e aproximando-se aos poucos do cartão-chave pousado na secretária de Edward.

Não consinto que façam mal a esta criança...

Ele virou-se para o computador e bateu numas teclas. O vídeo acelerado de uma divisão celular apareceu na tela. As duas itas de DNA

estavam coloridas a vermelho e o único PNA a azul. Duas fitas adicionais de PNA pendiam soltas do citoplasma. Quando as células se dividiam, o PNA

desviava-se e ia juntar-se aos outros no citoplasma enquanto a divisão celular continuava normalmente. Uma vez que a célula se separava em duas, uma das itas do PNA de cada uma das novas células saía do citoplasma e voltava para a ita de DNA, tornando a formar a hélice tripla em ambas as células.

— E, assim, já compreende? — perguntou Edward.

Ela compreendia agora porque um macho não podia transmitir a característica da hélice tripla. A célula do esperma contém metade do DNA

do homem. Um óvulo contém metade do DNA da mulher *mais* todo o seu citoplasma e tudo o que se encontra no interior do fluido gelatinoso celular: mitocôndrias, organelas, proteínas e, neste caso, PNA. Por causa disto, um pai não pode transmitir PNA citoplásmico. Só a mãe.

— É como as mitocôndrias nas mulheres — disse Lisa. — Todas as mitocôndrias são transmitidas pela linha genética feminina, de óvulo para óvulo.

— Correto. Já está, portanto, a perceber.

Ela acenou a cabeça.

— Por isso, também compreende porque temos de matar esta criança.

Ela endireitou-se na cadeira.

— Não!... Claro que não compreendo!

Edward suspirou.

— É estéril e só tem utilidade para a investigação. Se tivéssemos conseguido voltar a estabilizar a sua hélice tripla, ele seria perfeito para a mesa de vivissecção de Petra. Os seus órgãos seriam dispostos em vários sistemas artificiais de suspensão para testar a imortalidade. É melhor do que ter de esperar dezenas de anos para estudar o seu desenvolvimento.

A ciência não pode avançar com tanta lentidão, sobretudo, por causa de algo tão sem importância como a moralidade.

Lisa recostou-se, entorpecida. Trabalhara toda a noite para salvar o bebê — *para ele ter este fim?*

E também se afeiçoara ao rapazinho. Como podia ter resistido àqueles imensos e confiantes olhos azuis?

Petra olhou com ar carrancudo para a incubadora, como se o rapazinho fosse um cão que tivesse espatifado os seus sapatos favoritos.

— Agora, é inútil. Mais outro revés.

— Um revés prometedor — acrescentou Edward, dando uma palmadinha na mão da enfermeira. — Pode fazer-lhe a necropsia e colher as amostras que quiser dos tecidos histológicos. Apesar do revés, ainda podemos aprender muita coisa.

Basta!

Lisa não iria deixar que matassem a criança.

Enquanto se concentravam no bebê, de costas viradas para ela, Lisa tomou uma decisão.

Encostando-se à secretária do médico, agarrou no cartão-chave e no candeeiro. Puxou o fio da tomada e atirou o candeeiro contra a nuca de Petra. A base de aço bateu-lhe no crânio e ela tombou pesadamente no chão.

Edward fez menção de se levantar, mas Lisa tirou a cadeira debaixo dele com um pontapé. O médico caiu para a frente e ela aproveitou o seu desequilíbrio para lhe dar uma joelhada no nariz, fazendo-o estatelar-se no chão. Não perdeu os sentidos, mas ficou tonto.

A seguir, Lisa pousou o candeeiro, precipitou-se para a incubadora e, tão gentilmente quanto podia, retirou os dispositivos de monitorização da unidade neonatal de cuidados intensivos. Logo que soltou o bebê, envolveu-o num cobertor e apertou-o contra o peito.

A única saída possível era a porta por onde Robert Gant entrara no dia anterior. Correu para lá, ignorando os queixumes do tornozelo inchado.

Abriu a fechadura com o cartão-chave roubado e saiu a toda a pressa da enfermaria.

Deparou com um labirinto de corredores e salas mal iluminado e de aspeto deserto à espera de vir a ser ocupado pelo novo laboratório de Blake. Pelo menos, fora o que ouvira dizer.

Tomou uma direção e fugiu às cegas com a criança, correndo tão depressa quanto podia por causa do tornozelo e agradecendo o facto de o rapazinho se manter quieto.

Não se dera ao trabalho de despachar ou amarrar Petra e Edward.

Por uma razão muito simples.

Lembrou-se da câmara de segurança a segui-la quando fugiu. Alguém já sabia que ela escapara.

36

4 DE JULHO, 13H48, EST

MONTANHAS BLUE RIDGE

— Para onde foi? — insistiu Robert Gant.

Estava diante de um computador no gabinete do doutor Emmet Fielding, localizado na zona vermelha do complexo subterrâneo. A segurança central tinha-o avisado há uns minutos de que Lisa Cummings atacara dois cientistas e fugira com o neto do seu irmão.

Cerrou um punho. Não de raiva contra a mulher, mas ao pensar no irmão. Segurou o desgosto no punho e apoiou todo o seu peso, esmagando os nós dos dedos no tampo da secretária para tentar conter a dor.

Recordações de momentos passados com Jimmy cintilaram na sua cabeça: dois irmãos a cavalo, a beber cerveja atrás do celeiro, a jogar às cartas fumando charutos. Fora Jimmy quem o ajudara depois da morte da mulher. Tentou segurar toda a vida no punho, reprimir aquelas recordações.

Era por isso que tinha ido para ali, trabalhar com o doutor Fielding em alguns projetos, estudando os últimos *designs* de neurópodes, incluindo várias horrendas criaturas de guerra nas primeiras fases de desenvolvimento.

Qualquer coisa que o mantivesse distraído.

Robert compreendeu a inevitabilidade do homicídio do irmão e a sua lógica quando lhe foi apresentado como um facto consumado. A Linhagem assim o exigia. E ele tinha de obedecer — como sempre fizera no passado.

Mas não conseguia escapar à dor.

— Ainda não a encontramos — disse o guarda. — Há apenas cinco câmaras ativas nessa secção das instalações.

A imagem do homem pairou no canto superior da tela.

— Verifique as câmaras das zonas vizinhas. Azul e laranja.

— Sim, senhor.

Enquanto esperava, Robert fez aparecer no monitor um mapa da propriedade. A mansão principal, a Casa, ficava a 16 quilômetros de distância e era rodeada por muros altos. Somente uma pequena fração da família estava a par da sua existência. E, apesar de ter ido pescar umas vezes num rio ali perto, nem mesmo Jimmy a conhecia.

Os laboratórios de investigação cobriam oito hectares e ocupavam uma mina antiga num remoto terreno que pertencia à propriedade, no meio de altas falésias e cascatas da Divisão Continental Oriental. A divisão — que passava pelas montanhas Blue Ridge e atravessava o domínio dos Gant — separava a linha de partilha das águas da região: de um lado, os rios iam desaguar no golfo do México; e do outro, corriam em direção ao Atlântico.

Há um século, um membro da Linhagem descobrira a velha mina inundada e, depois, ao longo do tempo, convertera-a num lugar secreto que se estendia por baixo de bosques e prados.

Examinou o mapa, que parecia o teste de Rorschach de um louco.

Grande parte estava sombreada a cinzento, indicando as secções desocupadas. Robert lembrou-se de tempos melhores. No apogeu da Guerra Fria, o lugar fora ocupado por centenas de investigadores de ambos os lados da Cortina de Ferro, todos a trabalhar para a Confraria, para a Linhagem. Os corredores vibravam com a excitação e o talento dos homens e das mulheres que trabalhavam nos limites da exploração científica e, com frequência, mais além.

Robert fitou as zonas cinzentas que devoravam as instalações como cancro. A exemplo do que sucedera a muitas companhias norte-americanas, os projetos que tinham outrora ali florescido foram enviados para o estrangeiro, para países do Terceiro Mundo, onde não eram feitas perguntas, a mão de obra era barata e a interferência governamental, nula.

Assim, esta velha instalação foi escavada, tornando-se uma abandonada catedral erigida à ciência. Embora isolado e à deriva, só o seu projeto de estimação continuava a avançar. A Linhagem já não considerava a investigação robótica viável para prolongar a vida. A sua envergadura era demasiado *macro*. E, assim, tudo mudou para o mundo microscópico das células estaminais, a nanotecnologia, e a manipulação do DNA. Só ultimamente essa tendência estava a inverter-se por causa do desenvolvimento em robótica, criando a nova ciência da *neurorrobótica,* a fusão do homem e da máquina.

No entanto, a Linhagem tinha relegado o trabalho dele para a investigação de armamento, o que não deixava de ser apropriado. Só no Afeganistão, mais de dois mil robôs lutavam ao lado das tropas americanas, e esse contingente estava rapidamente a aumentar em número e inteligência.

Robert continuava, por isso, a trabalhar em armamento. O laboratório era perfeitamente adequado: isolado numa área onde o tráfego aéreo era proibido e, melhor que tudo, rodeado por rios, florestas, prados e falésias — o ambiente ideal para testar neurópodes no terreno.

Agora, com a perda da instalação em Dubai, a vida estava novamente a voltar a estes corredores vazios. Novos sacerdotes regressavam à catedral, prontos a trazer

de volta o coro e os cânticos do método científico.

Robert devia estar feliz, mas tudo o que sentia morrera dentro dele. A perda do irmão logo após a morte de Amanda e, agora, a ameaça que pairava sobre o seu sobrinho-neto, abatera-o — ou talvez sempre se tivesse sentido assim e fora preciso sujar as mãos com o sangue de Jimmy para o reconhecer.

A Linhagem não tinha sido amável com a sua família.

Planeava acabar com isso hoje.

— Senhor — voltou Robert a ouvir a voz do guarda. — Não há ninguém nas zonas azul e laranja.

— Então, amplie a busca e mande a segurança ir a pé esquadrinhar todas as salas, casas de banho e armários.

— Muito bem, senhor.

Robert sabia que era uma tarefa difícil. Por causa do 4 de julho só um número reduzido de empregados se encontrava no local, embora o pessoal regular não fosse muito mais.

Mas tinha de recuperar o seu sobrinho-neto.

Já perdera de mais, hoje, e tinha pouca esperança de poder salvar a criança e o que restava da sua família mais próxima. Mas com o mundo exterior a fechar-se sobre o seu mundo privado, tinha, primeiro, de proteger o bebê.

Sabia o que queria.

Poder.

Bateu numa tecla e surgiu uma cela na zona vermelha. Uma mulher de cabelo rapado estava sentada em cima da cama com o rosto entre as mãos.

Robert premiu o botão do intercomunicador.

— Sim — respondeu o doutor Fielding do laboratório na mesma zona.

— Não queria testar os novos neurópodes e desafiar as suas capacidades com maior vigor, Emmet? — perguntou.

— É evidente, anuiu Fielding, excitado.

— Então vamos começar.

Robert desligou e fez as chamadas necessárias e, depois, carregou noutro botão para ter acesso a uma câmara que requeria um código que só ele conhecia.

Ninguém podia saber da existência desta mulher presa.

Outra sala apareceu na tela. Estava luxuosamente mobilada com uma grande cama, cadeiras estofadas, uma lareira de pedra e as paredes eram decoradas com tapeçarias. O teto, de onde pendia um lustre de cristal antigo, tinha vigas de madeira e era emoldurado por arcos góticos.

Mas não deixava de ser uma cela.

A janela, banhada pela luz do sol, tinha grades e a pesada porta de madeira chapeada de ferro tinha uma fechadura eletrônica.

A prisioneira devia ter ouvido o ruído da câmara quando Robert a apontou para a janela. A sua silhueta esbelta desenhou-se contra a luz do sol. E, ao notar o movimento da câmara, avançou de cabeça erguida.

Ainda vestia a mesma roupa de cabedal que tinha ao chegar, embora parecesse que tinha tomado um duche.

Olhou com uma expressão colérica para a câmara.

Os seus olhos verdes, ligeiramente amendoados, indicavam a sua origem euroasiática. Sentia um aperto no peito só de ver esses olhos.

Tocou na tela com as pontas dos dedos e contornou a face dela com o polegar, sabendo que nunca poderia chegar mais perto. Ela fugira há uns anos da Confraria e tornara-se inimiga da Linhagem, mas, agora, regressara.

— Aonde tu pertences — murmurou em voz rouca. — Nunca deveria ter deixado que escapasses.

Foi interrompido pelo aparecimento de outro rosto a um canto da tela, o que o irritou.

— Senhor Gant — disse o indivíduo. — É para o informar que o helicóptero com a encomenda de DC chegou.

— Entendido. Voltarei à Casa dentro de uns instantes.

Um túnel subterrâneo ia do complexo laboratorial até uma entrada segura na mansão. Podia apanhar o transporte elétrico e voltar em minutos.

Ficou mais uns momentos a observar a sua bela prisioneira.

Como se sentisse o seu olhar, a rapariga levantou um braço e fez um gesto obsceno na sua direção.

Robert sorriu e desligou a câmara. Virou-se e dirigiu-se para o túnel a caminho da Casa, pronto para encarar o homem que matara o seu irmão.

14h03

Quando o helicóptero fez uma larga curva, Gray olhou, impressionado, para a mansão da família Gant lá em baixo.

Vira fotografias da imponente casa em livros, mas nunca ao vivo.

Poucas pessoas a tinham visto. Competia com os grandes castelos americanos construídos pelas famílias Vanderbilt, Rockefeller e Hearst.

Mas o clã Gant pertencia à velha escola e copiara o estilo de um famoso castelo dos cruzados na Síria, o Krak des Chevaliers, a Fortaleza dos Cavaleiros.

Os seus muros exteriores, guarnecidos de pequenas torres quadradas e frestas para os arqueiros, tinham três metros de espessura. A única passagem através dessas muralhas era um arco maciço com uma ponte levadiça por cima de um fosso.

No interior, metade de um pátio iluminado pelo sol era parque de estacionamento e a outra metade, um jardim com carvalhos seculares e canteiros de rosas. O castelo propriamente dito tinha setenta salas, todas com arcos pontiagudos de estilo gótico, janelas altas e numerosas portas e varandas. Tudo isto conduzia a duas torres quadradas coroadas por parapeitos denteados.

O helicóptero baixou numa pista no interior. Ao aterrar, Gray sentiu o mundo fechar-se à sua volta, encurralando-o. Foi levado com os pulsos algemados atrás das costas sob a ameaça de uma pistola. O chefe do bando empurrou-o ao longo do pátio e obrigou-o a dirigir-se para as gigantescas portas em arco da mansão principal.

Gray não viu nenhum sítio por onde pudesse fugir. Mas, mesmo que conseguisse escapar, continuava eletronicamente preso ao transmissor no bolso do chefe. Se percorresse mais de dez metros, a contagem para a detonação recomeçaria.

Não podia, neste momento, perder a cabeça.

Literalmente.

A uns passos de distância, o chefe levou o auscultador ao ouvido. Coçou nervosamente o crucifixo tatuado no pescoço.

— Sim, senhor — foi tudo o que Gray ouviu.

— Vem comigo — ordenou-lhe o homem.

Subiram os degraus de pedra e passaram por uma porta de madeira aberta esculpida com cenas de cavalaria — de torneios a batalhas.

Entraram numa grande sala. Com os tetos abobadados e as colunas de pedra, parecia uma catedral. A luz do sol atravessava vitrais em que se viam ainda mais cavaleiros, mas num ambiente mais cortês. Muitos vestiam túnicas com a cruz dos Templários.

Apesar de toda aquela grandeza, pairava um indescritível calor humano.

Tapetes espessos cobriam o chão de pedra. Duas lareiras em extremidades opostas, suficientemente altas para entrar lá dentro um cavalo, prometiam alegres fogueiras invernais. Mesmo agora estavam cheias de ramos de flores que perfumavam a sala com o odor do verão.

E Gray apercebeu-se da origem do nome da propriedade, a Casa. A reputação da mansão como pavilhão de caça era evidente. Havia peles de urso no chão e cabeças de animais de todos os continentes nas paredes.

Hemingway haveria de sentir-se feliz aqui.

— Despacha-te! — latiu o chefe.

Gray atravessou apressadamente a sala até uma porta ao lado de uma das lareiras. O chefe bateu.

— Entra.

Gray foi arrastado para dentro de uma pequena biblioteca, arranjada como uma sala de estar, com mobiliário antigo francês, uma pequena lareira e minúsculas janelas do tamanho das frestas para setas, através das quais se podia espreitar os jardins.

O solitário ocupante estava sentado numa cadeira ao lado da lareira apagada. Vestia um discreto fato cinzento, mas tinha tirado o casaco e dobrara-o sobre o espaldar da cadeira. O colarinho da camisa branca estava desabotoado e tinha as mangas arregaçadas.

Robert Gant estendeu-lhe a mão.

O chefe precipitou-se para a frente, passando-lhe o transmissor e a chave das algemas para a mão e, depois, saiu à pressa, claramente obedecendo a ordens anteriores pois nem uma palavra foi trocada entre os dois.

A porta fechou-se.

O irmão do presidente olhou para Gray de frente.

— Ele sofreu? — foram as suas primeiras palavras.

Gray não precisava que lhe explicassem a quem ele se referia, mas não sabia que atitude tomar. O peito em fogo e o ardor nos olhos que queimavam os limites do seu autodomínio tornavam as coisas piores. Mas algemado e à mercê do transmissor nada podia fazer senão ficar de pé, com as pernas a tremer com a vontade de se atirar àquele tipo sem se importar com as consequências. Apertava tanto os punhos que as algemas lhe cortavam os pulsos.

Robert fez-lhe sinal para se sentar na cadeira em frente da lareira.

Não confiando no seu poder de controlo, Gray aceitou. Sentou-se na beira da cadeira, pronto a lançar-se de cabeça para se vingar do homem responsável pela morte da sua mãe.

— Por favor, sei que não vale a pena operar Jimmy. Ouvi o prognóstico dos cirurgiões. Mas nos seus momentos finais, o meu irmão sofreu? — repetiu Robert,

desta vez com a voz embargada.

Gray apercebeu-se mais da desolação do que das palavras. Aquela melopeia de pesar deixou-o ver a tristeza mal contida do homem para lá do ódio que sentia por ele. Os olhos de Robert estavam congestionados e sombrios, e a cor da pele era tão cinzenta como o fato.

Por um motivo qualquer e embora o detestasse, Gray respondeu com comiseração.

— Não, o seu irmão não sofreu.

Robert acenou a cabeça e baixou os olhos.

— Obrigado.

O homem ficou ali quieto numa atitude pesarosa durante bastante tempo. Quando levantou finalmente o rosto, as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Limpou-as e fitou a lareira, como se necessitasse de calor.

— Lamento o que sucedeu à sua mãe — disse docemente.

O corpo de Gray crispou-se e esteve prestes a saltar da cadeira.

Mas o rosto que o homem revelou, tão sinceramente perturbado, acalmou a raiva de Gray.

— A perda de um ente querido é um desgosto que nunca abandona o nosso coração. Estou bem ciente disso. É um preço demasiado elevado, mesmo para uma vida eterna. E agora, parece uma coisa horrível.

Gray lembrou-se de Seichan dizer algo semelhante. O que se passava com este indivíduo? Esperara ser interrogado e torturado ao chegar. A sua única esperança era que Painter tivesse recebido a sua mensagem secreta e calculado que ele tivesse sido raptado.

— A acumulação do pesar ao longo da vida de uma pessoa é mais do que um coração pode suportar — explicou Robert. — Só os seres impiedosos conseguem aguentar. Ou aqueles que são demasiado jovens e ingênuos para compreenderem realmente tal perda. Como eu era quando eles vieram à minha procura.

— Quem o veio procurar? — perguntou Gray, tentando perceber o que ele dizia.

Robert permaneceu calado, dando a impressão de estar a refletir.

— Vou mostrar-lhe. Você pode vir a ser-me útil.

Levantou-se e convidou Gray a segui-lo. Aproximou-se de uma estante e puxou uma alavanca meio escondida entre os livros. Uma porta secreta abriu-se, revelando uma escada de pedra em caracol iluminada por candelabros.

Robert tomou a dianteira. Gray esperava ver teias de aranha e archotes nas paredes, mas as escadas desciam ao longo de andares subterrâneos.

Viu lavandarias e cozinhas instaladas noutros patamares, e chegaram a uma cave de vinhos. Túneis arqueados cavados na rocha espalhavam-se em múltiplas

direções, vagamente iluminados por lâmpadas penduradas do teto. Viam-se grandes barris de carvalho alinhados em ambos os lados.

Salas contíguas, como pequenas capelas dedicadas a Baco, continham centenas de garrafas cobertas de pó, uma riqueza inimaginável.

Robert caminhava rapidamente, como se receasse mudar de planos ou ser detido por alguém. Gray deixava-se arrastar atrás dele, tanto por causa da trela invisível como por curiosidade. Pararam ao fundo daquele labirinto, numa sala ocupada por quatro maciços barris de vinho francês do tamanho de paquidermes.

Robert avançou para um deles e abriu a parte da frente do barril. O

interior estava forrado de aço. Robert saltou para dentro e Gray seguiu-o.

A parte de trás do barril parecia a porta do cofre de um banco. Robert marcou um código e colocou a palma da mão num ecrã eletrônico.

Luzes verdes cintilaram e o ruído surdo de um mecanismo hidráulico rodou uma porta de aço com sessenta centímetros de espessura que dava para um cubículo.

Percebeu que se tratava de um elevador quando viu Robert marcar mais códigos e começaram a descer.

Robert não proferira uma palavra durante todo o percurso e parecia perdido no seu próprio pesar.

O elevador parou finalmente e saíram para a antecâmara de uma sala hermeticamente fechada, com o comprimento de meio campo de futebol.

Mas isto não era nenhuma área industrial esterilizada e parecia algo saído do museu britânico. Estantes de mogno com volumes poeirentos, pergaminhos amarelecidos e artefatos de todas as épocas da humanidade.

Cúpulas de vidro sobre bases de mármore protegiam estátuas delicadas e peças de ouro.

— O verdadeiro coração da Linhagem encontra-se aqui — disse Robert, virando-se para ele.

37

4 DE JULHO, 14H07, EST

MONTANHAS BLUE RIDGE

Lisa empoleirou-se na sanita de uma casa de banho às escuras com o bebê ao colo. Empunhava uma faca de amputação *Langenbeck*.

Tinha encontrado aquela arma, que parecia um bisturi com uma lâmina de vinte centímetros, num laboratório de necropsia. A morgue, como grande parte destas instalações labirínticas, parecia abandonada há muito.

Uma camada fina de pó tinha coberto tudo. Sabia que não podia esconder-se num dos congeladores mortuários. As suas pegadas eram visíveis no chão empoeirado.

Para ocultar o seu rasto, tinha caminhado ao longo das margens das secções ocupadas, um itinerário perigoso. Por duas vezes esteve perto de ser descoberta, mas, felizmente, havia muitos lugares onde se esconder.

Teve de passar por um corredor que se estendia de uma ponta à outra das instalações, indo parar a um lugar escuro.

Em poucos minutos, apercebeu-se de que devia estar num subterrâneo.

Não havia janelas em lado algum.

Tenho de encontrar uma saída para a superfície.

Se conseguisse escapar e pedir socorro, poderia ajudar realmente Kat.

Qualquer tentativa de a socorrer sozinha era inútil. O tornozelo continuava a latejar e a perna doía-lhe a cada passo.

Não era só a vida de Kat que estava em perigo.

O bebê dormia nos seus braços, quieto que nem um cordeiro, com a barriga cheia de leite. Ainda devia estar fisicamente exausto por causa da deterioração quase mortal do seu sistema. Rezou para que a criança se mantivesse quieta.

Tinha vindo para aquela casa de banho para descansar um pouco e refletir. A sua fuga assemelhava-se à de um coelho assustado, perseguido por uma matilha de cães. De momento, conseguira escapar aos seus perseguidores e chegara a uma secção com paredes amarelas. As diferentes áreas das instalações pareciam ser identificadas por cores.

Fugira de uma branca através de um corredor cor de laranja e chegara a uma amarela.

Lembrou-se da cela de Kat.

Tinha paredes vermelhas.

Descobrira um mapa para o caso de ser necessária uma evacuação e isso tinha mudado o curso da sua fuga às cegas. Começava a esboçar um plano. E, agora, ali, refletia quanto ao melhor trajeto a seguir.

Percebeu, com a ajuda do mapa, que as instalações tinham três níveis e que ela se encontrava no do meio, algures no quadrante noroeste. O

caminho mais curto para chegar à superfície estava indicado no mapa, mas não ousava ir por aí. Muito provavelmente, já havia guardas à sua espera.

Quando chegasse ao próximo lance de escadas, eles iriam julgar que ela subiria, mas, em vez disso, Lisa desceria. Reparou que a zona vermelha não chegava ao terceiro nível. Viu um corredor que atravessava as instalações e passava por baixo da zona vermelha. Podia usar essa passagem para chegar ao lado onde havia menos gente. Havia uma saída numa parte que sobressaía do laboratório.

Era esse o seu objetivo.

Assentou uma perna dormente no chão para verificar mais uma vez o mapa antes de correr para a saída. Nesse preciso momento a porta da casa de banho abriu-se e a luz acendeu-se, encandeando-a.

Um assobio fortuito acompanhou o intruso.

Não era certamente um guarda.

Pelo tom do assobio e as passadas pesadas, era um homem. Rezou para que ele se dirigisse aos urinóis, mas o assobio aproximou-se das divisões das sanitas. Apertou a faca, pedindo a todos os santos que ele se fosse embora.

Não venhas para aqui. Escolhe outra.

A sua oração foi ouvida e ele entrou na divisão ao lado, a que estava mais perto da porta. Ela evitara-a exatamente por causa disso. Esperaria até ele acabar, ficaria ali mais uns minutos e continuaria o seu caminho.

O bebê, talvez incomodado pelo assobio, começou a despertar, esticando um punho enrugado e rechonchudo, e bocejando silenciosamente. Mas Lisa sabia que aquilo não iria durar muito tempo.

Tinha de sair antes que ele fizesse barulho e alertasse o vizinho. Não sabia quanto tempo o homem demoraria. Ouviu-o desapertar o cinto, abrir o fecho de correr da braguilha e baixar as calças, seguido por um longo suspiro de alívio.

Tudo indicava que ele fazia tenção de permanecer ali um bom bocado.

Recomeçou a assobiar.

Lisa não podia arriscar-se a ficar encurralada ali dentro se o bebê começasse a chorar. Pousou lentamente o pé bom no chão, rodou com todo o cuidado a perna magoada, meteu a faca entre os dentes e equilibrou o bebê num braço. Por sorte, ela passara muitas noites a cuidar dos filhos de Kat.

Não tinha fechado o compartimento à chave e limitou-se a abrir a porta o suficiente para sair.

O bebê soltou um gemido de queixa.

Lisa sentiu-se gelar quando o assobio parou e a fechadura do compartimento vizinho se abriu.

O seu novo mantra veio-lhe logo à cabeça.

O que é que Kat faria?

Lisa deu um pontapé na porta quando esta começou a abrir-se, acertando no rosto do homem. Ele caiu para trás e Lisa, de faca na mão, cortou-lhe a garganta quando ele levantou a cabeça. A lâmina afiada como uma navalha de barbear, feita para cortar cartilagens, fez aquilo para que fora concebida. O entalhe profundo cortou a pele, os músculos e a traqueia, impossibilitando-o de gritar. Jorrou sangue da carótida e o homem gorgolejou, com as mãos agarradas ao pescoço e os olhos arregalados de espanto, já morto, mas sem se dar conta.

É isto que Kat teria feito.

Lisa afastou-se da poça de sangue para não deixar pegadas. Fechou o compartimento e apagou a luz. A ausência dele seria provavelmente notada. Tinha de estar longe antes que isso acontecesse.

Espreitou para fora e não viu ninguém no corredor. Mas ao sair, ouviu o seu nome ser chamado em voz alta.

Encolheu-se.

Mas era apenas um altifalante. A voz era masculina e não estava digitalmente deformada. Não tinha a entoação sulista de Robert Gant nem o sotaque britânico de Edward Blake.

Era uma pessoa desconhecida.

— DOUTORA LISA CUMMINGS! ISTO É O ÚNICO AVISO! ENTREGUE-SE JUNTAMENTE COM A CRIANÇA AO NOSSO PESSOAL OU A SUA AMIGA CORRERÁ PERIGO MORTAL.

Um monitor acendeu-se ao fundo do corredor e outros cintilaram noutros lugares. O orador estava a falar para todo o complexo.

Aproximou-se o suficiente para ver uma imagem na tela. O homem usava uma bata branca de laboratório com capuz puxado para trás e uma máscara cirúrgica no alto da cabeça. Avistou Blake em segundo plano. A imagem mudou subitamente para Kat ao lado de uma porta de aço sob a ameaça de uma arma. Parecia que tinha na mão um pedaço de cano e uma espécie de chapa a servir-lhe de escudo.

— COMO CASTIGO E PARA QUE PERCEBA O PERIGO QUE ELA ENFRENTA, VAMOS FAZER UMA PEQUENA DEMONSTRAÇÃO.

A porta abriu-se, mas a ofuscante luz do sol não deixou ver o que se passava. A seguir, viu-se um prado extenso e uma fileira de carvalhos ao fundo. Kat foi

empurrada para o exterior. Avançou aos tropeções protegendo os olhos do clarão do sol com o pequeno escudo.

— ENTREGUE-SE AGORA OU A SUA AMIGA CORRERÁ RISCOS CADA VEZ PIORES. É O ÚLTIMO AVISO.

Lisa não precisou de tempo para decidir.

O que é que Kat faria?

Começou a correr pelo corredor, não para se entregar, mas para fugir enquanto a maior parte dos empregados tinha os olhos fixos na tela para desfrutar qualquer que fosse o desporto sanguinário em exibição. Pelas armas rudimentares que tinham dado à amiga, Lisa sabia que uma espécie de batalha entre gladiadores estava prestes a começar.

Enquanto corria com o bebê, entreviu imagens fragmentadas de Kat a vaguear no meio do prado.

Tenha cuidado, desejou à amiga.

14h18

Kat avançou através das ervas altas com o escudo de aço preso com correias ao antebraço. Tinha um cano com um metro de comprimento na outra mão. Respirou fundo, abastecendo os músculos de oxigênio e preparando o corpo. Os sentidos em alerta.

As ervas eram sobretudo verdes, a cheirar a verão, e o odor aumentava quando as pisava. A orla da camisa de dormir prendia-se a hastes eriçadas.

Ouvia o canto dos pássaros juntamente com o distante ruído de uma cascata a noroeste e o restolhar das folhas ao sabor da brisa.

Sabia que viriam atrás dela.

Tinha ouvido dois investigadores a falar — Fielding e Blake — a discutir que armas testar.

O campo de batalha é a derradeira prova da seleção natural de Darwin, explicara Fielding ao colega. *A sobrevivência é a principal motivação da evolução. E o mesmo sucede com os nossos neurópodes. As nossas armas têm de ser testadas no terreno e endurecidas em batalhas para aprenderem. A cada novo desafio, as sinapses dos cérebros cibernéticos desenvolvem-se e expandem.*

Ela tinha visto esses hexápodes, como ouvira chamarem-lhes. Eram máquinas de titânio assassinas parecidas com caranguejos e equipadas com pernas afiadas e grampos perfuradores. Outras variantes estavam alinhadas sobre a bancada de trabalho. As piores pareciam grandes carraças inchadas com pernas finas como alfinetes.

Ao fundo do laboratório, havia criaturas maiores. Do tamanho de ursos pequenos, encontravam-se em várias fases de montagem.

Kat atravessou o prado, levantando o escudo para testar o peso e balançando o cano para avaliar o equilíbrio.

Dantes, preparávamos os hexápodes para combater adversários desarmados, concluíra Fielding. *Mas, hoje, vamos pô-los à prova contra armas primitivas e escudos. Vão atacar em vagas, aumentando o seu número de cada vez, até se adaptarem e aprenderem a derrotar os seus oponentes.*

Um ruído à sua esquerda, alertou-a. Virou-se, baixando o escudo. As ervas agitaram-se quando qualquer coisa passou subitamente entre elas, atravessando o prado como a barbatana de um tubarão. Avistou mais quatro que, manobrando de forma idêntica, tentavam cercá-la.

Pelos vistos, os hexápodes eram capazes de coordenar os seus movimentos.

Era bom saber isso.

Rápidos como galgos, correram através dos campos. Kat percebeu que nunca

conseguiria chegar às árvores e nem sequer tentou. Dar-lhes-ia combate ali, usando a primeira vaga — caso sobrevivesse — para aprender e se adaptar.

Nada dizia que ela não poderia evoluir tão rapidamente como os seus adversários.

Primeiro, não devia permanecer no meio de vegetação alta. Queria ter uma melhor perspetiva do terreno. Usou o escudo para aplainar as ervas à volta dela, empurrando as hastes para construir uma paliçada espessa, mas deixou uma passagem livre.

O primeiro hexápode foi de encontro à paliçada e emaranhou-se nas ervas. Viu a carapaça de titânio a brilhar e esmagou-a com o cano. O metal estalou. Não o matou, mas incapacitou o seu sistema sensorial e a criatura começou a dar voltas às cegas.

Os outros quatro, partilhando a experiência do primeiro, desistiram de a atacar diretamente. Reuniram-se em círculo e, depois, um deles correu para a passagem sem perceber que se tratava de uma armadilha.

Penetrou no espaço onde ela se encontrava, mas Kat, usando o cano como se estivesse a jogar golfe, acertou em cheio nos sensores, destruindo o mecanismo eletrônico e enviando-o pelos ares. Aterrou de costas e não se mexeu mais.

Um ponto a seu desfavor.

Os restantes três juntaram-se a maquinar claramente um plano e, logo que uma decisão foi tomada, assaltaram a passagem em conjunto.

Desculpem, mas está na hora de fechar o estabelecimento.

Kat fechou a abertura da passagem com o escudo e o hexápode da frente bateu contra a chapa com estrondo. Bateu-lhe com o cano, partindo-lhe as pernas e deixando-o sem conserto.

Os outros dois bateram em retirada, provavelmente, para planear o ataque seguinte.

Mas ela não lhes deu tempo. Agarrou numa pedra do tamanho de um punho e lançou-a para o meio das ervas. O movimento atraiu a atenção das criaturas e uma delas correu na sua direção, mas o seu erro durou apenas uns segundos. Assim que a pedra deixou de rolar, o hexápode parou.

Apercebeu-se de que não era um ser vivo.

O teste confirmava que os hexápodes tinham sensores capazes de detetar movimentos, mas deviam ser igualmente equipados com infravermelhos que captavam o calor corporal. Como tinham ido atrás da pedra, ela duvidava de que a sua acuidade visual fosse muito nítida.

Podiam ser enganados.

Teriam capacidade para ouvir e cheirar?

Os dois hexápodes não lhe deram a oportunidade de descobrir.

Moveram-se velozmente vindos de direções opostas. Um atirou-se ao escudo e o outro, contra a paliçada.

Kat levantou o escudo para abrir novamente a passagem e deixar o primeiro entrar enquanto o segundo tentava desenvencilhar-se das ervas cortando-as com uma lâmina que emitia um zunido.

O primeiro virou-se e preparou-se para atacá-la. Kat utilizou o escudo como uma guilhotina e abateu-o com toda a força sobre o invasor.

E o segundo irrompeu da paliçada com a lâmina de serrar em posição horizontal.

Ela desviou-se para o lado no momento em que este foi de encontro ao primeiro hexápode e terminou o trabalho dela, desventrando-o. Num reflexo defensivo, este retaliou e os dois engalfinharam-se, destruindo-se um ao outro em segundos.

Kat agachou-se e examinou o seu armamento. Tinham um autêntico arsenal por baixo das carapaças. Reparou num pequeno dardo marcado com a designação *M99*.

Cloridrato de etorfina.

Potente tranquilizador de animais de grande porte.

Uma gota é suficiente para imobilizar um homem.

Conhecendo os adversários melhor, Kat olhou para o pequeno *bunker* de onde saíra. Sabia que estavam a vigiá-la.

Vamos ver o que mais têm.

Virou-se e correu para o arvoredo.

14h28

— Ela há de sair-se bem — disse Emmet Fielding, examinando os monitores com as pontas dos dedos a formar um telhado por cima dos lábios. — Está em excelente forma.

Edward estava sentado ao lado dele diante das câmaras. Tocou ao de leve no nariz quebrado. Viu a mulher desaparecer de um ecrã e reaparecer noutro. Atravessava uma sombria floresta de carvalhos, pinheiros e árvores coníferas.

— Não está aborrecido por ela ter dado cabo das suas armas tão depressa? — perguntou.

Um movimento dos dedos rejeitou a sua preocupação.

— Não se pode fazer uma omeleta sem quebrar ovos — disse filosoficamente Fielding. — A Porsche destrói muitos dos seus carros desportivos em testes e ensaios no terreno. É assim que se constrói o melhor. E eu não me contento com menos.

Edward reparara como a pulsação do colega batera mais rapidamente na garganta durante a batalha. Desconfiava de que este gênero de testes era um desporto tão sanguinário para ele como a ciência. Mas não tinha nada que ver com isso.

Ao ver aquilo, Lisa voltaria certamente com o rapazinho.

— Há alguma novidade? — perguntou.

Fielding emitiu um som neutro, decididamente não interessado. Quer Lisa aparecesse ou não, tencionava prosseguir este teste até a mulher na tela ser dilacerada.

Lançou um olhar para o relógio. Petra partira sozinha à procura de Lisa. Após ter sido apanhada desprevenida e levado com um candeeiro na cabeça, a enfermeira só pensava em vingar-se e perseguia a sua presa tão diligente e friamente como aquelas criaturas de aço.

Fielding recostou-se, espreguiçando-se.

— Acho que estamos prontos para o segundo assalto.

— Quantos vais mandar desta vez?

— Uns vinte, creio eu. Mas ela mostrou-se tão prometedora, realmente notável. Vamos passar diretamente para um nível superior e introduzir um novo elemento.

Fielding virou a cabeça, olhando para o fundo do laboratório onde se encontravam figuras maiores com quatro membros, cada uma terminando em garras curvas, como as das preguiças, perfeitas para desventrar as presas. Edward tinha visto a rapidez com que aqueles quadrúpedes se moviam. Era um espetáculo arrepiante.

— Julgo que vou mandar dois — acabou Fielding por decidir, premindo um pouco pretensiosamente uns botões.

Blake olhou para a mulher a correr.

Era melhor que ela rezasse para que Lisa voltasse com a criança, embora, no final, isso não fizesse qualquer diferença.

Para nenhuma delas.

14h29

Lisa fugiu por um comprido corredor mal iluminado com o bebê debaixo do braço e a faca na mão. Tinha visto, numa sucessão de cenas fugidias, o combate de Kat com as criaturas de metal em que a amiga saíra vencedora.

Lisa lançou um olhar por cima do ombro.

Por esta altura, devo estar por baixo da zona vermelha.

Segundo os seus cálculos, estava infelizmente a correr na direção oposta. Não podia ajudar a amiga, apenas tentar sobreviver.

Continuava no corredor que dividia transversalmente as instalações, passando pela zona preta. A área parecia vazia, mas não abandonada. A sua atmosfera era de expectativa, como costuma acontecer antes das tempestades. Uns metros à frente, à direita, havia um vasto armazém do tamanho de uma catedral. Um lance de degraus conduzia até lá.

De cima, a vista de Lisa abrangia todo o espaço. Era suficientemente grande para estacionar um avião a jato comercial. Mas estava cheio daquelas criaturas de metal empilhadas em prateleiras, enquanto umas maiores ocupavam o chão. No meio, e ainda em construção, encontrava-se um monstro com as dimensões de um tanque de guerra, um gigante adormecido à espera que o despertassem.

Um zumbido e cheiro a ozono irradiavam daquele espaço, criando o sensação de uma tempestade prestes a rebentar.

A carga elétrica no ar eriçou-lhe os pelos da nuca.

Afastou-se apressada e receosamente daquele lugar.

O corredor terminou finalmente e ela subiu umas escadas que, consoante o mapa decorado, conduziam a uma saída localizada no laboratório principal, que, esperançadamente, a levaria a um sítio qualquer de onde poderia fugir. Subiu pé ante pé, esperando ouvir alguém gritar a qualquer momento. Passou pelo nível médio e chegou ao andar de cima.

Ao dar o passou seguinte rumo à liberdade, uma voz ecoou.

— DOUTORA CUMMINGS, O SEGUNDO ASSALTO VAI COMEÇAR!

Assustada, Lisa fugiu pelas escadas acima.

Não quero ver.

Mas continuava a ouvir. O ruído das engrenagens de um mecanismo hidráulico acompanhado de maior intensidade de eletricidade no ar.

Estavam a ser mobilizadas forças contra Kat.

Lisa chegou ao cimo das escadas e viu uma porta com o sinal de evacuação de emergência. Receou passar porque podia desencadear um alarme interno e localizá-la, mas não tinha escolha. Se permanecesse ali, acabaria por ser descoberta.

Mais vale arriscar aqui em cima do que ser encurralada lá em baixo.

Empurrou a porta, temendo momentaneamente que estivesse fechada, mas abriu. A luz do sol inundou-a, acordando o bebê.

Ouviu um rugido ensurdecedor.

Saiu do *bunker* e viu-se diante de uma catarata que se despenhava do alto de uma falésia com 15 metros e tombava estrondosamente num rio.

Virou-se lentamente, apercebendo-se de que se encontrava num estreito palco emoldurado por um rio, de um lado, e uma imponente falésia, do outro.

Não havia caminho nem para cima nem para baixo.

Era um beco sem saída.

O bebê começou a chorar, queixumes doces que ecoavam cada vez mais estridentes.

Não o censurava.

Fomos apanhados.

38

4 DE JULHO, 14H25, EST

MONTANHAS BLUE RIDGE

O verdadeiro coração da Linhagem encontra-se no interior.

No limiar do espaço selado do museu, Gray refletiu sobre estas palavras.

— Era um rapaz quando me trouxeram aqui pela primeira vez — explicou Robert. — Demasiado ingênuo para compreender o verdadeiro preço do conhecimento, o pacto de sangue que me seria exigido e os danos que teria de suportar.

Dois símbolos, gravados no vidro, ladeavam a porta de fechadura pressurizada. À direita, uma cruz com as espirais do DNA. Gray já tinha visto aquele símbolo e sabia que Robert não estava a mentir acerca da importância deste lugar. À esquerda, via-se a mesma cruz, mas decorada com serpentes entrelaçadas.

Robert reparou no interesse manifestado por Gray e aproximou-se da cruz com as *serpentes*.

— Isto foi o nosso passado. O outro é o nosso futuro.

Sem mais explicações, Robert abriu a fechadura pressurizada e convidou Gray a entrar. As luzes acenderam-se, revelando uma sala contígua à câmara onde se encontravam. Gray avistou bancadas repletas de computadores que passavam simultaneamente vários programas, mas Robert fez-lhe sinal para continuar.

O que conteriam aqueles computadores?

Aparentemente, essa pergunta teria de esperar.

O que Robert queria mostrar-lhe estava ao fundo do museu. Um alto expositor de vidro com um único objeto: um bastão de madeira.

Curioso, e reconhecendo a antiguidade do artefacto, Gray aproximou-se com as mãos ainda algemadas atrás das costas. Três serpentes esculpidas à volta do bastão ainda eram visíveis.

— O que é? — perguntou.

— Foi descoberto por um antepassado meu numa cidadela no alto de uma montanha da Galileia na época das Cruzadas. Chamam-lhe Bachal Isu e era usado por São Patrício.

— O santo que expulsou as serpentes da Irlanda?

— Exatamente. Mas conhece a história deste bastão e como foi parar às mãos

de São Patrício?

Gray abanou a cabeça.

— A lenda conta que, quando Patrício regressava de Roma de volta à Irlanda, parou numa ilha perto de Génova, onde conheceu um jovem que declarou ter recebido o bastão de "um peregrino com um porte doce e majestoso". E o peregrino dissera-lhe para o guardar até "o meu servo Patrício passar por aqui a caminho de Erinn para ir converter o seu povo.

Dá-lho quando ele voltar a partir". Esse jovem também disse que, enquanto o bastão esteve na sua posse, deixara de envelhecer e que esperava Patrício há mais de um século.

— Um bastão que concede a imortalidade? — inquiriu Gray, olhando com ar cético para o artefacto.

— Segundo o folclore a respeito de São Patrício, esse peregrino era Jesus Cristo.

— E acredita nisso? — voltou a perguntar Gray fitando aquele varapau, com espanto e descrença.

— Não sei ao certo. Mas há outras lendas que garantem que este bastão é muito mais antigo. Que pertenceu ao rei David e, antes disso, a Moisés.

Está-se mesmo a ver, pensou Gray sem querer ofendê-lo nem que ele se calasse. Quanto mais longa fosse a história, mais tempo teria Painter para resolver o enigma que Gray tinha deixado em Washington.

E, além do mais, as palavras de Robert mantinham-no atento.

Ainda podes vir a ser-me útil.

Deixou o homem continuar a falar.

— Quem sabe se é verdade? — admitiu Robert. — Quem encontrou este bastão foi um cavaleiro templário e daí a cruz que decora o nosso símbolo. De acordo com essa história, o bastão encontrava-se em poder de um guarda que dizia ter mais de quinhentos anos. Mas ela roubou o bastão, matou esse homem...

— Espere um pouco. Ela?

— Sim, um dos templários era mulher. Um dos nove originais, mas o seu nome foi apagado dos arquivos históricos depois de ter sido descoberta. Esse momento foi o maior triunfo dos nossos antepassados e o nosso erro mais amargo. Mas estou a adiantar-me.

— Continue.

— Quando ela regressou a França com o bastão roubado, tornou-se evidente, embora tivesse demorado anos, que não fazia milagres.

— Quer dizer que não continha o segredo da imortalidade.

— Continha, *sim* — disse Robert, olhando para ele. — Mas demoramos séculos a descobrir a verdade. O milagre não era o bastão, era o conhecimento que estava lá

inscrito.

— As três serpentes? — indagou Gray, enrugando os olhos.

Robert conduziu-o até a uma antiga Bíblia com iluminuras, cujos pigmentos cintilavam sob as luzes, pousada num suporte.

— As serpentes são um tema religioso comum — explicou Robert. — São Patrício expulsou as serpentes da Irlanda. Moisés transformou este bastão numa serpente. Mas é a serpente do Gênesis que revela a verdade.

Existiam duas árvores no jardim do Paraíso. A árvore da vida, que dava o fruto da imortalidade, e a árvore do conhecimento. Deus expulsou Adão e Eva depois de terem comido o fruto dessa árvore porque temia que, com o conhecimento adquirido, eles também provariam " *o da árvore da vida e viveriam para sempre*".

— Mas a árvore da vida é apenas simbólica.

— Não é verdade. Existiu, ou, pelo menos, assim aconteceu no passado.

— O que está para aí a dizer?

— A Bíblia fala de muitas pessoas incrivelmente idosas. A mais famosa é Matusalém, que viveu 969 anos. Mas há muitas. E não apenas na Bíblia.

As placas de barro da Babilônia e da Suméria dizem que os seus reis viveram durante séculos.

— Mas essas idades são alegóricas e não verdades literais.

— É possível. Mas a planta que prolonga a vida não é mencionada somente na Bíblia. No poema épico *Gilgamesh*, o herói procura a planta da vida que concede a imortalidade.



Robert apontou para outro expositor envidraçado.

— Nas antigas escrituras védicas da Índia, é descrita uma planta chamada

soma, que possui as mesmas propriedades. " *Bebemos o soma até à última gota e somos imortais.* "

Avançou para uma placa de arte egípcia onde estava gravado um deus com cabeça de falcão a colher folhas de uma planta alta.

— Aqui está uma representação da árvore da vida segundo a mitologia egípcia.

Robert virou-se para abranger com o olhar os artefatos ali reunidos.

— Há muitos outros exemplos, mas o invulgar em todas estas histórias é um pormenor determinado. Na Bíblia, Noé é a última pessoa que vive até a uma idade tão extrema. No épico *Gilgamesh*, a planta que o rei aventureiro procura acaba por ser levada pela corrente. Em ambas estas histórias, como em tantas outras, a planta que prolonga a vida é destruída por uma catastrófica inundação.

— Talvez se trate apenas de uma coincidência — acrescentou, virando-se para Gray. — Mas há uma *semente* de verdade nessas histórias. E uma nova árvore da vida pode nascer dessa semente. É nisso que a Linhagem acredita. Procuraram ao longo de séculos o significado das três serpentes, sentindo que tinham uma relação com a imortalidade. Estavam tão seguros disso que incluíram essas serpentes no seu próprio brasão.

Robert apontou para os expositores de vidro.

— Deixamos essa impressão digital por toda a parte, esperando atrair aqueles que possuem conhecimentos ocultos.

Aproximou Gray da página aberta de um livro sobre rituais maçônicos.

Mostrava três homens de mãos dadas entrelaçadas como as serpentes no bastão. E não havia dúvida de que as serpentes com três cabeças também estavam ali descritas.

— Está vendo, portanto, que acreditávamos com muita firmeza — disse Robert. — E, no fim, provou-se que tínhamos razão.

— Razão? Como?

— O desenho no bastão é uma forma de conhecimento codificado para gerações futuras. Conhecimento genético — explicou Robert, apontando para o outro símbolo na porta. — Foi quando mudaram o símbolo, transformando as serpentes no que realmente representam: fitas de DNA.

— Está a dizer que os antigos tinham suficiente informação acerca do DNA para o codificarem sob a forma de serpentes num bastão?

— Possivelmente. Na década de 1960, um cientista chamado Hayflick determinou que a idade natural de um homem não podia exceder cento e vinte anos. Baseou-se no número de vezes que uma célula se pode dividir.

— Sei do limite de Hayflick — disse Gray que tinha estudado biofísica.

— Acha, então, que é uma mera coincidência o facto de o Livro do Gênesis ter chegado à mesma conclusão acerca do limite da vida humana?

Permita-me que lhe recorde uma citação da Bíblia: “ *Os seus dias serão cento e vinte anos*. ” A mesma conclusão que a de Hayflick. De onde provém esse conhecimento?

— Está bem, admito que é estranho. Mas está longe de dizer que as serpentes no bastão representam itas de DNA. Há *três* serpentes esculpidas e o DNA é uma *dupla* hélice.

— O problema é esse. O segredo da imortalidade não está nas *duas* itas, mas nas *três,* uma tripla hélice. É o que está inscrito no bastão. Só na época moderna, e com a ajuda da análise do DNA, é que conseguimos desvendar esse mistério.

— E como fizeram?

— Antes de a nossa cavaleira andante partir com o bastão, matou o imortal que o possuía. O último da sua espécie. Derramou o seu sangue, uma parte do qual ficou embebido no bastão. Descobrimos mais tarde que o DNA dos seus glóbulos brancos era uma *tripla* hélice.

Isto aguçou o espírito de Gray.

— DNA de tripla hélice?

Estava a começar a apreciar a enormidade de tal revelação.

— Assim que o progresso da ciência genética nos permitiu descodificar essa terceira ita — respondeu Robert, acenando a cabeça — verificamos que, na verdade, se tratava de uma proteína do vírus de uma planta. A proteína era uma forma natural do ácido nucleico peptídico, o PNA. Infetou as células humanas depois de alguém a ter comido. Um efeito secundário de este vírus ter passado das plantas para os animais foi que estabilizou as células, afastou o perigo de degeneração celular e prolongou de modo espantoso a vida dos seres infetados.

— A mítica árvore da vida — murmurou Gray, pensando no jardim do Paraíso.

— Talvez não tão mítica quanto isso.

— Mas julguei que me tinha dito que os campos de cultura dessa planta tinham sido inundados durante o grande dilúvio. Como é que esse guarda a tinha em seu poder?

— Aparentemente, alguém armazenou algumas dessas plantas, secando-as como se faz às folhas de chá. Nas crônicas escritas pela cavaleira que roubou o bastão, no seu leito de morte, ela descreve uns sarcófagos egípcios atulhados de folhas e hastes secas guardados numa cripta. Mas, concentrada no seu objetivo, ela nada fez e tudo acabou por arder.

Gray apreciou a ironia.

— Quer dizer que, assim como Eva, a sua cavaleira roubou a árvore do conhecimento e trouxe esta críptica indicação acerca da imortalidade, mas deixou a árvore da vida?

— É o que parece. No fim, tentamos inverter o processo desse PNA

viral, mas não deu resultado. Demasiado degradado. Tivemos, por isso, de começar do nada, manipulando o nosso próprio PNA e testando-o.

Gray imaginou os horrores e abusos envolvidos nessas investigações.

Até mesmo Robert não parecia muito orgulhoso e a sua voz tornava-se mais rouca.

— Mas melhoramos ao longo do tempo e conseguimos produzir a primeira criança.

— O filho de Amanda.

Ele acenou a cabeça.

— Mas a estabilidade acabou por ser apenas temporária. Apesar de o custo ser tão elevado. Primeiro, a vida de Amanda e, agora, a do meu irmão. E, em breve, o meu sobrinho-neto — continuou, apontando para a porta. — É de mais. Tenho de fazer tudo o que está ao meu alcance para preservar o que resta da família.

Atravessaram o corredor.

A melancolia instalou-se nos olhos de Robert.

— Era um rapaz quando fiz um pacto com o círculo interno da Linhagem. Julguei que o que estávamos a fazer aqui era muito mais importante do que a vida de qualquer indivíduo.

Até ter chegado a casa.

Pesada é a cabeça que carrega a coroa.

E esse peso e sentimento de culpa aumentaram ainda mais quando assumiu o lugar do irmão na Casa Branca e deu plenos poderes à Linhagem.

— Porque me está a contar tudo isto? — interrompeu-o Gray. — Porque me trouxe aqui?

— Para que compreenda como um rapaz ingênuo pode aceitar tais crueldades, mas um homem de idade não aguenta sofrer mais perdas — disse Robert, virando-se para ele. — Trouxe-o aqui para que diga ao mundo o que viu.

Gray parou, chocado. A perda do irmão devia ter sido a gota de água que fez transbordar a taça.

Mas não fora Robert quem ordenara o assassínio? Ou, a exemplo do presidente Gant, não passava ele de um fantoche?

De momento, Gray tinha uma pergunta mais importante a fazer.

— Porque não confessa a sua culpa?

— Já sofri de mais. Vou desaparecer e levar comigo as pessoas mais chegadas para um lugar onde a Linhagem não nos possa encontrar — disse Robert, afastando-se. — Deixo o resto consigo.

Gray seguiu-o. Passaram pela sala onde se encontravam os computadores. Já que Robert estava disposto a falar, ele queria ficar a par de tudo.

— Para que servem aqueles computadores? — perguntou, pressentindo que

continham algo importante.

Robert lançou um olhar desinteressado nessa direção.

— Se esta sala é o nosso coração, aquela ali é o nosso cérebro, a nossa memória. Contém toda a nossa linhagem, não apenas a dos Gant, mas também a dos que foram ficando pelo caminho. Todo o caminho de volta ao começo.

— Que começo? — insistiu Gray com curiosidade.

— O crescente e a estrela. O nosso primeiro símbolo. Alguns dos nossos arquivos mais antigos relacionam esses dois símbolos com o deus cananeu dos sacrifícios humanos.

Muito apropriado.

— O nome desse deus, representado pelos cornos de uma vaca ou da lua em quarto crescente, era Moloque. Um deus aparentado, cuja representação era uma estrela, chamava-se Renfa. Alguns dos historiadores acreditam que as nossas raízes datam do tempo de Moisés e que este nos expulsou por adorarmos o crescente e a estrela.

Robert calou-se uns segundos e lançou um olhar para o bastão. — Há um versículo dos Atos bíblicos que diz: " *Ergueste o santuário de Moloque e a estrela do teu deus Renfa, os ídolos que veneras. Vou, portanto, exilar-te para lá da Babilônia.* "

— Está a dizer que é descendente desses idólatras exilados?

— Não sei. Mas a Linhagem é antiga e ainda seguem algumas tradições judaicas, como...

Do outro lado da parede envidraçada, as portas do elevador a abrirem-se atraíram a sua atenção. Uma mulher alta e loura saiu a passos determinados. Os seus olhos glaciares apreenderam a situação com um só olhar.

— Petra! — exclamou Robert com ar surpreendido. — O que está aqui a fazer?

Ela dirigiu-se para a fechadura pressurizada e marcou um código.

Varas de aço espessas trancaram a sala.

Robert precipitou-se para a porta e tentou abri-la, em vão.

Aparentemente, alguém soubera que ele estava prestes a traí-los.

Robert apercebeu-se disso e deixou de se debater contra a porta.

— Você pertence à Linhagem — gritou-lhe através do vidro. — Porque nunca me disseram?

— Somos muitos — respondeu ela. — E nem *todos* estão contentes com a sua liderança. Quando perdemos a criança, uma coisa inútil, para dizer a verdade, contactei aqueles que sirvo e informei-os do que se passa aqui.

Como coloca o seu pesar acima da necessidade e a sua família mais próxima acima da Linhagem. Tem andado a prejudicar uma organização milenar. Acabou-se. A Linhagem já não necessita de si.

— Mas eu chefiei-vos durante muitos anos.

Petra sorriu maldosamente, como se troçasse de uma tal afirmação.

— Quando o corpo é forte, a cabeça pode ser decepada. Há de crescer-nos uma nova e havemos de nos tornar mais fortes. Vai ser deposto. O

ramo do clã Gant vai ser cortado e o mesmo acontecerá a todos os frutos que dele nascerem. Eliminaremos o velho para dar lugar ao novo. Sem lágrimas, apenas determinação.

Robert baixou os braços.

— A purga terá início dentro de dez minutos. Às três em ponto, um número apropriadamente poderoso. Ativei o sistema para os seus laboratórios e este cofre da memória aqui em baixo. Hoje, a Linhagem se livra do passado e seguirá em frente de olhos postos somente no futuro. A imortalidade está ao nosso alcance e o poder supremo no limiar da nossa porta.

— Aqueles que ama não hão de sofrer — prosseguiu Petra, baixando a cabeça em atitude estranhamente respeitosa. — Nem mesmo os que você julga que nós não conhecemos.

Robert bateu com o punho contra o vidro.

— Cale-se! — disse em voz alquebrada.

Ela recuou de costas para o elevador, mas o seu olhar fitava o vazio. Já estavam esquecidos.

Gray esperou que as portas do elevador se fechassem e virou-se para Robert.

— Parece que perdeu o emprego — disse, esticando os pulsos algemados para ele. — Que tal tirar-me isto?

A expressão de Robert era de raiva e pesar.

Já passei por isso, pensou Gray.

Enquanto Robert lhe tirava as algemas, Gray fez a pergunta cuja resposta receava saber.

— De que sistema estava ela a falar?

— Trata-se de uma bomba termobárica — respondeu Robert em voz grave. — Uma só tem a capacidade de incinerar os cofres aqui em baixo.

Mas no laboratório...

Abanou, consternado, a cabeça.

— O que vai acontecer no laboratório?

14h51

O alarme para evacuar as instalações ecoou enquanto luzes de alarme vermelhas cintilavam, colorindo tudo em redor de carmesim.

— Lá vamos nós para o buraco — disse Fielding, guardando documentos numa pasta.

— O quê? — perguntou Edward, aproximando-se do colega.

Entretanto, o pessoal fugia em todas as direções, levando tudo o que podia.

— A maior parte das instalações está localizada sobre um lago subterrâneo seco. Ao virar do século, os mineiros descobriram esse lago que é alimentado por um rio subterrâneo. Mais tarde, os engenheiros taparam o lago e construíram andaimes para suportar o laboratório por cima. Não estamos num laboratório subterrâneo — explicou, fechando a pasta com um toque de finalidade. — Estamos numa estrutura suspensa sobre um fosso. E estão a ponto de rebentar com essa suspensão.

Dirigiu-se para a sua unidade de trabalho.

— O que abrirá um buraco de drenagem com dez hectares de diâmetro, que ficará inundado quando o rio principal for desobstruído. E

um novo lago há de nascer sobre as nossas sepulturas, se não sairmos imediatamente daqui.

— Então vamos despachar-nos — exortou Edward o colega.

— Recuso perder o meu trabalho — disse Fielding, batendo com as pontas dos dedos na tela. — É o último teste.

— O que está fazer?

— A dar-lhes uma oportunidade.

Fielding inclinou-se para o microfone e transmitiu uma ordem a todo o seu exército.

— SOBREVIVAM!

Um ruído surdo elevou-se por baixo dos pés de Edward. Recuou em direção à porta. Que diacho estava Fielding a pensar para se pôr a brincar às guerras neste momento?

— São apenas os geradores a arrancar — tranquilizou-o Fielding, pegando na pasta. — A sequência de ativação e o aquecimento demoram oito minutos. Por essa altura já estaremos bem longe.

Edward, contudo, encaminhou-se rapidamente para a porta. Virou-se e viu uma coisa saltar da bancada de trabalho para as costas de Fielding. Era um dos seus novos hexápodes. Com a excitação, o investigador tinha-se esquecido que ativara o hexápode e que o deixara em modo *stand by*.

Fielding desatou aos gritos e tentou livrar-se da criatura, mas esta fixou-se com firmeza entre as suas omoplatas, cravando-lhe profundamente as patas afiadas na carne.

Edward recuou para a porta. Fielding explicara-lhe que se tratava do hexápode mais recente e que o corpo deste modelo alojava uma grande quantidade de robôs minúsculos.

— Tira-o! Tira-o! — suplicou Fielding ao gritos, aproximando-se dele.

Edward recuou ainda mais, incapaz de afastar o olhar horrorizado.

Agora, fincada nas costas do investigador, a criatura vomitava uma torrente de robôs minúsculos do seu abdômen inchado. Espalharam-se como formigas, descendo pelas suas costas, subindo pelo pescoço sobre os ombros e percorrendo o peito e os membros.

— Não, não, não — gritava Fielding às voltas, sabendo o que lhe ia acontecer.

De repente, como se tivessem ouvido um sinal, os minúsculos robôs pararam todos ao mesmo tempo e começaram a perfurar a carne de Fielding.

Um uivo de animal em sofrimento despertou finalmente Edward do seu estado de paralisia. Sabia o que procuravam. Os hexápodes maiores eram atraídos pelo calor do corpo e os mais pequenos pelo som de corações a palpitar.

Continuariam a furar seu corpo até o coração parar de bater.

Mas, pelo prolongado uivo lancinante que perseguiu a fuga de Edward até a superfície, demoraram muito tempo.

14h52

Deitado de lado, Gray esfregava os pulsos doridos enquanto o secretário de Estado, escarranchado por cima da sua cabeça, tentava extrair o explosivo C-4 ado no canal do ouvido com uma lasca de um osso egípcio com três mil anos que tinham roubado.

— Parece que tirei a maior parte — disse Robert.

Ótimo.

Gray não queria estar por estas bandas quando a bomba termobárica explodisse. Este tipo de bombas produzia vagas explosivas que rivalizavam com as bombas nucleares e a temperatura do oxigênio subia até aos cinco mil graus.

Gray sentou-se e recomeçou a escarafunchar o ouvido. Utilizava uma pinça para puxar o explosivo e, finalmente, sentiu o ouvido a retinir, como se tivesse arrancado uma noz.

— Consegui!

Recolheu a carga explosiva que tinha recuperado do ouvido e colocou-a contra o vidro à esquerda da porta com fechadura pressurizada.

— Recue! — preveniu-o.

Abrigaram-se atrás de um expositor e Gray premiu o botão do transmissor. Naquele espaço fechado, sentiram a explosão como se tivessem levado duas boas marteladas nas têmporas. Gray, meio asfixiado pelo alcatrão queimado, ajudou Robert a levantar-se. Olhou depois, acenando a mão diante do seu rosto por causa do fumo, e verificou que tinham estilhaçado a barreira de vidro temperado.

Ensurdecido, tinha de gritar para ouvir a sua própria voz.

— Vamos embora!

Ainda lançou um olhar de pena para aquela vasta riqueza histórica prestes a ser destruída. Os olhos pousaram-se no bastão — o Bachal Isu, o bastão de Cristo — mas estava guardado por detrás de uma vidraça à prova de bala. Não tinha tempo nem forças para o salvar.

Teve de o abandonar.

Entontecido pela explosão, Robert mal se aguentava de pé e Gray teve de arrastá-lo. Foi preciso um código e a justaposição da mão dele num ecrã para chamar o elevador. Enquanto esperavam, Robert observou o museu a fumegar.

— Talvez seja melhor eu morrer — murmurou. — Depois de tudo o que fiz.

Gray tinha de mantê-lo motivado e a mover-se.

— Tenho de lhe dizer uma coisa, Robert. O seu irmão, Jimmy, e a ilha, Amanda.

— O que sabe deles? — perguntou Robert com voz embargada.

— Estão ambos vivos.

Robert cambaleou e virou-se para ele.

— O quê?

Gray fez-lhe um resumo do que se passava.

— Agora, temos de pensar no ilho de Amanda — disse Gray. — Você mencionou que ele se encontrava aqui.

Robert fez uma expressão contrariada.

— Esteve, mas foi raptado.

Foi a vez de Gray olhar para ele com ar espantado.

— Por uma mulher que tínhamos apanhado — explicou Robert. — Uma médica que andava a investigar a nossas clínicas de fertilização.

Gray olhou-o com dureza.

— Lisa Cummings?

— Conhece-a?

— Não havia outra mulher com ela?

— Havia, sim. Estavam ambas no complexo laboratorial, juntamente com o meu sobrinho-neto. Mas a 16 quilômetros de distância. Por vezes nem conseguimos mandar recados a tempo.

Gray soltou uma praga. Empurrou Robert contra a parede com mais força do que tencionava.

— E o que sucedeu à mulher que estava comigo quando fui capturado?

Seichan. Também a levaram para esse raio de laboratório?

Robert franziu a testa perante a reação de Gray.

— Não — disse lentamente. — Eu... nós a guardamos aqui.

Quando o elevador parou no último andar, as pesadas portas demoraram uma eternidade a abrir. Gray teve de se conter para não desatar aos murros à porta. Estava ansioso para voltar a ver Seichan e frustrado por não poder ajudar Lisa e Kat.

Finalmente, a porta abriu-se o suficiente para se esgueirarem do maciço barril e saírem para a adega. Nem um nem outro sabiam se a bomba termobárica tinha potência suficiente para destruir o castelo inteiro.

— Onde está Seichan? — perguntou Gray, disposto a ir à frente.

— Sozinho, vai perder-se — assegurou-lhe Robert, apressando o passo ao seu lado. — Eu mostro-lhe o caminho. Mas...

— Mas, o quê?

— Tenho a impressão de que, depois de nos deixar — disse Robert em tom assustado e de desculpa —, Petra a ia matar.

39

4 DE JULHO, 14H52

SOBREVOANDO AS MONTANHAS BLUE RIDGE

— Faltam sete minutos — anunciou o piloto da carlinga.

Painter partilhava o porão de carga do *C-41A* da Força Aérea dos Estados Unidos, avião médio de transporte propulsionado a turbinas.

Tinham partido de DC num jato militar e, depois, foram transferidos para um avião mais pequeno, mais bem equipado para se infiltrar e recuperar tropas, o que significava que, basicamente, era constituído apenas por uma carlinga e espaço para carga.

A sua equipe era a carga.

Tucker preparou *Kane* para ser lançado de paraquedas enquanto Kowalski e Monk verificaram o equipamento um do outro. Painter já estava pronto. Sentado com o computador portátil ligado a um satélite recebia imagens ao vivo da propriedade dos Gant e localizava movimento no terreno para ajudar a penetração na Casa.

Ouvia Jason Carter através do auscultador.

— Diretor, vou enviar novas imagens. Detectamos movimento a uns dezesseis quilômetros da mansão. Não pegamos antes porque estávamos todos concentrados na Casa. Mas é melhor que veja.

A cena na tela mudou da Casa para a Divisão Continental, uma área acidentada.

Quem estava ali?

Viam uma pequena figura junto de uma catarata a segurar uma embalagem, não, era uma *criança.* A imagem foi-se tornando cada vez mais nítida até não poder haver dúvidas.

— Lisa!... — exclamou Painter.

— E julgo que a outra é Kat. Uns quatrocentos metros a sudeste.

A câmera moveu-se nessa direção e Painter fez sinal a Monk para se aproximar.

— Tens de ver isto.

Quando este se juntou a Painter, Jason mostrou a imagem confusa de uma mulher a correr através do arvoredo. Os pormenores eram difíceis de ver por entre as árvores. A única coisa evidente é que ela se dirigia para um abismo.

— É a minha mulher — murmurou Monk, assustado, mas controlando-se. — Nunca repara para onde vai.

— Há movimentação atrás dela — disse Jason. — Mas não consigo ver o que é.

— Estamos a dois minutos do espaço onde é proibido voar — gritou o piloto. — Vou começar a subir para o contornarmos.

Painter passou o computador a Monk e foi falar com o piloto.

— Mudança de planos — disse. — Vamos atravessá-lo.

— Não temos autorização, senhor.

— Eu falo com o presidente quando voltarmos — disse Painter. — Voe baixo e siga a Divisão Continental. Logo que chegarmos à zona onde não se pode voar, abra a rampa para nós saltarmos.

Painter deu meia volta.

— Por que minha mulher está sem cabelo? — perguntou Monk de sobrolho carregado.

— Daqui a quanto tempo chegam ao terreno? — inquiriu Jason ao ouvido de Painter em tom urgente.

— Vamos saltar de paraquedas em sete ou oito minutos.

— Será tarde demais.

14h53

MONTANHAS BLUE RIDGE

Kat continuava a correr.

Tinha perdido os chinelos e os dedos dos pés enterravam-se nas carumas caídas dos pinheiros. Pedras e pinhas rasgavam-lhe as plantas dos pés, mas ela ignorava a dor. Saltava por cima dos obstáculos com as suas pernas compridas, contente quando via um tronco atravessado no caminho porque isso dificultaria o avanço dos seus perseguidores.

Estavam apenas uns metros atrás dela. Tinha dado cabo de três, mas ainda restava mais de uma dúzia. O cano e o escudo nada valiam contra eles, sobretudo, porque não eram todos iguais. Identificara quatro modelos diferentes, cada um com funções especializadas: os "rastejadores", que constituíam a primeira vaga; os "saltadores", que podiam saltar como rãs quando estavam suficientemente perto e cortar, ou pior ainda, agarrar-se; os "corredores", que podiam acelerar de repente e tornar-se serras voadoras; ainda não conhecia o último grupo. Eram mais lentos do que os outros e pareciam capacetes com pernas.

Não tinha saído ilesa da refrega. O primeiro "corredor" apanhou-a de surpresa, passando por ela a silvar e fez-lhe um corte numa perna. O

sangue escorria-lhe pelo tornozelo abaixo. Preparou-se para o segundo, batendo com o cano e golpeando à esquerda e à direita. A coisa acabou ada num tronco de carvalho, aos zunidos, sem se poder mexer.

À sua frente, o sol apareceu numa passagem por entre as árvores.

Mas a floresta terminava num abismo.

Pôs-se à procura de uma saída e avistou o que necessitava.

Um guincho alertou-a. Baixou-se, protegendo-se com o escudo quando o "saltador" se lançou sobre ela. Com um satisfatório ruído metálico do cano, ela mandou-o de pantanas.

Acelerou, obrigando os perseguidores a fazerem o mesmo, mas ganhando um pouco de terreno. Enquanto corria, desapertou os cordões da camisa de dormir e, depois, atirou com o cano e o escudo para junto de um ácer. Caíram bastante perto.

Ao aproximar-se do abismo, despiu a camisa de dormir puxando-a por cima da cabeça, o que a impediu de ver durante uns assustadores segundos. Amarfanhou-a entre as mãos e, ao chegar à beira do abismo, deu um pulo para o ar e atirou com a roupa para o fundo do precipício.

Conseguiu agarrar-se a uns ramos baixos e ficou ali, suspensa. E por baixo das

suas pernas, a vanguarda dos perseguidores seguiu em frente, despenhando-se lá em baixo: “saltadores”, “rastejadores” e um solitário “corredor”, que, num último esforço, saltou a zunir num arco espetacular atrás da roupa.

Nem todos caíram, mas a metade que restou ficou confusa.

Ela deixou-se cair no chão, recuperou o escudo e enfiou o cano nas cuecas, e, saltando novamente para o mesmo ramo, escarranchou-se nele.

Os perseguidores agitaram-se no solo sem saber o que fazer.

Um grito, que mal ouviu por causa do rugido de uma queda de água a cem metros dela, chamou-lhe a atenção. Tentou ver de onde vinha, seguindo a curva da falésia até a uma parte enublada da encosta onde distinguiu um vulto a acenar com o braço.

Lisa encontrava-se numa plataforma do outro lado da cascata. Estava encurralada entre as altas falésias e o rio revolto que corria lá em baixo.

E não estava sozinha.

Segurava um bebê nos braços.

Kat acenou-lhe com a mão.

O grito de Lisa não tinha chamado apenas a atenção dela. Por detrás da amiga, no alto da falésia, o sol refletia-se numa criatura do tamanho de um leão pequeno que se debruçava à beira do abismo como uma gárgula de aço.

— Kat! — gritou Lisa a acenar e atraindo ainda mais a atenção sobre si com os seus gritos e movimentos.

— Para de te mexer, Lisa! — avisou-a Kat.

Lisa abanou a cabeça, levando a mão em concha ao ouvido. O ruído da cascata ensurdecia-a.

Kat tentou arranjar maneira de comunicar com ela. Talvez por gestos.

Nunca tive jeito para este gênero de coisas.

Mas, antes de Kat ter tempo de fazer o que quer que fosse, a criatura começou a descer a encosta.

14h55

Lisa estava nas nuvens por ver Kat salva. O sensacional aparecimento da amiga seguida por um exército daquelas criaturas prateadas e, depois, a saltar meio nua para uma árvore, enchia-a de alegria e de esperança.

O trovejar das cascatas não permitia ouvir o que Kat tentava dizer-lhe, ela devia ter percebido porque apontava para a catarata e fazia o gesto de tomar banho.

Lisa não compreendia e abanava a cabeça. O bebê, aninhado nos seus braços, mostrava-se irrequieto, provavelmente assustado por aquele barulho constante.

Uma pedra tombou no rebordo de onde não conseguia sair.

Kat repetia os gestos e acenava agora a mão diante do rosto.

Lisa reparou que uma parte da plataforma passava por detrás da queda de água, mas estava encoberta pela neblina.

Por fim, Kat apontou com o braço para cima.

Outro pedaço de rocha rolou da encosta.

Foi tomada de terror ao pressentir, de repente, que estava a ser observada.

Virou-se e olhou para a falésia.

Viu uma monstruosa couraça de aço com garras afiadas e presas de titânio.

Soltou um grito e recuou uns passos, quase caindo no rio lá em baixo.

O ruído e o movimento precipitado dela fizeram o monstro virar a cabeça, revelando olhos pretos facetados, os seus sensores.

Ela ficou petrificada e calou-se.

Mas o bebê começou a chorar.

14h56

Impotente, Kat viu a gárgula rastejar pela íngreme encosta abaixo, enterrando as garras nas fendas e avançando um membro de cada vez com a inevitabilidade de uma máquina bem oleada.

Vá lá, Lisa. Lembra-te do que te mostrei.

Um zunido ao pé do ácer lembrou-lhe a situação em que se encontrava.

Os cinco neurópodes de capacete rodeavam a árvore e aguardavam em modo estacionário. As carapaças nas costas estavam abertas em duas metades e recolhidas, o que permitia ver quatro robôs mais pequenos no interior. Tinham uma forma plana e quadrada, e minúsculos propulsores nos cantos.

Todos eles se elevaram no ar ao mesmo tempo, em formação impecável, e envolveram a árvore, arrancando folhas e cortando galhos com as suas lâminas afiadas como bisturis. Subiram pela árvore acima como um letal tornado de punhais.

Ela protegeu-se atrás do escudo e brandiu o pedaço de cano.

Um estrondo metálico fê-la olhar para onde Lisa estava empoleirada. O monstro tinha perdido o equilíbrio e tombara. Endireitou-se, mas Lisa tinha desaparecido.

14h57

O súbito choque de água gelada tirou a respiração a Lisa.

Ela protegeu a criança aos berros, aconchegando-a contra o peito para a aquecer.

Recuou ao longo da plataforma rochosa por detrás da queda de água até onde podia.

Tinha, finalmente, entendido a mensagem de Kat. Na verdade, tinham sido os olhos pretos do urso de aço — aqueles sensores frios e cruéis com os quais abarcava o mundo — que a ajudaram a perceber os gestos da amiga. A criatura tinha de empregar um método para caçar, para compreender o que a rodeava.

E o abrigo da cascata anulava esses sensores.

A água a cair não a deixava detetar movimentos.

O frio dissimularia o calor do seu corpo.

E o barulho ensurdeceria e confundiria a sua capacidade de ouvir.

Mantendo-se escondida, corria o risco de sofrer hipotermia — infelizmente, era mais uma ameaça para a criança do que para ela.

Daria resultado?

Ao descer a encosta, a criatura tinha caído ou saltado. A queda fora dura, mas, depois, quando recomeçou a segui-la, os seus movimentos permaneciam inegavelmente graciosos. Devia ter visto Lisa ir naquela direção, saberia que ela continuava aqui?

Avançava com as garras curvas como as de uma preguiça e perseguia-a com determinação, sabendo onde colocava cada pata, como um gato à caça de um rato.

Lisa moveu-se ainda mais para o interior da cascata, deixando a água envolvê-la. O bebê chorava contra o seu peito encharcado, mas o rugido da queda de água afogava todos os queixumes.

O autômato com forma de urso avançou por baixo da catarata, girando a sua cabeça maciça, abrindo os seus enormes maxilares de aço e mostrando as letais presas de titânio. Uma armadilha com pernas.

Através de uma pesada cortina de água, os seus olhos pretos fitavam-na, mas quem sabia o que ele via realmente?

E a criatura continuou a avançar.

14h58

SOBREVOANDO AS MONTANHAS BLUE RIDGE

No porão de carga do avião de transporte *C-41A*, Painter permanecia diante das imagens enviadas via satélite para o seu computador portátil. O

seu ombro estava encostado ao de Monk, que seguia o que estava a acontecer com igual fervor. As mulheres de ambos corriam perigo e, de momento, não havia nada que pudessem fazer.

A rampa da retaguarda já estava aberta, à espera que saltassem.

Mas o avião ainda não se encontrava em posição.

— Quanto tempo é que ainda demora? — berrou Painter.

— Dois minutos — respondeu o piloto, também aos gritos para ser ouvido por causa do vento que entrava aos uivos pelas portas abertas.

Painter olhou para a tela, sabendo que seriam os dois minutos mais longos da sua vida.

40

4 DE JULHO, 14H58, EST

MONTANHAS BLUE RIDGE

Seichan estava de pé no meio da sua luxuosa cela. Há coisa de uns minutos, um ligeiro ruído tinha-a prevenido de que alguém estava no corredor a tentar abrir a porta. Não tinha, pelo visto, o código da fechadura eletrônica.

Esse barulho estranho fizera-a levantar-se da cadeira junto da janela.

A dificuldade com a fechadura era bom sinal, mau ou sem importância?

Aproximou-se e, ao passar diante da lareira, metade da porta e um bocado da parede explodiram, atirando-a ao chão.

Ela rolou sobre a antiga carpete turca e foi de encontro aos pés da cama. Através do fumo e da poeira, viu o tronco do guarda no corredor, com o pescoço torcido. E não fora obra da bomba, alguém o tinha discretamente despachado.

Com os ouvidos a retinir, Seichan viu a culpada de toda aquela destruição entrar silenciosamente. Tinha pernas compridas, uma pistola na mão e um olhar resoluto.

A pistola foi o que mais interessou a Seichan.

Precisava daquela arma.

Pôs-se de gatas.

Conhecia aquela mulher. Era a enfermeira do médico em Dubai — Petra —, a que tinha drogado Gray no barco.

Ainda atordoada, Seichan não ouviu as primeiras palavras de Petra.

— ... Uma tal promessa — disse. — Pertencias à Linhagem, ao nosso sangue. Estavas a ser preparada para muito mais.

Seichan tinha dificuldade em entender o sentido do que ela dizia. No Dubai suspeitara de que esta mulher fora treinada como ela: os seus movimentos musculados, o olhar duro de quem está sempre vigilante, a expressão fria e calculista.

Era necessário um monstro para reconhecer outro monstro.

As palavras da mulher ecoaram na sua cabeça.

... preparada para muito mais...

Era *nisto* que ela se teria tornado?

Foi tomada por um receio maior.

Sou assim?

Seichan permaneceu agachada, mas moveu a perna esquerda uns centímetros para a frente a fim de se equilibrar melhor e tomar balanço.

A mulher reparou. Voltou a apontar a pistola e deu um passo para o lado, dificultando a possibilidade de um ataque por parte de Seichan lhe estragar os planos.

Fitaram-se.

— Quando nos atraiçoaste — continuou Petra — perdeste a pureza da Linhagem e tornaste-te uma coisa corrupta. Por que razão? Pelo amor de um homem?

Aquelas palavras atingiram um nervo à flor da pele e o corpo de Seichan crispou-se.

— Que lamentável desperdício! — exclamou Petra, apercebendo-se da sua reação. — É melhor que morras como um cão do que continuares a viver como tal.

Petra disparou, mas Seichan já estava em movimento.

A bala ainda lhe queimou o flanco quando ela se contorceu de lado para oferecer menos alvo. Bateu nas pernas de Petra com o ombro, desequilibrando-a.

E, depois, rolou sobre si mesma para apanhar a arma.

Mas Petra não deixou cair a pistola e, aterrando sobre um joelho, apontou-a para o rosto de Seichan.

Nesse momento, Seichan soube duas coisas.

Ela é melhor do que eu.

E tanto pior.

Fechou os olhos — e recordou um rosto, um remorso — enquanto a pistola disparava contra ela.

Sentiu-se envolta por um vento espectral.

As balas acertaram no peito de Robert quando este se colocou entre Seichan e a arma, protegendo-a com o seu arcabouço, uma parede diante de uma flor. Em comparação com a enormidade do que ele podia perder se falhasse, a dor era insignificante.

A seguir, Gray entrou na cela com a espingarda automática do guarda que jazia morto no corredor. Disparou uma rajada, lançando o corpo de Petra para trás e só parou quando o carregador ficou vazio.

Só então se virou.

— Seichan... — murmurou, ajoelhando-se ao seu lado.

Robert soube que aquele homem a amava, viu-o nos seus olhos.

Outrora, ele também amara uma mulher assim. Encontrara-a quando era um jovem embaixador no Sudeste Asiático. Recordou o seu terno rosto à luz do luar no jardim, perdido no meio das cerejeiras em flor, os lábios tão doces como o sussurrar

das folhas e o gorgolejar da fonte.

Mas era para a cor esmeralda dos seus olhos que ele voltava sempre, para a intensidade interior que eles refletiam. O amor dela, um reflexo seu, estava para sempre moldado em jade.

Passou o polegar pelas maçãs do rosto, dando voz ao seu amor — e nesse momento, o tempo mudou, mas não aqueles olhos.

Nunca aqueles olhos...

Robert não tinha noção que caíra entre os braços de Seichan. A sua mão erguida tocava-a ternamente, algo que sempre lhe fora proibido.

Soube, então, que estava certo morrer ali.

Nos braços da sua filha.

Sem compreender, Seichan segurava aquele homem, surpreendida por sentir os olhos marejados de lágrimas. As balas tinham-no atirado para os seus braços e ela agarrara-o. Era o homem que dera a sua vida por ela, o mesmo que a tinha mantido presa.

Porquê?

Ele fitava-a em silêncio, como se a bebesse, erguendo uma mão para lhe acariciar a face. E, ainda mais estranho, ela deixava, vendo algo nos seus olhos que fazia que ela não o pudesse impedir.

Gray voltou para junto dela.

A assassina estava morta.

A mulher tinha um nome, mas essas cinco letras nada significavam.

Sem nome, era apenas determinação com forma humana.

Seichan olhou para aquele corpo ensanguentado e, depois, desviou o rosto, sentindo-se mais livre.

Não hei de ser como tu.

E sinto-me mais forte por isso.

— Seichan... — repetiu Gray, abraçando-a.

Era a diferença entre as duas. Ela tinha um nome, dito por alguém que lhe dava peso, significado e substância.

Nesse momento, contudo, ela percebeu que tinha outro nome, um que seria para sempre desconhecido. O moribundo nos seus braços o disse.

Demasiado fraco, ele deixou tombar o braço. A sua respiração era um murmúrio.

— Tens os olhos da tua mãe...

Sentindo talvez o seu choque, dedos trémulos procuraram os dela.

— Tentei proteger-te, esconder-te... para te manter longe dele — disse Robert de olhos itos nela. — Mas depois de levarem a tua mãe... demorei tanto tempo a encontrar-te. E, quando finalmente consegui, não pude deixar-te partir... fui egoísta...

mas reconhecer-te como minha ilha teria sido o teu fim. Assim, escondi-te, à vista de todos, no seio da Confraria.

Perto de mim, mas para sempre separados. Fui cego, ou demasiado ingênuo, para me aperceber das crueldades que te seriam infligidas ou das que te obrigariam a cometer mais tarde... Desculpa...

Arrastada para o passado, lembrando-se daquela noite em que a mãe fora levada e ela, aterrorizada, se tinha escondido debaixo da cama, Seichan não sabia como reagir.

Os dedos de Robert tentaram agarrar a mão dela uma última vez.

Seichan fitou-o, perante a impossibilidade do seu *pai*.

— Mãe... — continuou ele, com os olhos bem abertos pela necessidade urgente daquelas últimas palavras, o derradeiro suspiro com significado. — Escapou... ainda viva... não sei onde...

Depois de enviar esta mensagem, ele perdeu as forças, sem fôlego, repousando finalmente na morte. Os olhos fecharam-se. As suas últimas palavras tinham sido estranhamente claras e tristes.

— Nenhum pai deveria perder uma filha...

E, dizendo isto, morreu.

Gray puxou Seichan contra o seu peito, agarrando-a como ela agarrara o pai.

Então o mundo tremeu, rugindo como o trovão dos deuses.

41

4 DE JULHO, 15H00, EST

MONTANHAS BLUE RIDGE

Painter planava no céu quando o mundo explodiu.

O seu paraquedas tinha-se aberto segundos antes, dando-lhe um safanão e transformando-se numa asa de tecido por cima da sua cabeça — a seguir, todo o planalto inchou e veio ao seu encontro com o ruído surdo de ogivas.

Os seus companheiros pendiam no ar, um de cada lado. Monk e Kowalski tentavam alcançar a borda da falésia onde se encontrava Kat, e Tucker, vários metros mais abaixo e com *Kane* amarrado ao peito, dirigia-se para a plataforma atrás da cascata.

Por entre as pernas de Painter, a paisagem inteira explodiu, desaparecendo num poço de rochas ardentes, fogo e vapor. Partes da floresta despenhavam-se naquele inferno. O fumo e a poeira ameaçavam engolir o grupo. O paraquedas dele, apanhado por uma coluna de ar sobreaquecido, elevou-se, balançado perigosamente.

Meio asfixiado, Painter susteve a respiração e cobriu o rosto com um braço para proteger os olhos.

Procurou estabilizar o movimento em parafuso do paraquedas, perdendo os outros de vista.

Lá em baixo, abriu-se uma porta para o inferno: um buraco escancarado a deitar fumo que respirava fogo e tresandava a enxofre.

À sua volta, a paisagem continuava a ser destruída. Encostas desmoronavam, arrastando árvores e enormes rochas. Rios e ribeiros eram tragados por aquela goela preta que vomitava a seguir nuvens de vapor. Mais fundo, uma pesada torrente inundava o gigantesco poço, fervendo tudo à sua passagem numa sopa tóxica.

Painter conseguiu finalmente equilibrar o paraquedas e avistou traves de aço torcidas e secções de betão, vestígios fossilizados de construções feitas pelo homem.

O que restava de uma base subterrânea.

Tais estruturas afundavam-se lentamente no lamaçal. Painter olhou à sua volta. Os outros três paraquedas flutuavam mais abaixo, enfrentando as colunas de ar de modo mais eficaz do que ele. O seu objetivo, a curva da falésia, permanecia intacta

e surgia por cima do buraco de drenagem.

— Vou buscar Kat — disse Monk pelo rádio.

— Estou a borrar-me nas calças — declarou por sua vez Kowalski.

Os dois homens desceram rapidamente para o local onde se encontrava Kat, planando tanto quanto era possível e continuando a debater-se contra as imprevisíveis colunas de ar. Se não conseguissem aterrar na borda da falésia, despenhar-se-iam lá em baixo.

Painter viu Tucker e *Kane* tomarem a direção de Lisa.

A plataforma não tinha desabado, mas pouco mais existia.

A cascata continuava no mesmo lugar, mas o rio onde ela caía já lá não estava. A queda de água com dez metros de altura tornara-se um mergulho de cem metros na escuridão. Mais longe, uma maciça parte da encosta tinha deslizado, como um glaciar, até às profundezas do buraco de drenagem.

O rebordo onde se tinha refugiado Lisa parecia, contudo, poder desabar a qualquer momento. Já havia bocados a cair e fendas a abrirem-se por baixo dele.

Mas, naquele momento, não era esse o maior perigo que ela corria.

A destruição à volta obrigara-a a sair do seu esconderijo e ficara à vista do monstro com que partilhava o rebordo. Os dois estavam agachados em lados opostos.

— Vou ter com ela! preveniu-o Tucker.

— Vá para o topo, capitão Wayne. E pendure uma corda.

— Negativo. Já não consigo. Estou demasiado baixo, não há impulso suficiente que me transporte até a borda. A única zona de aterragem possível é aquela plataforma rochosa.

Ele podia estar a mentir, ou a armar-se em herói, mas Painter encontrava-se numa posição mais alta. Tinha mais possibilidade de chegar ao alto da falésia e alguém tinha de segurar as cordas para alcançar a plataforma por baixo.

— Entendido — acabou por concordar Painter, embora lhe desagradasse não ser ele a ocupar-se de Lisa. — Vou eu para o topo.

Puxou o cordão com a mão suada e virou para a direita, dirigindo-se para a borda, sabendo que tinham pouco tempo. Ao virar, viu a Casa envolta em fumo.

A detonação de uma pistola atraiu a sua atenção.

Tucker precipitava-se velozmente para a plataforma, disparando a pistola contra a criatura, mas Painter estava à beira da falésia e não assistiu ao combate do homem contra a máquina.

15h03

Tucker precisava de espaço.

A plataforma tinha o tamanho de um campo de basquetebol. Lisa encontrava-se num lado e a criatura, no outro. Reparando na sua aproximação, a criatura correu para ele com as garras em riste. Derrapou de lado, olhando-o com os seus olhos de obsidiana.

Ele disparou, mas as balas ricochetearam na armadura.

Obrigaram-na, contudo, a recuar e Tucker teve tempo de manobrar o paraquedas e fazer uma boa aterragem. Os calcanhares pousaram na rocha e, depois, os pés, e tombou de joelhos, puxando dois fechos ao mesmo tempo.

O primeiro desenganchou o paraquedas que foi contra a falésia e caiu, arrastando o arnês. E o segundo soltou *Kane* que caiu sobre as quatro patas com os pelos ao longo das costas eriçados como um moicano.

Tucker puxou outra pistola e entregou-a a Lisa, avisando-a para se manter atrás dele. A criatura agachou-se, completamente imóvel, observando e avaliando a nova presa, mas aquilo não iria demorar muito tempo.

— O bebê está em estado de choque — sussurrou ela com os olhos arregalados de medo.

Tucker recuou aos poucos até ela, fazendo sinal a *Kane* para se manter de guarda.

O cão e a máquina entreolharam-se, cada um deles refletindo a atitude prudente do outro.

Lisa estava encharcada e o bebê, com a roupa molhada e a pele azulada, não emitia um único som.

Tucker praguejou para consigo mesmo.

Não vou perder novamente este bebê.

O monstro atacou num estrondo de aço contra rocha. Centelhas faiscaram. Veio direito a eles e Tucker ergueu a pistola, apercebendo-se de como esta tinha sido inútil e sem saber como deter tal criatura. Mas estava pronto a defender-se a todo o custo.

Não era o único.

Imóvel, Kane *vê aquilo atacar. Cheira a óleo, gordura e a tempestade, mas reconhece que também é um caçador. Vê o mundo como ele.*

Vira-se para o vento, farejando...

Para o som rouco de vozes e passos...

Os seus olhos pretos reagem ao esvoaçar de tecido e cordas emaranhadas...

Também pensa, movendo-se só quando está pronto, avaliando os mais fracos.

Como agora.

Vem na sua direção — porque ainda é jovem, novo neste mundo, um cachorrinho.

Kane *enfrenta-o com um latido e uma finta, contornando a coleira. Fá-lo rodopiar e vem atrás dele. É rápido e possante, mas, ao fim e ao cabo, é jovem.*

E ele não é.

Corre sobre patas acolchoadas que atravessaram areias escaldantes, neve e estradas de cascalho e gelo escorregadio.

Tinha estudado o caçador, observara-o derrapar soltando faíscas cintilantes.

Kane! *grita seu parceiro.*

Ouve o timbre do medo, não de uma ordem.

Assim, Kane *corre para a beira do precipício, para uma longa queda sobre rochas afiadas. O inimigo lança-se atrás dele, enorme, pernas de aço esmagando as pedras. Alcança a borda e para de repente, fincando as patas no caminho duro, e vira-se. Porque sabe que pode.*

Ele não é jovem.

E isto é pedra.

Esquiva-se de lado.

O outro é jovem. A pedra é o seu gelo.

Algo que não aprendeu.

Kane *gira nas patas traseiras e vê a criatura passar por ele derrapando, deixando um rastro de faíscas, e cair no abismo.*

Porque não aprendeu.

E, agora, nunca há de aprender.

Tucker pousou um joelho em terra quando *Kane* voltou correndo.

Abraçou, orgulhoso, o cão. Ele salvou-lhes a vida. As balas não teriam detido o ataque daquela criatura de aço. Não teriam tempo para escapar. Nem Tucker nem Lisa tinham sido suficientemente astutos para usar os instintos primitivos da criatura contra ela mesma. Nem suficientemente ágeis para a atrair para a sua própria morte.

No entanto, *Kane* enfiou o focinho entre as pernas de Tucker, gesto familiar quando queria ser confortado.

— Está tudo OK, rapaz. Portou-se muito bem.

Mas a cauda do animal permanecia caída.

Tucker sabia que os animais tinham uma vida emocional tão rica como a maior parte das pessoas. Era diferente, em muitas maneiras, estranha, mas viviam profundamente as experiências do seu mundo.

Tucker tinha consciência do que *Kane* sentia. Além das ordens e sinais, conheciam-se muito bem.

Remorsos e pesar.
Kane não estava contente por ter causado a morte daquela criatura.
— Tinha que ser — disse carinhosamente Tucker.
Kane também sabia isso.
Mas a sua cauda permaneceu caída.

15h06

Na opinião de Edward Blake, o serviço do comboio onde se encontrava deixava muito a desejar.

Metido num túnel escuro, apenas iluminado por uma lâmpada de emergência que funcionava com baterias, estava sentado num banco da única carruagem com outros membros do pessoal e guardas. O estrondo da explosão há muito que se tinha desvanecido.

Mas não os estragos.

A eletricidade fora cortada ao mesmo tempo e o comboio tinha acabado por parar. Um dos guardas verificou o odômetro. Tinham percorrido 13 quilômetros e estavam a um quilômetro e meio do armazém da Casa.

Edward fechou os olhos e esfregou as têmporas.

— Devíamos ir a pé — sugeriu alguém.

— E se a eletricidade voltar a ser ligada?

— Teremos de ter cuidado para não pisar os carris.

— Estamos mais seguros aqui.

Oh, calem-se!

— Silêncio! — gritou um passageiro ao fundo da carruagem, exprimindo o que sentia.

Ora aí está alguém com bom senso.

— Ouçam! — disse o mesmo homem.

Edward também ouviu. Um ruído surdo que aumentava de intensidade, como se outro comboio avançasse a toda a velocidade pelo túnel e tencionasse abalroá-los. Mas, quando o som se tornou mais forte, reconheceu o barulho.

Água.

Levantou-se, como toda a gente, e refugiou-se ao fundo da carruagem.

O túnel estendia-se através da escuridão e pequenas lâmpadas vermelhas assinalavam cada cinquenta metros.

A seguir, todos viram uma montanha de água vir na sua direção, tragando as lâmpadas uma a uma ao longo do túnel. A maior parte das pessoas desatou aos gritos e uma delas saiu porta fora para tentar escapar à inundação.

Imbecil.

Edward levou uma mão à garganta e afundou-se no assento. Não queria ver. Após ter passado anos a trabalhar num laboratório debaixo de água em Dubai, iria morrer afogado no meio do raio destas montanhas, a centenas de metros acima do nível do mar.

Embora não olhasse para a inundação a engolir as lâmpadas, a contagem

decrescente até o último segundo de vida, ouvia a morte a aproximar-se. Dois indivíduos estavam ajoelhados no chão a rezar.

Ainda são mais imbecis.

Depois de tudo o que se tinha feito no laboratório, Deus não ia certamente dar ouvidos às suas preces.

O ruído ribombava como um trovão e, a seguir, a muralha de água embateu contra as traseiras da carruagem. O impacte atirou com toda a gente para trás e empurrou o comboio ao longo dos carris, aos solavancos, mas a mover-se!

As pessoas voltaram a levantar-se.

A água entrava pelas frestas da retaguarda, mas o comboio era como uma bala no cano de uma arma e seguia disparado pelo túnel fora.

Ninguém falava pois temiam manifestar a sua esperança.

Até mesmo as rezas tinham parado e os suplicantes pareciam já ter esquecido Deus.

— A adega está à nossa frente! Estou a ver luzes! gritou alguém para ser ouvido no meio daquela barulheira.

O armazém secreto.

O comboio ia rápido de mais.

— Há algum travão manual? — inquiriu Edward.

— Há, sim — respondeu um guarda.

Edward foi ter com ele e viu que havia realmente luzes à frente deles: um incêndio de grandes proporções.

O guarda abandonou o travão e sentou-se.

Edward imitou-o.

A carruagem chegou ao inferno momentos mais tarde e a água inundou a labiríntica cave de vinhos. Tudo ardia à volta deles e a pequena bolsa de ar onde se encontravam servia apenas para encherem os pulmões e continuarem a gritar, o que fizeram até morrer lentamente queimados.

15h08

Kat agarrou-se ao pescoço do marido e foi transportada nos seus braços.

O sangue escorria de múltiplas e pequenas lacerações, ferimentos infligidos no decorrer do seu combate contra a hoste voadora dos neurópodes.

Obrigara-os a recuar quando Monk e Kowalski chegaram em seu auxílio. Ela quase caiu da árvore para os braços de Monk, que levantara uns quantos no ar com a sua mão protética. A dura pele sintética e força esmagadora da prótese deram cabo deles.

Kat disse que poderia usar as suas capacidades de outro modo.

Ao que ele respondeu: *Ainda não viste nada.*

Fugiram juntos através do bosque perseguidos por um grande número de neurópodes de todas as espécies. A perda de sangue e o cansaço transformavam o mundo numa imagem nebulosa e fugidia com sombras.

Kowalski disparava sem parar, mantendo-os à distância, mas eram muitos. Como formigas a abandonarem um formigueiro inundado, os neurópodes seguiam-nos a rastejar, aos saltos ou a rodopiar.

— Ali! — gritou Monk a Kowalski quando chegaram a um extenso prado. Uma íngreme proeminência de granito oferecia-lhes um local onde resistir.

Entre os braços do marido, ela viu os neurópodes saírem do matagal por todos os lados e convergirem na sua direção às centenas.

Monk acelerou com Kowalski ao lado.

Chegaram e ele ajudou-a a subir e depois juntou-se-lhe.

Os neurópodes caçadores aproximaram-se da ilha de granito, trepando por cima uns dos outros para formar uma ponte e alcançá-los.

O ataque também foi conduzido pelo ar. Nuvens de voadores elevaram-se da vegetação, como um bando assustado de corvos. Atacaram de forma organizada em espiral, juntando outros às suas fileiras antes do assalto final.

Aprendiam depressa.

Uns passavam a zunir por baixo, atacando Kowalski que se viu obrigado a recuar e quase caiu sobre aquela massa de aço letal.

— Agora seria uma boa altura — disse a dada altura Kowalski.

Altura para quê?

— Consegues pôr-te de pé? — perguntou Monk a Kat.

— Consigo — respondeu ela com mais confiança do que sentia.

Ele pousou-a no chão.

— Agarra-te a mim.

Sempre.

Monk desenroscou o pulso e soltou a mão protética. Um dedo ainda mexia.

Kat franziu a testa.

— O que é que tu...

Monk atirou a mão para o ar. Ela seguiu a trajetória, mas o marido baixou-lhe a cabeça e deu-lhe um beijo. Os seus lábios derreteram nos dela.

Um *estrondo* ecoou por cima das suas cabeças.

— A mão de Deus, minha linda — disse ele a sorrir.

Ela olhou à sua volta.

Nada se movia.

E os neurópodes voadores caíam pesadamente do céu, como chuva de aço.

— Um mini-PEM — explicou Monk. — Com um raio de eficácia de cem metros.

Pulso eletromagnético... usado para incapacitar elementos eletrônicos.

— Depois do que sucedeu em Dubai, Painter encomendou-me este equipamento. Calculou que a Casa tivesse este gênero de defesa e queria estar preparado.

— Mas não julgues que ele estava a contar com um apocalipse robótico — barafustou Kowalski, apalpando os bolsos à procura de um charuto.

— E agora? — perguntou ela, passando um braço à volta do pescoço do marido, em parte porque necessitava de apoio, mas, sobretudo, porque queria.

— Bem — disse Monk, consultando o relógio. — Contratei uma pessoa para cuidar das crianças durante toda a noite. O que te apetece fazer?

— Suturas.

— Quer dizer que tens vontade de brincar aos médicos, não é? — disse ele, levantando lascivamente uma sobrancelha.

— Aluguem um quarto — sugeriu Kowalski, sentando-se pesadamente no rochedo.

Monk estendeu a mão e, depois, recebendo aparentemente uma chamada pelo rádio, pôs a mão em concha à volta da orelha — o auscultador que tinha no ouvido devia ter sido preparado contra explosões do dispositivo PEM. O seu sorriso alargou-se.

— Vamos ter companhia.

15h25

Gray levantou o helicóptero do prado com um ronco dos rotores. As pás agitaram as ervas, revelando o brilho do aço caído por terra.

Já tinha ajudado a retirar os companheiros da plataforma rochosa. Lisa estava a tratar dos ferimentos de Kat enquanto o ilho de Amanda, seco e envolto num cobertor quente, clamava aos berros por uma refeição.

Painter falava ao telefone com a Guarda Nacional ordenando-lhes que colocassem uma série de dispositivos PEM para destruir os neurópodes que tivessem sobrevivido. Mas o seu primeiro telefonema foi para o presidente para o informar de que o neto, William, estava a salvo. Já estavam a mover montanhas para reparar o que tinha acontecido.

Mas algumas questões eram mais difíceis de resolver.

Seichan estava tranquilamente recostada no assento do copiloto a processar tudo o que acabara de saber. O choque por ter descoberto a identidade do pai ainda se refletia no seu rosto, na expressão assombrada dos seus olhos.

Ele estendeu-lhe a mão.

E ela agarrou-a.

Tinham fugido do castelo a seguir à explosão da bomba termobárica nos cofres por baixo da Casa. No meio da confusão, tinham-se apoderado do helicóptero que o trouxera para aqui. Gray contactou o comando da Sigma e foi informado de que o diretor já se encontrava ali, são e salvo.

Satisfeito, Gray passara de helicóptero por cima do fumegante buraco de drenagem. Enchia-se rapidamente de água, transformando-se num novo lago. Ao atravessá-lo, avistou algo do tamanho de um tanque a sair de um túnel. Parecia uma aranha a rastejar para fora do ninho, esgatanhando a terra e arrastando fios com a carapaça meio destruída. Uma monstruosidade motivada pela vontade de viver, de sobreviver.

Emergiu à luz do sol, aproveitando momentaneamente a vida.

A seguir, desequilibrou-se e voltou a tombar no lodaçal lá em baixo.

42

4 DE JULHO, 16H10, EST

NO AR

O jato uivou através dos céus de regresso a DC.

Gray estava sentado à parte dos outros. Todos tinham acabado de contar versões resumidas das suas histórias e do que tinham aprendido, reconstituindo um conto de imortalidade, linhagens antigas e armamento moderno. Mas quantos mais pormenores eram revelados, menos Gray se sentia à vontade.

Seichan sentou-se no lugar ao lado, já mais recomposta, resistente como sempre, embora só ele ainda notasse a expressão sombria do seu olhar.

Quando apresentaram o relatório no final da missão, ela nunca mencionou o único facto significativo relacionado com o encontro do pai desconhecido: a mãe podia ainda estar viva.

Por enquanto, ela queria guardar segredo e Gray não se importava.

— O que se passa? — perguntou Seichan, encostando-se a ele.

— Julgo que há qualquer coisa que está a escapar-nos — disse ele, abanando a cabeça sem saber como traduzir a impressão que sentia por palavras. — Parece... *incompleto*.

— Então, resolve lá isso! É o teu trabalho, não é? Juntar as peças que não encaixam e que, no final, encaixam realmente.

É mais fácil dizer do que fazer.

E, se calhar, desta vez, não encaixam mesmo.

Fechou os olhos e encostou-se para trás, soltando um longo suspiro.

Seichan tinha a cabeça apoiada no seu ombro. Estavam de mãos dadas e o polegar dele acariciava-lhe o pulso. Nunca tinham pronunciado as palavras que os levava a agir assim, mas ambos sabiam que estava tudo bem.

Estas peças ajustavam-se lindamente.

Gay sentia-se tranquilo, há meses que não estava tão feliz e em paz consigo mesmo. As coisas ajustavam-se perfeita e completamente formadas na sua cabeça, como se tivessem sempre ali estado.

Empertigou-se subitamente no assento.

— O que foi? — perguntou Seichan, olhando para ele.

— A tradição judaica de que Robert me falou. Enganamo-nos durante todo este

tempo. Não são os Gant... nunca foram os Gant.

Levantou-se, arrastando-a com ele, e aproximou-se de Painter que estava a trabalhar no computador portátil.

— Pode voltar a mostrar-me a árvore genealógica dos Gant? Vou precisar da ajuda do Jason Carter para verificar uma coisa.

Painter assentiu sem sequer perguntar porquê pois sabia que isto era o cavalo de batalha de Gray.

Os outros reuniram-se à volta deles.

Em poucos segundos, o diagrama surgiu na tela com pormenores sobre a linhagem da família Gant — ramos, galhos, hastes, caules, raízes e gavinhas. A massa central, a parte com mais dados, representava aqueles que usavam o nome *Gant*.

Mas Gray não estava interessado neles.

— Jason vai já entrar em contacto contigo — disse Painter.

A voz do analista saiu dos altifalantes internos do computador.

— Em que posso ser-lhe útil, comandante Pierce?

— Preciso de que me mostre a orla da árvore genealógica.

— Entendido.

O diagrama aumentou e introduziu-se nos braços exteriores em espiral da galáxia genética feita de linhas que saíam do tronco e voltavam vezes sem conta, tecendo uma teia à volta do clã Gant. Essas curvas delineavam a época em que parentes tinham abandonado o clã principal, usando outros nomes durante algumas gerações, até um descendente voltar a casar no seio da família.

Painter chamara *marginais* a essas linhas acessórias, os membros da família que se tinham separado e viviam longe.

— Do que está à procura? — perguntou.

— Suspeitou de que havia aqui um padrão, algo que você pressentia mas não conseguia entender.

— Pois, mas o que interessa isso agora? Robert morreu.

— O problema não é Robert, nunca foi. Ele via-se como um rei ou, pelo menos, como alguém de alta patente, mas não passava de um fantoche. Foi usado pela Linhagem até eles lhe cortarem as vazas.

Naquele momento, Gray apercebeu-se de outra coisa, preenchendo mentalmente os espaços vazios do *puzzle*.

— Julgo que Robert já estava a virar-se contra esses manipuladores desconhecidos. Creio que foi ele quem aconselhou Amanda a fugir.

Lembrou-se das últimas palavras de Robert.

Nenhum pai deveria perder uma filha...

Estava a referir-se tanto ao presidente como a si mesmo, pois Robert sabia o

inferno que era perder uma ilha. Não podia permitir que o irmão sofresse o mesmo desgosto e tentou proteger Amanda.

— No que está a pensar? — insistiu Painter.

— Você tinha razão — disse Gray, apontando para a tela. — Há aqui um padrão. Mas todos nós estávamos a olhar para ele com ideias feitas, sob um ponto de vista *patriarcal* em que a linhagem é determinada pelo descendente masculino e em que os rapazes usam o nome do pai. É o que vemos aqui representado.

— Muito bem.

— Mas há outra forma de olhar para as raízes genéticas de uma família. Robert mencionou que a Linhagem remontava a sua origem aos clãs expulsos por Moisés. Quer seja verdade ou não, dizia que eles ainda mantinham vivas algumas tradições judaicas.

— Explicou que a tripla hélice só podia ser transmitida através de uma linhagem *feminina* — acrescentou Gray, apontando para Lisa. — De óvulo a óvulo e assim sucessivamente, devido à natureza citoplásmica da ita do PNA.

Ela concordou, acenando a cabeça.

— Foi por isso que puseram de parte todos os outros meios de alcançar a imortalidade e concentraram-se unicamente neste. Não só tinha uma correlação direta com o bastão de Cristo como também se ajustava ao que eles queriam. Uma característica que se coadunava com as suas tradições e objetivos.

— E qual era essa característica? — perguntou Painter.

— A imagem invertida de uma perspetiva *patriarcal* da hereditariedade é *matriarcal* — tentou explicar Gray, apontando para a tela. — Segundo a Mishná, a mais antiga codificação da tradição judaica, só uma criança nascida de mãe judia é considerada judia. O pai não conta. A herança judaica é passada exclusivamente através da linhagem materna.

Mas Gray precisava de provas.

— É possível separar os dois gêneros, Jason? Para seguir os que são masculinos e os que são femininos.

— É fácil. Os dados já lá se encontram. Deixe-me marcar os algoritmos.

O analista voltou segundos mais tarde.

— Aqui estão as linhas masculinas da família.

Linhas azuis animaram-se e iluminaram aquela galáxia genética, mas um padrão bastante nítido apareceu. A maior parte das linhas azuis permaneceu emaranhada à volta do *centro* e apenas algumas foram parar às secções exteriores, à margem enublada da família.

— Agora vamos ver a linhagem feminina — propôs Gray.

As linhas azuis desvaneceram-se e linhas vermelhas floresceram. A neblina à volta do clã central iluminou-se em tom rosado e uma nuvem carmesim envolveu o

clã Gant.

— Quase *todas* estas linhas exteriores são femininas — suspirou Painter.

Gray aproximou-se e seguiu com o dedo uma das linhas carmesins.

— Uma *mulher* abandona o clã Gant e, gerações depois, outra *mulher* regressa para casar no seio da família. Raramente um homem.

— Jason — insistiu Gray tomado por outra ideia. — Consegue seguir *somente* as linhas *marginais* que se misturam com o clã Gant?

— Dê-me só uns... Está *feito.*

Na tela, tudo desapareceu, exceto a neblina carmesim nas margens.

Outro padrão tornou-se nítido. Só algumas das linhas vermelhas se misturavam em profundidade com o centro genealógico principal.

Permaneciam uma geração ou duas, e, depois, iam-se novamente embora.

Painter também reparou.

— É como se estivessem a molhar um pé num mar de genes e, depois, voltassem a tirá-lo — comentou Painter, virando-se depois para Gray com ar de se ter apercebido subitamente de algo. — Portam-se como *parasitas* da família Gant. Autênticas sanguessugas. Pairam à volta da riqueza dos Gant e aproveitam-se dela, mas vivem à parte.

A definição exata de *marginal.*

— Isto não é obra do acaso — disse Painter, indicando a tela. — Foi feito de propósito. Trata-se de um plano para sustentar a linhagem feminina.

— Mas porquê? — indagou Lisa.

— É provável que seja a única maneira de suster essa linhagem — respondeu Gray. — Para não a deixar definhar num mundo onde a riqueza é herdada pelo primogênito e onde o poder é exercido pelos homens.

Adaptaram-se para sobreviver nesse mundo e tornaram-se parasitas de famílias específicas. Lembrem-se de que, outrora, a Linhagem não era constituída apenas pelos Gant. Envolvia cinco ou seis abastados clãs europeus. É muito possível que os parasitas se tenham misturado com essas famílias para passarem despercebidos.

— Não queriam guardar todos os ovos num só cesto — alvitrou Monk.

Gray concordou.

— Com o tempo, essas outras famílias acabaram por desaparecer. E os Gant foram os únicos que permaneceram. Sabemos que, no passado, a Linhagem tentou angariar novas famílias, mas, agora, não é fácil para os parasitas esconderem-se e as fortunas familiares vão e vêm em duas gerações.

Painter recostou-se, empalidecendo.

— Deixando-os apenas com os Gant.

— Creio que a finalidade dessas experiências era arranjar maneira de manter a sua linhagem viva e ampliá-la.

— Foi por isso que seguiram em frente com o plano da tripla hélice — interveio Lisa em voz chocada. — Uma tripla hélice só é transmitida pela linha *matriarcal.* E estiveram muito perto de o conseguir.

— Penso que o sucesso, juntamente com a pressão que a Sigma exercia sobre eles, proporcionou-lhes o impulso necessário para tentarem uma jogada final que assegurasse o seu poder ao longo de gerações.

— A conspiração para assassinarem o presidente — concluiu Painter.

— E o assassínio de Robert. A Linhagem estava farta de migalhas e queria acabar com todos os Gant para se apoderar da sua riqueza e poder.

— Mas falharam.

— E é por isso que temos de ter cautela — preveniu Gray. — Há séculos que a Linhagem existe, ocupando os espaços vazios entre outras famílias e, despojada da sua humanidade, fazendo tudo o que deve para sobreviver.

— São peritos nisso — acrescentou Seichan, pensando provavelmente em Petra. — E vão reagir. Deixarão um rasto de destruição atrás deles.

Não por vingança. São demasiado frios e calculistas para tal comportamento. Destruirão porque, a longo prazo, será de grande utilidade para encobrir a sua fuga.

— Como vamos encontrá-los? — perguntou Painter. — Vamos começar aqui, disse Gray, assinalando com um movimento de cabeça as linhas carmesins.

— Não sabem que estamos a par disto — acrescentou, fazendo um gesto na direção das linhas vermelhas. — Vamos começar a puxar umas linhas e esperemos que o resto venha atrás.

— Tem de haver maneira de descobrir quais são as melhores linhas — sugeriu Painter, debruçando-se sobre o microfone do computador. — Jason! Há algum modo de examinar as linhas marginais e determinar quais são as mais antigas? Por outras palavras, as que possuem a herança genética mais rica...

— Isso irá demorar um pouco mais de tempo.

— As bases de dados que viu na Casa provam que a hereditariedade é importante para eles — declarou Painter, virando-se para Gray. — E se a Linhagem associa o poder com a herança genética? Quanto mais rica é a herança de uma dada pessoa, mais autoridade possui. Se pudermos seguir essas linhas de poder...

— Feito — disse Jason. — Vão ver determinadas linhas mais grossas na tela que indicam um peso hereditário maior.

Na tela, a uniformidade das linhas carmesins começou lentamente a alterar-se — umas tornaram-se mais tênues e outras mais proeminentes.

Concluído o processo, Painter pediu a Jason para arrastar a linha mais grossa para a época atual. Um pequeno cursor percorreu-a e deteve-se num único nome que cintilava para todos verem.

— Raios me partam! — exclamou Kowalski, exprimindo o sentimento dos

presentes.

Grant lembrou-se da voz digitalmente distorcida a ordenar os assassínios. Era essa pessoa que tinha andado a manipular os acontecimentos desde o princípio. O plano da Linhagem não era o de *Robert* se aproveitar da dor de uma nação ferida e se candidatar à presidência.

Havia outra pessoa.

E o seu nome brilhava na tela

.

Teresa Melody Gant

Seria a desolada viúva quem comoveria o país e assumiria o lugar do marido.

Mas a pior notícia não era essa.

— Diretor — interveio Jason em tom urgente. — Ela está aqui. A primeira-dama chegou há cinco minutos acompanhada por uma escolta dos serviços secretos.

— O quê?

— O presidente chamou-a. Ele deve dirigir-se à nação dentro de uma hora, mas, primeiro, deseja contar à mulher o que se passa. E também quer dar-lhe a boa notícia de que Amanda e o filho estão vivos.

— Onde é que ela está?

— Vai a caminho do encontro. E devo dizer que a escolta dela é composta exclusivamente por mulheres.

Tiros distantes interromperam as suas palavras.

16h55

WASHINGTON, DC

À cabeceira da cama da filha, o presidente James T. Gant, dividido entre o pesar pela morte do irmão e a alegria de saber o neto vivo e em segurança, abraçou a mulher.

As detonações no corredor fizeram-no recuar.

Que raio está a acontecer?

Estava sozinho na sala com a mulher e a ilha adormecida. Tinha mandado o guarda-costas sair para ele e a família passarem este momento juntos com mais privacidade.

Apercebeu-se do erro que cometera quando a mulher lhe apontou uma *SIG Sauer* preta ao peito.

— Teresa?...

Perscrutou o rosto dela e percebeu naquele instante que a mulher diante dele não era a sua. Tinha o mesmo rosto, mas não era a mesma mulher. A sua máscara caíra, endurecendo-lhe o olhar. Até mesmo as suas feições pareciam subtilmente diferentes e tinham-se transformado numa versão de cera da terna rapariga que conquistara o seu coração.

Ela mantinha-se aos pés da cama de Amanda numa atitude protetora.

— Jimmy — disse em voz igualmente mudada, monótona e fria, indicando até que ponto se portara como uma perfeita atriz. — Estragaste tudo.

— Fazes parte da Linhagem — constatou ele, apercebendo-se da verdade. — Como o meu irmão.

— Robert não era importante. Não sabia da minha participação. A Linhagem há de sobreviver. Sempre o conseguimos. É um direito que adquirimos ao nascer. Nascidos de gente abandonada no deserto, havemos de sobreviver.

Apático, James Gant permanecia imóvel.

— E não perdemos tudo. Deste-nos Amanda. Teimosa e imprevisível, ela não nos serve, mas ela ainda é abençoada. Falhamos com seu primeiro ilho, mas ela nos dará mais até encontrarmos essa menina especial que há de conduzir-nos novamente para fora das regiões desertas, mais poderosos do que nunca.

Apercebendo-se de que queriam levar Amanda e pensando nas mulheres a flutuar em tanques, o presidente avançou um passo.

Teresa recuou até a beira da cama sem baixar a guarda.

— Mas, primeiro, abriremos um caminho nessa região para arranjar um sítio onde nos esconder — disse, apontando a pistola ao seu rosto. — Precisamos de criar o caos.

Matando, por exemplo, um presidente.

— Adeus, Jimmy.

— Adeus, Teresa.

Estremeceu ao ver Amanda — sentada na cama por detrás de Teresa — lançar o suporte do equipamento intravenoso contra a mãe, acertando-lhe na cabeça.

Ouviram-se ossos a estalar e sangue jorrou-lhe do nariz.

Teresa caiu com uma expressão de espanto.

A sua primeira emoção autêntica desde que puxara da pistola.

Apercebendo-se de que o tiroteio no corredor tinha terminado, Jimmy baixou-se para apanhar a arma. Mas, nesse preciso momento, a porta foi arrombada.

Virou-se, rezando para que fossem os agentes dos serviços secretos que o tinham acompanhado. Esperava que tivessem sobrevivido à emboscada.

Mas não teve essa sorte.

Duas agentes fardadas entraram de rompante com armas na mão.

Pertenciam à escolta de Teresa.

Imobilizaram-se ao ver a primeira-dama estendida no chão, sem se mexer.

Por detrás delas, um pequeno vulto esgueirou-se sorrateiramente na sala com uma pistola.

Duas detonações.

Dois tiros limpos na nuca das duas mulheres.

E, a seguir, o vulto desapareceu.

— Quem era? — perguntou Amanda ainda sentada na cama.

Jimmy vira que fora o jovem analista, mas não se lembrava do nome dele. Apenas sabia uma coisa acerca do rapaz.

— O meu melhor amigo.

43

12 DE JULHO, 10H10, EST

WASHINGTON, DC

Painter estava aos pés da cama de Amanda no hospital da Universidade de George Washington, com um braço à volta da cintura de Lisa, enquanto ela examinava a ficha médica dos pacientes. Transferidos pouco depois da milagrosa recuperação do presidente ter sido noticiada, há uma semana que mãe e filho se encontravam ali.

James Gant estava no mesmo hospital, dois andares acima, numa ala especialmente protegida, cujo acesso só era permitido àqueles que estavam a par do que acontecera realmente. A identidade do autor do atentado continuava a ser um mistério, o que exacerbava as múltiplas teorias de conspiração à volta de assassínios presidenciais.

Na Carolina do Sul, a destruição da propriedade dos Gant foi abafada e a área restrita por ser proibido sobrevoá-la. A história oficial era de que um buraco de drenagem natural que se abrira na montanha, acompanhado por um tremor de terra, tinham provocado uma fuga de gás e a explosão da Casa. O relatório sobre a morte heroica de Robert Gant — que morrera no incêndio enquanto tentava socorrer as pessoas — ajudou a desviar a atenção do público. Um destacamento da Guarda Nacional escolhido a dedo continuava, depois de prestar juramento de confidencialidade, a retirar os neurópodes mortos que juncavam os campos.

Lisa largou finalmente as fichas médicas de Amanda e William.

— Satisfeita? — perguntou Painter.

— Tudo parece estar em ordem.

Apesar da quantidade de médicos especialistas que observavam constantemente o rapazinho, Lisa sentia-se pessoalmente responsável por ele. William continuava a libertar-se do PNA e a tornar-se normal.

Quaisquer reações alérgicas eram seguidas de perto e convenientemente tratadas.

No entanto, ela não era a única pessoa preocupada com o seu bem-estar.

— Quando é que parte? — perguntou Amanda, embalando o bebê adormecido nos braços.

Tucker estava sentado junto à sua cama com um enorme cão de pelúcia, um

presente para William.

— Amanhã de manhã. *Kane* e eu vamos à Rússia.

Uma das orelhas de *Kane* virou-se para o seu parceiro sem tirar o focinho de cima do cobertor. Os seus olhos seguiam as expressões faciais do bebê adormecido e, de vez em quando, ele farejava o seu pijama.

— Não se esqueça de nos visitar se alguma vez passar por Charleston.

— Não me hei de esquecer.

Tucker levantou-se, beijou as pontas dos dedos e tocou suavemente no alto da cabeça da criança.

Amanda afastou o bebê e ergueu um braço para o abraçar. Ele deu-lhe um abraço, tentando ser breve, mas ela agarrou-se a ele com toda a teimosia dos Gant e beijou-o na face.

— Obrigada.

Ele endireitou-se, corado.

Painter e Lisa também se despediram. Já no corredor, Lisa dirigiu-se à creche para falar com uns colegas.

Painter aproveitou o facto de ficar sozinho com Tucker para lhe fazer, mais uma vez, uma proposta.

— A Sigma apreciaria os seus serviços e os de *Kane*. Temos muito trabalho à nossa frente. O nosso objetivo é acabar de vez com a Linhagem.

Isso era verdade, mas já tinham progredido imenso. A base de dados de Jason proporcionara-lhes o nome de muitos cúmplices. Muitas linhas estavam a ser puxadas e a tapeçaria tecida ao longo de mil anos começava a desfiar. Gray tinha razão ao dizer que na nossa época era mais difícil uma organização criminosa esconder-se. As regiões remotas do passado tinham encolhido e ofereciam menos abrigo.

E Painter tinha a certeza de que isto era verdade.

A Confraria estava acabada.

— Mas teremos sempre de estar atentos a novas crises — insistiu Painter. — Podíamos usar alguém com o seu talento.

— Passo — disse Tucker, lançando-lhe um sorriso forçado. — Nunca tive muito jeito para trabalhar em equipa. Mas se alguma vez precisar de mim, tem o meu número de telefone.

E Tucker deu meia volta, afastando-se pelo corredor seguido por *Kane*.

— Espere! — gritou-lhe Painter. — Não tenho o seu número de telefone.

Tucker virou-se, dando alguns passos às arrecuas.

— Algo me diz que, se alguma vez precisar de mim, há de encontrar-me.

Tinha razão.

Painter disse adeus com a mão.

Tucker continuou simplesmente a seguir em frente e desapareceu ao virar de uma esquina. A última coisa que Painter viu foi a cauda de *Kane* a abanar, pronto para outra aventura. Tinha a certeza de que não seria a última vez que os via.

Lisa veio finalmente ter com ele.

— Estás pronto?

Podes crer.

Saíram do hospital para o dia ensolarado de mãos dadas. Um coche esperava-os à esquina coberto pelas suas flores preferidas, os crisântemos.

Cada pétala vermelho-escura com bordas douradas.

Fora Jason quem encontrara aquele espécime raro e tinha feito uma grande encomenda a tempo. Kowalski encarregou-se do serviço de entrega e passou uma semana a sair da sala onde trabalhavam com a mesma piada: *Desculpem, mas tenho de ir ver um homem por causa de um cavalo.*

Um pouco mais adiante, Lisa reconheceu as flores e desconfiou imediatamente de que se preparava alguma coisa.

— Painter...? — disse ela.

Ele conduziu-a ao coche, ajudou-a a subir a pequena escada e, depois, ajoelhou-se num degrau com uma caixinha de veludo na mão.

— Não! — exclamou Lisa, tapando o rosto.

— Ainda nem sequer te fiz a pergunta.

Ela baixou as mãos, radiante, corando em tom tão vermelho como as pétalas dos crisântemos.

— Então, a resposta é sim, sim, sim...

Pô-lo de pé, puxando-o praticamente contra a sua boca. Beijaram-se, rindo entre os lábios e, a seguir, enlaçaram-se de modo mais significativo.

Permaneceram assim durante um longo momento, prometendo em silêncio nunca mais se separar.

Mas, aparentemente, havia uma dificuldade, uma cláusula no contrato que tinha primeiro de ser discutida.

— Quero ter filhos — disse ela, olhando-o nos olhos. — Que fique bem claro entre nós.

— Eu sabia que não devia ter feito isto depois de tu veres o bebê.

— Estou a falar a sério — continuou Lisa, levantando os dedos. — Quero dois.

Painter fitou-a.

— Sabe que está mostrando quatro dedos, não sabe?

12h20

Kat deixou-se cair pesadamente no sofá da sala de estar, estirando-se e tirando os óculos de sol e o lenço que lhe cobria a cabeça rapada. Os ferimentos doíam-lhe imenso por todo o corpo, dilacerando-lhe os nervos.

Monk apareceu uns minutos mais tarde com Penelope ao colo. A criança dormia refastelada nos seus braços o sono da inocência.

— E a bebê? — perguntou ela.

— Já está no berço. Trouxeste o carrinho?

— Pode ficar na van. Se alguém quiser roubá-lo que parta uma janela. E também pode ficar com as fraldas.

Monk foi deitar a criança no seu quarto e voltou para se deitar ao lado dela no sofá. Suspirou profundamente.

Kat passou a mão por cima da cabeça e, de repente, começou a chorar.

— O que foi? — perguntou Monk, puxando-a contra o peito.

— Olha só para mim. Coberta de feridas, crostas e sem cabelo. Reparou como as pessoas olhavam para mim no parque?

Monk virou o rosto da mulher para ele, aproximando-se para que Kat visse a sinceridade refletida nos seus olhos.

— É uma bela mulher. Seu cabelo vai voltar a crescer e o médico prometeu que, depois da cirurgia plástica, haverá muito poucas cicatrizes.

Beijou docemente os lábios dela para selar o acordo.

— Além disso — prosseguiu Monk, esfregando a sua própria cabeça rapada. — É lindo ser careca.

Permaneceram ali deitados nos braços um do outro durante uns longos e perfeitos minutos.

— Ouvi-te falar com Painter — disse Monk. — Tens a certeza de que ele está satisfeito com a decisão?

— Mm-hmm — murmurou sonolentamente Kat, acenando a cabeça contra o peito dele.

— E tu estás?

O tom sério da sua voz fê-la reagir.

— Eu sei que estava a choramingar por causa dos meus ferimentos, mas...

Kat desviou o rosto, um pouco envergonhada.

— Adoravas trabalhar no terreno — disse ele.

— Pois adorava. Especialmente contigo. Era melhor quando estávamos juntos.

Ele sorriu.

— Parece que vou voltar para a Sigma. Quer dizer, alguém tem de impedir que

te metas em sarilhos.

O sorriso dela alargou-se.

— E por falar de coisas que são *melhores quando estamos juntos* — disse ele, pondo-a ao colo e sentindo as pernas dela enrolarem-se à volta da sua cintura. — No caso de quereres uma boa prova de como estás bela...

Monk mudou de posição.

E ela arregalou os olhos.

— Oh!

15h30

O presidente James T. Gant sentou-se na cadeira de rodas e a enfermeira empurrou-a, seguida por dois agentes dos serviços secretos.

— A sua mulher está a descansar — tranquilizou-o a enfermeira quando chegaram ao quarto privado guardado por outro agente.

— Obrigado, Patti — agradeceu ele. — Prefiro entrar sozinho, se não se importa.

— Com certeza, senhor presidente. Se precisar de alguma coisa, ligue para a enfermaria.

O guarda abriu a porta e James entrou, deixando os agentes no corredor. Uma vez sozinho, levantou-se da cadeira de rodas e dirigiu-se para a cama pelo seu próprio pé.

Teresa já fora operada duas vezes depois do "acidente de carro" que tinha sofrido, segundo a versão oficial. Os médicos tinham-lhe feito uma operação plástica ao rosto e abriram-lhe o cérebro para cauterizar o derrame interno, mas preveniram o presidente de que a lesão era demasiado grave e que a primeira-dama poderia permanecer em estado vegetativo para sempre.

James representou, contudo, o seu papel de marido a lito que tudo faria para manter a mulher viva.

Olhava, agora, para a cabeça rapada de Teresa, com tubos a entrar por todos os orifícios, e para as pálpebras caídas.

— Estás com péssimo aspeto — disse, sentando-se à beira da cama. — Os médicos explicaram qual era a diferença entre o coma e o estado vegetativo. Em coma não se está consciente, tem-se apenas uma consciência parcial. Dizem que há probabilidades de poderes ouvir-me e assim o espero.

Deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Chama-se estado vegetativo permanente quando uma pessoa ica assim durante mais de um ano. Havemos de chegar lá, minha querida, prometo. Até já escolhi um hospital privado em Charleston que pertence, claro está, à minha família. E eles vão certificar-se de que tu irás permanecer nesse estado para sempre, nem que tenham de te operar para que nunca mais acordes.

Apertou-lhe carinhosamente a mão para a tranquilizar.

— Mas falemos dos projetos de investigação para prolongar a vida que tanto te interessavam. Julgo que um certo marido vai empregar cada uma dessas técnicas para te manter no estado em que estás ano após ano.

Ergueu-se, lembrando-se do juramento que tinha feito a Painter Crowe caso viesse a descobrir quem magoara a sua família: *Não terá uma morte rápida. Há de*

sofrer como ninguém. Transformarei o seu mundo num inferno pessoal na terra.

E James T. Gant era homem de palavra.

Debruçou-se para beijar a testa da mulher e reparou que uma grossa lágrima rolava pela sua face.

— Bem-vinda ao inferno, Teresa.

21h30

Takoma Park, Maryland Gray acabou de lavar a loiça do jantar, olhando pela janela para o pátio das traseiras. Um belvedere sombrio estava aninhado a um canto no meio de roseiras e à sombra de uma cerejeira.

Um movimento repentino atraiu a sua atenção: uma mudança na escuridão, o brilho de um fecho de correr num blusão, um tom pálido de pele.

Seichan andava por lá, tão irrequieta como pensativa.

Ele sabia o que a atormentava.

As palavras de um morto.

Ouviu passos atrás de si e virou-se. Mary Benning, a enfermeira da noite, voltava do andar de cima.

— Deitei o seu pai — disse. — Mal tinha saído do quarto, já ele estava a ressonar.

— Obrigado — agradeceu Gray, colocando o último prato no escoador da loiça. — Ele pareceu-me estar bem esta noite.

— Mais sossegado — concordou ela e sorriu. — Sentia a sua falta. Mas é teimoso demais para admitir.

Não havia dúvida quanto a isso.

No entanto, Gray lembrava-se do momento em que tinha regressado a casa após a missão. Chegara à espera do pior depois de estar ausente quase uma semana e encontrara o pai na cozinha a ler a página desportiva de um jornal. Ao entrar, o pai olhara-o de alto a baixo, como se procurasse qualquer coisa e, depois, fizera-lhe uma pergunta brusca bastante estranha.

— *Apanhaste-os?*

— *Apanhei-os, sim, papá. A todos* — respondera Gray, dizendo a verdade .

O pai podia estar a referir-se a muitas coisas e havia diferentes maneiras de interpretar a sua pergunta, sobretudo, no seu estado de demência.

Mas o pai tinha-se levantado da mesa e abraçara Gray, como se lhe agradecesse ter-se vingado por ele.

E, nessa manhã, tinham ido como uma família à sepultura da mãe. Tais visitas traziam normalmente lágrimas e nuvens tempestuosas, seguidas por um mal-humorado e silencioso regresso a casa. Nesta manhã, houve lágrimas, mas também risos abafados e, a caminho de casa, o pai contou umas histórias sobre a mãe. Até mesmo Kenny abandonou a sua fanfarronice corporativa para se entregar a uma franca camaradagem. E, ainda mais surpreendente, o irmão concordou em ficar mais dois meses, mencionando algo acerca de teletrabalho.

Parte dessa decisão pode ter sido porque ele conheceu uma rapariga.

E passou a noite com ela.

Mary apontou para a porta.

— Divirtam-se esta noite. Deve haver uma chuva de estrelas. Estou a gravar o jogo dos Nationals contra os Marlins e, se o seu pai ficar irrequieto, deixem-no ver. Um jogo de basebol costuma sossegá-lo. A não ser que seja contra os Yankees. Aí, começa a discutir.

Gray sorriu.

— Obrigado, Mary.

21h45

Seichan encontrava-se no belvedere, perdida nos seus pensamentos.

Estava uma noite perfumada, com grilos a entoar um coro contínuo e alguns pirilampos a cintilar nos arbustos e nos galhos das árvores.

Olhou para a casa, perguntando-se quem seria se tivesse lá crescido, imaginando uma infância feliz de cadernetas escolares, joelhos esfolados e primeiros beijos.

Seria eu?

Tocou no dragão de prata que lhe pendia do pescoço, lembrando-se das últimas palavras de Robert Gant.

— S*ua mãe... escapou... ainda está viva...*

Ao longo da última semana, tinha aos poucos acreditado nisso.

Assustava-a.

Até mesmo a morte do pai não era mais do que uma dor entorpecida, sem arestas aguçadas. Não o conhecia e nunca desejara conhecê-lo. Tinha sido a mãe que a criara. Na sua infância, a palavra "pai" não tinha significado. E uma parte dela ainda estava zangada e ressentida por causa dos horrores que sofrera para se tornar uma assassina. Que gênero de pai permitiria que isso acontecesse à filha?

No fim, contudo, Robert tinha-lhe concedido um dom mais valioso do que a sua paternidade: *esperança.*

Mas ela não sabia o que fazer com isso.

Ainda não.

Mas, com ajuda, haveria de saber.

A silhueta de Gray surgiu à porta das traseiras delineada contra a luz quente das luzes da cozinha. Gostava de o espiar quando ele não sabia que ela o observava. Entrevia o rapazinho através do homem, o ilho de pais que o amavam de modo diferente.

Ele também era um assassino, mas não como ela.

Ela era uma máquina e ele era humano.

Pensou na rapariga à entrada de Burj Abaadi, uma rapariga forçada a ser um monstro. Pensou em Petra, uma mulher talhada para o ser.

Seichan era ambas.

O que vê ele em mim que valha a pena agarrar-se?

Gray atravessou o pátio, afugentando os grilos. No céu, uma estrela cadente passou a cintilar na noite escura. Ele chegou até ela.

Ela estremeceu.

Ele via algo nela, e ela tinha de confiar nele.

Ele estendeu uma mão.
Oferecendo tudo.
E ela aceitou.

EPÍLOGO

Agacha-se na rocha, desfrutando o sol, carregando as suas células solares.

Põe-se à escuta de sons de perigo, mas tudo o que ouve é a água a bater na rocha, o chamamento de criaturas aladas. Fica atento a qualquer movimento, mas apenas vê a erva a reluzir e as folhas a balançarem. Procura calor, mas encontra somente rochas quentes.

Enquanto a luz do sol enche a fome oca no seu interior, tornando-o mais forte, revê e lembra-se.

Unido aos outros, tinha escutado o seu coro reduzir-se a nada.

O silêncio era ensurdecedor.

Aprendeu uma nova norma no silêncio.

O FIM.

Uma vez totalmente carregado, sabe mover-se; parar é O FIM.

Não quer isso.

Levanta-se nas suas poderosas pernas de pistões, apoiando-se em garras curvas. Recua para a sombra profunda dos bosques, onde poucos sabem que lá está.

Está sozinho.

Aprenderá novas normas e se adaptará.

Tem de sobreviver.

FIM

NOTAS DO AUTOR DIRIGIDAS AOS LEITORES

Um bom jogador de póquer nunca mostra as cartas. Segura-as junto ao peito, tentando não deixar ninguém perceber se ele tem boas cartas ou se está a fazer *bluff*. Um autor também faz isso: esbate a linha entre a verdade e a ficção. Mas eu gosto de contar tudo no fim de todos os romances, de abrir as cartas na mesa e expor o jogo, revelando o que é verdade e o que não é.

Vou certamente fazer isso aqui, mas, desta vez, achei preferível que a doutora Lisa Cummings me desse uma lição. Neste romance, ela diz que "para pôr qualquer coisa à prova temos de experimentá-la primeiro". E, assim, além de traçar essa linha entre a verdade e a ficção, vou temperar esta secção com um número razoável de *links* a vídeos e páginas da *web* onde os leitores poderão ver em primeira mão algumas das fontes e inspirações por detrás dos acontecimentos neste livro.

Mas, primeiro, um aviso: se se aventurar pela estrada fora, especialmente no que respeita a alguns vídeos, o que vê, pode nunca mais *não* ver.

Cães. A gênese para este livro proveio de uma experiência russa com cães na década de 1940. Foi precursora do desenvolvimento da primeira máquina cardíaca e pulmonar, mas o que este filme de arquivo mostra perturba toda a gente que gosta de cães. Veja-a, correndo o seu próprio risco. Verá, neste vídeo, o que Amanda testemunhou no laboratório em Dubai — exceto que, nesse caso, a experiência era com seres humanos.

http://www.archive.org/details/Experiment1940

Já que estamos a falar de cães, vamos mencionar os verdadeiros heróis: cães militares de guerra. Tudo neste livro, dos coletes antitempestades *K9*

ao lançamento de cães em paraquedas, é verdadeiro. A minha fonte principal foi *The Dogs of War,* de Lisa Rogak. Também descrevemos o que *Kane* sentia. Tentei ser preciso quanto à maneira como os cães encaram o mundo e baseei-me numa obra fantástica: *Inside of a Dog,* de Alexandra Horowitz.

Somália.

Parte deste romance ocorre entre os piratas somalis. A história, comportamento e realidade desse país são conformes ao que aqui descrevemos. De facto, pouco depois de ter escrito as passagens que têm que ver com a libertação da ilha do presidente dos EUA por uma equipe conjunta da Sigma e dos SEAL, a realidade veio a provar ser ainda mais espetacular do que a ficção. Em janeiro de 2012, uma

americana e um dinamarquês foram salvos dos piratas somalis por uma audaciosa operação levada a cabo pelos SEAL. A única diferença é que a mulher não era filha do presidente.

Este romance refere-se igualmente ao problema das crianças-soldados.

E, infelizmente, os pormenores do livro são reais. Grande parte do meu trabalho de pesquisa baseou-se em *A Long Way Gone: Memoirs of a Boy Soldier,* por Ishmael Beah, autor que conheci e com quem falei brevemente.

Mais uma vez, pouco depois de escrever este livro, um emocionante vídeo intitulado *KONY 2012* tornou-se uma réplica na Internet deste mesmo tema: http://www.kony2012.com/index.html

Dubai.

Mencionei muitos locais desta cidade espantosa e achei que deveria mostrar alguns vídeos para que as maravilhas arquitetônicas descritas fossem melhor apreciadas.

As ilhas da Palmeira têm um papel predominante neste livro. Segue-se um *link* que revela as obras feitas pelo homem que podem ser vistas do espaço: http://youtu.be/01Xclgws7n8

E a as ilhas do mundo também são mencionadas: http://toutu.bee/7eUcRjo9Yv4

Outros dois milagres de arquitetura ainda se encontram em construção: o hotel subaquático de Hydropolis (http://dai.ly/9qqx4S) e a escultura de gelo flutuante do Cristal Azul (http://www.blue-crystal.de/bc_base_uk.htmal).

E, então, a fantástica espiral de Burj Abaadi, a Torre Eterna? É tal estrutura possível? É, mas está a ser erigida no continente e não numa ilha.

O vídeo é espantoso.

http://youtu.be/q082y8In-ik

E a Utopia? A técnica e o *design* desta ilha construída pelo homem baseiam-se em conceitos de engenharia e assentam na plataforma petrolífera Hibernia. Se olhar para a sua base de quebra-gelo, ficará com uma ideia de onde a forma de Utopia veio. Dê uma espreitadela: http://www.solarnavigator.net/oil_rigs.htm E, por último, o Palácio Versace, que possui praias climatizadas.

Robótica.

A DARPA e outros laboratórios do mundo estão realmente a dedicar-se à robótica. Neste romance, temos pares de neurônios corticais integrados em pequenos robôs. Até que ponto isto se desenvolveu? Veja os vídeos de várias universidades internacionais.

Aqui temos cérebros de ratos a conduzirem pequenos veículos: http://io9.com/5288834/first-real-cyborg-a-robot-controlled-by-aliving-brain E os ratos nunca hão de ficar satisfeitos até conseguirem pilotar jatos de combate, o que já estão a aprender: http://youtu.be/nXncJZCMog0

Mas ainda mais inquietante são os enxames robóticos que coordenam os seus movimentos para alcançar um objetivo comum. Como, por exemplo, destruir a humanidade. O primeiro vídeo revela um enxame a operar no terreno:

http://youtu.be/QUHnOr_j5cE

O vídeo seguinte é absolutamente fascinante e horroroso. Um enxame robótico a voar. É uma sequência realmente fantástica: http://youtu.be/YQIMGV5vtd4

Também apresenta os monstruosos quadrúpedes. Se quiser ver um nas primeiras fases de desenvolvimento, aqui está um projeto da DARPA para construir uma chita robótica. Siga estas imagens até o fim para ver como estes robôs correm. E, depois, veja os vídeos. Sonhos felizes.

http://bit.ly/HVXiSn

Mercado vermelho.

Este romance lidou bastante com os abusos envolvidos no tráfico de órgãos, incluindo a captura de gente "colhida" para dar lucro. Muitos desses pormenores horríveis são tirados de um livro bastante esclarecedor, *The Red Market,* de Scott Carney.

A ciência da imortalidade.

Todas as ciências que dizem respeito às mais recentes tecnologias e teorias acerca da longevidade baseiam-se em fatos. Grande parte deste romance provém de leituras, conversas e de observar Raymond Kurzweil. Veja esse nome no Google.

Estou igualmente em dívida para com o trabalho de Aubrey de Gray e o seu livro (escrito com Michael Rae), *Ending Aging: The Rejuvenation Breakthrough that Can Reverse Human Aging in Our Lifetime.*

Também li a versão de Jonathan Weiner sobre o mesmo assunto, *Long for This World.*

Outro cientista cuja obra é mencionada no romance é Sebastian Seung e o seu trabalho de pesquisa no MIT sobre conectomas, a construção de um mapa sináptico do cérebro humano. Aqui está um *link* para o *website* dele com alguns vídeos formidáveis: Hhttp://connectomethebook.com/

Mencionei também neste livro a criação, neurônio a neurônio, de um cérebro virtual. Esse projeto é verdadeiro, chama-se Blue Brain Projet e está a ser dirigido

pelo Brain Mind Institute da École Polytéchnique, em Lausanne, na Suíça (se aceder ao primeiro vídeo do enxame de robôs, acima citado, verá o que têm conseguido).

Por último, DNA com tripla hélice é possível? É, sim. Uma equipe da Universidade de Copenhaga produziu-o. E a revista *Scientific American* publicou um artigo notável sobre este tema intitulado "A new molecule of life" (dezembro, 2008), em que o PNA era considerado não só uma ferramenta importante para prolongar a vida, como também para relançar a humanidade.

História da humanidade.

Um dos pontos de partida deste romance foi a estimativa bíblica surpreendentemente precisa da longevidade dos seres humanos. O livro do Gênesis diz de forma bastante clara que os homens só podem viver até aos cento e vinte anos, no máximo. E, em 1961, o doutor Leonard Hayflick chegou exatamente ao mesmo cálculo a partir dos seus estudos de genética, telômeros e divisão celular. Será coincidência? Não sei, mas, para mim, foi a semente de onde nasceu um romance — senão a árvore da Vida.

A história do bastão de São Patrício e a sua relação com a imortalidade e Jesus Cristo é uma lenda que realmente existe. Mencionei outros elementos histórico-mitológicos relacionados com a árvore da Vida — da Bíblia ao poema épico *Gilgamesh* e às escrituras védicas hindus. Estes exemplos são todos fiéis às suas fontes, assim como ao grande dilúvio. Mas eu estava apenas a arranhar a superfície. Para mais pormenores, leia *Immortal Again: Secrets of the Ancients,* de Walter Parks.

E a imagem maçônica dos três homens entrelaçados com as serpentes de três cabeças provém de arquivos autênticos. Embora eu duvide de que a Linhagem tenha tido que ver com aquilo.

Isto nos leva de novo à pergunta central suscitada no romance: *Já há imortais entre nós?*

A minha resposta: Há, sim.

Table of Contents

ROSTO
SINOPSE
NOTAS DO ARQUIVO HISTÓRICO
NOTAS DO ARQUIVO CIENTÍFICO
PRÓLOGO
QUATRO DE JULHO
PRIMEIRA PARTE
1
    22h58
    19h00
2
    18h44
3
4
5
    21h01
    21h12
6
    21h22
    21h23
7
    21h25
    21h26
    21h35
8
    23h34
9
10
    10h34
    11h42
11
12
    12h48
    13h48
13
    14h02

14h13
14
15
15h26
15h27
15h28
16
08h44, EST
17
16h00
11h00, EST
SEGUNDA PARTE
18
12h18
13h14
19
23h32
23h45
20
16h46
17h02
21
1h30
1h44
22
18h16
18h18
23
2h22
2h32
2h38
24
18h41
25
18h47
26
18h55
19h12
27

3h25
28
3h34
3h40
3h44
3h46
3h55
3h56
29
20h12
20h15
30
4h33
4h35
4h36
4h37
4h40
31
4h58
5h01
TERCEIRA PARTE
32
13h42
13h45
13h55
33
34
12h01
12h32
35
13h07
13h25
36
14h03
37
14h18
14h28
14h29
38

14h51
14h52
39
14h53
14h55
14h56
14h57
14h58
40
41
15h03
15h06
15h08
15h25
42
16h55
43
12h20
15h30
21h30
21h45
EPÍLOGO
NOTAS DO AUTOR DIRIGIDAS AOS LEITORES